

PERICLES LUIZ SALES DE SOUZA

V I V E N C I A S   S E X U A I S   D E   U M   G R U P O  
D E   J O V E N S   D A   R E G I A O  
M E T R O P O L I T A N A   D O   R E C I F E

Dissertação apresentada como exi  
gência parcial para obtenção do  
grau de Mestre em Educação, na  
área de Psicologia Educacional ,  
sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.  
Maria Amélia Azevedo Goldberg.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

- 1983 -

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

COMISSÃO JULGADORA:

---

---

---

*Eles estão jogando o jogo deles.*

*Eles estão jogando de não jogar um jogo.*

*Se eu lhes mostrar que os vejo tal qual  
eles estão,*

*quebrarei as regras do seu jogo*

*e receberei a sua punição.*

*O que eu devo, pois, é jogar o jogo deles,*

*o jogo de não ver o jogo que eles jogam.*

*(Ronald D.Laing)*

## RESUMO

Título: VIVÊNCIAS SEXUAIS DE UM GRUPO DE JOVENS DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE

Autor: Péricles Luiz Sales de Souza

Pesquisa Qualitativa que buscou colher a realidade global da vida do jovem, tal como ele a percebia e narrava, a fim de captar seu relacionamento com o sexo oposto, sua concepção sobre homem/mulher, e, sua visão de mundo. Procedeu-se a Análise de Conteúdo dos depoimentos de 14 rapazes, situados entre 18 e 25 anos, do Grande Recife, faixa sócio-econômica "Setores Intermediários" da população.

Os resultados foram confrontados com a teoria da sexualidade humana, de John Money. Desabrochar sexual, formação informação e, namoro, foram os Temas apreciados pelo Sistema Categorial proposto, através do qual obteve-se os dados sobre a postura e a mentalidade do jovem.

Pelos resultados, o jovem mostrou-se basicamente 'coisificador' e 'machista'; as comunicações pertinentes ao encaminhamento sexual por eles recebidas dos pais e educadores, foram numericamente inferiores àquelas provenientes dos outros agentes; além disso, foram valoradas, em sua maioria, como negativas, enquanto que o inverso ocorreu com as comunicações dos amigos e agentes da 'rua'. A abordagem dos fatos da sexualidade, entre pais/educadores e jovens, parece constituir-se numa barreira quase intransponível, ainda hoje; o não-diálogo no lar, sobre o assunto, desponta como fator mantenedor da mentalidade mal-informada e 'machista' das novas gerações.

## RÉSUMÉ

Titre: Coutumes sexuelles d'un groupe des jeunes-gens de la Région Métropolitaine de Recife

Auteur: Péricles Luiz Sales de Souza

Recherche qualitative qui a eu pour but de connaître l'ensemble de la vie sexuelle des jeunes-gens, telle qu'ils la perçoivent et la racontent, afin de comprendre leur relation avec l'autre sexe, leurs idées sur la question homme/femme et leur vision du monde.

A été faite une analyse de contenu des informations reçues de quatorze jeunes-gens qui avaient entre dix-huit et vingt-cinq ans, habitaient Recife et faisaient partie, au plan social et économique, des "Secteurs Intermédiaires" de la population. Les résultats ont été mis en parallèle avec la théorie de la sexualité humaine de John Money. La découverte du sexe, la formation-information et le flirt ont été les sujets évalués par le Système de Catégorie proposé et ils ont permis d'obtenir des données sur les attitudes et la mentalité des jeunes-gens. Les résultats ont montré que, de manière générale, ils considèrent la femme, au plan sexuel, en la 'chosifiant' et dans une perspective 'machiste'. Les informations relatives à l'abordage sexuel, reçues des parents et des éducateurs, ont été numériquement moins nombreuses que celles provenant d'autres personnes; en plus de cela elles ont été considérées en général négatives, tandis que l'on pouvait constater l'inverse pour les conversations avec des amis ou des "gens de la rue".

L'abordage du problème de la sexualité, entre les parents/éducateurs et les jeunes, revêt, encore aujourd'hui, l'apparence d'une barrière presque insurmontable; l'absence de dialogue en famille sur le sujet se présente comme un facteur de conservation de la mentalité des nouvelles générations mal informées et "machistes".

## ABSTRACT

Title: SEXUAL RECOLLECTIONS OF A GROUP OF YOUNG MEN FROM THE METROPOLITAN REGION OF RECIFE

Author: Péricles Luiz Sales de Souza,

A qualitative research, it was an attempt to grasp the reality of the adolescent world, as perceived and reported by the young man, in order to understand his relationship with the opposite sex, his conception about man/woman, and his world vision. Fourteen male subjects were interviewed and Content Analyses were performed on the material; subjects were in the 18-25 years of age range, living in the metropolitan region of Recife ( Grande Recife ) and were socioeconomically characterized as "Intermediate Sectors".

Results were confronted with John Money's human sexuality theory. Sexual blooming, formation-information, and dating were the Themes considered under the proposed Categorical System; withing such system data were obtained about the adolescent attitude and mentality.

Results showed the adolescent as basically "objectifier" (coisificador) and "machista". Sexual informations/directioning received from the parents and educators were numerically inferior to those received from other agents; furthermore, parental guidings were on the whole considered by the subjects as negative, while the opposite happened with information received from friends and "street" agents. The treatment of sexuality information between parents/educators and adolescents seems to be an almost unsurmountable barrier, up to the presente; the absence of dialogue in the home about the subject, surges as a factor that maintains the misinformed and "machista" way of thinking of the new generations.

CONVENÇÕES REFERENTES AOS TEXTOS DAS ENTREVISTAS

1. (...) = trecho omitido pelo pesquisador, na transcrição, por não ser pertinente ao assunto em apreciação;
2. ... = interrupção do discurso, feita pelo próprio entrevistando;
3. ( ) ou - - = explicações autênticas do próprio entrevistando (entre parênteses ou travessões);
4. (( )) = explicação, sugestão, especificação, complementação ou correção do pesquisador (duplo parênteses);
5. ' ' = trechos, expressões ou palavras com significação especial, aplicadas ao contexto; neologismo, gíria, etc.;  
 = termo ou expressão autênticos, que se apresentam ortograficamente inexatos: p. ex. nōs dois 'ia'...;  
 = inserção de citações ou discursos de terceiros dentro de outra citação;
6. palavras sublinhadas = regra geral indicam ênfase dada pelo entrevistando em seu discurso; quando aparecem sob expressões contidas por duplo parênteses trata-se de ênfase conferida pelo pesquisador;

ESPECIFICAÇÕES REFERENTES AOS TEXTOS DAS ENTREVISTAS

7. códigos de nomes de logradouros, = no caso de letras, os códigos de cidades e pessoas, representados por letras: R, X, Z, etc. ou pela expressão fulano foram atribuídos de forma aleatória; a mesma cidade pode estar diferentemente representada, variando de um texto para

outro, inclusive com le  
tra sempre alterada, em re  
lação à inicial do nome  
próprio;

8. - número de filhos do casal = nos reservamos o direito de  
- número de irmãos na famí mascarar quaisquer desses  
lia dados, lá onde julgamos ne  
- idade exata do sujeito cessário fazê-lo, a fim de  
- nomenclatura do parentes salvar o sigilo so  
co(tio(a), sobrinho(a), pri bre a identidade dos en  
mo(a), cunhado(a), irmão(a), trevistandos. Ao agir as  
parentes afins em geral) sim, procuramos manter a  
- nomes específicos de cida maior proximidade, propor  
des do interior cionalidade e semelhança  
possíveis, ao dado origi  
nal da narrativa;
9. parente = substituto (colocado no texto, pelo pesquisador) pa  
ra omitir os nomes de parentescos específicos: ir  
mão/irmã, primo/prima, tio/tia, sobrinho/sobrinha,  
ou pessoa afim;
10. pseudônimos = os nomes próprios atribuídos a algumas jovens  
e transcritos na íntegra, tratam-se de pseudô  
nimos, regra geral, escolhidos pelo entrevis  
tando;

#### V O C A B U L Á R I O

11. aperreio = dificuldade(s), apuro(s), abertura(s);

12. arretado = excelente; chateado; irado, com raiva;

13. autodidaxia = autodidatismo;

14. 'bora = vamos!, vamos lã! , vamos embora prã lã!;
15. brechar = espiar, com intenções sensuais, o corpo de alguém, através de brechas dos aposentos;
16. coroa = mulher de idade madura;
17. curtir = saborear, vivenciar profundamente, experienciar intimidades sexuais sem chegar necessariamente a copular (carícias, relações sexuais incompletas, mas turbação mútua no casal);
18. dā = dā; dar;
19. desquitadas = expressão habitualmente usada pelo entrevisando para indicar as mulheres descasadas; fica notificado que o termo desquite, atualmente foi substituído, na linguagem jurídica, pela expressão "separação legal";
20. peniqueira = forma depreciativa de designar criada de servir, empregada doméstica;
21. 'pera aĩ = espera aĩ; alto lã!;
22. pintar = surgir, emergir, aparecer, brotar, vir naturalmente; 'pintou' uma menina = apareceu uma garota; 'pinto' a experiência =surgiu a experiência;
23. piranha = prostituta;
24. pô = exclamação de raiva ou de maravilha, ou de reforço ã assertiva que lhe está prõxima;
25. queijo = donzelize do rapaz; jovem que ainda não manteve relações sexuais com pessoa do sexo oposto;
26. sarro = excitação devido a aproximação física, carinho intenso, quase carícia;
27. secura = desejo ardente, de natureza sexual;
28. sola = surra;
29. 'tā = estã; estar;
30. 'tar = estã ; estar;
31. 'tava = estava;

32. 'tavam = estavam;
33. 'tô = estou;
34. transa = a cõpula; a garota de programa com quem se mantêm relações sexuais;
35. transar = regra geral significa copular, manter relações sexuais; excepcionalmente pode significar troca de experiências, processamento de alguma coisa sensual, agradável, troca de carícias;

### E X P R E S S Õ E S

36. amadoristas do sexo = todas aquelas que realizam a cõpula mas não se caracterizam como profissionais que vivem e ganham às custas desse "metier". Incluem-se: garotas de programa e meninas de rua ( empregadas domésticas encontradas pela rua, domésticas empregadas na própria casa, e criadas );
37. cabeça aberta = pessoa não bitolada; não vinculada a moralismo "a priori"; não se apega ao tradicional, nem se fecha apenas nos costumes e na forma de pensar do passado; tem atitudes de abertura para o que há de novo; valoriza critérios de coerência e justiça;
38. coito intercoxal = experiência sexual que consiste na introdução do pênis entre as coxas da garota.
39. coito total = cõpula, coito, relação sexual;
40. meninas de família = moças pertencentes a famílias relativa

mente bem estruturadas;ela deve obedecer a uma hierarquia de valores propostos pelas autoridades familiares(pai e mãe);garota que tem nítido conhecimento do valor dado à sua honra de jovem (manter-se virgem,hĩmem ĩn tegro, ser 'moça direita') e da condenação que recairá sobre ela caso perca essa honra ('deixar-se' deflorar, 'permitir' que al guẽm a faça engravidar e que isso se torne do conhecimento pũblico). Hã pelo menos 03 (trẽs) tipos bãasicos de 'menina de famĩlia':

- 1) a obediente aos preceitos familiares;
- 2) aquela que burla tais preceitos em tudo que pode, em termos sexuais, eximindo-se porẽm do coito;
- 3) a jovem que mantendo o rõtulo de 'menina de famĩlia' chega inclusive a copular e, eventualmente, a engravidar. Para manter as aparẽncias, tem que optar por fazer o aborto;

41. menina legal = garota õtima, ou quase excelente;

42. profissionais do sexo = as chamadas prostitutas, as piranhas, as mulheres da zona (do meretrĩcio);

43. tirãr o queijo = perder a donzelice, copular (o rapaz);

#### E S T I L O   D E   L I N G U A G E M

44. expressões: = regra geral foram mantidas no  
nẽ(nãõ ĩ), sabe, entende, texto conforme o estilo origi  
certo, ĩ, morreu, pô, viu nal da fala do jovem. No entã

( e outras).

to, em caso de experiências cruciais, comprometedoras, nos reservamos o direito de suprimir tais expressões do jovem ou então permutá-las por expressões, análogas, a fim de mascarar o estilo e assim salvaguardar o sigilo acerca da identidade do depoente;

### NEOLOGISMOS

45. Objetização = dentro do relacionamento interpessoal, usar de alguém, reduzindo-o, convertendo-o, a objeto; transformar, na sua própria concepção, esse alguém em objeto; passar a atribuir-lhe valor de coisa; relacionar-se com tal pessoa como se ela fora um objeto;
- =o processo social de o homem, em sua concepção e em sua conduta, passar a se relacionar com a mulher sem levar em conta a pessoa que ela é, sua vontade, seu desejo, seu pensar, sua autonomia, etc.;
- =a valorização de modo exclusivo, do corpo feminino como fonte de prazer, sem se levar em conta outros aspectos significativos da PESSOA HUMANA 'portadora' daquele corpo;
46. Programeira = garota de programa, garota que 'topa' realizar saídas e programas de aventuras sexuais;

menina que não se prostitui necessariamente,  
mas está disponível para programas de aven  
turas sexuais e que, além disso, via de regra,  
não nega seu estilo de vida diante do pūbli  
co.

## Í N D I C E

## INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I - O ACONTECER DA PESQUISA: O PROCES <u>S</u> SO VIVIDO	18
1) Situando o problema	
2) O perfil dos jovens	
3) Metodologia da pesquisa	
4) Processando a coleta de dados	
5) Definindo o procedimento para análise dos dados	
CAPÍTULO II - O DESABROCHAR SEXUAL DO JOVEM	44
1) A iniciação	
2) A ação pedagógica da experiência	
2.1. Casadas e descasadas, inova doras: firmeza na valoriza ção da vida sexual, condição de especialistas no assunto.	
2.2. Experiências diversas: as 'profissionais', as 'ama doristas' do sexo e as 'me ninas de família'.	
2.3. Preferências, atitudes...	

CAPÍTULO III	-	O JOVEM: FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO	94
		1) Os pais e educadores	
		2) A rua, rica escola	
CAPÍTULO IV	-	O NAMORO	126
		1) O significado do namoro, na perspectiva do rapaz.	
		2) Afeto-intimidades: um dueto inseparável.	
CAPÍTULO V	-	PERSPECTIVAS DE UMA TEORIA	164
CAPÍTULO VI	-	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	184
CAPÍTULO VII	-	CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS			213
ANEXOS			217

## INTRODUÇÃO

Tivemos a idéia de realizar um trabalho de caráter científico que pudesse contribuir, com alguns dados, ao estudo do tema da sexualidade do jovem; este campo se nos apresentava bastante pobre em relação ao número de pesquisas existentes com sujeitos brasileiros. Sempre consideramos o aspecto sexual como um dos mais importantes e decisivos no desenvolvimento, na formação e na estruturação da visão de mundo, de todas as pessoas. Achamos imprescindível que as pessoas definam para si o significado da sua sexualidade, a fim de evitarem pela vida afora, grandes e constantes desgastes emocionais, praticamente inúteis.

A bibliografia esclarecedora e efetivamente útil ao jovem, é tão incipiente e pouco difundida, que pode ser considerada como praticamente inexistente, a respeito da preparação ao desabrochar e ao exercício sexual. A insensibilidade das autoridades educacionais oficiais, para com o assunto, é fato notório que não permite dúvidas a ninguém.

Decidimos então iniciar nosso trabalho, determinando como objetivo pesquisar as vivências sexuais do jovem da região do Grande Recife. Optamos por trabalhar com jovens após os 20 anos, por entendermos que com eles, teríamos chance de resgatar sua adolescência, puberdade e talvez até infância, naquilo que

nelas tivesse ocorrido de mais significativo então, e tudo visto com mais isenção e serenidade. Nossa tarefa deveria se restringir a pesquisar especificamente as relações íntimas entre os dois sexos, devido à nossa limitação de tempo nos confrontos com a vastidão e complexidade da temática sexual. Também por esse motivo, nos limitamos a abordar tão-somente rapazes, cujo relato seria provavelmente mais incentivado diante de um pesquisador do mesmo sexo. Inúmeras outras especificações se fizeram necessárias, por razões similares; entre elas, uma opção relativa ao nível sócio-econômico - jovens dos assim chamados "Setores Intermediários" da sociedade, ou seja, situados naqueles estratos da população vulgarmente identificados como classe média.

Entre as alternativas disponíveis, optamos por realizar uma Pesquisa Qualitativa, onde nos preocupássemos mais em resgatar por inteiro a realidade global da vida de poucos jovens - realidade percebida e narrada por eles -, deixando de lado as cifras e tabelas reveladoras de parcelas inanimadas de um grande número de pesquisados, anônimos, e por vezes irreconhecíveis. Por essa razão, nossa amostra pôde ser possibilista, e deliberadamente pequena: 14 sujeitos.

Inúmeras questões puderam ser colocadas aos jovens, a seu pedido, quando das entrevistas da pesquisa, e eles, nos depoimentos gravados ou escritos, apresentaram as suas respostas; nestas, pôde-se distinguir alguns temas significativos sobre os quais se polarizava a vida sexual da quase totalidade dos depoentes. Procurou-se então desvendar, na apuração dos resultados, aqueles problemas muito sérios, presentes na sexualidade falada pelo jovem; buscou-se compreender qual o modelo de homem e de mulher que o jovem tem na cabeça e que faz parte da sua visão de mundo.

Cada jovem que tomou parte neste trabalho foi convocado a fazê-lo como entrevistando - e não, entrevistado -, ou seja, como elemento ativo que elaborava o roteiro e guiava o processo da entrevista-depoimento, sempre percebido e valorizado não como um mero objeto de estudo e sim como a pessoa viva pensante e criadora que de fato era. Nessa relação de plena cooperação, assumimos o compromisso justo e lógico de fazer re tornar às mãos desses rapazes, os resultados e as conclusões des ta obra, fruto dos fatos de sua vida contidos em seus depoimen tos absolutamente confidenciais. Entendemos que, ao pesquisador, apesar de toda a ciência que possa vir a abarcar, não cabe o direito de apropriar-se, com exclusividade, dos dados da vida das pessoas, excluindo-as e alienando-as, depois, de uma visão do conjunto, e da visão dos resultados, alcançadas graças à cola boração individual de cada uma das pessoas interceptadas.

Fizemos um grande esforço para evitar pesquisar a sexualidade humana tão-somente em livros. Tentamos nos esqui var também, dos imensos 'levantamentos de dados' que viessem a ser desperdiçados pela sua vastidão e complexidade por vezes incatalogáveis. Fugimos das pesquisas sexuais do estilo habitu almente adotado pelo TV, revistas e jornais. Procuramos sobre tudo evitar a imposição de questionários ditos 'objetivos', por vezes enormemente limitados e que se constituem em verdadeira 'camisa-de-força' para as situações da vida, bem como evitar a 'bisbilhotice científica', capaz de desarrumar desnecessariamente a cabeça de muitas pessoas para fins que, em seguida, pode riam se revelar efetivamente inúteis.

Nosso interesse prioritário era realizar uma pesqui sa que nos levasse a arregaçar as mangas e cair em campo, e fo mos a campo para fazê-la; era realizar um trabalho em que os in divíduos fossem levados em consideração enquanto pessoas, e tu do indica que o conseguimos. Era conferir significado aos da

dos obtidos, e o fizemos, graças inclusive à adoção de uma teoria que os iluminasse. A teoria da sexualidade humana, de John Money, foi inserida no trabalho com esse objetivo; sua principal característica está em assentar sobre uma abordagem interdisciplinar, fundamentando-se em trabalhos clínicos, com perspectivas, ao mesmo tempo biológicas, psicológicas e educacionais.

Por todo o exposto, cremos estar somando, com o presente trabalho, uma contribuição pequena, sim, mas válida, bem delimitada e precisa, ao campo da pesquisa sobre a sexualidade, no país. Esperamos que ela marque o início de uma série de trabalhos do gênero, mas sobretudo, queremos que ela seja o marco de um compromisso desta nossa pesquisa acadêmica e do seu autor, com a transformação de padrões de relacionamento homem/mulher na sociedade que nos cerca.

Quanto ao corpo do trabalho, compõe-se de sete capítulos. No primeiro, historia-se todo o processo vivido durante o acontecer da pesquisa, e se explicita a metodologia adotada para a análise dos dados.

Os capítulos II, III, e IV reúnem a apresentação dos dados através de temas específicos, e abordam, respectivamente, o desabrochar sexual do jovem, sua formação e informação e o namoro.

A abordagem teórica escolhida como referencial para confronto com os dados é apresentada no capítulo V.

O capítulo VI trata da discussão dos resultados e o VII, apresenta as conclusões e implicações.

## CAPÍTULO I - O ACONTECER DA PESQUISA: O PROCESSO VIVIDO

No itinerário entre a concepção e a conclusão da presente pesquisa, tivemos como ponto de partida a definição do problema sobre o qual iríamos trabalhar, seguida da escolha dos "sujeitos"; posteriormente fez-se necessário definir a Metodologia a ser adotada para a realização da pesquisa de campo, os procedimentos pertinentes à coleta de dados e finalmente os procedimentos para a análise dos dados.

É sobre essas etapas que delineam a evolução da história desta pesquisa que ora vamos nos deter.

### 1) Situando o problema

Que sentimentos tem o jovem, rapaz, acerca de suas vivências sexuais e daquelas de seus iguais, rapazes e moças?

Trata-se de um fato ou de suposição infundada, ser a sexualidade humana objeto de um jogo de "esconde-esconde" no relacionamento entre genitores e filhos?

Sexo é ou não é um tema quase-proibido nas reuniões plenárias do aconchego do lar que conta com prole em idade juvenil?

Ocorrem ou não, por parte dos genitores, a omissão e a sonegação de informações esclarecedoras e satisfatórias, para os filhos, sobre o exercício sexual humano?

Que modelos culturais de Mulher e de Homem prevalecem na mente do jovem, hoje?

Diante de questões como essas, resolvemos ir à busca do contato direto com jovens recifenses (por ora, apenas rapazes), a fim de colher diretamente deles, principais interessados no assunto, as respostas que pudessem lançar luz sobre nossas interrogações.

Se por um lado estamos certos de que o jovem não é repositório da verdade e do saber, por outro, devemos reconhecer seu intocável direito de ser consultado, ouvido e tomado em consideração quanto ao assunto sexo; ele tem direito a voz e vez, pois é parte diretamente afeta no que concerne às decisões familiares e sociais acerca de sua educação, particularmente de sua educação sexual.

Ouvir diretamente o jovem, acerca do tema sexo, foi uma exigência inegociável, foi o nosso propósito central.

E, dado que o educar não é privilégio de uns poucos iluminados, nem exclusivo de adultos, também o jovem tem a sua palavra a dizer, para ensinar algo a todos sobre a sua sexualidade - "terra desconhecida" - acerca da qual talvez sejamos, ainda hoje, 'eruditos desconhecedores'.

Nossa trajetória pessoal de vida e a percepção do enorme vazio a respeito do assunto, explicam a opção pelo empreendimento de nossa pesquisa sobre esse tema. Analisemos nossas razões a partir de duas perspectivas principais.

Inicialmente é bom declarar que dedicamos um longo período de nossa vida à causa de um grupo religioso transnacional, convivendo com numerosos jovens das mais variadas procedências; lá o tema sexo só podia ser abordado se, e exclusivamente se, em função dos modelos pré-elaborados de 'pureza'.

Em segundo lugar, temos a perspectiva profissional; como professor assistente da disciplina Psicologia do Desenvolvimento, na Universidade Federal de Pernambuco, tivemos oportunidade de constatar a extrema pobreza de trabalhos científicos realizados no País, mormente no Nordeste, sobre o tema em questão; vale notar que os estudos sobre os jovens e adolescentes brasileiros parecem bem mais escassos que aqueles dedicados a temas, por exemplo, infantis.

Dáí nosso interesse em levar a efeito a presente pesquisa, procurando que o resultado da mesma, por mínimo que fosse, pudesse ser efetivamente útil tanto para a nossa tarefa pessoal diária de ensino, como para a população discente e docente com as quais convivemos e com que, no dia-a-dia, dividimos os esforços de compreensão da realidade e de busca de intervenção nela. Tentamos sobretudo, realizar um estudo que pudesse ficar à disposição da população jovem que o procurasse.

O compromisso pessoal com a nossa Região de origem foi o que nos levou a realizar a pesquisa no Recife e arredores, com todas as implicações de sobrecarga que isso pudesse acarretar, o que de fato ocorreu e pesou.

Só resta esperar que os dados sobre as Vivências

Sexuais do Jovem do Grande Recife (1), possam ser significativos e úteis a muitos - alunos e professores, pais e filhos - ao menos como referencial preliminar para reflexões, debates, pesquisas futuras e novas conclusões.

## 2) O perfil dos jovens

Os sujeitos-alvo desta pesquisa formaram uma amostra 'possibilista' (2), com características bastante homogêneas, de acordo com padrões pré-estabelecidos.

Enumerando tais características, temos o seguinte perfil dos sujeitos:

- a) Sexo - Jovem do sexo masculino.
- b) Idade - Na faixa entre 20 e 25 anos, com tolerância para serem aceitos os que tivessem 19 ou mesmo 18 anos completos, desde que preenchessem todos os demais requisitos.
- c) Estado civil - Solteiro.
- d) Escolaridade - Estudante universitário, matriculado e cursando.
- e) Origem geográfica - Preferencialmente que fosse oriundo do Nordeste, sendo condição indispensável que tivesse vivido a maior parte de sua vida em zona urbana da Região Nordeste.

---

(1) Grande Recife ou Região Metropolitana do Recife, abrange um conjunto de nove municípios do Estado de Pernambuco: Cabo, Igarassu, Itamaracã, Jaboatão, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata. Fonte: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Planejamento - FIDEM - "Região Metropolitana do Recife - Plano de Desenvolvimento Integrado"; Recife, 1976, p.7.

(2) A amostra "possibilista" distingue-se da amostra "probabilista" pelo fato de ser intencional enquanto esta última é aleatória.

- f) Residência - Residente na Região Metropolitana do Recife. Devia estar aĩ domiciliado hã mais de cinco anos, vivendo em companhia da família nuclear (pai, mãe, irmãos e irmãs) na tural ou substituta.
- g) Etnia - Pertencente ao grupo de pessoas de etnia branca , cuja cor da pele fosse predominantemente branca, podendo abranger pessoa morena clara ou morena.
- h) Religião - Catõlico, pelo menos de batismo, embora não ne cessariamente praticante.
- i) Posição sõcio-econõmica - O indicador devia ser a profissã do pai, ou a do substituto deste. De acordo com a definiçã de Darcy Ribeiro (1979) acerca de classes sociais, foram escolhidos os jovens pertencentes ã faixa sõcio-econõmica dos chamados Setores Intermediãrios; tais setores abrangem dois segmentos: o de Autõnomos e o de Dependentes. O primeiro segmento ẽ constituĩdo por profissionais liberais e pequenos empresãrios, e aquele dos Dependentes, por funcionãrios e empregados.
- j) Número de sujeitos - Não foi estabelecido "a priori"; definiu-se no decorrer do processo, quando surgiram, ao longo das entrevistas, as características invariantes, isto ẽ, a repetição notõria de determinados dados de conteũdo, ocorrentes na maior parte dos depoimentos. Desde o inĩcio, admitiu-se que o nũmero mĩnimo de sujeitos não deveria ser inferior a cinco.
- l) Relaçã entre os sujeitos - Eles deveriam ser desconhecidos entre si.
- m) Relaçã com o entrevistador - Preferencialmente, os sujeitos não deviam fazer parte do grupo de amigos ou conhecidos do entrevistador.

Optamos por sujeitos do sexo masculino bem como pe lo requisito de que fossem preferencialmente nã-conhecidos do entrevistador, devido ã suposiçã de que tais pessoas te

riam menor grau de inibição para falar de suas vivências sexuais.

A faixa etária entre 20 e 25 anos foi escolhida, em função de atribuirmos aos jovens pertencentes à mesma, chances bastante semelhantes de vivências na área da sexualidade; tratava-se de uma amostra composta exclusivamente de jovens, pessoas para além do momento adolescente das grandes metamorfoses pessoais.

Baseados em Keniston (1973), optamos pelo uso do termo 'jovem' ao longo de todo o nosso estudo, para designar os sujeitos de nossa pesquisa; esse autor sugere que a juventude seja classificada como um período típico do desenvolvimento humano, um estágio de vida entre a adolescência e a idade adulta; para ele é o próprio grupo de pessoas jovens que nas sociedades ditas desenvolvidas, se apresenta com características próprias e distintas; por isso, prefere conceituar como pertencentes à juventude as pessoas que estão numa faixa de idade conhecida como intermediária entre a adolescência e a idade adulta, abandonando as expressões aproximativas de 'adolescência tardia' ou 'adulto jovem'.

Foi feito um esforço a fim de conferir antecipadamente a maior homogeneidade possível à amostra; nasceram daí as exigências de que os sujeitos fossem igualmente solteiros, culturalmente nordestinos, com mais da metade de sua história de vida desenvolvida em algum centro urbano do Nordeste, estivessem residindo no Grande Recife há mais de cinco anos vivendo em companhia de sua família nuclear ou equivalente, pertencessem ao grupo étnico branco, tivessem sido aculturados em famílias ditas católicas e pertencessem aos estratos sócio-econômicos dos chamados Setores Intermediários.

Decidiu-se estabelecer que os sujeitos fossem pessoas absolutamente impedidas de se comunicarem entre si, a fim de se evitar vazamento de impressões interpessoais que viessem a reduzir o teor de autenticidade das respostas individuais . Eis a razão que determinou a inclusão de um item, requisitando que os sujeitos fossem necessariamente desconhecidos entre si.

Além dos esclarecimentos acima, vale salientar que se fizeram necessárias três especificações ulteriores a partir do início dos trabalhos de campo. A primeira delas, acerca do item f, Residência, a segunda, relativa ao item g, Etnia, e a terceira em relação ao item i, Posição Sôcio-Econômica.

Pelo fato de se haver encontrado jovens disponíveis para a pesquisa, com algumas características diversificadas, em relação à maioria, no que diz respeito ao item Residência, estabeleceu-se que, no caso do jovem ter pais separados, divorciados ou equivalente, deveria ele residir sempre em companhia de um dos genitores; no caso de ser órfão de direito ou de fato, deveria residir em caráter permanente com um genitor natural ou com uma família nuclear substituta que contasse, pelo menos, com a figura de um genitor. Não poderia ser pessoa residente em pensão, república ou equivalente.

A segunda especificação tornou-se necessária a fim de clarificar os propósitos da inclusão do item g, Etnia; a presente pesquisa foi elaborada, prioritariamente, para servir a uma população discente e docente que em sua grande maioria ainda é composta por pessoas cujos caracteres raciais são predominantemente brancos. Optou-se então por estudar a popula

ção 'branca', seja pelas razões acima expostas, seja pela ne  
cessidade de manter a amostra homogênea (3).

Não houve pois, qualquer intenção de discriminar as  
demais etnias.

Finalmente, a terceira especificação, se referiu ao  
item i, Posição sócio-econômica; com relação à definição da  
classe social dos sujeitos, optamos por trabalhar sobre uma  
amostra inserida na faixa sócio-econômica que supomos represen  
tar a grande maioria dos alunos da nossa universidade de ori  
gem, e que é também a faixa onde admitimos estar pessoalmente  
inseridos; trata-se dos Setores Intermediários, segundo a clas  
sificação de Darcy Ribeiro.

Ademais, acreditamos que esse estrato sócio-econômi  
co careça de grande atenção nas pesquisas sociais do presente:  
há que se ter esperança de obter desse estrato sócio-econômi  
co um engajamento cada vez maior para com as tarefas históri  
cas que lhe cabem na sociedade brasileira, especialmente na  
Região Nordeste.

Visando mapear as diversas faixas sócio-econômicas pa  
ra os fins desta pesquisa, adotamos a tipologia proposta por  
Darcy Ribeiro que nos apresenta, através de estudo elucidativo  
e simples, uma visão da peculiar estratificação social encon  
trada na América Latina. Mostra-nos ele a existência da oposi  
ção básica entre classes dominantes e classes subordinadas ;  
tais classes são apresentadas em quatro estratos superpostos e  
elas apresentam elementos distintos, de acordo com a posição

---

(3) Devido às restrições de tempo e recursos, não poderíamos  
nos propor realizar um trabalho de comparação inter-grupos;  
não teríamos condições de trabalhar com uma amostra de am  
plitude redobrada em relação àquela prevista. Por outro la  
do, teimar em manter uma amostra inter-racial, desconsideran  
do "a priori" as possíveis peculiaridades inerentes a cada  
grupo étnico, seria, no mínimo, uma atitude temerária.

de cada estrato tanto no processo produtivo como nas situações de poder, na sociedade.

A figura 1, a seguir, mostra o relacionamento entre as diversas classes.

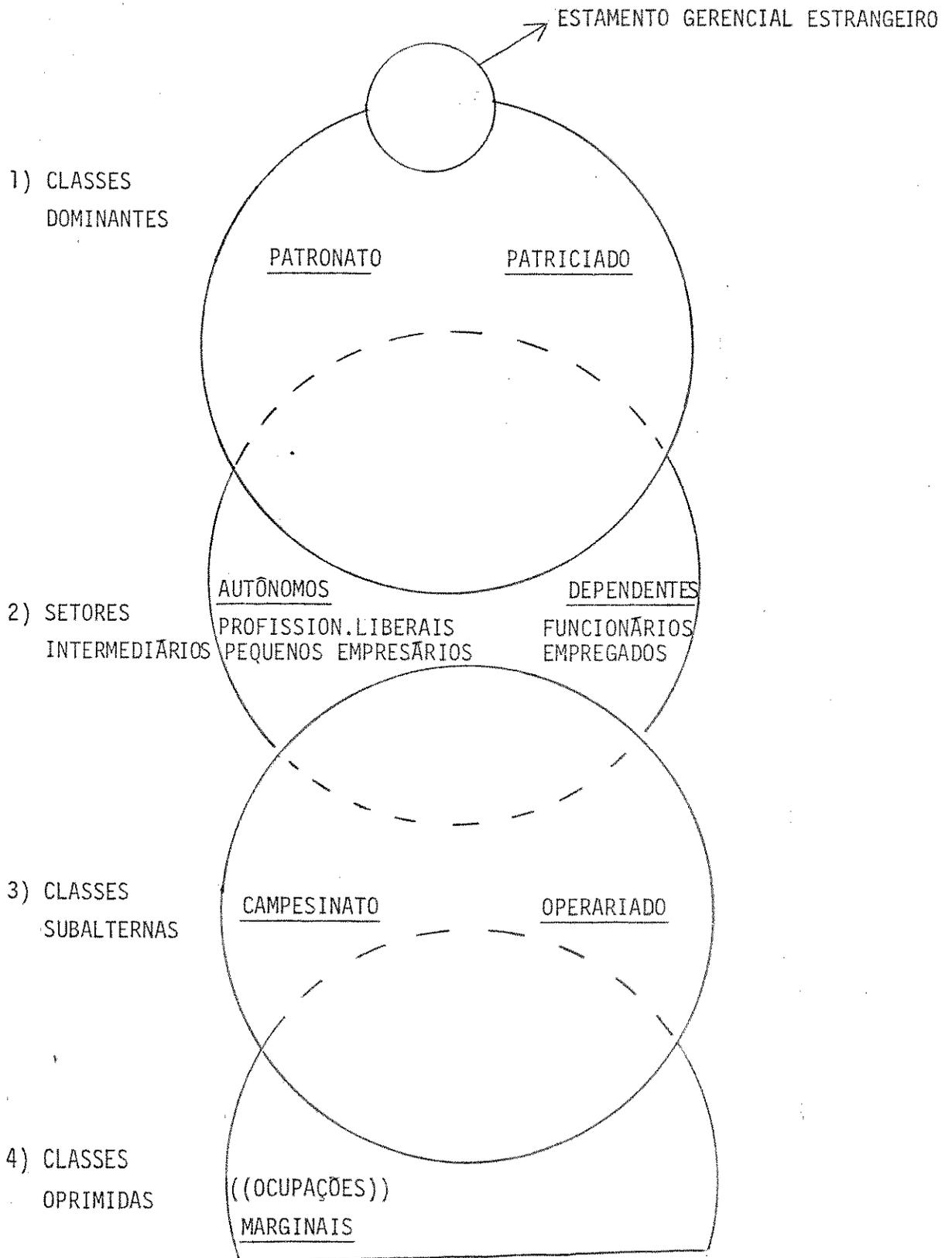


Figura 1. Diagrama da estratificação social latino-americana.  
( Segundo Darcy Ribeiro )

Esses quatro estratos superpostos, seqüenciados de acordo com o diagrama em apreço são: (1) as Classes Dominantes, (2) os Setores Intermediários, (3) as Classes Subalternas, e, (4) as Classes Oprimidas.

As Classes Dominantes compõem-se do Patronato, Estamento gerencial estrangeiro, e do Patriciado estatal e civil.

Os Setores Intermediários são compostos por um segmento de Autônomos formado por pequenos empresários e profissionais liberais, e, por um segmento de Dependentes, composto de funcionários e empregados.

Segue-se o estrato das Classes Subalternas, compostas pelo Campesinato e pelo Operariado.

O último estrato é constituído pelas Classes Oprimidas (Ribeiro, 1979).

O estrato dos Setores Intermediários era o núcleo de nosso maior interesse; nele, o segmento dos Dependentes compunha-se de membros de fácil e imediata identificação, a partir do dado inconfundível que é a sua colocação profissional. Já o outro segmento, o dos Autônomos, carecia de um claro estabelecimento de parâmetros para a identificação dos pequenos empresários nele incluídos, cujo reconhecimento correto está intimamente vinculado à definição do que seja pequena empresa e ao significado relativo dessa expressão na Região em que a empresa está estabelecida.

Daremos a seguir duas conceituações complementares de pequena empresa, de que nos valem, ambas concebidas para a Região Nordeste, contexto em que se situa a Região Metropolitana do Recife.

A primeira é apresentada por Barros e Modenesi (1973); tem seus parâmetros definidos pelo Banco do Nordeste do Brasil/SUDENE, e é adotada pelo Departamento de Estatísticas Industriais do IBGE. De acordo com a mesma, pequena empresa é aquela que emprega entre cinco e 100 pessoas, e que dispõe de um ativo fixo imobilizado de até 10.000 (dez mil) vezes o maior salário mínimo do País. No período compreendido entre maio de 1981 e abril de 1982, o maior salário mínimo estava fixado pouco abaixo de CR\$ 12.000,00 (doze mil cruzeiros).

A segunda conceituação de pequena empresa foi colhida através de informe verbal na Secretaria do NAI - Núcleo de Assistência Industrial, sediado em Recife; aí, encontramos outra subdivisão: (1) pequenas empresas no comércio e serviços, são as que contam com até 50 empregados e, têm um faturamento anual de até 5.000 (cinco mil) MVR; (2) pequenas empresas no setor industrial contam com até 100 empregados e um faturamento anual de até 20.000 (vinte mil) MVR. Entende-se por MVR, o 'maior valor de referência', um índice oficial, que no período de outubro de 1981 a abril de 1982, na 1a. Região do Nordeste (Recife, Olinda...) equivalia a CR\$ 4.485,30 (quatro mil, quatrocentos e oitenta e cinco cruzeiros e trinta centavos) (4).

Foi através de todos esses requisitos propostos e das ulteriores especificações a seu respeito, que logramos obter uma amostra satisfatória para a pesquisa em apreço, no que tange à homogeneidade relativa dos sujeitos.

---

(4) Revista Mapa Fiscal, vol. II, Orientador Trabalhista (Revista Fiscal), atualização 04/82, Orientação nº VIII. 3; 25.06.82, folha 3.

### 3) Metodologia da Pesquisa

A razão de ser da ciência é a sua permanente busca da verdade. Isso, no entanto, nos 'disse-me-disse' incontáveis dos corredores acadêmicos da vida, logo se transforma numa outra expressão, numa assertiva efetivamente perigosa e até nociva para a sociedade humana geral: 'a ciência é a verdade'.

Ora, uma coisa é a busca, que nada tem a ver com a ilegitimidade da outra, a (falsa) identificação entre ciência e verdade.

Associada a essa falsa identificação e provavelmente consequência dela, cria-se a imagem de que a ciência é neutra, é um campo absolutamente isento de ideologias e de vieses particulares. Outra grande ilusão! A busca de objetividade e de máxima assepsia nas produções científicas, não passam de esforços e tentativas visando atingir o que lhe é praticamente inatingível! Isso, no entanto, não invalida, sequer minimamente, o significado da ininterrupta busca científica; a busca, ousaríamos dizer, está nas entranhas de todos os seres vivos... e a busca de explicações dos porquês, dos 'comos', etc., faz parte da vida do homem desde que ele entrou no mundo e na vida.

Nunca é demais, portanto, declarar que a neutralidade científica é um mito; após esta advertência na introdução metodológica de cada ensaio ou de qualquer produção científica é uma necessidade imperiosa de lealdade para com o leitor, e permanece sendo nos dias atuais uma exigência da própria ciência. Especialmente no campo das ciências humanas.

Escolher uma abordagem metodológica que se adequasse a uma pesquisa científica relativa às vivências sexuais do

jovem não foi uma tarefa fácil. Um tema bastante delicado, como a sexualidade, a necessidade de descer à intimidade pessoal de cada entrevistando a fim de tentar atingir sua verdade e sua visão de mundo sobre esse aspecto... tudo isso exigiu um grande esforço, na tentativa de encontrar um caminho adequado e seguro que nos conduzisse efetivamente às vivências mais íntimas dos jovens.

E esse caminho apareceu. Fizemos a opção por um trabalho de campo ancorado na metodologia da Pesquisa Qualitativa. Esta, se nos apresentou como a melhor maneira de aumentar as nossas chances de êxito no árduo intento de colher a realidade pessoal de cada sujeito de forma global, tomando a pessoa como um todo, inserida no seu universo social, imersa na totalidade dos significados do seu mundo.

A escolha da Pesquisa Qualitativa foi seguida de outra, aliás anti-convencional: partir para o campo de pesquisa sem qualquer vinculação com hipóteses ou assertivas prévias que de certa forma organizassem "a priori" o campo psicossocial em que iríamos imergir; a Pesquisa Qualitativa se nos apresentava como respaldo suficiente para tanto.

Guia importante para a gênese do nosso trabalho de campo foi a advertência de Kitwood:

*"A ciência do homem deve atribuir-lhe a plena posse dos poderes pessoais. Em relação a valores deve trabalhar com uma concepção do respondente, segundo a qual ele é ativo, perceptivo e autônomo em situações de pesquisa."* (p.225).

A Pesquisa Qualitativa tem por base dois pressupostos que são peculiares: o primeiro, afirmando que o comportamento humano é influenciado de modo significativo pelo contexto em que está situado; o outro, mostrando que seria quase impossível compreender esse comportamento, sem buscar entender o

quadro referencial de significados dentro do qual as pessoas interpretam seu pensar, sentir e agir.

Para Robert Stake, (1982), a Pesquisa Qualitativa, ainda pouco explorada, é de um valor inestimável, especialmente no campo educacional. Ele afirma:

*"(...) Nossa pesquisa deve repousar mais em experiências e significados pessoais enquanto dados e na observação participante e introspecção, enquanto procedimentos metodológicos." (p.46).*

E mais adiante especifica:

*"Embora adeptos da pesquisa subjetiva, opomo-nos ao pensamento 'impuro'. Inexiste qualquer dúvida sobre se a pesquisa deva ser cautelosa, deliberativa, ponderada e precisa: ela deve sê-lo. A discordância também não está em se saber se a pesquisa deve ser quantitativa ou qualitativa. Ambas são necessárias. Precisamos apenas encontrar um melhor equilíbrio entre elas." (p.46).*

Nas conclusões de seu discurso esse autor afirma: "A epistemologia utilizada por mim - e que gostaria de encorajar outros a utilizarem - está inserida na experiência das pessoas."

E continua:

*"Sabemos que a maioria das pessoas confia muito pouco nos construtos das ciências sociais, enquanto recursos para compreensão dos fenômenos da Educação. Se quisermos que a pesquisa educacional seja útil para os profissionais da área, parece que devemos escolher entre educá-los para pensar através de construtos ou adaptarmos-nos mais ao modo de pensar deles." (p.48).*

As pesquisas em educação parecem ter seguido com quase exclusividade o filão positivista, relegando ao esquecimento a tradição da 'verstehen' voltada à 'compreensão interpretativa', faz notar Stake. O axioma central da abordagem da

compreensão interpretativa ou 'verstehen' é que:

*"se se quiser que a vida social seja genuinamente compreendida, torna-se essencial observar os fenômenos, não como compartimentos estanques, mas no contexto de um todo global que lhes dá sentido."* (Kitwood, p.224).

Posicionando-se acerca da compreensão interpretativa, Tom Kitwood afirma que ela

*"está mais próxima da 'verdadeira ciência' que os métodos que simplesmente procuram associações entre variáveis que tenham sido operacionalmente definidas."* (p.224).

A Pesquisa Qualitativa tenderia a propiciar o adentramento nos fenômenos concernentes ao homem, mediante uma profundidade vertical; daí a valorização de seus sentimentos, visões, percepções e experiências; todos, inseridos no seu universo de relações com o mundo que o cerca.

Nesse contexto, evidencia-se a imprescindível utilidade e abrangência da abordagem da 'compreensão interpretativa' ('verstehen'), instrumento fundamental na Pesquisa Qualitativa.

Teresa Pires do Rio Caldeira (1980), falando acerca da entrevista praticada por cientistas sociais na pesquisa de campo, afirma:

*"O que diz (( o entrevistado )) não é um depoimento que vai ter um significado apenas para quem o solicita a fim de descobrir algo; ele é significativo - e em certo sentido também uma descoberta - para quem o fornece, para quem o vive ( e revive )."*

*Creio que esse aspecto esclarece uma das principais características de uma relação de pesquisa em ciências sociais. O 'objeto' da investigação não é por nada um objeto neutro e passivo que possa ser simplesmente observado: o seu depoimento é, antes de mais nada, uma ação significativa para si mesmo, é uma ação vivida, e uma ação vivida não de forma isolada, mas numa relação com um outro, aquele que desencadeou a ação. Mas tampouco o pesquisador*

é neutro e passivo nessa relação, apenas um observador que recolhe o seu material. Ele é a todo instante incluído na ação que transcorre." (p.15).

Em outro trecho, essa autora, alerta para a necessidade imperiosa de métodos de pesquisa adequados ao fulcro de análise das ciências sociais:

"Talvez fosse mais saudável e produzisse resultados mais efetivos se os cientistas sociais, ao invés de ficarem pedindo desculpas e tentando acertar as contas com a metodologia e os procedimentos das ciências exatas e com a objetividade e a exterioridade que lhe são possíveis, admitissem de maneira mais contundente que a natureza de seu objeto de estudo é outra e que, portanto, os procedimentos de pesquisa devem ser outros. Trata-se de uma relação humana de um lado, e de uma relação de laboratório entre uma pessoa e um objeto, de outro. E aqui, a própria linguagem herdada pelas ciências humanas já é incômoda: me é difícil, por exemplo, designar um informante como 'objeto' de estudo." (p.19).

E é ainda de Caldeira a crítica a seguir, acerca da pretensa tentativa de distanciamento do pesquisador, tentativa essa relacionada com a obtenção de maior objetividade na pesquisa...

"(...) Creio que as tentativas de distanciamento e de assepsia recomendadas por muitos manuais de pesquisa de campo não têm os resultados delas esperados, ou seja, objetividade, não-interferência. O silêncio do entrevistador frente a dúvidas e perguntas do entrevistado, a sua negativa em fornecer-lhe respostas e opiniões não são atitudes que isolam elementos mas que, ao isolarem, incluem. Assim, o silêncio e as reticências do pesquisador, além de serem embaraçosos para ele e provocarem grande angústia no entrevistado, podem contribuir, por exemplo, para desencadear uma série de fantasias e desconfianças a seu respeito ou para a produção de um discurso 'culposo', defensivo ou 'mentiroso'. Não acredito, em suma, que manter o distanciamento e o silêncio interfira menos do que aproximar-se, emitir opiniões e fornecer respostas. Participar ou negar-se a participar têm, sob um aspecto, os mesmos efeitos sobre os pesquisados: são atitudes que interferem e são levadas em consideração." (p.18).

Esperamos ter deixado claros, os motivos que nos levaram a optar pela Pesquisa Qualitativa para a realização do presente trabalho. Não resta dúvida que a grande complexidade do homem e dos fenômenos psicossociais com ele envolvidos, exigem, e exigirão sempre mais, métodos de pesquisa e de interpretação cada vez mais refinados, abrangentes e adequados à compreensão dos mesmos. E a melhor opção que encontramos para o tema enfocado foi exatamente a Pesquisa Qualitativa.

#### 4) Processando a coleta de dados

Os trabalhos de campo, no Recife e seus arredores, tiveram uma duração de aproximadamente 100 dias, de novembro de 1981 a fevereiro do ano seguinte.

Foram precedidos de uma pesquisa-treino, realizada em Campinas-SP, com um jovem cujas características estavam bem próximas às exigidas para a amostra.

Os instrumentos específicos destinados a colher os dados em plena pesquisa de campo, foram dois: o Roteiro de Entrevista e o Formulário (5). O Roteiro destinava-se a orientar o sujeito, descortinando-lhe os pormenores do conteúdo e da forma da pretendida entrevista, gravada ou escrita, acerca de suas vivências sexuais. O Formulário tinha como objetivo levantar dados pessoais complementares, acerca dos sujeitos, prestando-se, inclusive, a verificar se as características pessoais exigidas estavam sendo correspondidas.

Inicialmente, nossa abordagem aos sujeitos era a

---

(5) Ambos os instrumentos constam dos Anexos, incluídos no final deste volume, após a seção Referências Bibliográficas.

mais indireta possível; primeiramente entrávamos em contato com pessoas amigas e conhecidas e lhes explicávamos a pesquisa que de-sejavamos realizar bem como a necessidade de conseguirmos sujeitos que tivessem as características pré-estabelecidas. A elas, entregávamos uma lista onde constavam, por escrito, todos os requisitos necessários aos jovens a serem selecionados como sujeitos. Essas pessoas - cerca de 20 no nosso caso - tornavam-se uma espécie de 'ponte' entre nós e os sujeitos potenciais, de forma que foram sendo marcados através delas, os diversos contatos preliminares com os sujeitos.

O relacionamento entre o entrevistador e os sujeitos, constituiu-se de três tipos distintos de abordagem:

- 1º) O contato preliminar, por telefone ou pessoalmente, que tinha por finalidade acertar dia, hora e local da segunda abordagem, o encontro.
- 2º) O encontro explicativo, em que eram apresentados os detalhes da pesquisa bem como a forma de abordagem seguinte, e entrevista.
- 3º) A entrevista, constituída de uma ou mais sessões, na qual o entrevistando apresentava o seu depoimento.

No contato preliminar, abordava-se o provável sujeito, a fim de fixarmos local, data e hora do encontro. Esses três itens ficavam, inicialmente, a critério do sujeito, e quase sempre persistiam incertezas quanto ao local; oferecíamos então três ou mais sugestões a respeito. Destas, constavam: uma sala de consultório de atendimento psicológico, próxima ao centro do Recife; um mini-apartamento montado mas temporariamente vago, no centro do Recife; uma sala-garagem, isolada da casa, em Olinda, casa essa onde nos encontrávamos provisoriamente domi-

ciliados; e ainda, a proposta de nos deslocarmos até a residência ou faculdade do entrevistando, desde que estas lhes inspirassem suficiente confiança no que se relacionava com o sigilo requerido pelo tema.

No encontro explicativo o sujeito era informado dos objetivos da pesquisa e da forma como se desenrolaria a entrevista de depoimento; além disso, era-lhe entregue uma cópia de todos os itens ( questões a responder ) constantes do Roteiro de Entrevista, bem como uma lista com os títulos das seis grandes abordagens do Formulário, para que ele refletisse sobre o assunto e pudesse fazer uma opção entre prestar-se ou esquivar-se à entrevista para depoimento, a ser marcada, então, com um intervalo de pelo menos dois dias a partir desse encontro.

Ainda nessa sessão de esclarecimentos, era-lhe detalhadamente explicado o seu papel de entrevistando, de responsável pela condução e sucesso das entrevistas; isso, em contraposição ao papel supostamente passivo de mero 'entrevistado' que nada teria a ver com aquele trabalho.

Mostrava-se-lhe como ele deveria ser o protagonista de todo o processo da entrevista dali para frente. Tudo explicitado, tudo dito, mostrado, entregue... sem mistérios nem armadilhas; jogo totalmente aberto; disponibilidade para ouvi-lo e para responder a qualquer pergunta, mesmo de caráter pessoal.

Ao final deste encontro explicativo era-lhe solicitado que fosse guardado absoluto sigilo sobre o conteúdo da pesquisa bem como acerca do material escrito que lhe estava sendo entregue, e isto, até a conclusão de seu eventual depoimento ou desistência de fazê-lo. Deu-se muita ênfase ao absoluto e intocável direito que ele tinha de não se submeter àquele processo de rememoração detalhada de todos os fatos de suas vivências

sexuais para posterior narração minuciosa dos mesmos... poderia desistir de fazer o depoimento, quando o desejasse, sem dever nenhuma explicação; bastaria avisar ao pesquisador, através de recado, telefonema ou qualquer outro meio; caberia fundamentalmente a ele, a tarefa de avaliar se deveria prosseguir ou não na pesquisa, dependendo daquilo que tal processo significasse para ele.

Foi uma constante a garantia pessoal, por parte do entrevistador, de absoluto, completo e permanente sigilo, acerca dos conteúdos a serem apresentados, no que concerne à não-revelação da identidade dos seus autores, bem como no que diz respeito a todo e qualquer dado que os pudesse identificar ou colocasse em risco outras pessoas intervenientes em sua narrativa. Apenas um dos jovens declarou não se incomodar de depor, mesmo sem a garantia de tão cerrado sigilo... seria quase dispensável.

A terceira etapa de nossa abordagem aos sujeitos era a entrevista propriamente dita, na qual ocorreria a narrativa pessoal. No caso do jovem vir a realizar o depoimento sobre suas vivências sexuais, poderia optar por três formas distintas de apresentação dos dados pessoais: gravar na presença do entrevistador, gravar a sós ou, simplesmente escrever a narrativa e entregá-la ao entrevistador. Nenhum deles se dispôs a gravar a sós. Cinco, fizeram-na por escrito, e treze preferiram gravar na presença do entrevistador.

Ao final do depoimento, apresentávamos aos sujeitos o Formulário, a ser preenchido pelo entrevistador mediante as respostas informativas daqueles.

O número total de sessões de entrevista para depoimento, com cada sujeito, foi variável: em geral uma ou duas, embora nos declarássemos disponíveis para quantas fossem necessárias.

rias; com raras exceções não passou de uma única sessão, prolongada; prevista para durar 45 minutos, quase sempre ultrapassou uma hora e meia e por vezes chegou a duas horas e até mais.

O número total de sujeitos nordestinos contatados para tomarem parte na pesquisa elevou-se a 35. Destes, seis declararam-se desistentes, antes da realização do encontro explicativo. Dentre os 29 que permaneceram, onze não conseguiram chegar à sessão inicial da entrevista ( a do depoimento ) onde seria feito o relato das vivências íntimas: quatro destes 'desapareceram' de circulação, seis apresentaram expressamente a sua desistência, e um deles, com grande 'habilidade', evitou quer a negar-se expressamente, quer a submeter-se à entrevista. Por conseguinte, o grupo de sujeitos que se submeteu a todo o processo da pesquisa até a conclusão do depoimento, contou com 18 entrevistandos; todos, praticamente de Olinda e Recife.

A fim de evitar qualquer identificação dos mesmos, resolveu-se conferir a cada um deles uma letra do alfabeto como nome codificado, excetuando-se as letras b, f, g, h, m.

A conclusão do trabalho de campo, estávamos de posse de 22 fitas minicassetes gravadas, num total de quase 15 horas de gravação, e cinco textos de depoimentos, escritos de próprio punho pelos entrevistandos, além dos 18 Formulários preenchidos.

##### 5) Definindo o procedimento para a análise dos dados

Os dados provenientes das entrevistas com os jovens foram submetidos à metodologia da Análise de Conteúdo.

O objeto de estudo dessa metodologia é o conteúdo da comunicação. Ao sintetizar o processo da comunicação através

da sentença "Quem diz O Que, a Quem, Como e Com Que Efeito?", a expressão 'O Que' aí contida é o conteúdo da comunicação. Este, caracteriza-se como sendo um corpo de significados veiculados mediante símbolos, quer verbais, quer musicais, plásticos, gestuais, pictóricos...

Para Berelson

*"Análise de Conteúdo é uma técnica de pesquisa objetivando a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação." (in Goldberg e Franco, 1980, p.5).*

As autoras em foco dão destaque aos três requisitos básicos da análise de conteúdo expressos na definição de Berelson: objetividade, sistematização, quantificação. Um quarto requisito - a generalidade - se fará presente no decorrer dos esclarecimentos apresentados a seguir, também ele, posto em relevo por essa dupla de autoras.

A objetividade estabelece que as categorias de análise sejam definidas explicitamente e com precisão, de maneira a permitir que diferentes analistas possam obter os mesmos resultados ao aplicá-las ao mesmo conteúdo; restringe-se, sua aplicação, ao conteúdo manifesto, a fim de que se garanta "cientificidade" ao uso da referida técnica, evitando-se utilizá-la, pois, para conteúdos latentes.

O requisito da sistematização se explicita através de dois significados: o primeiro, estipula que cada conteúdo relevante seja analisado através de cada uma das categorias relevantes utilizadas na pesquisa; já o segundo, implica em que "os resultados da análise de conteúdo sejam passíveis de generalização." Este requisito implica em que a inclusão e a exclusão de conteúdos ou categorias sejam feitas de acordo com regras consistentemente aplicadas.

O requisito da quantificação, é a característica da Análise de Conteúdo que tradicionalmente a distingue de outros tipos de leitura tais como a interpretativa, aquela da crítica literária, etc.; refere-se ao processo de tradução em dados numéricos, dos aspectos de relevo existentes no conteúdo da comunicação.

Holsti afirma que a

*"análise de conteúdo deve ser objetiva e sistemática e, para poder ser diferenciada da estocagem e indexação de informações, ela deve ser realizada por alguma razão teórica". (in Goldberg e Franco, 1980, p.5).*

Jã Stone e co-autores definem que a Análise de Conteúdo é o

*"procedimento que envolve as interações de dois processos; a especificação das características de conteúdo a serem medidas e a aplicação de regras para identificação e registro das características." (in Goldberg e Franco, p.6).*

Destas definições deduz-se a existência de mais um requisito básico, o quarto, da análise de conteúdo: a generalidade. Ela requer que as descobertas devam estar alicerçadas em alguma teoria que lhes imprima relevância teórica; cada dado do conteúdo deve estar relacionado, pelo menos, a outro dado, o que implica em comparação, confronto, ou nos dois, sendo ambos ditados pela teoria.

Retomando o requisito da quantificação, devemos salientar a grande discordância existente entre os autores, acerca do significado do termo 'quantitativo', ao ser este aplicado à Análise de Conteúdo; há definições bastante restritivas, que requerem que a Análise de Conteúdo meça a freqüência com que símbolos e outras unidades fazem-se presentes em cada categoria. Outras, menos restritivas, incluem estudos em que as descobertas são notificadas em termos como 'mais', 'menos', 'crescente', ou

20

similares. Finalmente, há um grupo que, mesmo aceitando a distinção entre 'quantitativo' e 'qualitativo', insiste em que "os estudos documentários sistemáticos do último tipo constituem uma importante e talvez mais significativa forma de análise de conteúdo..." (Goldberg e Franco, p.8). A questão muito importante, segundo Holsti, para que o analista interrogue-se a si próprio, não é "estou sendo quantitativo" mas sim "qual a relevância teórica das medidas que uso." (in Goldberg e Franco, p. 9 ).

*"Os teóricos da medida geralmente concordam que qualitativo e quantitativo não são atributos dicotômicos mas que formam um 'continuum'... Todos os dados são potencialmente quantificáveis. Explícita ou implicitamente, muitos dos mais rigorosos estudos quantitativos usam procedimentos não numéricos em vários estágios da pesquisa." (Goldberg e Franco, pp. 9 e 10 ).*

Bardin ( 1977 ), vai além da definição de Berelson que classifica a Análise de Conteúdo como técnica de pesquisa; ele a considera como uma metodologia científica. Mostra como ela pode ser exercitada através de técnicas diversas:

- a) análise categorial, a mais antiga e tradicional
- b) análise de avaliação
- c) análise de enunciados
- d) análise de expressão
- e) análise de relações
- f) análise de discurso

Na presente pesquisa optamos pela técnica de análise categorial. Para entendê-la faz-se necessário definir os dois elementos com que trabalha: (1) as unidades de análise e (2) o sistema categorial.

## 1) UNIDADES DE ANÁLISE

Dividem-se em (a) unidades de registro e (b) unidades de contexto.

A unidade de contexto (b) é aquela vasta faixa do conteúdo de uma comunicação, na qual se insere a unidade de registro (ou série delas); é através do exame da unidade de contexto que se chega à identificação da de registro. A de contexto sempre engloba a unidade de registro. A unidade de contexto pode apresentar extensão variável, de acordo com o material em exame; pode ser constituída por uma sentença, um parágrafo, uma página, uma estória, todo o conjunto sob análise, etc.

Já a unidade de registro (a) define-se como sendo a menor parte do conteúdo cuja ocorrência é registrada, por ser essa parte reconhecida como muito significativa no âmbito do conteúdo. Ela pode apresentar-se de diferentes tipos, cada um deles mais adequado a esta ou àquela modalidade de investigação, levando consigo, obviamente, suas limitações peculiares. Os tipos de unidade de registro amplamente usados são: a palavra, o tema, a personagem, o item e a sentença.

Pode ser usado um deles, isoladamente, ou pode-se utilizar vários, de forma combinada, dentro de um mesmo estudo; o importante é que sua utilização se adeque ao problema e ao material da pesquisa a que se aplica.

## 2) SISTEMA CATEGORIAL

É o conjunto de categorias explicitamente definidas, que deve ser aplicado para analisar cada unidade de registro ou de contexto. A definição de categorias é um passo extremamen

te importante; elas devem ser formuladas com propriedade e adequação para que reflitam os propósitos da pesquisa e sejam instrumentos úteis para os fins a que o estudo se propõe.

Para os procedimentos de análise dos dados desta pesquisa consideramos cada depoimento individual como a unidade de contexto e o tema como a unidade de registro.

O tema caracteriza-se por ser uma assertiva sobre determinado assunto; tanto pode ser constituído por uma simples sentença (sujeito e predicado), como por um conjunto delas ou por todo um parágrafo.

Quanto às categorias de análise, foram criadas com base na bibliografia lida e a partir das leituras do conjunto de entrevistas.

Cada entrevista foi previamente trabalhada, de forma a possibilitar um adequado processamento da análise dos dados; e isto, através de uma seqüência de tarefas, desde a transcrição das fitas gravadas, até o mapeamento e delimitação das unidades de registro no depoimento de cada entrevistando.

## CAPÍTULO II - O DESABROCHAR SEXUAL DO JOVEM

### 1 - A INICIAÇÃO

A iniciação propriamente dita constitui-se, para alguns jovens, de uma única experiência com pessoa do sexo oposto; para outros, compõe-se de várias fases ou série de experiências interpessoais vividas.

Papel fundamental na iniciação do jovem é desempenhado pelas empregadas domésticas e pelas chamadas prostitutas, as quais, pelo serviço prestado aos novos rebentos da sociedade, bem que mereceriam melhor retribuição, mais assistência e adequada atenção, por parte dos genitores dos jovens e das autoridades sociais constituídas. Eis alguns depoimentos:

*"A minha primeira experiência sexual ocorreu quando tinha 16 anos (...) lembro... que gostava de pegar nas partes (mais nos seios) das empregadas (( domésticas)) e 'ela dizia': 'deixa de ser safado menino', mas era uma época em que eu não sabia de nada ou pouco sabia a respeito de sexo, e é um ato que até hoje aprecio (...)"*

*E pela primeira vez que tive relações ((sexuais )) foi no interior (povoado) com uma prostituta de lá... enfim, um dia, depois de ter tomado... coragem, eu fui e correu tudo normal, apesar de estar um pouco nervoso.(...) (( Apesar de )) não ter achado essa gostosura toda que o pessoal pintava: foi uma coisa fria, programada antes. Mas depois disso parecia que eu tinha virado homem..."*

(01)

Virar homem, eis o significado da primeira relação sexual; trata-se de um fato decisivo para que o jovem se perceba como homem, afirme a própria identidade masculina, para si próprio e para os colegas.

"Meu primeiro relacionamento bom mesmo, foi numa 'zona'. Com uma mulher." (02)

"... Parti para a primeira experiência de gozo sexual (mais ou menos aos 15 anos; precisamente, não me lembro com que idade). (...) Não poderia deixar de ter como personagem a empregada doméstica de casa. Foi um ato rápido e sem nada mais do que os prazeres sentidos com uma masturbação. Mas para mim o que estava interessando era que eu tinha acabado de 'tirar o queijo', tinha me servido de uma mulher como qualquer homem se serviria." (03)

"A primeira pessoa, o primeiro 'objeto' sexual: foram as (( empregadas )) domésticas. Utilização, dominação inclusive, da minha parte. Não sei dizer em que idade aconteceu... Só sei que foi dentro de casa e, com as domésticas." (04)

"Por volta de '74 (( com cerca de 17 anos )), eu tive a primeira experiência completa em termos de sexo. Decidi que iria procurar uma mulher na 'zona'. E fui, meio receoso; cheguei lá, e na esquina encontrei uma mulher e daí fomos trepar. Ela era uma mulher dos seus 28-30 anos, se chamava "T". Foi nesse dia em que, pela primeira vez eu vi uma mulher nua na minha frente e pronta para foder comigo. Eu estava com tanta vontade que o 'pau' logo ficou duro e tão rapidamente sem que eu percebesse ele já estava gozando na vagina dela. Foi uma sensação deliciosa; pena que durou pouco tempo." (05)

Servir-se 'de uma mulher como qualquer homem se serviria', demonstra o viés da visão cultural que cultua a supremacia do macho sobre a fêmea; fato significativo para o jovem focar a atenção na sua identidade/papel sexual masculinos, embora não tenha passado de 'um ato rápido e sem nada a mais do que os prazeres sentidos com uma masturbação'.

As domésticas, em dois destes três últimos relatos, fazem-se presentes, também nesse tipo de prestação de serviços; como relata o jovem, trata-se provavelmente, de 'utilização, dominação inclusive', por parte dos filhos da patroa. Elas mar

cam presença na vida de quase todos os jovens entrevistados.

Aos 17 anos, este jovem da última citação, pela primeira vez, viu uma mulher nua à sua frente; o desconhecimento do corpo da mulher é um fato que aparece no discurso de pelo menos três dos entrevistados; revela o nível de desinformação a que foram relegados pelos pais e educadores.

A empregada doméstica ou a criada, da casa de terceiros, conhecidos, é por vezes tratada com certa distinção, como quando o chamam de "uma jovem":

*"Meu primeiro relacionamento sexual com uma 'mulher' aconteceu por volta de 1972 (( aos 15 anos de idade)).*

*(...) Conheci uma jovem chamada Y... Nós eramos muito amigos e com o decorrer do tempo ficamos ainda mais envolvidos um pelo outro. A princípio, como eu era ainda imaturo sexualmente, fiquei muito fascinado com o corpo belo que ela possuía e com medo de enfrentar algo mais sério, devido ao meu temperamento impulsivo (...) Começamos a conversar, a trocar idéias e a falar sobre diversas coisas. Num dado momento, quase que por instinto, trocamos nosso primeiro beijo seguido de carícias por todo o corpo e de uma paixão louca que dominava a gente. Deste dia em diante nos encontramos várias vezes, e aquele amor cada vez mais ardia em nossos corpos tão intimamente ligados. Naquela época eu já era bastante audacioso, mas ela não, tanto que tentei levá-la para a cama várias vezes, mas ela tinha sempre receio, não sei porque, de trepar na cama, de expor seu corpo para mim e de me deixar levá-la ao prazer mais intenso ( o orgasmo ). Foi um relacionamento gostoso; mesmo acontecendo sob nossas roupas eu consegui senti-la plenamente, como se estivesse com ela na cama. Naquela fase o que mais me atraía em Y 'era' os seus belos e volumosos seios, que tantas vezes eu acariciiei."*

(06)

Para o jovem em iniciação, o fascínio do belo corpo e a grande atração pelos belos seios da parceira, estão bem presentes, denotando que particularmente os estímulos visuais atraem-no.

Houve aquele que encontrou, fortuitamente, uma jovem zinha sem tabu nem preconceito, disposta à experiência de des

cobertas sexuais a dois; note-se que ele não dispunha de grupo de amigos e nem mesmo de amigos isolados, o que talvez lhe tenha custado um período de espera um pouco maior que o dos demais, para a iniciação sexual. Eis o seu relato:

"Nessa sexta-feira, fui à praia, à noite, sozinho ; chego lá encontro uma menina... Olinda... 23 horas ... eu não conhecia a menina... aí foi o início da ((primeira cópula))... aos 17 anos ((dele)). Da primeira vez... eu não digo que choca, né, mas a gente sente aquela dificuldade de fazer, né; porque parece que tem barreiras de todos os lados... a gente quer ir, quer ir, e no início, principalmente, fica com um pouco de receio de que alguém 'tá olhando(...). Foi aquela relação bem normal... mantive contato com uma menina entre 16 e 17 anos... faz tanto tempo... Então eu achei aquele negócio, estupendo... assim, fora do comum, né... nunca tinha tido o primeiro contato, nunca tive ((antes)) o primeiro contato. Aí foi o início de tudo, da minha vida sexual. Lá mesmo na praia, ((ela)) mais ou menos da minha idade (...). Interessante é que foi na água mesmo, né... então o negócio ficou mais... bem diferente mesmo, né. (...) Começamos a conversar naturalmente... sobre música... sobre política... quando chega um determinado assunto... a pessoa 'sente' 'a' necessidade do outro... pelo próprio diálogo... pronto. Comecei a tirar a camisa, fiquei sem camisa; ela, tirou a 'camisa', 'tava com o sutiã, né... tudo bem... ela tirando, né, eu na minha, né, com os seios... ainda... 'pouco' ((pequenos)), né... tudo bem... 'se nós estamos aqui no barco, então vamos velejar', né... Aí fomos tomar banho... eu tive a primeira relação, na água, né... e o pessoal fala: 'na cama'; mas eu acho que não há lugar ((certo)) para isso não... Qualquer lugar é lugar... os dois querendo... Isso, às 11 horas da noite; praia deserta e estava escuro... facilitou muito, tanto para mim quanto para ela ... também, eu acho, que foi a primeira relação dela, né ...pela dificuldade; dificuldade pra os dois... A minha intenção ao entrar na água, era a de tomar banho... não sei a dela. A gente sentiu uma necessidade... sem nunca ter... foi o primeiro mesmo; a iniciação foi essa. Antes de fazer, né, eu via aquele negócio 'difícil'... aquela barreira mesmo. Eu acho que nunca existiu barreira, né, o pessoal é que botava aquela... botava não, botava barreira. Aí pronto, eu cheguei em casa... satisfeito da vida! Outra pessoa...! A gente sente assim... pensa que fez uma coisa maravilhosa, né... e a gente fez uma coisa tão normal, né; já devia ter feito há muito tempo, né(...). Então ((nessa noite)) eu fui pra casa... não dormi, né, pensando: 'ah, amanhã eu vou de novo, amanhã eu vou de novo'. Isso foi em dezembro de 1977, eu 'tava terminando meu segundo grau ."

(07)

pais e educadores resulta em percepção de 'barreiras', por parte do jovem, quando da iniciação sexual; e ele está ciente de que 'o pessoal botava... bota barreira'. Após saltar o obstáculo chamado primeira relação sexual, ele percebe que fez a descoberta de algo maravilhoso, 'uma coisa tão normal', de algo que 'já devia ter feito há muito tempo'.

Para determinado jovem, a experiência definitiva da iniciação sexual, ocorreu graças ao concurso de uma namorada experiente e inovadora:

"De uma hora pra outra, quando a gente volta, nessa mesma tarde, ela ((namorada e colega de colégio)) fala: 'eu quero doar((-me)) a você... eu quero ser sua.'  
'- Levei um choque.'

'- Eu agora estou disposta a viver qualquer tipo de experiência 'contigo'; você é uma pessoa ótima...'  
Isso foi bom, eu aceitei, achei bonito... fiquei felicíssimo. Ai ela fez:

'- Eu quero transar com você.'

(...) Muito forte pra mim... os contatos (sexuais) anteriores foram horríveis ((com outras mulheres))... mas eu nunca sabia como é que era uma vagina, né... foi esta pessoa que me deu condições de eu poder vivenciar esse tipo de coisa... foi forte... pra minha vivência. Pegamos o carro, nessa mesma noite... por dentro ((de uma localidade praieira distante da cidade)), mais pra lá, num lugar mais deserto... e, quer dizer, fugindo, da família... entra-se num tagais daqueles lá, fecha-se o carro e tal... começa-se realmente assim a vivenciar, realmente... o contato que eu nunca tive tão igual e tão bonito; por que foi uma coisa assim... sei lá... eu não sei se foi pelo aspecto de ela dirigir as coisas, sabe... porque realmente eu não saberia como, então, (...) mas também ela não dava a hipótese de ter transado com ninguém ((antes)), coisa nenhuma... então eu seria a primeira pessoa; embora que não tenha sido; inclusive isso abertamente depois a gente descobriu... Começo a me despir, ela também... duas pessoas saudáveis... a coisa não 'pintou' a nível de 'nojo' não... foi uma coisa muito forte e bonita, na minha vida. Pôde se doar totalmente a mim, e eu a ela... A sexualidade cresceu, com isso aí... A gente não procurava ((evitar))... podia engravidar ((não evitava))... mas a gente 'tava ((sentia-se)) preparado para assumir o que viesse. Ela era uma pessoa atraente... e tinha requisitos assim que atraíam. A coisa foi frequente, transei assim... foi diariamente. Então já o carro aí não era fundamental nem pra conseguir menina nem pra passear... A gente saía a pé ((em direção àquela localidade bem distante da cidade))... horas a pé... pra dar uma transada... assim... coisa de

*três minutos... e voltar...era um lugar escuro... a gente sabia que poderia haver assalto...mas, tudo bem ((não se temia)). Descobri...os seios...função (...). Partes do corpo dela...anatomicamente (...).vagina, clitóris... etc."*

(08)

Pelo relato acima, percebe-se que ter um carro, deixa de ser indispensável para a vida sexual do jovem, desde que este tenha conseguido uma ligação afetiva sólida e estável com uma parceira. A honestidade existencial desse jovem é desconcertante, pois, apesar de ter tido inúmeros contatos com prostitutas ou outras jovens, ele revela que desconhecia as zonas erógenas da mulher; isto, porque seus contatos precedentes foram revestidos de elevadíssima tensão nervosa e angústia circunstancial. Com a presente namorada, pelo contrário, ele inicia sua extraordinária sondagem exploratória, a fim de vir a conhecer o que era uma vagina, descobrir os seios e as várias partes do corpo da mulher. Mais uma vez o desconhecimento está presente na vida do jovem, desconhecimento esse, fruto do 'silêncio' de pais e educadores; chega-se ao extremo, aqui, de viver uma afetividade, um romantismo e um idealismo tão intensos, que culmina num relacionamento de coitos frequentes (diários) sem se recorrer a nenhum meio anti-concepcional, portanto, passível de engravidar a garota.

Como já pôde ser observado desde os relatos anteriores, também os amigos e o grupo desempenharam papel de relevo na iniciação; quanto às chamadas prostitutas e às empregadas domésticas têm o seu papel de 'pedagogas' improvisadas, cada vez mais bem delineado, à medida que os relatos são apresentados a seguir:

*"((Debutando no prostíbulo))... Aí ela falou: 'como é boneco, 'tã a fim de fazer nenem?', foi um negócio assim. Aí eu falei: 'é, vamos sim'; aí o pessoal ((os dois amigos)): 'como é que é, vai?', eu digo :*

'vou'. Aí subi num instante, quer dizer, então <sup>ti</sup>rei a roupa, tudo; fiquei de cueca, <sup>nê</sup>, ela de calcinha... e tudo mais... e nada do pênis ficar ereto, <sup>nê</sup>. Aí eu digo ((penso)) 'puxa, 'tô meio nervoso... e vai ser, vai ser realmente uma batalha a travar. ' Aí ela: 'meu bem você parece que 'tá nervoso.'

'- Não, não 'tou nervoso não!  
Aí, pôs música lá pra gente, aí começamos a dançar... fui sentindo, aquela excitação toda, aquela malícia de lá, toda, aquele gingado lá... até que fomos realmente ter a relação... foi 'um negócio'... gostoso; não sei falar se feio ou bonito, eu sei que pra mim, foi como assim... mostrar pra mim, que eu era homem, entendeu, que eu tinha... logrado com êxito, mais aquele degrau, <sup>nê</sup>, na escalada 'homem'. E... foi bom (...)

Quanto à mulher... a mulher bem 'bofe', entendeu; a mulher, horrível, horrível, entendeu?! Por isso que talvez tenha sido mais difícil ((a iniciação no prostíbulo)): a mulher velha e muito forte, muito gorda, 'tá entendendo... pra mim, foi realmente uma, uma batalha... chegar a atingir o orgasmo com aquela mulher lá."

(09)

"(( Quase que coagido, por colegas, a ir a um prostíbulo)) (...). E ela... 'tava 'a fim', acho que 'foi com a minha cara'... eu muito juvenzinho... ((ela)) 'tava a fim de transar ou então... viu minha insegurança, minhas mãos frias... então a gente ((ele e ela)) saiu desse prostíbulo aí ((mais caro)) e fomos pra um... mais baixo que podia existir na zona do Recife... ela conhecia um... custava uns ((y cruzeiros))... e que eu dava ((o pouco dinheiro que tinha)) pra ela e ela ficava com ((alguma coisa)) ainda ((após pagar o quarto)) (...). A minha mão gelada... meus olhos estatelados assim e tal... ela me encaminhou... inclusive ela perguntou... se era a minha primeira vez... (nesse caminho, me lembro que eram aquelas escadas, horríveis, escuras...) ela me perguntou se era a minha primeira vez... e eu disse que não, eu tinha que dizer, assim, muito seguro 'que não', que não era a primeira vez ((e era a primeira vez)). Quando chegamos lá no quarto, a cama 'tava suja... horrível... eu não sabia nem o que era aquilo... eu pensei 'alguém urinou na cama (?)'; aí chama alguém... muda o lençol (...). Janelas imensas, abertas... qual portas de igrejas... dava um pavor imenso ((a vista de lá)). Ela começa a me fazer carinho e... pega no meu pênis e... querer me beijar... eu com nojo mas... não podia me expressar. Ela parte pra cima de mim... me lembro que não fiquei com ereção total do pênis... a coisa acho que demorou muito... e ela: 'você 'tá inseguro (?); você está... não sei mais o quê, e tal'... veio com um papo que... 'se eu sou impotente eu tenho que procurar um médico'... esse tipo de coisa chocou, assim, profundamente, sabe; e, 'se eu tenho abertura pra dizer isso a meu pai', ou 'se eu tenho um irmão mais velho, pra que possa ouvir isso de mim'... então foi um verdadeiro dilema... na minha vida... ao ponto... que (...). Ela por cima de mim... eu não sabia mais nem fazer nada... ela por cima de mim... eu sei que tive ejaculação... mas o pênis não 'tava to talmente ereto e tal..."

(10)

"A primeira relação sexual foi com uma empregada do m<sup>ê</sup>stica...da casa da vizinha (...) Começou com brin<sup>ca</sup>adeiras, dela. (...)

'- Ela est<sup>á</sup> compreendendo o que eu quero (?), ser<sup>á</sup> que eu vou satisfazê-la, realmente?  
Todo mundo saiu, foi pra praia...ela ficou em casa, apesar da folga a que tinha direito; eu joguei uma 'verde': 'o que é que você acha de a gente dançar, aqui?. Eu também nunca fui bom de dança não...apren<sup>di</sup> com ela. Ela tinha posto o disco só pra gente es<sup>cu</sup>tar...a proposta de dançar foi minha. De repente, eu comecei a acariciar ((a)) ela. Eu 'tava muito preocupado: 'ser<sup>á</sup> que ela 't<sup>á</sup> gostando, o que é que ela 't<sup>á</sup> achando disso?'. Parou a música e ela me pu<sup>x</sup>ou pra cama dela e disse pra mim: 'o que é que v<sup>o</sup>cê acha que vamos fazer agora?' E eu disse pra mim: 'agora eu não posso pensar em medo não'. Então fui. E acredito que me dei bem. E em relação aos pensa<sup>men</sup>tos que eu tinha, eu acho que superei um bocadinho... porque eu 'tava ((antes)) muito carregado de medo dessas coisas...Foi marcante. Mesmo os relacionamen<sup>tos</sup> sexuais que se seguiram ao que eu tive com ela, eu tinha a impressão de estar copulando com ela(...)  
Depois do primeiro relacionamento sexual...pra mim, eu podia até morrer...eu me sentia realizado com aquilo.

Ela teria cerca de 19-20 anos; eu estava completan<sup>do</sup> 13 anos. Inclusive essas coisas eu as tenho es<sup>cri</sup>tas, em casa."

(11)

No primeiro, dos três últimos depoimentos, mais uma vez aparece a necessidade de auto-afirmação da identidade/papel masculinos do jovem: "foi como assim...'mostrar pra mim, que eu era homem', e ainda, 'que eu tinha...logrado com êxito, mais aquele degrau...na escalada 'homem'." Surge também aí o nervosismo, na primeira relação, que no entanto é negado, verbalmente, à parceira, mesmo diante da evidência material que é a impotência inicial do jovem naquela situação-desafio. Foi uma batalha travada pelo jovem, que teve que aprender tudo às custas de sua experiência (aos 13 anos, aproximadamente) ou das informações dos amigos.

Os pais, afinal, estão presentes no dia-a-dia dos jovens, também no período de iniciação sexual destes. Aliás, mesmo durante a infância, os filhos se constituem em desafiantes da estrutura moral e cultural dos pais, no tocante à sexualidade; é o que constatamos a seguir:

"A primeira iniciação ((sexual))...foi aos seis anos de idade. E aconteceu, justamente...lá em casa ...aconteceu aquela atração, por duas meninas, que inclusive eram irmãs, vizinhas, nós brincávamos... e numa dessas brincadeiras...foi sugerida aquela brincadeira de médico, de fazer exames. (...) Após ver os órgãos sexuais dela, houve aquela atração; atração essa que ainda hoje eu não sei explicar (...) Mas acho que girou em torno de um mês (essa situação, né); foi com ela, depois foi com a irmã dela, mais velha (o que também se enquadra nesse mês...entendeu). Só que com a irmã dela já era diferente; já não era aquela brincadeira de médico. Por exemplo, toda vez que nós ((ele e a mais nova)) queríamos 'aquilo', aí falávamos 'vamos brincar de médico'; já com a irmã dela não; a irmã dela...aconteceu juntamente com a empregada ((doméstica)) lá de casa. Eu acho que a empregada deveria ser mais velha que eu, acho que, uns sete anos; enquanto que a minha vizinha, era mais velha ((que ele))... só três anos. Então as duas vieram comigo pra o quarto e, todos brincando; brincando, brincando, até que, uma sugeriu pra outra, né, aliás, uma sugeriu não, uma falava pra outra assim: 'o fulano ele não tem coragem de 'fazer nada' com a gente, né'; aí, já com elas, eu já encontrei a necessidade de mostrar o que fazia, entendeu (?)... a minha vizinha era bonita...e a empregada não, era 'fora de foco'. '- Com você ((a empregada)) eu faço...' (porque era o seguinte: se eu não fizesse com ela, então ela diria à minha mãe, certo)...eu falei: 'bom eu faço com você, agora só ((se)) eu pôr ((puser)) um travesseiro na sua cara'. (...) Aí foi desenvolvendo, desenvolvendo, fazendo por trás das cortinas, de tudo quanto fosse lugar, assim... Até que, certa vez, na ((num local interessante)), à tarde, estava com ela e com a vizinha... aí veio uma ((outra)) empregada... (mais velha), e...viu...Aí foi...eu fiquei sem reação...mas continuei; ela voltou ((pra dentro de casa)) e eu continuei...ela foi chamar minha mãe (...)

Arranjava uma forma de ludibriar as meninas ((outras garotas, da vizinhança)), para que brincassem comigo sozinho...até que...nessa época, eu fiquei chateado, porque não deu ((em)) nada; porque no momento 'x' ...naquela hora 'h ((em))' que já estávamos em delícia, assim, aí chegou o irmão dela mais velho, juntamente com meu tio, né (meu tio... bem mais velho 'do' que eu; eu tinha 8 anos ele... uns 25) e ia pegando o 'tchan' ((episódio emocionante)), né. Aí enganei e tal, porque eu 'tava com roupa, né, ela é que 'tava tirando a roupa (ainda). Quer dizer, ela apanhou sozinha dessa vez, né; foi sacanagem minha." (12)

Seriam ou não, os pais, responsáveis pelo autodidatismo confuso, presente no despertar sexual dos filhos? E o que dizer da repressão por vezes violenta e inexplicada, contra as experiências sexuais do desabrochar precoce? São o conteúdo dos três relatos a seguir:

"Tentava também lavar alguns pratos, junto com ela... até o ponto de alisar, fazer carinho ((ã doméstica))....Me lembro que muitas vezes elas não reagiam... não sei se isso por ser o 'patrãozinho' (sentido de dominação) (...)

Eu me lembro de uma ((doméstica)), assim que foi básica...menina, meninota, bonitinha...lavei pratos com ela...fomos pra o quarto dela ((acoplado, mas nos fundos da casa, dando saída apenas pra fora)) estávamos aos beijos e abraços...ao ponto de, pela primeira vez, eu ter contato assim com a vagina, ela despidu, tal...eu olhava aquilo ali...no contato com a mão, eu senti que 'tava molhado (...)

A primeira doença venérea ((de)) que eu sabia da existência, era a gonorréia, em que tinha... começa a sair corrimento...aquela coisa toda; então eu confundi a coisa (veja que a coisa teve confusão) (...). Porque quando eu olhei (ela 'tava muito excitada) a menina e... eu confundi...achava que era o corrimento, que era uma pessoa doente... Ai corri do 'pau' ((da parada)); aquilo ali ficou como... uma frustração (...). Autodidatismo... Os lances de despertar do sexo 'foi' pois com as domésticas, não com as namoradas.(...) Então o primeiro contato sexual, que eu me lembre, foi das domésticas. Querer 'tá junto. Nesse caso, a menina topou a coisa...e eu não sabia fazer nada. Depois disso aí, eu tive a primeira namorada." (13)

"((Tentou conquistar a empregada doméstica da própria casa; meio madura, já com uma filha)) Peguei ela reclamando pra minha mãe, dos meus alisados... desisti." (14)

"A primeira experiência sexual, foi aos 10 anos. Brincadeira de pai e mãe...chegamos até a transar; mas não sentia nada. Achei uma coisa bonita. Deixei pra lá (...)

Posteriormente, na escola ((muito tempo depois)) convidei essa mesma menina para brincar de sexo em baixo do birô da professora, durante o recreio; ela foi; estávamos lá quando fomos flagrados. Levamos uma 'boa sola'cada um, em casa. Isso reprimiu. A gente sentiu isso como uma coisa feia, uma coisa horrível. A gente sentiu um certo medo." (15)

A repressão sexual aos filhos em idade infantil de certo transmite-lhes a mensagem que os pais 'desejam: 'a gente sentiu isso como uma coisa feia, uma coisa horrível (...) sentiu um certo medo'. A surra quebra o silêncio para os genitores, acerca do sexo, mas esse silêncio se rompe através da boca da criança, pelo seu choro; os pais conseguem sorrir, sim, mas parece nada saberem explicar, informar, esclarecer, mediante diálogo que satisfaça ou pelo menos justifique, perante a criança, tal atitude.

O autodidatismo descrito no primeiro dos três últimos depoimentos apresentados, revela o sofrimento e a decepção por que passa o jovem desinformado em assuntos sexuais; apesar das informações colhidas com os amigos, a confusão de idéias instalou-se em sua mente na hora decisiva.

É na ausência do 'pessoal' de casa, isto é, na ausência dos pais, que as experiências do desabrochar sexual têm livre curso:

*"Bem, normalmente eu me contentava, e me contento ainda, com masturbação, entende; um dia apareceu uma empregada lá em casa, ela veio do interior, e era um pouco tímida; mas começou, depois, a me... sabe como é, não é, a me dar bandeira; e eu fui ficando alerta, não é, pra essa oportunidade... alerta; e num domingo pela manhã, eu acordei ((e o pessoal todo de casa estava fora)), tava eu e ela, aí 'a gente' começou a ter aquelas idéias, né, eu, no meu quarto; mas, peguei o jornal do domingo, comecei a ler, fiquei 'na minha', ela passando, com a mão, 'fechando a blusa', né, mas, o decote dela tava aparecendo, aí eu comecei... quer dizer, levantei, fui junto dela, comecei a... fiz ela ficar de pé, comecei a acariciar o seio dela, cheguei até a passar a língua, chupar; e ficamos uns 15 minutos; gozei; sarrando."*

(16)

Embora sem nada explicar, acerca do exercício sexual do jovem, os genitores têm a função social de exigir do filho que ele não engravide moça nenhuma; é a gravidez a mais notável fonte geradora de medo e temores na iniciação sexual:

*"Então pronto, aos 17 anos eu tive o meu segundo, né ((relacionamento sexual)). Já foi no interior, né... meus pais têm assim (( posse imobiliária rural )) (de meu pai não, de um ((parente)) de papai); (( no campo )) têm sempre aquelas meninas, né, que trabalham (( nas casas do campo ))... foi um negócio mais normal... não tive dificuldade nenhuma... fizemos tudo, até numa casa-de-farinha; toda fechada e... à noite, também. Eu não fui (pra lá) na intenção; quando cheguei lá passei dois dias... aí pronto, tive vontade... ela também; conversou... então aceitou. Tudo bem... então vamos lá. Agora, fazendo... e, sempre com aquele medo... 'e se a menina ficar grávida, não sei o quê' (...) o que é que eles podem dizer... Porque se isso acontecesse há uns quatro ou cinco anos atrás, eu acho que o pessoal lá de casa... ((seria terrível)). Isso, na minha faixa de 18 anos."*

(17)

O silêncio, freqüentemente escolhido pelos pais, como caminho adequado a 'preparar' seus filhos para a maturidade sexual, em geral deixa o jovem sob a exclusiva orientação de amigos, do grupo, bem como de seu autodidatismo. Com o acumular de aprendizagens, o jovem passa a dissociar a vida sexual do sentimento afetivo, especialmente na sua relação com algumas colegas, conhecidas, amigas ou "garotas de programa". A um certo ponto, explode nele uma 'necessidade' que conduz à cópula, ao coito puro e simples, sem a existência de ligações afetivas estáveis, duradouras ou de alta significação, com a parceira. Eis a expressão disso:

"(...) Com 14 anos, você não 'transa' com a menina de 14 anos também; você não encontra, certo; pode ser que no futuro venha a encontrar... mas agora não ... pelo menos na minha época não (...) Então o caminhar tranquilo, era aquele, a prostituição, o prostituído mesmo... a prostituta... aquele lugar onde você chega, paga o quarto, depois paga a mulher (...) Então você termina, indo também por gostar, né, porque são as duas coisas juntas, né, é você 'gostar', e você não sabe nem se gosta, né (...) você não sabe nem se gosta, mas eu acho que gosta, pelo que você sente, assim, no coração, né, 'uma' coisa (...) Se você vê uma mulher nua, pô, quando você é mais novo, você... não... seu coração dispara, você vibra, então você acha que gosta, já, né; quer dizer, já até que é sentimento seu..." (18)

"Fui pra Escola Y, tem pouca mulher, mas as que tem... super-avanzadas. Tinha uma lá... um colega meu era muito ligado a ela... eu nem notei; ela era tão santa, assim... aí eu comecei a seguir os dois; num matagal ali por perto, os dois entraram. Quando eu vi mesmo, 'tavam os dois transando... aquele agarrado todo. Aí... na época eu... 'cabra safado' mesmo; cheguei uma vez pra ela, aí disse que sabia tudo sobre ela e o cara... não sei o quê lá... aí pronto... ficou com medo de mim.

'- Não espalha isso não.'

'- Não espalho... mas ... você vai ter que 'dar' pra mim também... porque senão...'

Era daqueles caras chantagistas mesmo (...) Ela : 'minha mãe até desconfia...' Ela topou. O cara estava desconfiado; ele era até amigo meu. Depois... deixei essa menina..." (19)

"Aí viajei para ((uma capital do Sul))... Então, aconteceu a minha primeira experiência lá; e foi 'aquela cantada' pelo caderno; 'tava eu estudando lá, quando uma menina veio e escreveu no meu caderno, atrás, e falou: 'quando você chegar em casa você leia'; então tinha

lá um endereço em que ela queria se encontrar comi go; eu fui; ainda mal a conhecia...aí então ela me levou para o apartamento dela...que foi um negócio muito...que eu...sei lá, senti um troço assim, 'eu contra a cidade ((Megalópolis))', sabe; quer dizer, foi uma experiência...não deixa de ser uma experiên cia, mas não foi uma das melhores, porque eu notei que 'tava muito tenso. Deu para até chegar ao orgas mo, tudo bem, mas não...eu sei lá...foi uma necessi dade mais dela do que minha."

(20)

"Aí quando olhei pra o 'Cantinho' ((barzinho)) né... aí tinha uma menina; assim, bem triste, bem...sentada; aí eu falei: 'ah, agora eu vou dar uma cantada naquela meni na', aí o "J" falou: 'vai, sim, eu acho que você 'gã nha'. Aí subi, eu fui para a mesa, né; então, che guei lá...acho que...o álcool tirou um pouco a inibi ção, né; e falei: 'ôpa'.

'- Ôi'

Eu falei: 'o que é que 'tã havendo, que eu 'tô achando do você tão triste?'. Aí ela falou que era porque tã nha terminado o namoro(...). Aí eu falei: 'você 'tã a fim de dar uma voltinha?'

Aí ela: 'voltinha aonde?'

'- Não, por aí, somente andar.'

(...) Ela disse: 'é, vamos.'

Aí saímos andando...aí chegamos naquelas pedras ali ((ã beira mar)); nós paramos, queríamos ficar um pouquinho. Aí ficamos, começamos a bater papo, ela explicou toda a situação dela. Aí, veio 'aquela malícia', né; me veio aquela vontade, assim, de ter uma aventura com ela, de ter uma relação ((sexual)). Então, nos acariciamos, nos beijamos e tal, essas coisas; ela...repeliu um pouco, assim...Aí eu falei: 'tudo bem'. Saímos andando, continuamos andando, e quando chegamos aqui, já, nesses diques aí, na praia ((Bairro Novo, Olinda)), nós fomos lá pra ponta do dique, pra ficar mais à vontade, e começamos um papo assim...eu falei: 'bom, eu acho o seguinte, que eu vou em bora, porque, nem com minhas namoradas e tal, assim, elas se comportam como você está se comportando, muito fria'.

'- Vã não, calma, não sei o quê, e tal.'

Aí falei: 'então vamos descer, aí na areia'; aí nós descemos e...tirei a roupa dela e tal...foi um alto 'encontro sexual', né. E ela me deixou o endereço, e tudo o mais; mas eu...veio aquela coisa...assim, de...compromisso, entende...Inclusive nós marcamos um lugar, para nos encontrarmos, assim...na quarta-fei ra, e isso tinha sido no sábado; e eu não fui, né, na quarta-feira. Encontrei com ela, outras vezes, na feirinha, e sempre tive, aquele tratamento assim... 'opa'...ela se aproximou e eu fiquei 'frio', sabe. Lembrando que eu não queria ter compromisso, né."

(21)

'Frieza', eis a palavra mágica para pressionar uma garota recém-conhecida a aceitar o desafio de viver a experiên cia de uma relação sexual. Ele arrisca: 'vou embora, porque, nem com minhas namoraças (...) elas se comportam como você está se comportando, muito fria'.

Percebe-se, por outro lado, que as namoradas têm o direito a se comportar com 'frieza'; não seria isso prescrito como comportamento esperado, dentro do papel que devem desempenhar como 'moças direitas'?

Com uma garota com quem se viveu um programa, uma aventura sexual, o jovem se recusa a ter compromisso: 'ela se aproximou e eu fiquei 'frio', sabe. Lembrando que eu não queria ter compromisso'.

O fenômeno da 'pedagogia do silêncio' não é privilégio dos rapazes; tudo indica que também a jovem vive sob o mesmo regime. Decerto suas opções de amizades, de grupos e de autodidatismo são bem menores que aquelas deles. Pode, por vezes, ocorrer aquela mesma explosão de 'necessidade' sexual na jovem, que a levará ao coito puro e simples; devemos reconhecer que estamos diante de um 'desejo' tão legítimo (ou ilegítimo) quanto o do jovem; só que nesse caso, devido às pressões sociais latentes, "é-lhes proibido comentar"; eis o relato:

*"Eu conheço uma menina que é noiva, e durante quase toda a vida ela só teve esse cara. Nós sempre conversávamos bastante e ela tem uns 24 anos. Uma bela noite saímos para um barzinho, eu e ela, um parente dela e um amigo. Eu sei que nós tomamos muita 'cana' e ela e eu fomos dormir no carro. Não sei como começou mas o que eu me lembro era que nós estávamos agarrados, foi muito bom pois ela também não tinha 'frescura', essa transa ficou por essa noite e mais umas duas noites, um mês depois, aproximadamente (estas últimas, mais premeditadas).*

*Também teve outra transa parecida com essa mas só que essa não era noiva; começou numa festa de muita cachaça e voltamos a repetir o evento algumas vezes depois. Acontece que ((com)) essas duas meninas, nós passávamos a noite junto ((s)) e no outro dia, tudo bem, como se não tivesse ocorrido nada. Havia de certa forma um interesse de ambos ((em)) que os colegas não ficasse ((m)) sabendo de nada."*

(22)

*"Aí eu marquei com ela e fomos (ã tardinha) lá para o ((quase-bosque)) que tem lá (...). E eu acho que ela era muito mais experiente que eu; era ((de uma capital do Sul do País)); muito mais velha. Aí começou aquele negócio todo, num agarrado... Perguntei a ela se ela topava um 'negócio sério mesmo' (eu falando*

isso, morrendo de medo; acanhado), aí ela: 'topo!' ...Eu com medo de 'chiar' e depois até 'pegar mal' ((ficar mal falado)) pra mim, aí, na hora, perdi a cabeça, nem liguei pra consequência nem nada...aí eu, morrendo de medo...ela não 'tava nem aí! (( consumaram o coito)). Depois eu passei um bocado de tempo sem falar com ela; com medo que tivesse alguma coisa ((defloramento)), né. Tinha dúvida, não sabia se ela era virgem...mas eu acho que não, né. Mas eu tinha medo; o pessoal perguntava e eu não dizia nada. Até que eu me afastei dela. Ela saiu do colégio, foi pra outro. Aí perdi todo o contato; aí eu disse pra mim : graças a Deus!" (23)

Amigos, isolados ou em grupo, estimulam, preparam, orientam, impelem, e acompanham o jovem 'debutante' para a prática do coito. Note-se que o companheirismo, nesse período da vida, reveste-se de grande importância para o jovem.

Hã experiências de iniciação que trazem consigo um sabor extraordinário de aventura; sempre presente aí, estão as figuras, procuradas, da empregada doméstica e da chamada prostituta. Eis dois relatos pormenorizados:

"Jã tinha mais ou menos 15 ou 16 anos quando consegui 'tirar o queijo'. Estava com um colega em ((bairro, localidade)) na calçada de minha casa, e do outro lado ((da rua)) ficava um ((determinado estabelecimento de comércio de alimentos)). Nesse ((estabelecimento)) eles entregavam ((um certo gênero)) aos pobres que faziam fila para recebê-lo. Foi exatamente num desses dias em que estávamos sentados na calçada, chupando cana. Na fila, havia uma empregada 'peniqueira', que nos olhou do outro lado e pediu um pedaço de cana. Meu amigo respondeu-lhe dizendo que ela chegasse mais perto. Depois de muitos pedidos ela acabou se chegando, e naquela brincadeira de chupar cana, meu colega disse que na garagem havia muito mais cana. Relutei um pouco, com medo da situação, ou ((temendo)) que papai chegasse. Entramos pelo portão da garagem e começou um agarra-agarra incrível, ela gostando muito daquilo e eu mais ainda. Meu colega acabou tirando a saia dela - o que me deixou doído - agarrei 'ela' por detrás e ele na frente. À essa altura ela já estava sem roupa nenhuma e eu continuava atrás segurando em seus peitos. Foi quando ela reclamou 'dos dois', e me afastei deixando ele 'pegar' ela primeiro, já deitados no chão. Eu já estava ficando doído, quando ele se levantou e me deitou sobre ela; já tinha tido um 'gozo' ((fora)), e logo que penetrei nela, gozei de novo. Foi realmente uma experiência fantástica." (24)

"A gente combinou 'de' ir pra um bordel desses aí, né, um negócio desses. Assim foi a minha primeira experiência ((sexual)), né; cheguei lá, aquela inexperiência toda, né, tinha gente mais experiente lá, né. Pronto; foi a minha primeira experiência. Também não foi muito positivo não, em termos de experiência; na época foi bom, né; foi bom, tal, aquele negócio (...) Inclusive foi uma experiência que não foi muito válida porque eu achei um negócio muito assim... muito forçado, sabe como é (?); inclusive também o ambiente não me agradou muito.

Quanto à primeira relação sexual, completa... eu... bom, dá pra contar mais detalhado. Bom, eu sei daqui, e a gente foi pra lá; chegando lá na ((rua da)) Palma... até, aquela escadinha, a gente subiu... então eu entrei, né. Já não me agradou muito, o ambiente; eu fiquei meio assim... quer dizer, eu inexperiente, né, nunca tinha visto um ambiente daquele... figuras estranhas; então tinha medo de 'tar ali; certo. Tinha medo assim, sei lá, uma confusão ali, porque as caras ((semblantes)) mais estranhas, eu vi (...).

Me sentei lá num sofazinho, num canto meio escuro ... chega uma mulher junto e... a gente procurando 'tirar uma de homenzinho' e... vamos dizer... eu aqui, meu primo assim mais à frente, e eu sempre olhando pra ele, né; ele já 'tava acostumado, já tinha ido mais vezes... aí ele subiu, né... quando ele foi, aí eu ((com outra mulher)) fui 'atrás'... e a gente foi pro quarto, né... mas eu... vendo aquela mulher ali, era... não sabia nem direito o que fazer. Então, tiramos a roupa, ela já estava sem roupa... subimos na cama ... ela, muito experiente, né, e eu assim meio... medroso, e tal, mas ela conseguiu me botar à vontade, vamos dizer assim. E... mantivemos relações. Quando terminado, vamos dizer assim, quando eu tinha me animado... foi quando eu tive relação mesmo, fiquei assim, à vontade... logo depois, quando eu comecei... ((a)) me sentir mais à vontade, então, foi aquele negócio, vamos dizer, aquele negócio bem 'mercado' mesmo, vamos dizer assim... bom agora o negócio...

'- Vem pra cá'.

Tinha um chuveirinho, assim, num canto do quarto, ela se lavou, me lavou... e só assim, sem dizer nada ... em todo esse período praticamente não disse nada ... é... nos vestimos, e ela: 'o dinheiro agora'... Negócio difícil danado. E, depois me botou pra fora do quarto e tal... e...: 'vamos lá... vamos! ((saíndo!))'. Aí eu achei um negócio muito assim... sem graça... assim ... quer dizer, eu gostei, porque eu tinha feito 'aquele' negócio ((mantido relações sexuais com uma mulher)), entendeu; inclusive na hora eu fiquei... já lido com experiência... na hora eu 'tava era contente com aquilo... um mistério, aquele negócio... E poder dizer a todo mundo que eu tinha ido. Não fui mais vezes porque... não 'tava muito bem de dinheiro." (25)

O característico ambiente de prostíbulo, decerto não agrada ao jovem, é uma coisa que ele frisa diversas vezes; trata-se de uma afirmação apresentada por outros jovens, em outros

trechos de depoimentos. O aspecto comercial, "aquele negócio bem 'mercado' mesmo", desagrada o jovem; por outro lado, o medo acompanha o jovem que se depara pela primeira vez com o ambiente de bordel; "tinha medo de 'tar ali; certo? Tinha medo as sim...uma confusão ali (...)".

Mesmo em meio à natureza, surge a inibição do iniciante, especialmente se este tiver que se expor, despido, em meio a um grupo nudista. A iniciação a seguir, nos dá a idéia de uma série de 'inaugurações' (iniciações específicas) na vida do jovem:

*"Despertando mais a libido, o desejo...como as meninas da ((localidade)) não fazem isso, passei a procurar as prostitutas. Então, o meu primeiro ato sexual mesmo ((côpula)) foi numa cidadezinha...numa festa religiosa do padroeiro de lá, eu fui pra lá, pra casa de uns primos (...)*

*E a turma((prostitutas e frequentadores)) tomava banho ((ao ar livre)): todo mundo pelado; inclusive mulheres; eu nunca tinha visto uma mulher nua até então. Por isso fiquei altamente excitado e tive vergonha de ir tomar banho. No meio das mulheres me agradei de uma lourinha lá, bastante nova. Falei pra um primo meu; ele foi lá e a chamou pra vir falar comigo; ela se vestiu e veio. Combinamos não ir pra um quarto e sim para o mato: um colchão de folhas. Ela tirou a roupa e eu timidamente passei à ação. Falei que era a primeira vez e ela me ajudou. Dessa vez eu gostei realmente, apesar do nervosismo. Depois tentei pagar e ela não queria, embora precisasse...receberia, ao final.".*

(26)

Vemos aqui um jovem que pela primeira vez vai a um prostíbulo; pela primeira vez chega a ver uma mulher (várias ) nua; pela primeira vez, também realiza a côpula. É interessante notar que o estímulo visual constituído pelo grupo (feminino) nudista que se banhava, provocou no rapaz tamanha excitação que ele teve vergonha de ir tomar banho como todos: foi também a primeira vez que ele presenciou espetáculo coletivo do gênero . De todos os jovens entrevistados, ele foi um dos dois únicos rapazes que se dispôs a revelar à prostituta que o servia, que se tratava da sua primeira relação sexual; ambos receberam

efetiva ajuda por parte delas.

Apesar da boa vontade dos amigos, para alguns jovens podem surgir problemas. A sensibilidade mais refinada dos jovens dos dois relatos a seguir, denota a exigência que tinham de que o exercício sexual encerrasse sentimentos e relacionamento interpessoal mais elevados:

"Bem; minha vida sexual, como a de todos os jovens ...iniciou-se por volta de 13-14 anos. (...) ((Com)) Amigos, nós vamos à chamada zona(...) A primeira vez que fui foi no ((estabelecimento "B")); me senti, assim, logo que cheguei, um pouco inibido, pelo próprio ambiente. É! Aí, como sempre, chega uma garota, tomamos uma dose, conversamos, acertamos o preço, e... 'transamos', certo?! Pra ser sincero, eu não gosto; quer dizer...você pode estranhar eu dizer que não gosto...no decorrer da narrativa você vai ver que a maioria das vezes que eu tive relações ((sexuais)), foi justamente, pode não ser em 'zona', mas sempre, tem dinheiro no meio (...) 'comercialmente' ... dá dinheiro a ela. E...apesar de que eu não me sinto bem com isso, mas acho que é o corriqueiro; é, mesmo que você seja...não tem outro caminho, tem que seguir esse caminho." (27)

"((Envolvido e quase forçado pelo grupo que o acompanhou ao prostíbulo)) Um foi pra um canto com uma menina ((no prostíbulo))...saiu depois, acho que pro quarto...o outro ((colega)) com outra...e eu, também, fiquei na mesa e tal, com uma 'namorada'...a menina que 'pintou' e ficou 'ao seu lado' (...) Na hora... não imaginava...não queria assim, a coisa... A coisa ... 'tava surgindo...embora, não 'tava ((ele)) a fim de coisíssima nenhuma; até o ponto ((em)) que a gente tem o compromisso - isso aí eu acho incrível, né - de ir pro quarto com a distinta. Eu começo a ir pra um canto do prostíbulo...contar quanto tenho de dinheiro...o quarto nesse local era oito ou dez cruzeiros...eu tinha cinco cruzeiros...não dava pra pagar o quarto. E a escassez de dinheiro existia na quela época. Então eu expliquei isso pra menina..." (28)

Há jovens que, embora estando ainda bastante desinformados, têm a sorte de, ao procurar uma "profissional" do sexo, encontrar nela, além de uma 'prestadora de serviços', uma 'pedagoga' disponível, uma especialista em matéria de exercício sexual:

"Que eu me lembre...de '74 pra cá, faz mais ou menos uns oito anos ((que houve a iniciação sexual)). Se te-oito anos (...)

((Com um grupo de mais quatro amigos, todos 'debutantes', foi ao baixo meretrício)). '- Você vai ter que me explicar...eu não sei nada.'

Ela começou a tirar a roupa...

'- Eu deito e você deita por cima de mim...depois eu vou explicando; o pênis vai endurecer. Você vai em purrar o pênis até sentir que tá bom.'

((Após ter feito isso...)) '- Não sei se tá.'

(( Ela )) '- Enfiando e tirando, enfiando e tirando...'

'- Pra que?'

'- Você vai ver.'

((Após tudo concluído)) Eu já ia embora...e ela: 'não vá, calma; você pode ir ((aproveitando)) mais, se quiser.'

'- Não, já tá bom.'

Depois da primeira ((relação sexual)), o cara fica meio doido pra ter 'outra' (...)

Pra segunda relação ((sexual)) acontecer, demorou muito tempo: uns seis meses." (29)

## 2. A AÇÃO PEDAGÓGICA DA EXPERIÊNCIA

### 2.1. CASADAS E DESCASADAS, INOVADORAS: firmeza na valorização da vida sexual, condição de "especialistas" no assunto.

Pode-se reservar uma apreciação específica para as mulheres casadas e descasadas, no relacionamento que as mesmas tiveram com os jovens. Pareceria justo reconhecer o seu papel como o de 'pedagogas', especialistas em vivência sexual, pois, seu trabalho junto aos jovens com que elas estiveram em contato, serviu para levá-los a realizar aprendizagens importantes, tais como: valorizar o afeto, vincular os sentimentos afetivos à sexualidade, falar abertamente acerca das experiências sexuais do presente e de seus eventuais problemas, libertar as suas mentes de moralismos tradicionais supostamente infundados, deixá-los - durante as ações - descontraídos, distensionados e livres de angústias supérfluas e de sentimentos de culpa inúteis e nocivos. Obviamente trata-se de mulheres de um estilo inovador; foi com essas mulheres casadas e descasadas (separadas, 'desquitadas'), as quais buscavam um relacionamento humano prazeroso, satisfatório, que os nossos entrevistados tiveram oportunidade de ter contato íntimo; nenhum deles, em momento algum, citou qualquer experiência negativa devido à postura comportamental dessas parceiras; graças a elas, eles puderam experienciar um diálogo franco e aberto acerca do seu exercício sexual; elas demonstraram-se capazes de uma ação cheia de firmeza e serenidade, isenta de moralismo puritano e de incoe

rências tradicionais. Enfim, elas foram responsáveis pela melhor ou por uma das melhores experiências sexuais que os jovens relataram ter vivido. Eis os discursos deles:

"(...) (Ela) fazia mestrado (...) A gente começou a sair, conversar; ela, apesar de nova (uns dois anos mais velha 'do' que eu, tinha uns 23-24 anos), já tinha casado e, com X meses, se separado. (( Isso na cidade dela; ela era sulista )) (...) Veio pra cá (( Recife-Olinda)) e nós saímos, nos encontramos, tal ...e, mantivemos relações. E aí foi um negócio que pra mim, vamos dizer assim, foi a melhor relação que eu já tive, em termos gerais, em termos completos, assim, completos; inclusive, a gente ficou gostando um do outro... não deu certo mesmo porque ela morava ((na cidade 'Y', no Sul))... e tal; inclusive a gente chegou a discutir o fato de a gente poder morar juntos (...) E foi, em termos de relacionamento, foi a melhor coisa, o melhor relacionamento que eu tive; em termos de entendimentos gerais; relação sexual... foi incrível! Sei que foi o negócio mais completo, diferente, muito diferente, até mesmo em relação ao caso que tive ((prolongado, com uma namorada)); foi muito diferente, foi o negócio mais completo. (...) A relação sexual veio como consequência de um relacionamento mais profundo mesmo, de amizade, assim. É muito diferente de a gente ir pra um programa especialmente pra ter 'relação'. (...) ((Depois que ela se foi)) Comecei a sentir falta, da quilo que eu tinha sentido, né; dessa menina assim, das férias. E pensava até em ir pra lá e tal, esse negócio. Mas, realmente... não dava, de jeito nenhum, porque... o estudo, tal, ia ser assim... sei lá... não sei se a cabeça não dava ou é medo de... de... de... de entrar, de tentar uma aventura, de deixar as coisas por aqui e tudo o mais." (30)

Este primeiro depoimento, assim como mais três dos que vêm quase em seguida, mostra a figura da mulher pertencente a um outro "habitat", a uma outra subcultura que não a do jovem recifense. Há decerto uma maior facilidade de encontro entre o jovem e a mulher que se encontra nessa circunstância (ou entre a mulher e o jovem), e há toda uma riqueza de relacionamento, sexual ou não, todo um estilo de ser, bastante despojado de preconceitos sexuais comuns, toda uma maneira de pensar no estilo 'cabeça aberta', e isso, de alguma forma se transmite para o comportamento do jovem. Frisamos que, nos dados dessa pesquisa,

em grande parte, as descasadas, e as casadas em busca de reali-  
zação mais satisfatória, são pessoas amadurecidas, próximas à  
casa dos 30 anos de idade, 'especialistas' em assuntos sexuais, pro-  
venientes, em sua maior parte, de uma subcultura extra-recifen-  
se - geralmente, de metrópoles do sul do país - , e  
cujo encontro com o jovem se deu, quer em sua cidade de origem,  
quer na Região Metropolitana do Recife.

As experiências com mulheres inovadoras, continuam;  
seguem-se os depoimentos a respeito:

"((Relações íntimas com uma jovem quase de sua idade,  
desquitada)) (...) Tive. E assim, é o que eu digo,  
uma coisa bem mais gostosa, né, muito mais legal..." (31)

"Até um dia em que conheci uma menina, que era casa-  
sada, tinha três filhos... 'tava em crises com o mã-  
rido; já tinham se separado e voltado. Ela tinha muí-  
ta experiência de vida. E eu 'tava na mira ((dela)).  
Cheguei ao ponto de me envolver demais com essa figu-  
ra, a ponto de tomar a responsabilidade com os fi-  
lhos dela. E pra ela isso foi bom. Nós chegamos real-  
mente a...relacionar, sexualmente, a transar e tal...  
Muito bonita interiormente...valores bons...E a di-  
ficuldade aí...eu não conseguia satisfazer, sexualmen-  
te, plenamente, ((a)) ela...porque eu estava tendo já  
culações precoces...não sei a que se deve isso...ques-  
tionei, talvez...por algum tempo eu ter deixado (( de  
lado)) a minha sexualidade...não pintou e não era  
obrigação ter que dar produção. Ela ((a garota)) não  
chegava ao orgasmo; eu sentia, mas ela não...a dura-  
ção aí era muito pequena. Ela expunha isso pra mim.  
Por vezes eu me sentia culpado...mas eu estava 'lon-  
ge' de tudo. Até o ponto de...eu resolvi vir pra Recí-  
fe e ela querer vir, vir morar aqui e tal...mas 'que'  
não deu...Nós nos correspondemos por muito tempo ...  
((ela era de uma capital do Sul do País))." (32)

Pelo menos dois entrevistados desta pesquisa quei-  
xaram-se de problemas de ejaculação precoce. Este, do depoimen-  
to precedente, foi atingido por essa disfunção apenas temporá-  
ria, num período de longa "convalescença afetiva" pelo qual pas-  
sou; justamente nesse ínterim, teve oportunidade de viver com  
uma descasada, e, apesar de não conseguir satisfazê-la sexualmen-  
te, teve chances de dialogar a respeito.

Prosseguem os depoimentos acerca de experiências com mulheres inovadoras:

"Depois, com o tempo, eu conheci uma menina... uma ((sulista)) que veio do ((tal Estado)) para cá ... muito amadurecida...conviveu amigavelmente com um homem...antes de vir pra cá (...).Ela tem uma 'cabeça' ...muito bonita. Tem uma 'cabeça' assim em relação a esse negócio de sexo, muito bonita...eu achei bonito mesmo...foi assim a minha primeira relação sexual propriamente dita; bonito, porque eu achei bom mesmo : sem preconceito, sem frescura, nada. Bem rica ((a relação)) mesmo. Quando eu tive esse relacionamento com ela, eu não me abri...foi um relacionamento sexual , assim, de dois dias só. Eu cheguei a fazer sexo oral com ela, ela chegou a fazer ((sexo oral)) comigo; uma coisa bem espontânea...sem preconceito. Comecei a sentir um amor por ela. Eu namorava com outra, a menina ((a atual)). A sulista pra mim foi uma desco**berta**..."

(33)

Tanto o depoimento precedente como o seguinte, mostram pormenores acerca da riqueza e do descontraimento do repertório de ações e experiências sexuais vividas pelo jovem em parceria com uma mulher experiente (descasada ou casada, inovadoras). É interessante notar que a ação que mereceu maior destaque, entre as diversas e variadas vivências inovadoras da relação sexual, foi exatamente a realização de sexo oral, quer pela cunilíngua quer pela felação.

Para o jovem do depoimento que se segue, seu êxito em relação a sexo deveu-se ao fato de ele ter encontrado, quase sempre, em seus contatos mais profundos, pessoas maduras e preparadas em relação a esse aspecto; dentre essas pessoas, pelos menos duas casadas inovadoras.

"Então, um outro parente dela, me convidou pra passar uma temporada lá no apartamento dele...eu fui ((cidade do Sul do país)). Ele trabalhava na ((grande empresa)). Ele saía de manhã e chegava à noite. Ele é casado; tem ((alguns)) filhos, pequenininhos, um(...). Na casa, residia também uma jovem parente(...). Todos saíam (trabalho, escola) e a esposa dele sem pre ficava, colocando música, e ficava dançando só(...)"

Eu falei: 'acho que ele não vai ficar com raiva se a gente ficar dançando; não, né?'.  
 '- Acho que não.'

'- Tudo bem, vamos dançar'.

Eu comecei a dançar com a esposa dele, quase todos os dias. Já estava perto de voltar, estava escrevendo uma carta avisando quando retornaria, etc., quando ela coloca a música de ((Julio Iglesias))...que fala em mala-maleta-viagem; ela tinha esse disco lá, na faixa dessa música...de repente, parei de escrever e fixei o olhar nela (com outras intenções, eroticamente), aquilo me excitou. Ela olhou pra mim, assim, e parou ali; continuei a escrever. No outro dia saímos, ela foi à sapataria e me convidou 'vamos comigo'; o rapaz atendendo ((a)) ela e ela sempre olhando pra mim...e eu: 'será que eu fiz alguma coisa de errado?' Então ela voltou-se pra mim e disse: 'por que você olhou pra mim, daquele jeito, ontem...naquela hora ((em)) que eu botei a música (?)'.

'- Foi, eu olhei diferente pra você. Por que? Porque eu tive vontade. Porque eu 'te' admiro muito... fisicamente, sua maneira de ser, seu jeito, seu corpo... me dá desejos.' Ela não disse nada. 'Passou-se' dois dias; eu fiquei com medo; 'será que a mulher ficou com raiva de mim por causa disso?' (...) Nós fomos à praia: eu, ela; os ((seus)) filhos pequenos, o namorado da parente...e a parente. De repente ela me convidou para sairmos andando a sós na praia...ela disse para o namorado da parente que ficasse com as crianças que ela ia me mostrar a praia. De repente, na praia, tinha uma curva...saímos andando... após a curva, ela prontamente me agarrou e me beijou. Aí eu pensei: 'essa é a resposta porque ela ficou calada daquele tempo todo; estava esperando um lugar apropriado pra isso.' No outro dia, quando o marido dela saiu ela disse ((para o jovem)): 'você toma o ônibus ((nº tal)) e vai lá para a ((localidade tal, bairro tal))...lugar solitário...salte no terminal do ônibus, eu estarei lá; ela disse ((em casa)): 'eu vou fazer umas compras'. E eu ((disse ao pessoal de casa)): 'vou sair, vou passear na cidade'. Me encontrarei lá...entramos num motel...eu com muito medo...na porta do motel, ela disse: 'vamos entrar'.

'- Vamos (...) Foi quando eu notei que algo 'tava me excitando muito...talvez fosse porque ela fosse casada...Aí fomos...aí foi quando eu inovei, em termos de relação, uma coisa: o uso da boca. Aí estava outra barreira...eu não tinha coragem, mas de jeito nenhum...às vezes pensava nisso mas achava 'falta de higiene', achava meio repugnante...mas de repente, nesse dia...comecei então a usar a minha boca nela toda...comecei pelos seios...fui descendo, descendo, até que cheguei 'lá', naturalmente. O negócio se repetiu com ela, umas quatro vezes ainda...e eu sempre usando a boca.

Refleti sobre a série de inovações, espontâneas, ocasionalmente. Quando eu voltei de lá ((para o Recife)), eu voltei com o pensamento completamente diferente...

Com ela, continuei, lá; e parece que aquilo me deixou doido...a ela também. Antes de haver penetração entre mim e ela, eu atingia meu auge...e ela também; dei um

espaço de tempo; eu tive uma relação normal com ela. Parece que aquele primeiro dia me deu uma força incrível. Em casa, ficava com medo de olhar pra ela e de me trair. O marido dela em casa... De vez em quando eu notava, quando ele bobeava no olhar ela ficava sempre fixa em mim. (...)

Pior... a parente ((dela)) me interrogou: 'o que eu achava da ((fulana))?'

'- Acho uma pessoa ótima'.

'- Tem certeza de que você não está ligado demais na minha ((parente))?'

'- Não...'

Quando cheguei em casa eu disse ((isso)) à fulana ((dona da casa)). O pior: eu estava dizendo isso a ela, na cozinha da casa dela quando, de repente chega a ((tal)) parente dela... e então ela: 'sabe que você tinha razão, ((beltrana)); esse garoto 'tá ligado em mim...' Aí me pegou e me deu um beijo (...). Ela me dando o beijo, e eu assim, tremendo de medo... ('se essa garota disser isso pra o parente dela ((dono da casa))...').

Durante ainda esses dias ((em)) que eu estive, lá o esposo dela teve que ((viajar pra longe)) pra resolver um problema da empresa... aí fiquei três noites, só, com ela. Dormimos num tapete lá da casa dela, parece que foi mais emocionante. E a parente dela disse... 'faço questão de dormir aqui também'. E eu com medo de dar início a qualquer coisa... 'essa garota quer pegar a gente em flagrante...' Pois a ((dona da casa)) disse: 'não tem problema; se quer dormir aí então que veja tudo'...

Então eu tive relação assim com ela, sem nada... e a parente assim, na poltrona, fazendo que estava dormindo (...)

'- Ô fulana, o que é que a senhora 'tava fazendo com fulano, que ele estava tão eufórico, ontem à noite(?)! - Isto, porque eu costumo falar, quando do prazer da relação sexual.

A parente, pois, insinuou que a ((dona da casa)) me usou... e de fato ela me trabalhou com a boca e eu estava em alto auge. (...)

Ela foi a única pessoa, ((com)) que eu usei, de boca, no relacionamento, até agora. E eu notava outra coisa: ((ela)) era asseadíssima; sempre ia ao médico... exigia limpeza corporal de todos (...)

Eu acho que esse aí foi o ato em que eu tive relação sexual completa.

Inclusive, nesse dia em que eu tive relação com ela, ela tentou ((ter relação anal)) de costas, né... eu disse: 'não, eu prefiro do mesmo jeito em que nós estamos...' Continuamos. Ela era muito bem preparada. Foi isso o que mais ou menos me fez ter sucesso: encontrar pessoas preparadas em relação ao sexo.

Após o ato, eu costumo continuar com conversa, carícias... Essa esposa de fulano gostava disso. Ela já estava saturada por causa do seguinte: o esposo dela vinha de noite, tinha a relação, saía pro banheiro, tomava banho, mergulhava na cama, se virava pro outro lado e... (...)

Adoro streep-tease. (...) Numa das noites ((em)) que eu fiquei a sós com fulana ((casada)), ela fez uma espécie de streep-tease pra mim lá... colocou uma música bem lenta e... começou a se despir, assim bem sensualmente... aquilo me deixou...!

Essa experiência ((da cidade do Sul)), com essa se  
nhora, foi altamente satisfatória; eu me realizei por  
completo nesse dia. Foi marcante pra mim; em relação  
a todas: desde a primeira até essa. Parece que, de  
tudo eu fiz um pouquinho; e ela sempre correspondeu  
...o bom foi isso...

Depois nós conversamos sobre o que fizemos, as coi  
sas, como fizemos, porque fizemos...sem pôr nenhum  
preconceito...tudo bem natural, tudo bem liberal. ((Is  
so)) Me faz fascinar (cada vez que eu tenho relação  
com alguém) pelo sexo.

Essa pessoa ((da cidade do Sul)), tinha 30 anos(...)  
Muita maturidade.

Parece que eu tenho tendência a procurar, em geral,  
pessoas de mais idade... as jovens (17, 18 anos)  
que me procuram...sinto mais vazio, por parte delas.  
A vida dela ((a sulista)) com o marido, não era mui  
to legal: discutiam.

Ela escreveu pra mim várias cartas, com um pseudô  
nimo YZ. Por vezes chamo, inconscientemente, outras  
meninas, de YZ."

(34)

"Relacionamento com pessoas casadas. Tive a primei  
ra vez, com a mulher de um amigo meu. Ela morava em  
frente à minha casa. O marido dela era amigo meu. Sem  
pre notava ((o jovem)) que ela olhava pra mim com  
outros olhares.

As maiores ((ligações afetivo-sexuais)) foram jus  
tamente aquelas com as pessoas que moravam sempre per  
to de mim.

Quando eu voltava pra casa, à noite, saltei do ôni  
bus, vinha pela praça, quando vejo 'ela' lá, tomando  
o ônibus...ela me disse: 'vou a tal lugar'(...)

'- Vai a tal lugar, hoje à noite... e seu marido(?)'  
(...)

'- Ele saiu...não 'tã nem ligando.'

'- Se quiser ter uma prosa, eu vou ao bar, tomar uma  
cerveja (sempre gostei, desde pequeno); por que você  
não vai comigo, me acompanha (?)'.

Ela disse: 'vou sim'...Tomando a cerveja, ela insi  
nuando as coisas: 'já pensou se nós fôssemos namo  
rados...já pensou se estivéssemos ficando noivos, o  
que é que você acharia (?); o que é que você diria se  
eu 'te' pedisse pra gente brincar de namorado, agora  
(?)' Aí eu disse: 'a gente seria e pronto'; eu per  
guntei: 'e o seu marido (?)'.

Ela: 'vamos esquecer isso, faz de conta que não exis  
te'. E eu fiquei meio preocupado... 'se o cara passa  
aquí, de repente, e me vê com a mulher dele num bar  
...' (eu com 14 anos). Fomos sentar na praça e ela  
propôs ficarmos no banco mais escondido da praça.  
Brincar. Foi ela que deu partida...começando a me  
acariciar, a circundar meus lábios com os dedos dela  
...e isso começou a despertar meu sexo. E a resposta:

'já que ela está me acariciando, vou acariciá-la tam  
bém'; comecei beijando-a, depois passei a acariciar  
os seios dela... e continuamos a seqüência. Então ela  
me disse 'o que...' (o que eu ia dizer se ela se en  
tregasse pra mim naquela hora); eu: 'ótimo! muito  
bom!; teria medo, mas ótimo.' Então ela disse: 'vamos  
...agora.' E fomos, em plena praça, praça do (('M'));  
na murada da igreja. E eu disse: 'aqui? Mas tem lu  
gar pra gente ir'. Ela disse: 'não; mas eu quero aqui,

*eu preciso que seja aqui, agora.' '- Mas por que?' E foi; foi um negócio meio engendrado, meio doido... Isso tudo começou a me influenciar, e a dar uma ansiedade, pra mudar de lugar ((de residência)). Ela depois mudou-se e foi morar em ((bairro "Z")).... e me deu o endereço dela pra eu ir lá...mas eu não fui não. Havia um parente dela...que vivia com ela;eu tive medo que ele desconfiasse."* (35)

Ao concluirmos esta série de relatos, poderia parecer, à primeira vista, que cabe às mulheres casadas e descasadas - inovadoras -, a tarefa pedagógica maior, de esclarecer o jovem acerca dos assuntos da sexualidade. No entanto é preciso refletir mais profundamente, sobre a sua ligação com o jovem. É preciso lembrar que, as mesmas, em tese, tratam-se de pessoas vitimadas pela mentalidade 'machista' de seus parceiros precedentes; para livrar-se da reificação, da 'objetização' a que foram submetidas por tal 'machismo', elas partem em busca - e talvez tenham razões de sobra para o fazer - de uma nova parceria, que preencha a mágoa e o vazio de sua ligação anterior, decerto insatisfatória. Ao que parece, o modo de procurar essa nova parceria é bastante desordenado, aleatório e irrefletido.

É provável que elas, por sua vez, transformem a figura desse novo parceiro, em trampolim útil à realização de suas aspirações afetivo-sexuais; mesmo fugindo à relação original em que elas foram talvez simples objeto de prazer do homem precedente, ao se ligarem ao jovem, elas provavelmente o transformam em objeto ao seu dispor. Decerto, os jovens, por seu turno, têm tudo para considerá-las, também, objeto sexual: são encontradas vantagens em tê-las por parceiras, e nenhuma desvantagem, nenhum compromisso: donas de si, experientes, disponíveis, responsáveis, sigilosas, entendidas sobre gravidez, asseadas, saudáveis, eficientes, etc. Isso significa que, as tradicionais relações de injustiça do 'machismo', persistem embora disfarçadas, manifestando-se bilateralmente, mesmo através dessas novas ligações com casadas e descasadas - inovadoras. Apesar da grande

contribuição que tais mulheres dão à educação afetivo-sexual do jovem, devemos reconhecer que não se trata de pedagogas redentoras da desorientação sexual do rapaz e sim, apenas de simples preenchedoras, ocasionais, dos grandes vazios educacionais, deixados pelos genitores do jovem, no campo sexual.

## 2.2 - EXPERIÊNCIAS DIVERSAS: as 'profissionais', as 'amadoras' do sexo e as 'meninas de família'.

Após a iniciação sexual, o jovem continua a busca de descobrir os mistérios daquele aspecto da vida humana, a sexualidade, sobre o qual todos os adultos silenciam, inclusive, regra geral, seus próprios pais. Muitas são as pessoas que partilham dessas ações sexuais do jovem. No item 2.1, precedente, já falamos das 'especialistas' em sexo: as casadas e descasadas, inovadoras. No presente sub-título teremos acesso a diversificadas experiências dos jovens, seja com 'meninas de família' (garotas do mesmo nível sócio-econômico), seja com as 'amadoras' do sexo (criadas, empregadas domésticas e meninas de programa), seja ainda, com as 'profissionais', as chamadas prostitutas.

Começemos pelas experiências bem características que alguns jovens apresentaram:

*"Eu já encontrei mulheres que gostam de transar no meio do asfalto... incrível, né! A gente sempre procura um campo onde não tenha ninguém.*

*Eu já tive uma menina, que eu tive um relacionamento sexual com ela, no quintal lá de casa, na garagem... a gente tinha dinheiro pra ir pra o motel, mas achei que devia ser feito ali, e ela também; a gente 'tava com uma vontade louca... foi ali mesmo.*

*Já fiz, com essa ((sulista)), dentro do carro... perto da feirinha do Fortim ((Olinda)). Eu tive um relacionamento no carro mesmo, virado pra praia; eu achei até melhor... achei mais gostoso. Eu já ((o)) tive assim, em cantos diferentes (...) no asfalto, numa avenida (...) lá em Pau Amarelo... uma menina de cabeça feita, que curtia essas coisas (...) altas horas da noite... ela disse que 'tava com vontade de fazer; a gente parou o carro assim, ficou ali*

*transando numa boa...a estrada era a que dava ((acesso)) pra Paulista...bem deserto...eu fiquei com bastante medo (de assalto).  
Um casal deve ter o relacionamento sexual, onde qu ser dentro de casa; não só na cama." (36)*

Como se deduz, pelo relato acima, o local para se manter uma relação sexual pode ser muito variável. Entre os fatores que determinam essa variabilidade, neste e em outros relatos, estão os seguintes: a 'cabeça' da menina, o fato de ter ou não ter carro disponível, o grau de liberdade de ir-e-vir da garota, a intensidade do apelo erótico da circunstância e ainda, a disponibilidade de dinheiro.

A partir da sua prática sexual em locais diversos, o jovem passa a questionar o monopólio da cama para esses assuntos.

As garotas do interior aparecem no relato a seguir:

*"Viajo...pelo interior de Pernambuco; diversas cidades. Sempre tenho relacionamento com meninas dessas cidades...O pensamento delas: a de Barreiros ((Litoral, extremo Sul)): 'o que acha dos que fumam droga...homossexualismo (?)'; resposta dela: 'eu não gosto de falar sobre isso, isso é coisa feia.' Sertânia (( Sertão, faixa inicial, Norte )): menina de 25 anos, que trabalhava no supermercado; à noite saímos, tivemos relacionamento sexual e depois eu perguntei sobre o nosso relacionamento. ' - Nada, não tenho nada pra falar', e isso em tom agressivo." (37)*

O que esse relato acaba de apresentar é exatamente um par de exemplos, ilustrativos da mentalidade vigente entre as garotas 'avanzadas' - pois se dispõem a fazer programa com um forasteiro - radicadas no interior do Estado de Pernambuco, habitantes de aglomerados urbanos dispersos em meio à zona rural, Barreiros e Sertânia. Em ambos os casos, a verbalização das garotas sugere que 'não se deva falar' acerca de assuntos da sexualidade ( temas candentes ) ou afins, embora seja aceita, na prática, a ação, a prática sexual. Tratar-se-á de um apren

dizado correto e coerente da 'Pedagogia do Silêncio', própria dos genitores da metrópole, mas muito mais rigorosa e amplamente usada pelos genitores interioranos?!

O relato a seguir mostra o aparecimento, no jovem, da necessidade de iniciar as práticas sexuais:

*"Antes de ter uma relação sexual com uma mulher aconteceram coisas interessantes comigo: por exemplo, minha primeira masturbação, por volta dos 14-15 anos. Foi nessa idade que eu comecei a sentir uma emoção diferente: quando via uma mulher de maiô na televisão, na praia, ou mesmo com os seios meio aparentes, me dava aquela vontade de agarrar, de apertar, de ver como era."* (38)

Apesar de não haver atuação explícita de amigos, e muito menos dos genitores, nos fatos deste último depoimento, percebe-se o desencadear de necessidades pessoais do jovem, visando obter satisfação sexual. O desabrochar sexual se faz presente. Por outro lado, os apelos da sociedade atual são, decerto, catalisadores de tais necessidades: a TV e a moda feminina têm seu peso.

No depoimento a seguir, vem à tona o significado do carro para o jovem sexualmente 'iniciado':

*"Quando ganhamos um carro, eu e meu irmão, comecei a economizar dinheiro de vez em quando para ir a motel. Me lembro que o primeiro motel foi o 'Olinda Praia Hotel' em Casa Caiada (ou Rio Doce), e que foi nessa ocasião a primeira vez que eu penetrei numa mulher por detrás ((ânus)), ((do)) que aliás gostei bastante ((isto, com uma menina de programa)). Acho que daí pra cá, não tenho muita coisa mais."* (39)

Nesta última narrativa bem como nas duas que se seguem, aparecem algumas considerações sobre o fato de dispor ou não de carro; ao que tudo indica, um automóvel permite ao jovem o acesso a motéis bem como a localidades onde ele sabe

que poderá encontrar mulheres disponíveis para ações que envolvem sexo. Além disso, como meio de transporte que é, se presta a deslocamentos até localidades mais desertas, onde o jovem e sua parceira possam entrar em intimidades, por vezes a céu aberto, sem grandes riscos de serem flagrados por terceiros. Ocasionalmente, o próprio carro pode se constituir em motel improvisado; um de nossos entrevistados apontou esse tipo de utilização de seu veículo, especificando que a sessão de intimidades ocorreu em frente ao mar, nas proximidades do Fortim, em Olinda.

Ao passar de experiência em experiência, de parceira em parceira, há sempre o risco de contrair doenças venéreas, o que se constitui em forte argumento para alguns pais, e em certo temor para alguns jovens, durante certo tempo.

Mas os jovens não param diante dessa barreira; alguns procuram contorná-la, como é o caso da narrativa a seguir, selecionando as parceiras, do melhor modo possível; outros, recorrendo a especialistas de saúde:

*"E aqui em Recife, além dessa namorada que eu tenho... que me satisfaz de uma certa forma... digo de uma certa forma porque o tempo é prolongado de um ato ((sexual)) pra outro ((a cada 2; 3 meses)). É lógico e evidente que nesse ínterim... eu sinto necessidade. Então eu procuro... então eu não procuro cabarês nem as mulheres da vida. Um motivo é falta de carro e o outro motivo é falta de confiança higiênica... ((nas )) mulheres que existem aqui. Lá ((na cidade 'X', no Sul do país)) dava pra se perceber o grau de confiança que se podia ter nas mulheres... Aqui não; aqui nas 'zonas' que eu conheço, não merecem confiança higiênico-sanitária. Pela observação dessa higiene até hoje... nunca tive uma doença venérea. Aqui em Recife eu procuro evitar; então, pra me satisfazer, procuro as empregadas domésticas que existem por aqui ((local, bairro))... durante a noite. Tenho um pouco de receio..."* (40)

Dentre as diversas experiências, surge também aquela do grande susto, devido à suposição de ter contraído uma doença venérea. Isso demonstra insuficiência de informação acerca das

características, riscos, formas de contágio, precauções para evitar e tratamento adequado. Vejamos o relato a seguir:

"Aí comecei a ir aí por aquela orla ((marítima)) de Olinda... foi o tempo ((em)) que papai começou a me dar carro; 'ah, de carro agora...vai ser melhor'. Eu sempre encostava o carro por lá...ali perto do quartel, por ali. Tinha dia em que eu não 'arrumava' nada...mas...sempre...sempre aparecia, né! Até que um dia eu arrumei uma, que, eu tive a impressão que ela era doente; quer dizer, a princípio eu não notei nada. A gente saiu, foi pro Janga, uma praia deserta, não tinha ninguém (...) A mulher era daquelas mulheres, safadas mesmo, né, e tal...tal...tã; demoramos, demoramos, até que ela gritou...

'- Ai, não sei o quê... não sei o quê lá...'

'- O que?'

'- Eu queria dizer que eu tenho um problema com não sei o quê.'

Aí pronto...eu tremi nas bases; com medo de dizer em casa pra fazer algum exame...não tinha experiência nenhuma. Eu pensava que devia ter pego ... 'Eu vou procurar um médico'. E fui; isso faz uns sete meses." (41)

Ocorre, por vezes, deparar-se com problemas ou até mesmo com experiências negativas, tais como: ejaculação precoce, decepções e constrangimento dentro de prostíbulo:

"...E chegando lá ((no apartamento de "F", garota de boates)), nós começamos a transar e eu fiquei chateado porque eu tive o que se chama...gozei antes do tempo...antes de penetrar; antes de penetrar a vagina dela, eu gozei; se chama de ejaculação precoce, acho que é isso.

E já tinha acontecido uma vez, isso, em ((certa cidade de nordestina)), quero dizer, no ((prostíbulo de alto nível de lá)); motivo, das duas vezes, não sei, sinceramente não sei; e, tentei outra vez, no mesmo dia, com "F", na mesma noite, e, mais uma vez eu gozei rápido, e foi...mas já tinha colocado na vagina dela, mas foi muito rápido." (42)

"Não gosto de ir a esses lugares ((baixo meretrício)). Prefiro pessoas que eu conheço. Foi terrível: 'meu filho, termine logo, eu tenho que ganhar minha vida' ((isto é, seja breve)). Isso me marcou. Não vou mais a esses ambientes." (43)

"((Levado ao prostíbulo, quase forçado, por colegas)) Então, senta na mesa lá...quer se mostrar descontraído mas...na verdade não está. Então, as ditas prostitutas e que pra mim não ((0)) são (naquela época, pra mim, eram prostitutas), começam a sentar na mesa e querer fazer carinho. Na época ... 'tirar o queijo' ...aos cochichos...ao ponto que, inclusive lembro... era uma menina bonitinha...começa a alisar você e tal (...) então, dava um medo...terrível...se eu pu

desse fazia tudo pra fugir naquela hora (...) Então ela chegava às vezes a...pegava, né, no 'pau' do nego; de um, de outro...chegou a minha vez...foi realmente uma marca negativa, na minha vida...o que atualmente é uma coisa boa." (44)

Eis o relato de encontros íntimos com uma criada ...que depois apareceu grávida; neste caso específico o jovem recusou-se absolutamente, a assumir a paternidade:

"((Sobre uma criada da casa de terceiros))...Foi justamente aí a primeira vez que a gente ((ele e ela)) transou mesmo, porque mesmo antes eu ia pro quarto dela, ficava com ela...mas aí não transava; fazia de tudo...carícias...até sentir o orgasmo mesmo, gozar mesmo eu e ela, quer dizer, ela nos seus limites, né, mas de todo tipo de gozo assim entre nós dois, 'tá entendendo, de sexo, a gente fazia; agora, sem transar ((sem haver penetração)) (...) É fogo, você assumir um negócio, sabendo que era o terceiro filho dela, né, já. ((Quando do aborto do segundo filho, filho esse de uma pai qualquer)) (...) Depois que ela abortou então a gente transou, várias vezes...mas sempre com precauções...sempre com precauções, e...uma vez sem precaução, certo, uma vez assim, na loucura; mas aí ela...pô, tem três... (tem um filho, dois, o terceiro) depois de eu ter transado, mas ((quase)) todas as vezes com precaução, ela (...) ela chegou e disse assim 'por causa de você é que eu 'tou lascada ((grávida))'." (45)

#### A - 'Meninas de família'

Dentre as diversas vivências com as 'meninas de família' surgem as experiências de intimidades limitadas, alternativa segura contra o perigo das consequências do coito.

"((Uma namorada muito significativa)) (...) Você não começa com uma intimidade total com a pessoa (...) Então...por amor mesmo, eu não transei mesmo, porque, amar mesmo, amar mesmo eu só amei ((a)) ela, pronto... Eu não sei se é porque eu sou muito exigente nesse ponto...de afeto, mas... Amar mesmo eu só amei ((a)) ela e eu não transei com ela ((copular, transar)) mesmo. Tive tudo ((o)) que...assim, em relacionamento,

prazer mesmo, certo, de chegar em casa e saber que 'tava prazer em 'tã com ela, tudo, de ficar com ela, mas não transei com ela. E ela teve prazer." (46)

Ao passar períodos, em centros urbanos distantes de sua terra natal, este jovem logrou um encontro sexual com coito com uma garota do seu mesmo nível sócio-econômico:

"Eu já estava dentro d'água...e ela desceu do barco (a água nessa prainha batia mais ou menos nos meus peitos). Começamos a brincar de 'dar caldo' um no outro ((forçar a imersão)), e nos tocávamos muito em tudo que é parte do corpo. Paramos um momento, com ela na minha frente de costas (eu já estava com uma tesão incrível e ela sabia disso); virou-se para mim e começamos a nos beijar. Quase instintivamente comecei a baixar o seu biquini com minhas mãos na sua bunda. Ela então segurou no meu pescoço e jogou suas pernas por detrás de mim (sem tocar os pés no chão). Ela parecia que estava mais 'doida' 'do' que eu ... sem conseguir segurar em mim na penetração. Acho que relatei esses casos principalmente por elas ((a garota dessa experiência, e outra)) serem as primeiras e quase únicas ((com)) quem 'fiz amor', com o mesmo nível de instrução e educação ((equivalente àquele do jovem)). Quando voltei ((ao Recife)) com a ilusão da 'facilidade' ((de lá dessa outra Região)), levei alguns fo<sup>ra</sup>ras em umas tentativas que eu hoje acho totalmente sem cabimento, mas que na época achava totalmente possível." (47)

Segue-se um relato onde é mostrado o grande valor do sentido da visão, para um jovem cuja sexualidade está aguçada:

"Logo também, no começo ((da vida sexual)), eu mora va num primeiro andar, num sobrado aqui de ((locali<sup>da</sup>dade, bairro)) e embaixo moravam duas irmãs, "C" e "G", com a família. Eu tinha entre 14 e 15 anos (lo<sup>go</sup> após o relacionamento que eu mantive com a empregada doméstica)... Ao ir beber água na casa delas, vá<sup>ri</sup>as vezes, encontrei "C" trocando de roupa... ela : 'sai daqui'. Depois descobri uma coisa...o banheiro delas dava pra o quintal; tinha uma janela com gre<sup>tas</sup>tas de madeira e uma das gretas quebradas. Planejei tocar elas tomando banho, à noite. Um dia eu ouvi a zocada do chuveiro, de noite, e fui olhar...era a mãe delas...não 'tava me interessando. Outro dia foi "C"...observei-a se masturbando...a água caindo ne<sup>la</sup>la e ela usando o dedo na maior violência... aquilo...sei lá...eu só faltei entrar pela parede adentro; 'retribuí' do lado de fora. Ela usava todos os arti<sup>f</sup>fícios, se esfregando na parede de todo jeito... um

negócio louco mesmo; me deixou altamente excitado .  
Eu continuei a olhar; em outro ((s)) dia ((s)), pe-  
guei "G", mais bem feita 'do' que "C", umas duas vezes  
se masturbando, no banheiro.  
Por isso... eu sou fascinado pelo sexo... cada dia  
tenho mais vontade de mergulhar nesse emaranhado que  
é a sexualidade (...)  
Aconteceu umas quatro ou cinco vezes ((de vê-las no  
banheiro)), e pronto." (48)

## B - As 'amadoristas' do sexo

A seguir, as narrativas versam sobre as amadoris-  
tas do sexo; dentre elas, destacam-se as empregadas domésticas;  
sua ingenuidade relativa e sua subserviência à prestação de ser-  
viços, quase incondicional, no campo da sexualidade, são notō-  
rias, como pode-se observar no depoimento que se inicia:

"(...) As três ((domésticas de nível elevado, 'con-  
tratadas' na rua)); sō que uma... falou: 'pō, não sei  
o quē, sou virgem, não sei o quē, coisa e tal', aĩ  
eu falei: 'não, tudo bem, aceito sabe, respeito, tudo  
mais'; a verdade é que eu também tava encabuçado(...)  
Eu disse: 'oh, deixa ela comigo'. E mandei meu amigo  
com a "J", nē. Aĩ, ((com o amigo)) ela também não  
quis... esse amigo meu também não quis 'comer' a meni-  
na. Aĩ a botaram comigo, nē; ((ela)) não quis! Aĩ  
falei: 'não, não é possível'. Eu, 'vivo', nē, eu sou  
já malandro: 'vamos, vamos à praia; vamos a Maria Fa-  
rinha' ((ã época, local distante e bem deserto)). Tu-  
do isso dentro do carro... antes fomos pra Rio Doce, o  
matagal lá... não deu certo, nē, aĩ nós fomos pra Ma-  
ria Farinha. Chegou lá deu tudo certo.  
Então vamos; eu... então a gente falou pra ela: 'bom,  
você vai ter que 'me' dar, senão, 'vou' deixar aqui,  
você sozinha, aqui'. E me deu (...)  
Aĩ eu me senti, mais uma vez, realizado com aquilo,  
nē. E, inclusive, depois ela veio me dizer que havia  
gostado demais de mim e que, independentemente dos  
meninos, eu podia procurá-la... entendeu. Aĩ veio aque-  
le pensamento, nē: 'pō, agora eu já tenho a minha ...  
aquela minha mulher... à hora que eu quiser ou deci-  
dir encontrá-la... lá na casa da patroa (( dela)) nē"  
...  
'- Independente dos outros, você pode ir lá encontrar  
((a própria)) à hora que você quiser'.  
Então, me sentindo muito... muito por alto ((em rele-  
vo)). Aĩ eu falei: 'tã tudo bem; vou 'te' procurar'.  
Sō que... não voltei, nē... devido talvez ao 'visual'  
((pouca beleza estética))... que não foi ainda dos me-  
lhores. Então, terminou... essa fase daí, nē. Meus 13  
anos..." (49)

As garotas de programa também estão presentes na vida sexual do jovem:

"(...) E aí a gente pegava as meninas e tal, e saía; geralmente pr'aí pra beira da praia; tínhamos relações por aí (não com namoradas ainda). Até cerca dos 15 anos, a gente ficou nisso, né. Era a época mesmo. A vida era essa mesmo; a vida sexual era essa mesmo. Se resumia a isso."

(50)

"De vez em quando...nesta sexta-feira agora, eu 'tô programando...sair...para ir pra determinados lugares, em que você sabe que tem determinadas pessoas, que dá...e termine num relacionamento, entre você e uma mulher; mas podendo ser mulheres, por exemplo, que você já viu, você já conheceu, que você sabe que ela transa ou você já transou com ela; como também podendo ser com uma mulher que você sai e naquele mesmo dia você...transa com ela (('uma novata')), né. Três ou quatro sextas-feiras aí, atrás, 'saiu' eu e um colega meu... 'foi' pro ((nome do bar)), um barzinho que tem aí, um barzinho de transa; a gente pega, dança, e ficou com a menina; daqui a pouco...eu não fui pro motel porque...a tia dela 'tava na mesa, mas a outra ((garota)) não ia pra mesma casa dela, né... a casa da tia; aí foi pro motel com um colega meu, no meu carro...pequei um táxi e fui pra casa. É; ocasionalmente, quer dizer, ocasionalmente não, provocado... provocado...planejado assim pra tal coisa, que não é bom, né..."

(51)

### C - As 'profissionais' do sexo

Nas múltiplas experiências sexuais dos jovens, as chamadas prostitutas têm uma presença garantida:

"Depois de alguns meses voltei 'novamente' a ter uma outra relação ((a segunda)) com ela ((a prostituta de uma cidade interiorana)), porém, mais por mim próprio ((não por interferência de amigos)) e muito mais tranquilo. A experiência foi válida..."

(52)

"Chamei uma mulher para dançar ((no prostíbulo)) e ela concordou. Depois de dançar um bocado (quando já estava excitado) chamei-a para ir para o quarto. Esperei um pouco por ela, que ia providenciar a chave do quarto. A única coisa que eu não gostara era a maneira quando subíamos uma velha escada de madeira."

Sõ aĩ é que eu prestei atenção para seu rosto que não era muito bonito. Logo que entramos, sem dizer uma palavra, tirou a roupa e deitou-se na cama." (53)

"Em 1979, quando entrei para a Faculdade, tive muitas transas mas nenhuma com envolvimento sexual mais forte.

Em 1981, duas mulheres me levaram ao melhor que pode existir em sexo (...)

Por incrível que pareça, "V" foi a primeira 'mulher da vida' que senti prazer ((com ele)) enquanto fizemos amor. Durante o ato sexual praticamos de tudo: da cunilíngua à felação, até a mais violenta e gostosa penetração, isto tudo com muito carinho, com muitas carícias e muitas chupadas incríveis.

A segunda foi "F"; "F" era mais 'gostosa' do que "V", mas muito fria.

Mas, com tudo isso, eu consegui praticar com ela quase os mesmos atos que pratiquei com "V", com exceção da felação." (54)

"(...) Tanto que, cheguei a transar uma vez com ela ((a prostituta favorita)) que, até hoje foi fato inédito; com ela, quer dizer, com uma prostituta: eu transei duas vezes ((na mesma ocasião)) dentro dela; só fiz com ela...já transei com mulher muito melhor que ela, nunca fiz isso..." (55)

"(...) Essa ((uma das prostitutas do local onde ocorreu a iniciação sexual dele)), era uma pessoa extra ordinária. (...) Foi a que 'ficou', sabe ((mais marcou));...eu saía com ela direto ((seguidas vezes)).

Eu saía com ela, fiquei 'indo' com ela um bocadinho de vezes; chegava lá...meio 'bebo'...zonava com ela, sabe...ela era o tipo de mulher que eu gosto. Mesmo sendo puta...sendo prostituta (dá pra todo mundo aĩ, todo mundo, o que quiser)...mas quando ela 'tava comigo...ela era 'moral' ((impunha-se com uma postura 'respeitável'))... era tranqüila, pô, não era afrescada, nem ficava zonando, nem tornando o negócio mais baixo do que já é...por exemplo, como sentar no colo: '- ah!...' e ficar zonando, né, fazendo sacanagem e... Não, ela chegava, batia papo, brincava.

'-Vamos subir?'

'-Vamos!'

A gente subia, transava; numa boa; e eu transei mesmo ..." (56)

"((A prostituta a quem ele frequentou várias vezes )) (...) Não era uma prostituta... esculhambada...eu vou descendo do trabalho...eu me encontrei com ela, fiquei batendo papo...o pessoal passou, falou comigo, o pessoal do trabalho.

'-Tá, tchau fulano'.

'- Até mais'.

E no outro dia ninguém veio me perguntar se eu 'tava conversando com ((uma prostituta))...porque, ela 'tava de...roupa jeans, calça jeans, blusinha, lenço no cabelo, e ainda com um bolo ((da doçaria B)) que tinha comprado pra dar ao filho dela..." (57)

O último depoimento do presente subtítulo, que vem logo a seguir, mostra-nos uma interessante reflexão do jovem, nascida de sua experiência pessoal; apresenta-nos, uma rara comparação entre as chamadas prostitutas e as garotas de programas, e, por outro lado, entre as primeiras, e as meninas de família, que gozam do 'status' de namoradas. Por incrível que pareça, a sensibilidade e a 'cabeça' desse jovem, imersas na multiplicidade das experiências que ele teve, relativas a sexo, apresentam a figura da chamada prostituta como pessoa portadora de toda uma beleza interior, sendo mais bela, espontânea, mais sincera, mais honesta, mais lutadora e mais compreensiva que as meninas, 'programadoras' ou mesmo as namoradas que se conformam com tudo; a estas últimas "você diz 'faça isso' ela faz; 'não vá pra praia' ela não vai." São, as ditas prostitutas valorizadas como mulheres lutadoras, feministas e independentes. As namoradinhas são vistas como acabrestadas obedientes - portanto inautênticas - aos caprichos do seu namorado. Decerto, a fala desse jovem, é uma boa pista para se ir ao encontro das pesadas imposições culturais que ditam a desigualdade de direitos entre os rapazes e as moças, entre o homem e a mulher da nossa sociedade.

*"Nas relações com as prostitutas: quis conversar; elas tinham medo de falar. A ((garota sulista)) foi única; uma cabeça muito boa. Uma transa, uma 'amizade colorida'... sexo oral (...) Sempre tive um relacionamento com elas além daquilo; eu sempre procurei ter; sempre conversei com elas sinceramente. Fui mais sincero com elas, nas minhas conversas, do que com as meninas, as que transam por aí, de programas. Transam e moram aqui no 'normal'. Meninas que transam e não precisam de sexo pra viver. Eu acho essas mulheres (profissionais)... têm uma coisa mais bonita dentro delas. Mais belas, espontâneas, mais sinceras... Poderão ser bem mais sinceras, bem mais honestas, bem mais lutadoras, bem mais compreensivas que essas meninas. Não sei... acho que é por elas terem uma vida que depende do corpo delas... são pessoas marginalizadas... sofrem muitas pressões... ao invés de criarem revoltas, criam exigências de... ((Jã)) Essas meninas de família ((namoradas)), se*

conformam com tudo; você diz 'faça isso' ela faz; 'não vá pra praia' ela não vai. Elas não ((as prostitutas)), elas não se conformam com isso. Quando eu vi tudo isso...mostrei a beleza delas a ela...minha na morada; mostrei a ela o que é realmente ser uma mulher independente, ser uma mulher assim, feminista, lutadora pelos seus direitos (...) Que eu acho. Assim, no mundo todo, as únicas mulheres que eu vejo assim lutadoras mesmo, feministas mesmo, mulheres independentes mesmo, são justamente essas mulheres ... chamadas prostitutas.  
((Por exemplo)) O filme 'Eles não usam Black-Tie': a grávida que leva porrada mas que não se dobra, é independente."

(58)

### 2.3 - PREFERÊNCIAS, ATITUDES...

A experiência vivenciada pelo jovem, no campo da sexualidade, leva-o a apresentar suas opções, gostos, preferências e atitudes em relação aos fatos atinentes ao exercício sexual.

Vejamos, inicialmente, a colocação de um jovem, titular de inúmeras experiências sexuais - desde o 'brechar' até o copular -, mostrando como lhe era espontânea a inapetência sexual por uma sua parente próxima, mesmo quando esta trocava de roupa à sua frente.

*"Embora que "Z", uma menina ((parente, já moça, praticamente criada junto com o jovem)), ela trocava de roupa na minha frente...e eu nunca tive desejo em relação a ela..."* (59)

Na citação a seguir, observa-se a atitude de um jovem que se mostra sem preconceito em relação ao namorar com uma pessoa de cor negra. Tal isenção de preconceito já não ocorre por parte das pessoas de sua família.

*"No dia seguinte àquele de um relacionamento sexual, eu me sinto senhor do mundo; eu me sinto felicíssimo, alegre. Me dá mais força para eu resolver a minha vida, as minhas coisas. Quando eu passo muito tempo sem ter relação, parece que eu me sinto meio nervoso, meio aperreado...Ano passado, ao voltar do ((Estado "N", do Sul do País))...muito tempo...nervoso. Não sei de que tipo de mulher eu gosto mais: ((das)) loiras, das morenas...já fiquei ligado demais a uma negra... não tenho discriminação mesmo...tenho grandes amigos negros...acho que não tem nada a ver. Já namorei com uma negra...e foi um ano de aperreio lá em casa por*

causa disso. Eu achava ((a)) ela a coisa mais bonita do mundo; e acabei por causa disso, porque (pressão) me abusavam muito... e acabei me irritando... e ela também se mandou pra ((outra capital nordestina)) - ela era sergipana. E com a loira, depois que nós mantivemos uma série de relações...pronto... eu já não estava mais nervoso, já não me irritava mais." (60)

Em contraste com a anterior, a narrativa abaixo mostra como um jovem declara sinceramente ter rejeição, ocasional, por garota de cor.

"As meninas deveriam ser mais livres...mais livres, não...mais autônomas. Admito que sou um pouco preconceituoso... ((meio)) racista...de vez em quando tenho rejeição por uma menina de cor." (61)

Para determinado jovem, que, provavelmente não participa de grupo nenhum de amigos, a alternativa a seguir é o caminho de uma certa abstinência sexual; provavelmente, para que isso aconteça, contribuem também fatores circunstanciais, a política familiar e, sobretudo, o medo de engravidar a moça. Acompanhem o seu relato:

"Relação sexual - desde 17 anos - ... acho que uma por ano. Este ano mesmo, acho que não tive nenhuma. Acho, não, não tive. Medo da menina engravidar. Se acontecesse isso lá em casa, com a minha irmã ... não aceitariam não..." (62)

Faltando a inserção em grupos de amigos, é provável que as relações sexuais sejam esporádicas, para determinado rapaz; também se mostra baixo o nível de 'necessidade sentida', em relação aos demais entrevistados. Eis as suas palavras:

"Depois do segundo contato sexual (aos 17 anos) eu acho que passei mais ou menos um ano sem ter contato. Tive o terceiro...acho que até o dia de hoje eu tive ((no total)) uns seis, seis contatos ((em média, menos de 3, a cada dois anos))...E não... e no momento eu não 'tou sentindo necessidade..." (63)

A atitude de um jovem diante do fato concreto de um aborto, permite-nos entrever o grau de sensibilidade pessoal que ele desenvolveu, bem como, qual a amplitude dessa sensibilidade em relação aos variados campos e aspectos de sua vida. A religião está presente e o sentimento de culpa também, assim como a discriminação social contra a mulher de nível sócio-econômico inferior, prestadora de "serviços sexuais". Analisemos o relato:

"((A 'menina de rua' grávida, insinuou que tal barriga foi devida a ele; o jovem pôs em dúvida e recusou a paternidade; a menina então, por conta própria, abortou...)) (...) *Eu acredito em Deus, e chegar lá em cima e ver, Pô, um filho meu... deve ser uma merda, né... mas foi o que aconteceu (não sei se foi meu ou não) (...)*  
*Ela se mandou. Desapareceu; nunca mais ((a viu))..." (64)*

No repertório das condutas e aspirações apresentado pelo jovem podemos enumerar quatro núcleos distintos, nos quais se concentram seus gostos, desejos, preferências, atitudes, etc. Tais núcleos referem-se a coisas que (ou de que):

- A - DESEJA, GOSTA, MAS NÃO FAZ
- B - NÃO GOSTA MAS FAZ
- C - NÃO GOSTA E NÃO FAZ
- D - PREFERE, GOSTA E FAZ

Tomemos em análise os relatos pertinentes a cada um desses núcleos. Vejamos os núcleos, um a um.

- A - DESEJA, GOSTA, MAS NÃO FAZ

Iniciemos por duas narrativas onde o jovem revela que, por amor mesmo, nunca transou:

"(...) Como se pode ver, a maioria das minhas experiências sexuais são, como já disse... nunca fiz nada (como se diz) por amor, entende; só transei mais, por 'prazer' mesmo; assim, às vezes, eu saio da casa da namorada, de noite, já um pouco excitado, aí, vou aí a uma 'piranha' aí qualquer; mas eu não gosto de fazer isso não, porque eu fico sempre muito 'cismado' ((desconfiado)), passo bem uma semana preocupado, pensando em doença, tudo, entende." (65)

"Ah, isso aí era, sem amor, né... de minha parte ((transar com uma 'menina de rua', fixa))... De fato, por amor mesmo, assim, eu nunca transei não; por incrível vel que pareça. Transar, mesmo." (66)

No trecho abaixo, nos é revelado que o relacionamento sexual, bom mesmo, ainda não aconteceu... seria o relacionamento com a pessoa de quem se gosta (a namorada). Embora notifique que copulou muitíssimas vezes (nunca com a namorada), o jovem de sabafa dizendo que apenas com uma ou duas parceiras foi que chegou a sentir algo de extraordinário.

"E relacionamento sexual, assim, bom mesmo, acho que ainda 'tá pra vir, viu; ainda 'tá pra vir, principalmente que... por isso, né, transar com a pessoa que você gosta (...)  
Da mesma forma que, em relacionamento sexual, eu transei uma porrada de vezes e senti ((alguma coisa de extraordinário)), quando muito duas vezes... assim, não duas vezes, ((e sim)) com duas pessoas diversas." (67)

Eis agora, algumas revelações pertencentes à mais profunda intimidade do pensamento do jovem.

O desejo de ter relação com garota do mesmo nível sócio-econômico é uma constante na maior parte dos depoimentos dos entrevistados. Também o relato abaixo apresenta esse anseio. Além disso mostra o desejo, algo rebuscado, de chegar a ter uma relação dentro de uma banheira. Acompanhem a descrição:

"Sempre tive vontade de ter relação ((sexual)) numa banheira; ter relação anal com uma mulher; ter relação com pessoas do meu 'nível' (...)  
Eu quero batalhar e ganhar a menina; não aceito ofe recimento. (...) Banheira: meio difícil por não se en

*contrar local com banheira. ((As garotas do mesmo nível')) Elas não topam; você não tem condições, pois, as que topam, levam essa relação muito a sério esperando o casamento." (68)*

Hã aqueles que desejam conseguir, com as empregadas domésticas, uma relação sexual com penetração na vagina, mas têm dificuldade em obter a aquiescência da parceira, pelo temor que ela tem de engravidar e pela honra que uma moça deve manter (hĩ men íntegro ). Eis o relato:

*"(...) Elas ((as empregadas domésticas)) regra geral, não deixam; porque se trata de uma aventura passageira. Nem todas impedem, mas, geralmente não deixam. Fĩ cam sã nas fases preliminares ou então...o 'coito' anal. Mas o vaginal, propriamente...nã. É isso ... ((temor de)) uma possível gravidez. E tem o fator ta bu: a honra, que uma moça deve ter." (69)*

Como vimos, hã aqueles que nã apreciam e fazem o sexo anal; outros porẽm, gostariam mas nã conseguiram ainda o 'coito' anal com uma parceira. Eis as suas palavras:

*"(...) É um negõcio que eu 'curto', mas nã, nã fiz. Porque eu acho que...com medo, da experiẽncia... com a 'nã-aceitaçã'...da parte dela, nẽ. Uma...uma re laçã anal, mesmo..." (70)*

O jovem do depoimento a seguir manifesta o desejo de 'curtir' com garotas lĩsbicas para chegar a algumas conclu sões. De certa forma, recrimina o desprezo social existente con tra tais pessoas.

*"((Gosta, mas nã faz)) Curtir com homossexuais femi ninas (lĩsbicas). Nunca 'curti' e quero conhecer pa ra ver se gosto e ter a certeza que ela nã se satis faz comigo ((saber)) (o porquẽ). Porque diante da sociedade em que vivo e das pessoas que me cercam, a lĩsbica sente-se desprezada; talvez um dia eu me afaste um pouco desta sociedade para pro curar descobrir algo de positivo com elas." (71)*

B - NÃO GOSTA MAS FAZ

O relato a seguir, mostra como o jovem recorre à masturbação, embora explicitando que não gosta disso. A impossibilidade de partilhar a satisfação sexual com uma garota-alvo, pode conduzi-lo à reprodução desse ato que ele julga pertencer ao seu passado.

"((Não gosta e faz)) A masturbação, que, quando jovem, acontecia numa escala um pouco considerável; está se acabando, talvez por não existir mais a necessidade, porém ficam as recordações. A masturbação ((a faz)) por não poder me satisfazer com a pessoa 'atraída' ((isto é, que o atraiu))." (72)

Há o jovem que desdenha a relação sexual estilo 'pai-e-mamãe'; no entanto submete-se a realizá-la a fim de não ferir a sensibilidade da parceira, desde que esta não esteja preparada para superar os preconceitos contra novos estilos de encontro sexual. O relato é o que se segue:

"De uma relação sexual, comum, normal ((não gosta)) ; aquela tipicamente que tenha sido debaixo dos lençóis. Digamos, aquela típica, aquela 'papai-e-mamãe' ...você não gosta porém faz, né, devido a ter que obedecer ((a)) certos tabus e preconceitos de algumas pessoas, né...em que a mente ainda não está aberta para aquilo que se diz amor...Então, não gosto, mas eu faço...debaixo dos lençóis...em função das meninas. Por que é que não gosto e faço (?).--Olha, justamente, devido a só e tão-somente, ela, achar que é válido; então, eu com a minha experiência, tenho mais que aceitar e respeitar, porque, ela não aceita aquilo, ainda acha muito...acha muito avançado...ou não está... ou ainda não está preparada para aquilo ((que seja inovação)), entendeu. Então, eu me sinto na obrigação, de respeitar...aquela vontade dela, sabe, aquilo lá, o que ela acha certo, o que talvez esteja...errado, e ela certa. Agora, por que o certo e o errado?" (73)

A descrição a seguir revela a insatisfação deixada no jovem, pelas relações sexuais mecanicistas, realizadas no estilo

'fazer por fazer'. Por não ter conseguido dizer não a alguns colegas que o convidavam para sair com certas garotas, viu-se levado a ter relações mesmo quando não queria.

"E, eu chego a tomar atitudes agora que, eu gostaria muito de ter tomado há tempos atrás, quer dizer quando... vamos dizer... me negar a um programa; com uma menina, assim, com uma mulher. Quer dizer, chega um colega lá em casa: '- Olha, tem duas mulheres aí...'. eu digo: '- Não eu não 'tou 'a fim' não; porque ... hoje não 'tou 'a fim'."

Isso eu sempre... às vezes eu queria dizer não mas não dizia não, porque... porque é o seguinte: porque de vez em quando você 'tá assim, você sente necessidade ((de transar)), né; às vezes por costume mesmo, por, vamos dizer, vício... da vida que eu levava, né. Então, às vezes a gente chega aí... ainda tem aquele negócio 'ah, você não 'tá fazendo nada, vamos sair'; eu saía... mas mesmo assim, eu saía e não voltava satisfeito, mas... quer dizer, pra fazer alguma coisa, né." (74)

Não gosta mas faz: 'comer' prostituta (relação comercial que envolve pagamento), 'comer piranha', levar 'chupada' por parte delas, e coisas similares; submete-se a isso, no entanto, quando a 'secura', a vontade, está grande. É a revelação do jovem cuja narrativa é apresentada a seguir.

"(...) Combinamos o preço, o chato é isso, porque fica como se fosse uma coisa maquinal. Da primeira vez, eu não me lembro não; mas, não foi só essa vez que a gente foi; a gente chega, é, como já disse, paga uma dose, geralmente, pergunta 'como é que é o negôcio', ela ((a prostituta)) sabe o que é. Mas queria deixar bem claro que realmente eu não gosto, eu não me sinto bem, pode parecer às vezes até um... um contra-senso, porque a maioria das vezes que eu fui, eu nunca... as vezes que eu 'comi' foi realmente como se fosse um 'negócio' ((comercial)) (...)

Porque, geralmente, quando eu faço o que não gosto (que eu já disse que é: comer 'piranha' no carro, levar chupada, e essa coisa...), porque, como se diz, a 'secura' 'tá grande, entende. A vontade 'tá muito grande..." (75)

Fazer o que não se gosta é se esforçar por ter uma relação sexual com alguém de quem não se está 'a fim', pelo menos no momento. São estas as palavras do relato que ora transcrevemos.

"Não gosto e fiz: me esforçar pra ter uma relação sexual com uma pessoa que, no momento, eu realmente não estava 'a fim' da pessoa. Mas fui, fiz...por...assim...por outro motivo, só pra ...talvez até pra me auto-afirmar."

(76)

Teve um relacionamento sexual, de que não gostou .  
A parceira 'ficou meio parada', 'parecia que ela era um boneco'.  
A postura do jovem foi então aquela de refletir e se questionar.  
Eis o seu pensamento descrito com suas palavras:

"Pegamos um táxi ((saindo da dança)) e fomos pra um motelzinho. Tivemos um relacionamento sexual...eu não gostei, nesse dia. A minha parceira, sei lá... parecia que ela era um boneco, mais ou menos, sabe. 'Puxa vida, porque é que ela veio, então?'. Aí eu comecei a me questionar, porque eu gosto sempre de me questionar pra ver mais ou menos onde é que eu 'tô me situando...em relação a tudo. Ela pegou, ficou assim meio parada, assim. É certo que eu tive iniciativa de tudo, quase tudo...mas ela não estava assim como as outras."

(77)

### C - NÃO GOSTA E NÃO FAZ

Duas experiências de jovens diferentes; o primeiro, iniciando uma nova fase de sua vida sexual, toma a decisão de não mais usar a mulher como mero objeto de seus desejos. Entende, a partir de então, que o encontro sexual deve ser a confluência das vontades de ambos os parceiros.

O segundo jovem define como sendo de baixa qualidade de certa mulher prostituta; por isso, decide-se por não beijá-la.

"Aí eu comecei a diferenciar, a atividade sexual por interesse ((ligação afetiva interpessoal, com mútua valorização)) e, aquela ((em)) que a pessoa só vai visando lucro e nada mais (...). A prostituta comum ela põe uma revista no rosto e começa a ler...à hora que você quiser ela 'tá lá (...). Aí comecei a sentir nojo, de, da, dessa prostituição aí de baixo meretrício; isso aí.  
Aí falei: 'não, se é que tem que acontecer ((o coito com uma mulher)), tem de acontecer...ele tem que ser assim uma ação...assim, recíproca, sabe. 'Não po

de ser, unilateral, 'usada', assim, sã de minha parte, nã; tem que ser de ambos os lados, nã. Aĩ pareĩ (... ) sabe. A prostituição (... ) prostĩbulos aĩ." (78)

"(... ) Vocẽ nã quer beijar 'aquela' mulher ((prostituta)), porque vocẽ nã queria mesmo nã, vocẽ sã quer mesmo ẽ o... pegar ela e pronto; nã tem prazer em beijar ((a)) ela. Se fosse de 'qualidade' ((a mulher)) vocẽ gostaria ((de beijar)), mesmo que fos se prostituta." (79)

#### D - PREFERE, GOSTA E FAZ

Nos dez subitens a seguir ( de a a j ),apresentamos aquilo que o jovem faz e que coincide com o que prefere ou gosta.

##### a) Coito com a pessoa amada

Vimos, no item A, hã poucas pãginas atrã, que a relação sexual com garotas do mesmo nĩvel sãcio-econãmico era uma meta ainda nã alcançada, para alguns jovens. No entanto, para outros, como o do relato a seguir, essa relação jã ẽ um fato , constituindo-se essa intimidade mãxima com a pessoa amada, com a prãpria namorada, o que hã de melhor e mais importante na sua vida sexual:

"((Gosta e faz)) A relação ((sexual)) com a pessoa amada, que ẽ a coisa melhor e mais importante no relacionamento sexual." (80)

##### b) Sẽxo oral

Segue-se uma citação em que o jovem explicita o que lhe ẽ agradãvel; valoriza as ações de sexo oral e sublinha a importãncia do fato de as pessoas evitarem se transgredir, nas sessões de sexo.

"Curto estar bem comigo próprio e com a parceira. Preliminarmente...primeiro, carinho e tal...depois é que a coisa é completada ((relação sexual)) (...)  
Por exemplo, sexo lingual, boca e tal, colocar na vagina da pessoa...  
Mas, logicamente, ((o)) que eu acho básico...você não se transgredir."

(81)

### c) 'Tropicalismo' sexual

Mais um trecho de depoimento, agora, ressaltando a grande liberdade que deve haver nos assuntos relativos à relação sexual. Dando relevo às ações de sexo oral e ao 'tropicalismo' nos encontros sexuais, o jovem faz a seguinte descrição:

"Vi que o sexo hoje é uma coisa muito bonita... principalmente a relação entre homem e mulher... casal; deve haver uma liberdade total...liberdade grande, principalmente em questão de sexo oral...muita gente acha que isso é uma nojeira; eu não acho, eu acho uma coisa bonita. Tanto que eu já fiz sexo oral...não só com essa ((menina sulista)), mas com três mulheres ((com quem)) que, a partir dela pra cá eu tenho saído, eu tenho feito sexo oral com elas. Tenho feito até muito mais coisas com elas...Tenho feito coisas assim bem 'tropicalistas'... 'tropicalismo'... que Caetano Veloso falou; coisas assim: derramar (( p. ex.)) um copo de cinzano, um por cima do outro e ficar assim naquela transação...se curtindo, se lambendo...tendo aquela sensação gostosa...acho que é bonito. Porque a gente 'tá partindo pra uma coisa espontânea...se a gente 'tá achando aquilo bonito, 'tá achando aquilo gostoso, então por que não fazer (?). Hoje eu parto ((para))... hoje eu faço sexo oral ... faço ((sexo)) por via... no ânus também, que eu acho bonito e a mulher também gosta e se sente satisfeita, e o homem também se sente. Tudo assim que a gente possa fazer no sexo a gente faz...coisas bonitas ..."

(82)

### d) Sexo anal

Chega-se a desenvolver uma variada sensibilidade, na vida sexual; mas nem tudo que ocorre com o jovem ele pode dar a conhecer aos amigos, ao grupo ou ao público, pois, se o fizer

se, seria alvo de terríveis e impiedosas zombarias. Ele então guarda segredo; aprende a dar valor às suas experiências impúblicas. Mas é obrigado a silenciar sobre coisas que ele valoriza, pois, o 'machismo' vigente teria que destruir a reputação máscula do jovem, para não se ver desmoralizado, caso esse jovem resolvesse tornar públicas certas experiências vivenciadas e sentidas como agradáveis. Acompanhemos o relato a seguir, que descreve fatos de carícias anais:

"(...) Eu gosto, pô... 'tô falando com você abertamente mesmo ((quase sorrindo)), pô... num relacionamento com uma mulher, se a mulher passa a mão no meu rabo, eu acho a maior maravilha do mundo, certo; agora se você disser isso pra algum grupo, de ((amigos))... a turma 'cai encima'; ... inclusive eu não digo, né; eu não vou dizer, pô, mas que eu gosto... porque você não vai cair no deboche, pô, todo mundo: 'ê, ê, ê...', mas eu gosto pô; vou dizer que não gosto (?!), gosto!..." (83)

Ainda sobre 'sexo anal' e sua relação direta com o prazer partilhado pelo casal, é o relato que se segue:

"(...) Como gosto de fazer a mesma coisa (( carícias anais)) nela (...)  
Acariciar o rabo da mulher... ela sente prazer, e eu sinto prazer também dela fazer em mim, sinto mesmo... porque já senti isso muitas vezes... pronto, é uma coisa que... sinto... já tive experiência e eu gosto." (84)

#### e) Preferência por mulher experiente

Fazer o que lhe é agradável, escolher e preferir a parceira que julga lhe ser adequada. Essa é a experiência bem característica do jovem a seguir, que procura valorizar a maturidade e a tarimba da mulher de mais idade que ele; valoriza a 'coroa' e a sua capacidade de tomar iniciativas, de dominar a situação, na relação sexual.

"Gosto mesmo é de ter relação sexual, assim, com uma pessoa mais velha; quer dizer, com coroa, não é (?); como diz o pessoal. Porque eu sempre acho assim que elas sempre têm mais experiência, e tal; elas conseguem, eu não sei como... em vez de a gente dominar ((a)) elas na hora da relação sexual, eu acho que elas é que dominam a gente. E no caso assim da relação sexual, eu não sei porque mas eu gosto de ser 'dominado'; eu não gosto de dominar não; eu gosto de sentir uma pessoa, assim, sei lá...ela mesmo forçando o jogo. Quer dizer, eu sendo apenas...  
Eu noto ...eu não gosto de ser um cara que toma iniciativa. Aí, por isso, uma coisa que eu gosto e faço, realmente, eu acho que é, ter relação sexual, assim, com uma pessoa mais velha."

(85)

#### f) Repetição do que foi satisfatório

Gosta e faz. Ao gostar muito de uma garota, não para apenas no primeiro auge, numa relação sexual. O autor dessa ação a especifica dessa forma:

"Quando eu gosto muito de uma pessoa, nunca tenho apenas uma relação numa noite. Sempre duas...já tive três vezes. Três auges."

(86)

#### g) Coito ao estilo 'fazer por fazer'

Há inclusive o jovem que desenvolveu toda uma filosofia mecanicista, acerca da relação sexual. 'Fazer por fazer, fazer por gostar de fazer', independentemente do tipo e da pessoa da parceira. Tudo indica que se trata de um relacionamento a dois onde o erotismo predomina, e o afeto, desvinculado dele, fica quase que completamente marginalizado desse encontro interpessoal. Tentemos captar a mensagem, nos dois relatos a seguir:

"(...) Eu sou capaz de fazer por fazer (( a relação sexual)), fazer por gostar ((de fazer)) ou qualquer coisa assim, por uma condição material; chegar, pô, tem meninas que eu não tenho nenhuma vontade de viver com ela, de namorar nem de nada ((não assumir compromisso de estabilidade de relacionamento)), mas te

nho vontade de sair e transar com ela: beijar, 'namorar', transar, ir pra cama com ela, qualquer coisa assim, sô pela parte material. E você nota que... agora não, agora 'tã surgindo já muito mais esse tipo de relacionamento (...) assim, com uma vida aceita vel; eu não sei se é bom ou se é ruim, nê; é bom pra você, que você sai curtindo com ela...antigamente não havia; havia menos..."

(87)

"(...) Eu gosto de transar; mesmo que não seja...não tenha amor, não tenha afinidade, mesmo que a mulher seja uma mulher bem chatinha, mulher bem 'hen-hen', mais...sem cabeça ou... mulher 'arretada' ((extraordinária, excelente)), eu gosto de transar... toques ((gosta)), todo tipo de carinho, porque passa a ser carinho e sexo, 'tã entendendo; desde o momento que começa; geralmente começa num carinho, termina com se so..."

(88)

#### h) Sexo sem compromissos

Gostar de 'transar' com meninas de programa é a opção para quem não deseja assumir responsabilidades decorrentes do exercício sexual. Subjacente a essa preferência encontra-se uma forma disfarçada de opressão contra a mulher, efetivamente 'obje-tizada'. Vejamos a exposição de idéias:

"(...) Posso ter ((relacionamento sexual total)) assim, com qualquer menina ((excluída a namorada)); vamos dizer, eu conheço uma determinada pessoa, aquela pessoa chega e sai comigo uma noite e diz: 'fulano... vamos pra um motel; vamos ver se a gente vai curtir alguma coisa aĩ, num barzinho, numa boate, e depois vamos pra um motel'; eu vou, 'transo', na maior tranquilidade, sem um pingo de preocupação, mesmo que venha a um dia correr o risco assim de, por exemplo, eu...chegar...e engravidar aquela menina, e ela dizer que sou eu ((o pai)), nê; mas você não se sente assim ((responsável))...porque, primeiro, você saiu uma vez com ela, nê, é um negócio perdido, nê, quer dizer, tanto pode ter sido você como pode ter sido outro, nê..."

(89)

#### i) Sexo longe da casa dos pais

Se tiver que haver uma preferência, esta será por aquilo de que gostou; as experiências e os momentos agradáveis ficam

gravados na mente do jovem. Longe do seu contexto sócio-cultural típico bem como distante dos pais, a sexualidade parece ter facilidade de expandir-se. Eis as palavras do protagonista dessa experiência:

"(...) Com ((menos que 19 ))anos fui passar ((vários)) meses ((sozinho numa Região fora e longe do Nordeste)), e sexualmente foram os melhores momentos da minha vida."

(90)

#### j) Interação entre erotismo e afeto

O relato a seguir revela as concepções e a prática de um entrevistado que se apresenta numa fase das mais amadurecidas no que tange ao relacionamento interpessoal. O binômio erotismo-afetividade permeia harmoniosamente todo o seu discurso. Valoriza o seu 'ponto ótimo', o seu ponto de equilíbrio em termos sexuais; recusa-se a ir à caça de novos prazeres, a se deixar dominar pela publicidade pronográfica, a ser um inveterado 'consumista' enaltecido do 'machismo' opressor da mulher.

"Eu já ouvi isso: 'rapaz, você, uma pessoa tão bonita, namorar com uma menina assim...'

Isso me mata.

Sexualidade, não é aquela que te venderam. Pra mim, não me satisfaria pegar uma mulher como a Bo' Derek... eu não conseguiria fazer sexo com uma Bo' Derek ou com uma 'deusa' dessas aí do sexo, como vendem aí - ou então Xuxa -, porque pra mim... não é significativo como parte integrante do meu mundo, da minha sexualidade...sexo não é isso só.

(...) Estamos eu e ela...garanto que não é uma relação sexual neurótica...não estou à busca de novos prazeres; porque eu acho que como as pessoas aí se sentem vazias, talvez busquem novos prazeres;...não 'tô naquela de pegar as pessoas bonitas, tirar da prateleira do 'supermercado', consumi-las, depois jogar o casco fora; não 'tô...Realmente eu quero saber o que é que tem dentro, é isso aí...então isso é que é importante pra mim...Já conheci como é que é um órgão genital feminino...já conheci...e tal...a intimidade de uma pessoa...Pessoa com quem você pudesse transar equilibradamente...Achei o meu 'ponto ótimo' de equilíbrio...não quer dizer que vou viver infinitamente

*com essa pessoa...mas posso dizer como Vinícius, né, 'enquanto durar vai ser eterno', sabe, e eu vou vi ver nas maiores das... maiores das verdades, das sin ceridades."*

(91)

Chegamos ao final deste capítulo que trata do desabrochar sexual do jovem. Tal desabrochar foi descrito através de duas idéias básicas: 1) a iniciação, e 2) a ação pedagógica da experiência.

### 1 - A iniciação sexual - síntese

Ao que parece, a natureza desta pesquisa conduziu cada entrevistando a realizar uma reflexão abrangente e por vezes detalhada, acerca de suas vivências sexuais do passado e do presente. Procurou-se rememorar todos os eventos significativos e, em geral, seguiu-se um roteiro cronológico-valorativo no perfil histórico individual: daí se começar pelos primeiros esboços de comportamento sexual seguidos das tentativas e consecução da iniciação sexual, que se constituiu em marco histórico na vida sexual desses jovens. Tenhamos presente, portanto, que na pesquisa em foco, 'iniciação sexual' foi uma referência espontânea que ocorreu na totalidade das entrevistas e que consiste quase que exclusivamente em experiências pioneiras de relacionamento heterossexual satisfatório.

Ao longo dos depoimentos enfeixados sob o título "iniciação", percebemos diversos anúncios, reclamos, lamentos e denúncias apresentados pelos jovens. Examinemos algumas dessas mensagens contidas nos textos das entrevistas.

A - O "caminho do silêncio", adotado pelos pais - e pelos demais educadores - para o preparo dos jovens, é a "denúncia" mais forte e mais generalizada, contida nas narrativas deste item.

O caminho do silêncio, consiste em que, via de regra, inexistem o diálogo, a explicação e as informações claras e diretas, acerca de sexualidade e suas implicações. Dentro desse caminho, boa parte dos pais, desde a infância dos filhos, optou por aplicar a surra - repressão violenta e sem explicações - contra o desabrochar precoce do garoto nos assuntos sexuais. Toda experiência de jogos sexuais entre garoto e garota foi alvo de repressão violenta; esse tipo de "iniciação", foi, pois, deestimulado. A criança captou, então, a mensagem muda dos genitores: *"a gente sentiu isso (práticas sexuais) como uma coisa feia, horrível."* Outra mensagem, recebida pelo jovem, talvez por 'osmose', já após sua puberdade, é a de que não se deve engravidar moça alguma ('de família').

Como exceção ao mutismo familiar, foi narrado o esforço de um pai que falou 'alguma coisa' ao filho, demonstrando 'uma certa abertura, certa abertura relativa'; parece que o objetivo paterno foi o de prevenir e informar sobre os riscos de locais tais como prostíbulos, oferecendo seus préstimos para tirar o filho de eventuais enrascadas. Mas o diálogo, o aprofundamento em conversas acerca do binômio afetividade-erotismo, parece inexistir. O caminho escolhido para a educação sexual permanece bem definido: o silêncio. Ele é o responsável maior pelo nível de desinformação a que o jovem fica relegado.

Por causa dessa desinformação há jovens que sofrem frustrações e decepções quando de suas primeiras tentativas de 'tirar o queijo'. Tudo faz crer que a desinformação solapa aos jovens a possibilidade de alcançarem um conhecimento adequado e seguro sobre os melhores meios anticoncepcionais; tal fato provoca no rapaz, insegurança e medo de chegar a ser causa, nas suas investidas sexuais, da eventual gravidez de alguma moça, especialmente de sua namorada. O silêncio, é também o responsável

pela autodidaxia confusa, do jovem, acerca do assunto: chega até a confundir a lubrificação vaginal própria do estado de excitação com uma 'imprecisa e desconhecida' gonorréia; supondo tratar-se de um corrimento doentio, resulta daí um grande susto, pavor e fuga do ato sexual inaugural que estava para ser iniciado. Fruto do silêncio é ainda o desconhecimento acerca do corpo da mulher, fato que, provavelmente, acirra a curiosidade, a qual, conjugada à grande atração visual sentida em relação aos seios, precipita o desejo de vivenciar experiências sexuais; e é através da própria experiência, que o jovem irá desenvolver seu aprendizado sobre a sexualidade, a começar pela sondagem exploratória do corpo feminino através das intimidades com a parceira, que, por vezes, é a própria namorada. Obviamente, se o caminho educativo é aquele do silêncio, torna-se melhor estar a sós, que ladoado por companhias mudas e inibidoras: é quando têm certeza da ausência dos pais, que os jovens aproveitam para experienciar o sexo, com parceira, dentro de casa. No entanto, é certamente a dissociação entre a afetividade e o erotismo, a pior resultante do mutismo familiar dentre todos os males que atingem o jovem. Tendo que adquirir os conhecimentos às apalpadelas, mediante o acúmulo de suas experiências eventuais, muito jovem atravessa um período (oxalá não estacione aí) onde a prática do sexo fica basicamente desvinculada do desenvolvimento da sua capacidade afetiva enquanto pessoa. É apenas uma parcela de si, que ele admite estar envolvida em tais experiências; inexistente o envolvimento de sua pessoa como um todo.

B - Pelos seus relatos, os jovens chegaram a sugerir que a sua iniciação pode ocorrer, quer através de uma única relação sexual, bem sucedida, quer mediante múltiplas experiências de relação, até que ocorra aquela considerada efetivamente satisfatória.

C - Papel fundamental, na iniciação sexual do jovem, compete aos amigos e ao grupo - a 'turma'. O encontro do jovem com eles faz surgirem expectativas em relação ao papel sexual que está reservado ao rapaz.

Estimulam, preparam, orientam, impelem e acompanham o jovem postulante à prática do coito.

D - Outra fonte de apoio, ao aprendizado pelo jovem, das vivências sexuais, é aquela que podemos classificar como as 'pedagogas' improvisadas: empregadas domésticas e prostitutas. Os serviços por elas prestados são fator determinante para o deslanchar de muitos jovens - 'vítimas' do profundo silêncio familiar - na vida sexual. Contudo, os jovens notificaram que, regra geral, o ambiente do prostíbulo não agrada; como também deagrada o aspecto comercial, 'bem mercado', de pagamento, à dita prostituta. Registra-se, também, o medo de estar ali, naquele ambiente, dentro do prostíbulo.

E - A busca de melhor definição, e desempenho satisfatório, no campo da identidade/papel sexual masculino, marcou a atuação do jovem, perante seus iguais - os jovens -, nas experiências de iniciação. "Virar homem", "mostrar pra mim que eu era homem", "servir-se de uma mulher como qualquer homem se serviria", e, "mais um degrau na escalada homem", são afirmações que refletem claramente a postura dos jovens. É através de semelhante auto-percepção que ele inicia, de certa forma, sua auto-afirmação. Aliás, essa percepção afirma a supremacia sócio-cultural do macho sobre a fêmea; a 'supremacia', por sinal, desse mesmo macho que, regra geral fica muito nervoso no prelúdio do ato sexual inicial, a sós com a 'profissional do sexo'; ele que, raramente reconhece seu 'nervosismo' (tensão, medo) de debutante perante a parceira, preferindo quase sempre negá-lo verbalmente, embora o afirme somaticamente através até mesmo da não-ereção peniana.

F - No vasto repertório de comportamentos encontrados neste título acerca da Iniciação, há também aqueles, de jovens que de notam maior sensibilidade e exigências pessoais mais refinadas ; há jovem que, em relação à vida sexual, chega a exigir de si e da parceira, íntima ligação entre erotismo e afetividade, como condição para uma convivência satisfatória. Vê-se, assim, que o poder destrutivo do "silêncio", do "não-diálogo" na família, não consegue aniquilar a todos; ainda há jovens que, graças às suas próprias experiências ocasionais, à sua autodidaxia bem como à decisiva atuação pedagógica de determinada parceira, conseguem alcançar um amadurecimento sexual sadio, integrativo de seu ser e de suas múltiplas vivências. Tudo indica que assim ocorre. Pena que o número desses jovens (dentre os arrolados na presente pesquisa), represente uma pequena minoria! Mas, dificilmente poderão passar de uma minoria de jovens, antes dos 26 anos de idade, enquanto prevalecer uma 'educação sexual', sobretudo nos lares, educação essa no típico estilo 'ao-deus-dará'.

Para completarmos esta síntese sobre o capítulo dedicado ao desabrochar sexual do jovem, resta-nos resumir os pontos de relevo do seu segundo item, que trata da ação pedagógica da experiência.

## 2 - A ação pedagógica da experiência - síntese.

Estivemos percorrendo inúmeros relatos que se propunham a revelar as variadas experiências do jovem em relação aos diversos tipos de mulheres sexualmente disponíveis, que ele encontrou no seu caminho. O contato com elas - agradável ou não, prolongado ou curto - determinou a manifestação de comportamentos bem definidos que expressam, com clareza, o perfil do jovem no tocante à sexualidade: preferências, atitudes, gostos, etc. Para efeito de análise foram organizadas, em três tópicos distintos, as experiências que serviram de caminho ao jovem no

A - Casadas e descasadas, inovadoras

Esse primeiro tópico abordou os contatos com as casadas e descasadas inovadoras. Vimos que se trata de mulheres, em sua maioria, residentes ou provenientes de outras regiões que não a Nordeste (geralmente Sudeste).

As impressões que elas deixaram no jovem foram bastante positivas: pessoas bem preparadas, com maturidade social relativamente grande, que proporcionaram um relacionamento rico, e variações eróticas igualmente ricas, inovaram o repertório de alguns com a prática do sexo oral, e que conseguiram conversar abertamente sobre 'o que' fizeram, 'como' fizeram, tudo com isenção de preconceitos habituais sobre o assunto.

O jovem admitiu que tal experiência foi satisfatória e proporcionou-lhe uma visão da sexualidade efetivamente completa. Afirmou dever-se o seu sucesso sexual ao fato de ter encontrado pessoas bem preparadas, dentre as quais, incluem-se especialmente as casadas e descasadas, inovadoras.

Houve jovem que narrou que uma delas o teria 'usado'; além disso, ao analisarmos mais profundamente a curta duração, o espírito de improvisação e aventura, e os altos riscos sociais relativos a esses contatos íntimos entre a quase totalidade de las e o jovem, percebe-se a relação bilateral de pessoas que 'objetizam', 'coisificam', o outro e, por ele se deixam transformar em objeto, a fim de alcançar, de algum modo, o auge da satisfação a que aspiram, e que talvez ainda não alcançaram, ou de que sentem falta. Mesmo existindo um rico emaranhado de afeto e erotismo nessa relação, a parceira bastante vivida faz uso do 'belo galã' inexperiente e sequioso de prazer, talvez para preencher o vazio de maus relacionamentos anteriores; ele, por sua

vez, usa-a como objeto garantidamente experiente, saudável, eficiente, asseado, disponível e sigiloso, sem ter que arcar com compromisso, deveres, nem responsabilidade alguma, de nenhum gênero, pois, inexistente aí o temor da gravidez; ela sabe como evitar, ela assume. Falta, pois, nessa relação interpessoal, o encontro entre as pessoas na sua totalidade, exatamente enquanto pessoas.

B - 'Profissionais', 'amadoristas' do sexo e as 'meninas de família'

Esse segundo tópico apresentou as diversificadas experiências do jovem, com outros tipos de mulheres disponíveis para relações sexuais: as raras garotas do mesmo nível sócio-econômico ou seja 'meninas de família' (no caso específico, 'paquera' fora da Região Nordeste), a criada, a empregada doméstica, as 'garotas de programa' e sobretudo as prostitutas.

Como 'profissionais', as prostitutas são bastante procuradas, e cada jovem leva outros amigos a ela. Um jovem apresentou interessante comparação onde valoriza mais a prostituta - por ser lutadora por seus direitos, independente, etc. - que, as menininhas de programa, sonsas, e até mesmo, que as namoradas, dominadas e inertes diante dos caprichos de seu par.

Dentre as classificadas como 'amadoristas' do sexo - 'garotas de programa', criadas e domésticas - são as domésticas que se mostram as mais ingênuas, chegando a prestar serviços sexuais até sob ameaça. Dispor de carro, pode ajudar a aumentar o repertório das experiências do jovem, em número e em variação, segundo suas narrativas neste tópico. Doenças venéreas e desinformação a respeito, bem como experiências negativas, tais como ejaculação precoce, decepções e constrangimento em prostíbulos, estão presentes.

Algumas garotas do interior do Estado aceitam fazer, mas se recusam a falar a respeito: sexo é tabu! Trata-se de 'alunas' reprodutoras, honestas, coerentes e eficientes da 'Pedagogia do Silêncio' em que foram educadas.

Diversas experiências típicas são comentadas, e mostra-se que os vários lugares da casa devem estimular a criatividade de quem conseguiu descobrir apenas a cama, para as intimidades. Finalmente, de acordo com a narrativa, percebe-se que a necessidade pessoal de realizar atividades sexuais com pessoas do sexo oposto, emerge com grande força por volta dos 14/15 anos; o despertar sexual surge, e para isso colaboram inclusive os apelos comerciais da sociedade atual: a TV e a moda feminina.

### C - Preferências, atitudes...

O terceiro e último tópico trata especificamente das preferências, atitudes, gostos, etc., do jovem, no tocante à sexualidade. Os dados apresentados pelos jovens foram resumidos basicamente em quatro grupos:

- a) Deseja, gosta, mas não faz: a relação com pessoas do mesmo nível sócio-econômico ( a namorada ) e relação vaginal com a empregada doméstica, são coisas que alguns jovens não conseguem facilmente. Para alguns, inclusive, a pressão social veta-lhes a consecução do seu intento, de 'transar' por amor, com a namorada.
- b) Não gosta, mas faz: 'transar' por 'transar', pura e simplesmente, bem como manter relação sexual com pessoa de quem não está 'a fim' (fazendo-a na busca de mera auto-afirmação perante os amigos), são coisas que não satis

fazem o rapaz.

- c) Não gosta e não faz: manter relações com mulheres, em circunstâncias onde o desejo sexual seja unilateral, sã dele. Beijar prostitutas de baixa 'qualidade'.
- d) Prefere, gosta e faz: houve jovem que apontou o sexo oral, ou o sexo anal, a relação com a namorada, relação com 'coroa', entre outras coisas.

Outras revelações de interesse: a atração pela empregada doméstica leva o rapaz a 'brechar' esse alvo de sua atenção erótica - é o despertar do sexo!; inapetência sexual por parente próxima, mesmo despida; a existência de preconceito contra negras em um, inexistência em outro jovem; abstinência sexual por temor de gravidez ou falta de vontade, e, finalmente, o doloroso significado de um aborto para um jovem.

### CAPÍTULO III - O JOVEM: FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

#### 1- Os Pais e Educadores

A atmosfera cultural é respirada por todo jovem, dentro e fora do ambiente doméstico. Dentro de casa, tal atmosfera é permanentemente dosada, pelos genitores, em especial. No presente subtítulo analisaremos a fala do jovem acerca da criação que teve, sua percepção do pai e da mãe, da política familiar predominante, bem como sobre a educação sexual - ou sua 'falta' - existente no lar.

#### A - A Política familiar

Começemos por apresentar os fatos relativos à criação e instrução dos filhos, bem como à mentalidade e valores domésticos; tentemos captar a política desenvolvida pela família, ou seja, concepções e valores, existentes no grupo familiar, especialmente definidos por aqueles que chefiam tal grupo:

*"A moralidade que me foi imposta pela família, é uma coisa de que eu nunca gostei."* (92)

*"(( Depois da primeira relação sexual)) Minha família era muito moralista. (...) Tabus da família: sexo... e eu sempre achei as coisas de sexo, maravilhosas."* (93)

"(...) Acho que fui disciplinado com o rigor de um colégio (( de religiosos )) altamente exigente(...) Muito tempo sô com o convívio de colega de classe..." (94)

"(( Todas as pessoas adultas que residem em casa dele )) (...) Meio carolas e tal." (95)

"Depois paramos um tempo (( os altos 'sarros' )) , não me lembro o porquê. Voltamos mais tarde a fazermos as mesmas coisas durante uma viagem que fizemos juntos e com as famílias. Então tivemos aí a interferência das famílias; mais a minha 'do' que a dela e paramos novamente. Voltamos mais tarde e apenas por uma noite." (96)

"(( Alisar, fazer carinho, nas empregadas domésticas )) (...) Tinha aquelas que reagiam: 'chegava', à noite, e 'contava' para os pais (( do João vem ))). Dois caminhos: ou elas não ficavam mais em casa ( porque tinha um diabo solto )... por outro lado, a gente levava um 'esporro', por desrespeito à doméstica." (97)

"(( Ao namorar, sentado no terraço, meio em penumbra, na casa da garota, com ousadas incursões de carícias sexuais )) Tinha também o terror... vários sentidos, num sô; as pessoas que passavam, os vizinhos, a mãe que de vez em quando vinha... vigilância total... sexo feito assim no sentido de terror mesmo... amedrontado com tudo." (98)

"(...) Nessa de ela procurar emprego... e eu também (( ela, grávida, e ambos, mantendo sigilo disso, tentando meios de autonomia econômica que lhes permitissem casar )) (...) Ela arrumou emprego de secretária... A mãe: 'você já quer trabalhar (?); de secretária (?); não admito.' (...) Vamos agora talvez, viver o 'bonitinho' que nós somos, e ver com menos seriedade a vida ... e vamos ser menos responsáveis ( foi a maior responsabilidade que eu vivi na minha vida ) (( 'forçados' a praticar o aborto para salvar as aparências sociais exigidas )))." (99)

"(( Falando acerca do que é certo e do que é errado: posições para o ato sexual, a questão homossexual...)) Há certas perguntas que... são realmente difíceis de serem respondidas, entendeu; 'do certo e do errado'. Agora, na minha maneira de ver é ... (( questão de )) criação... a minha personalidade foi formada 'naquele ambiente', 'não aceito'. (...) Seria isso daí mesmo; as pessoas acharem que é certo o que é errado. Sô que quando eu faço a pergunta 'por que é que é errado', aí não me sabem responder.  
'- Ah, porque é!'  
(...) É criação, né... (( É )) Aí quando eu falo 'é o tabu que a gente vive: a criação, a educação que aquela menina teve, aquele tipo de instrução que ela teve... dos pais, entendeu (?)'..." (100)

"O comportamento em criança é tudo mais fácil; quando chega ((a)) uma certa idade... o que não fez em criança, pra fazer depois de grande, oh... é zero! (( é bem mais difícil ))).

O comportamento dos outros (( dos pais )) dificulta muito o nosso. (( É um ))... Peso. (( Isto falando acerca das barreiras que teve de enfrentar para conseguir sua primeira relação íntima com uma garota ))).

Depois desse primeiro contato (( sexual )), aí foi ficando tudo mais fácil pra mim; às vezes tinha dificuldades de encarar o pessoal em casa... falar... e mesmo, não tinha assunto, né... agora, sempre aquele dito tema, né... Passei quase seis meses com aquele negócio na cabeça (( vontade de repetir a relação sexual )), e sem procurar, sem nada; pensava ir 'numa' prostituta... mas desde pequeno que eu trago aquele negócio (( na cabeça )): 'comprar, nada... Se aparecer, apareceu, se não aparecer, tudo bem.' Mulher não casa virgem (?!), por que homem não pode casar?! Eu não acho nada de mais. Se fosse numa Suécia... acho que o pessoal marginalizaria mesmo (( a ele )))." (101)

Continuando seu discurso, esse jovem prossegue, denotando as contradições de seu pensamento, embora sem se dar conta disso; dessa forma, deixa transparecer tanto as exigências dos pais quanto as suas:

"Quanto a esses contatos (( sexuais )) acho que tá normal, sabe: quebrei muitas barreiras, eu era muito conservador... muito, muito mesmo... em relação a muitas coisas: festa... sair de casa... tinha aversão a pegar ônibus; agora com o carro, não, tá tudo mais fácil. (...) Acho que há coisas mais importantes 'do' que o sexo, na vida. É fundamental (( o sexo )), não deixa de ser; acho que a pessoa também não pode viver sem isso; é uma necessidade de cada um, física... tem de ser, de todo jeito, né; se você não faz, você não fica bem de maneira nenhuma..." (102)

Ir à cata de moças "zero quilômetro" não é apenas um preconceito do jovem quando pensa em casar... a família o antecede nisso nutrindo o preconceito contra a mulher desquitada:

"(( Ao longo de uma aproximação afetiva com uma jovem desquitada... precisava decidir sobre sua eventual ligação definitiva )) Mas, por questão de família,

também ( já que existe o fato de que, quer queira quer não (( a família )), está envolvida no negócio )... eu preferi que a gente deixasse correr (( o tempo, sem nada decidir ))." (103)

Dentre todos os entrevistados, eis abaixo o que apresentou algum relacionamento de uma "certa" abertura, "relativa", com os pais, atinente aos fatos da vida sexual; note-se: "certa abertura, relativa."

"Com meus pais eu sempre tive certa abertura...apesar de...uma certa abertura,relativa;porque, nada do que aconteceu (( problema sério em relação a uma namorada ))... (( eles não podem )) nem pensar em saber, né." (104)

Serã que a concessão de certas liberdades preenchem a lacuna deixada pela ausência do diálogo? Eis as palavras de um 'garotão' muito livre:

"(( Liberdade de circulação ))... Um garotão assim muito livre; aos 12 anos saía, voltava tarde, esse negócio... o pessoal nunca foi de exigir hora...esse negócio: 'tal hora você tem que ter que chegar'. Eu tinha 12 anos, já dirigia, já pegava o carro, entendeu; mas à noite não, só durante o dia". (105)

Reputação da família e valores da formação moral são "freios" que evitam os 'finalmentes', mas não os 'entretantos' da sexualidade do jovem:

"Tenho um pouco de receio (( ao procurar se satisfazer com as empregadas domésticas da rua )) por causa da ( apesar de ser uma cidade grande)... pela vizinhança da rua onde a gente mora... o povo já conhece a gente... ainda tem um certo grau de respeito; então 'a gente' ((ele)) procura se afastar... o mais longe possível... ((para)) procurar as empregadas domésticas que tem por aí, pra se satisfazer." (106)

"A relação sexual propriamente dita, (( embora goste )) não faço, pelo menos com a namorada... a minha formação moral não permite que eu prejudique uma pessoa...que eu ...sei que não vou ter condi

ções, socialmente, de assumir aquele ato praticado. Acho que isso seria prejudicar uma pessoa que não merece isso (...)

Acho que as conseqüências da gravidez é que são problema; não poder assumir financeiramente a nova situação. Defloração (...) problema de minha parte, com falta de condição econômica de assumir (...) minha formação moral.

Desde que a moça seja oficialmente e deliberadamente escolhida, e aceita pela família... praticando o defloração de uma moça, eu tenho a obrigação, independentemente de qualquer coação, de assumir." (107)

Após os relatos sobre a política familiar, vejamos agora as figuras dos genitores, de acordo com a percepção do jovem:

"Nós éramos como o corpo e a alma: uma pessoa só. Só vivíamos juntos; direto. Por isso 'que' minha mãe não gostava dela. Mamãe tem um certo apego a mim... sou o filho homem mais velho dela. Mamãe sentia falta de minha presença em casa (onde eu só ia comer e dormir). Minha mãe não gostava dessa menina (( no final, foi levado a acabar o namoro )) (...)

Tinha outro motivo também (( para ele ter medo de levar o caso sério... realizando o coito total))... eu queria agradar minha mãe, e ela (( a mãe )) não queria esse namoro da gente. Era total e radicalmente contra. Ela (( a mãe )) gostava muito de mim e eu gostava, gosto muito dela." (108)

"As duas famílias (( a dele e a da nova namorada )) estão em perfeita concordância... graças a Deus... porque nós nos gostamos muito. Minha mãe gosta muito dela... parece que vai dar tudo certo." (109)

"Comecei a ler mais um pouco...nunca levando livros para casa...porque, eu tenho meu quarto, tudo... mas é mamãe quem ajeita... e de vez em quando ela encontra um 'negócio' lá, né... por mais que a gente esconda, sempre tem uma pessoa que descobre...a gente bota embaixo da cama, faço qualquer coisa, mas... vai lá, pega, olha: '- que significa isso?'; mas nunca aconteceu isso em casa, nunca me fizeram esse tipo de pergunta: '- como você me explica isso?...'; e se perguntasse não saía nada, né." (110)

"(...) Deu afirmativo o teste (( exame de sífilis)). Aí pronto...aí o pessoal em casa não acreditou ((na idoneidade dele, relativa a não manter relações sexuais com mulheres)). Já eram assim (( desconfiados ))... aí, depois desse teste...mas eu já tava um pouco solto, não tava nem ligando pra o negócio(...)

Mamãe não tava acreditando (( na idoneidade dele))...  
'- Como uma pessoa vem dizer que não sabe... como pode pegar uma doença dessas...'

*Manter o padrão dentro de casa, tá entendendo; mas quando se saía... eu fazia das minhas. É sempre assim, né... é mais gostoso assim... você aproveita mais, os minutos que tem fora de casa...*" (111)

*"(( Após um episódio de carícias e orgasmo com uma empregada doméstica da sua residência, na ausência de todos os membros da casa )) (...) Tive receio que mamãe chegasse, né, e daí por diante... não tive mais nenhuma, mais oportunidade nenhuma; não que eu não quisesse, mas porque não houve ((oportunidade))."* (112)

*"(( Por volta dos 15 anos, ia à casa de parentes já maduras, acompanhando a sua mãe; lá conheceu uma doméstica )) Neste dia haviam saído todos e somente ficamos nós dois ((em casa)); então começamos (( ele e a empregada doméstica )) a conversar e a trocar idéias e falar sobre diversas coisas. (( Em seguida, aconteceram beijos e carícias; a ausência da mãe permitiu-lhe agir ))."* (113)

*"(...) Foi modificando a minha cabeça...fui vendo um monte de coisas; aprendizagem de muita coisa . Foi quando eu... saí praticamente dos laços da família, fui me libertando...daquele negócio assim...tava muito ligado...eu me envolvi muito com a família; não por parte do meu pai mas por parte da minha mãe. Porque a minha mãe é uma pessoa ... muito preconceituosa; principalmente no assunto sexo. É uma pessoa muito preconceituosa. Então eu me ligava muito a ela... isso dava uma influência ... muito grande em mim. Não tinha com quem desabaçar (...)  
Meu pai tem amantes... já fui contra isso...depois, eu vim a ver que a (( responsável )) questão principal era ela, minha mãe."* (114)

Disponibilidade e tentativa de apoio por parte do pai: eis a revelação mais importante a favor da atuação dos genitores, apresentada pelo jovem. Convém observar, no entanto, duas coisas significativas: (a) no primeiro relato o pai admite a prostituição como provável centro responsável pela iniciação sexual de seu filho; (b) no segundo relato, apesar da interferência e instrução feitas pelos pais, a comunicação interpessoal entre o jovem e seus amigos apresenta-se como mais confiável e prestigiada que a comunicação com os genitores, merecendo, pois, a preferência do jovem. Acompanhem os relatos:

"(( Considerações acerca da primeira ida a um prostíbulu)) Meu pai sempre tinha conversas comigo , e falava sobre isso; não dizendo que eu não fosse ou que fosse...nada...mas...expondo; ele contava como era, e aí arrumava a maneira de contar...

'- Se você for... tal, cuidado com "isso", porque, esse pessoal "assim"...'

- Prevenindo.

'- E se por acaso for...!' - Porque ele, às vezes, desconfiava, nê; não sabia, não tinha certeza que eu ia, mas ele desconfiava que eu ia... então ele se punha à disposição de...

'- Se por acaso; olhe, esses lugares realmente têm muita briga... se por acaso... qualquer problema , dê... (( um telefonema )) pra casa... que eu...vou 'tar aqui e tal e... diga onde 'tá, que a gente vai resolver'.

Então, eu ficava com medo, nê, de briga, assim..." (115)

"... Quando aconteceu o tal problema lá com a ex-(( na morada)) eu precisei de dinheiro... e... pedi em préstado a amigos...mas tinha que pagar. Eu trabalhava...mas não dava, era pouco o que eu ganhava . Então... sem dinheiro; então eu tive até que falar alguma coisa pro meu pai, pra dar... porque de certa forma ele me controlava...não que ele controlasse meu dinheiro, mas... ele me viu sem dinheiro, eu ganhando dinheiro e sem eu ter dinheiro (eu não vivo pedindo a ele sempre, assim, dinheiro);teve um ponto que eu tive que falar alguma coisa, nê, pra ele: 'oh, aconteceu um negócio desse tipo...' sem falar 'com quem', nem nada; ((ele)) tentou 'tirar' alguma coisa de mim, falou pra eu contar pra ele,mas... não conseguiu 'tirar'. Então... e me apoiou,sabe . Me apoiou, me deu apoio...

'- Olhe... se quiser, tal, aí me procure e tal.'

Me deu segurança. E sempre eles (( os pais )) procuraram fazer isso. (...) Quanto à educação sexual... pai... e eu, filho; eles sempre me instruíram. Sempre, na medida do possível, qualquer problema que eu tinha, eles procuravam conversar comigo e tal e... nunca me negaram, assim, nada; eu tíve uma boa... atenção, em termos de problemas desse gênero... do meu pai. É... mas, é a tal história: o que pesa mais é o problema (( a opinião)) dos amigos, nê. O conselho, às vezes, dos amigos, é superior... Prevalece, nê, mais... o grupo." (116)

A 'surra exemplar' foi o recurso mais adequado que a mãe do jovem do relato a seguir pôde escolher no seu repertório de mulher adulta, inserida na cultura, bem como naquele pertinente ao seu 'status' de mãe e educadora:

"(( Aos 6 anos de idade, surpreendido pela mãe, enquanto praticava um ato sexual com a meninota da vizinha )) (...) Aí, nisso, veio minha mãe (ela (( a empregada doméstica )) foi chamar minha mãe); então eu lembro que mamãe (( meio sorriso)) me disse milhões de desaforos, sabe; na hora.

A menina ficou...nã... ficou louca, nã; e mamãe me deu uma bruta surra; enquanto que a mãe dela batia, de um lado, mamãe batia do outro, sabe (...)  
Eu gritava de um lado, ela gritava do outro. Eu sei que foi uma surra bastante violenta, provavelmente; inclusive hoje, eu até comento assim: 'é, eu acho que isso poderia ter causado um trauma em mim; aquela surra não deveria ser dada, daquela forma lá, sabe.'

(...) Eu pus na minha cabeça que aquilo era feio, aquilo era horróroso, aquilo não devia ser feito; conseqüências, nã!

(...) Inclusive até hoje eu, sinto, um pouco, vergonha, sabe, disso aí.

(( Agora, já com outras coleguinhas...)) Então, de outras vezes, também, a gente sempre com vontade de fazer, porém com muito medo, sabe." (117)

## B - Educação Sexual

Os relatos a seguir dizem respeito à EDUCAÇÃO SEXUAL; existem ou não, por parte dos genitores, a conduta e o propósito de conduzir o jovem rapaz a um conhecimento cada vez mais amplo e mais completo acerca dos 'mistérios' do envolvimento afetivo-sexual que atinge praticamente a totalidade dos seres humanos? Começemos com cinco afirmações, apresentadas por três jovens:

"Como a maioria dos jovens na sociedade em que vivo, a escola relativa ao sexo foi a rua." (118)

"Um dos pontos mais fracos do pessoal lá de casa (( genitores )), de instrução, foi... essa parte de educação sexual." (119)

"(...) Tudo que aprendi, principalmente até os 16 anos mais ou menos, posso dizer que foi por intermédio de colegas ou de algumas publicações eróticas." (120)

"Do que eu aprendi ((vida sexual)), eu acho que 99,99% foi na rua mesmo." (121)

"A falta de uma educação sexual, gerou periodicamente em mim, conflitos de natureza formativa que ainda hoje apresentam conseqüências." (122)

O jovem, sua reflexão e autodidatismo, através das experiências ocasionais procuradas:

"Aí eu despertei (( ao brechar duas garotas se masturbando diversas vezes )): todo mundo tem necessidade! Os homens têm maior facilidade de relacionamento, mas as meninas têm mais dificuldade: formação, a sociedade (...)  
Não vejo culpa nas pessoas que me criaram e educaram mas... por culpa da criação que elas tiveram." (123)

A leitura, a serviço do autodidata:

"Fui ler demais... não senti mais necessidade de ler... porque todos os livros, repetem sempre a mesma coisa... mudam as palavras, mas a idéia é a mesma... eu acho que se eu tivesse um filho agora... eu já começava a... eu acho que antes de ele nascer eu já 'tava na barriga da mãe: 'olha aí seu... não tem a dificuldade' ( preparando-o para esse mundo cão); porque tá difícil em todos os... lados, não são na vida sexual, mas... tudo, tudo mesmo, tudo tá difícil." (124)

Mas a mãe de um dos nossos jovens não concordava com a idéia de que ele tivesse acesso a livros específicos:

"E sempre... livros, lá em casa, desse tipo ((escritório sobre a sexualidade)), eu acho que nunca teve...  
Na casa de um colega... aquelas estantes... eu mesmo ia lá, tirava... quando mamãe via que era um determinado assunto... ela tomava, né... Não, eu não sei... era a maneira dela, né... deles. Cada cabeça um mundo... No dia de hoje, eu recrimino, esse tipo de comportamento; hoje. Mas ((há)) cinco/seis anos atrás eu não... não recriminava não, porque era totalmente 'intrigado' com o negócio, né." (125)

Ainda sobre o autodidatismo: as revistas eróticas!

"Eu sempre tive coleções de revistas eróticas... Ela (( a garota loira )) tava vendo uma revista lá, comum. Eu puxei uma revista ( erótica ) lá e mostrei a ela...

'- Fulano, você tem dessas revistas!?'

Ela ficou vendo essa revista e eu fiquei olhando pra ela... e aquilo foi me excitando. Tentei encaminhá-la ao primeiro quarto de minha casa, cuja porta dá para a sala... ela tentou resistir... mas com aquele ar de quem diz 'se você me empurrar, eu vou'. Até que fomos pro quarto. Então, quando eu tirei a roupa dela, estava em cima dela, já pra... de re

parente, a porta do quarto se abre, e era (( uma pa-  
 rente já madura )) que ((pouco antes)) estava dor-  
 mindo lá atrás. Aquilo pra mim... pronto. Ai, isso,  
 na minha vida, eu acho que foi um bocado prejudi-  
 cial... porque... parou de repente... a garota ficou  
 assustada..." (126)

A 'Pedagogia do Silêncio' é a conduta facilmente ob-  
 servável no trecho a seguir, agravada aqui por ser um silêncio  
 repreensivo, desaprovador e ameaçador; essa tal 'pedagogia do  
 deixa acontecer' faz com que os 'educadores' fiquem magoados quan-  
 do descobrem que alguma experiência, de fato, aconteceu des-  
 considerando os valores por eles defendidos! Acompanhemos a  
 exposição:

"(( Uma parente, já madura, que também reside com  
 ele, surpreendeu-o, com uma garota, prestes a uma  
 relação sexual )) (...) Quando abriu a porta era  
 eu... Ela não falou nada, ficou calada... Depois, eu,  
 jantando com ela, ela calada... de vez em quando  
 ela levantava a vista pra mim... aquela vista repre-  
 ensiva... não disse nada a ninguém lá em casa; mas  
 sempre com aquela vista repreensiva pra mim, de ma-  
 neira que eu me sentia lá em casa como se fosse um  
 culpado. 'Mas será que fiz alguma coisa de errado?  
 Eu não acho isso errado.'  
 Fiquei muito preocupado com isso, muito mesmo. In-  
 clusive fiz até uma pausa ((período)) para ter no-  
 vamente relacionamento ((sexual)) com mulheres. Quan-  
 do eu tentei de novo ter relacionamento com uma  
 garota (nada de importante, uma garota qualquer),  
 eu me lembrei ((daquele tal vexame)) de casa...  
 de maneiras que eu tive problemas... ((para chegar  
 a ter ereção))." (127)

A conduta prescrita pela 'Pedagogia do Silêncio'  
 aplicada aos assuntos sexuais, inspira a política familiar ado-  
 tada pela esmagadora maioria dos pais de nossos entrevistados.  
 Eis mais dois relatos que explicitam essa pedagogia estilo 'ao  
 deus-dará':

"(( Ao encontrar uma jovem empregada doméstica que  
 topou levá-lo para a cama... )) (...) Então, eu,  
 uma criança ((adolescente)) ... não sabia como co-  
 meçar, nem por onde terminar... Não 'tava 'sacando  
 de nada', nem como fazer a 'coisa', como dar andamento." (128)

"Eu com muito medo (( a empregada doméstica com quem, às escondidas, ele transara diversas vezes, teve seus pequenos furtos descobertos)); eu nunca tinha falado de sexo com papai, com mamãe; ninguém procurava me dizer, eu então não procurava contar. De vez em quando ela (( a doméstica, já despedida)) ainda se encontrava comigo; mas deixei pra lá, tinha medo que chegasse lá em casa 'esse negócio'." (129)

Quando a experiência está consumada e chega ao conhecimento dos pais do jovem ( à época, ainda adolescente ) eles podem entrar em pânico; há o temor de doenças venéreas, mediante o qual tentam dissuadir o filho de prosseguir com tais experiências; surgem promessas de esclarecimento, de encaminhamento e de instrução... que, ao final, cairão no 'esquecimento'. Em seguida, retorna-se à prática da 'Pedagogia do Silêncio' ou seja, à 'pedagogia do deixa acontecer':

"Até que um dia, um, mais novo, que veio com a gente (( aos bares, para sair e transar com as empregadas domésticas 'de rua')), disse a não sei quem, que disse a meu irmão. Meu irmão pequeno, pegou e foi dizer a minha mãe ( eu saía todo sábado). Minha mãe me interpelou (...): 'Cuidado... não faça... doença.' Eu fiquei com medo porque ela foi chamar papai. Ele veio e disse que em tais locais eu não devia ir; se quisesse ele levaria a um lugar melhor... mais garantido. Aí, eu 'ah, então tá bom!' Falei com papai; toda vez marcava com ele mas ele nunca ia. Minha mãe quando soube que papai queria me levar pra esses lugares, ficou danada com ele. '- Você tem que deixar ele ir só...'

Desde esse tempo pra cá, meu pai e minha mãe nunca mais se envolveram nesse negócio de vida sexual. Nada. Eles não querem nem saber; nem ligam pra isso. Isso foi (( em medados de )) 1979." (130)

Tal 'pedagogia' leva o jovem a cultivar generalizações indevidas, bem como certos mitos culturais:

"Pois éramos inocentes demais, presos demais às autoridades familiares, tendo quase sempre a idéia de que qualquer coisa relativa a sexo era errada e o homem sempre estava fazendo sacanagem com a mulher." (131)

A quebra do silêncio acerca do sexo ocorre no colégio, eventualmente, para alguns jovens. Mas não passa de uma descrição biológica dos órgãos:

*"Às vezes havia uma tentativa do colégio em ensinar-nos alguma coisa, mas se limitava à descrição biológica dos órgãos sexuais."* (132)

Eis a visão que o filho tem, dos pais, da política familiar e da conduta pedagógica dos mesmos, acerca dos assuntos do sexo. Isso, após ter feito suas descobertas, à custa das próprias experiências:

*"Cheguei em casa ( depois dessa primeira vez ((transa)) ), fiquei com vergonha de meus pais, né, vergonha assim... sentindo um pouco de pena deles, né... esconderam durante tanto tempo, né, uma coisa que era considerada (( pelo entrevistando )) normal, né; agora, já de pais para filhos, eles não consideram normal, né... por que (?!), eu não sei, né. Normal, pra eles é... aqueles pais que deixa ((m)) o filho descobrir por ele mesmo, né... Eu acho que não é isso (( o correto )). Eles consideram anormal ( talvez, né ) os pais que jogam tudo para o filho, né... aberto... É aquele caso, né: 'se eu passei por isso (( completo silêncio, tendo que descobrir a sexualidade sozinho )), então o meu filho vai passar, é o caminho mais curto, né, é o mais provável para ele, né....' Minha mãe... minha mãe mesmo ... eu acho que ela nunca chegou pra minha irmã, né, pra falar... de menstruação, desse negócio todo, né. É, eu acredito que sim, né... tanto é que, eu acho que ela teve... que veio, né, a regra... de la... ficou até um pouco assustada, né; eu lembro, né, desse período... com dez, onze, doze anos, mais ou menos."* (133)

Mais outra experiência à busca de descoberta e compreensão dos 'mistérios do sexo'; mais um passo no autodidatismo do jovem; no relato a seguir, no entanto, deparamo-nos com a aprendizagem a partir da frustração ante uma experiência 'negativa'. A instrução, a orientação sobre as práticas sexuais finalmente aparecem, mas não vêm através dos pais, e sim do irmão mais velho:

"Daí, eu me lembro que talvez eu tenha pegado alguma coisa com essa mulher (( prostituta )) (... )  
 Mais outro dilema... peguei uma doença de pele ...  
 entrei nas filas dos institutos... eu passava a manhã todinha pra... médico... carteirinha... Também foi um dilema dizer pra papai que... eu tinha 'alguma coisa' no sexo (... ) tinha que ir ao médico ... e que era uma doença venérea ' (... )  
 Meu irmão mais velho, na época, acho que fazia (( um curso na área de saúde ))... ele é bem mais velho que eu. Ele não concordava com determinadas condições promíscuas, no sentido de frequentar prostíbulos...começou a orientar a gente:  
 '- Você pode desgraçar a sua vida'..." (134)

Eis, para finalizar, a expectativa e a proposta espontânea do jovem, de uma nova 'pedagogia' que incluísse as experiências concretas, sim, mas também todo um diálogo destemido acerca dos fatos da sexualidade:

"Eu acho que as pessoas deveriam ser preparadas, hoje, pra vivenciar... esse tipo de coisa ((desenvolver o conhecimento prático sobre os órgãos e suas funções, afeto e sexualidade, através de vivências de encontros sexuais entre namorado e namorada))... logicamente procurando saber as conseqüências a que isso aí pode levar... muito mais do que, por exemplo, 'tá aí... viver às tontas (( estilo 'ao deus-dará' ))), aí...' eu acho que deveria existir uma educação sexual, vamos dizer, na escola (... ) Pra mim...na minha escola... coisa que não houve..." (135)

## 2 - A Rua, Rica Escola

Se a 'Pedagogia do Silêncio' vigora no seio da família, no que conerne a assuntos da sexualidade desabrochante do jovem, o mesmo não ocorre no ambiente complementar ao lar: a 'rua'. A aprendizagem sobre o assunto advém de um grande leque de opções que se oferecem, fora do alcance da política familiar de relações interpessoais; um irmão 'iniciado', empregadas domésticas que são 'brechadas' despidas e cujo corpo é alvo da grande curiosidade do jovem em iniciação; há, ainda, parceiras com quem se vivem experiências sexuais observando discrição e sigilo, e os contatos com parentes não pertencentes à família nuclear; fatos da vida social do dia-a-dia que ensinam como agir e como dissimular e disfarçar o suficiente para se livrar das pressões sociais.

Ao final deste subtítulo, apresentaremos os relatos referentes aos contatos com a turma ou com cada amigo; eles têm papel vital na iniciação e desenvolvimento do adolescente e do jovem, nesse campo, pois constituem-se no referencial de apoio, no transmissor de informações confiáveis, em instrutores, em centro estimulador, no foco desafiador que tende a gerar novos comportamentos no jovem, enfim, são o ponto certo onde encontrar companhia satisfatória e um núcleo de cobranças permanente.

É importante salientar que no grande rol das experiências contidas no presente subtítulo, estão imbricados os fatos pertencentes a duas categorias distintas: (a) a 'rua' como fonte de enriquecimento, e, (b) a própria experiência do jovem. A 'rua' seria composta, basicamente, pelas pessoas com quem se tem amizade de igual para igual, e nas quais se tem confiança; a experiência própria do jovem, que é autônoma em relação à categoria antecedente, corre por conta e risco da iniciativa e do autodidatismo do rapaz.

Iniciemos os relatos pelas domésticas, alvo do 'brechar' curioso do jovem:

*"Aí eu comecei a sentir atração pela empregada (( de sua casa ))... a nova empregada; que, era um 'pedaço' mesmo de mulher, eu lembro demais dela; e, eu começava a 'brechar'; pronto; mas eu era 'safadinho', hein!"* (136)

*"Até que entrou uma empregada lá em casa, que era 'assanhada' mesmo... era nova ( mais ou menos 18 anos ); bonitinha... (( não... )) meio feia,mas (...) Um dia, a sós em casa, a porta do banheiro entreaberta, ela 'tava tomando banho (...)  
 '- Vou me aproveitar.'  
 Agarrei ela debaixo do chuveiro.  
 Aí ela...: ' Eu vou gritar.'  
 Eu: ' Não grite, não' (( pedindo )).  
 Não sei se ela ainda era virgem ou não;naquele tempo eu não sabia nem diferenciar se era ou se não era. Eu acho que não era. Lá mesmo, no banheiro , aconteceu a transa com ela pela primeira vez;debaixo do chuveiro. Ela ficava com medo danado de mim, não sei o quê. O pessoal lá de casa viajava muito. Eu estudava, não viajava. Ao viajarem eu dormia com ela, no meu quarto, juntando a cama do meu irmão à minha."* (137)

Neste último relato, observa-se que, o 'brechar' foi determinante na iniciação do jovem.

O irmão iniciado pode adotar comportamentos que apontam um novo caminho:

109

"(( O irmão, dentre os mais velhos, com idade mais próxima àquela do entrevistando )) (...) Vive num ambiente bem mais liberal, nessa parte; então ele curtiu realmente e curte, e por exemplo, tinha uma noiva ( agora é casado ), e todo mundo sabia que ele transava com ela, né, com a namorada dele, a namorada dele que agora é esposa dele; mas se levar a diferença pra meu irmão, o outro (( bem mais velho que esse anterior ))...que viveu numa sociedade mais, assim, fechada, né, mais da época deles ... então (( este )) meu irmão... é completamente diferente; por exemplo: na sociedade deles, um beijo, certo, era um negócio comprometedor, né..." (138)

Hã o caso do jovem que não se afinou com nenhum grupo de amigos, nem com amigos isolados, pelo menos por algum tempo; deslanchou despreocupadamente em vivências sexuais graças à disponibilidade, quer de revistas, quer de ótimas parceiras e de uma política de compromisso de sigilo:

"Eu sempre tive coleções de revistas eróticas(...) Geralmente, eu nunca revelo nada da minha vida sexual e íntima, pra ninguém. Do mesmo jeito que eu não gostaria que a minha parceira sãisse por aí botando...também eu não o faço." (139)

"As parceiras que eu sempre tive, sempre me ajudaram (( na prática e na mentalidade )); poucas foram as que influenciaram negativamente. Me ajudaram a superar a barreira da moralidade (...). Foi isso o que mais ou menos me fez ter sucesso: encontrar pessoas preparadas em relação ao sexo." (140)

Outra experiência vivida de valorização do sigilo no que se refere à vida sexual:

"(( Após ter mantido relação sexual com uma garota de sua idade ( aproximadamente ) na noite anterior... aliás, primeira relação )) No outro dia, ( lá na escola ) parece que houve um comentário assim... a respeito, né (( de transar )) ... eu participava, né... mas não (( não disse nada do que houve ))... eu nunca fui assim... Determinado assunto, eu não gosto de comentar com todo mundo. Hoje mesmo, (( colegas do trabalho )) me contam as aventuras deles; casados... eu não recrimino...mas acho que não é necessário... Tem um menino mesmo, lá, da minha idade, tem (( mais de 20 )) anos, casado, tem dois filhos; todo dia quando ele chega vem contando como trepou e como fez, etc., com a mulher dele." (141)

Eis um outro tipo de experiência:

"Ela vivia sempre à janela. Ela brincava comigo, in sinuava coisas. Um dia, quando o marido saiu, ela inventou de ir lá em casa para procurar livros. Pro curando e olhando pra mim...

Eu: 'esses olhares são insinuativos demais'. Fiquei pensando: 'ela casada, será que quer alguma coisa comigo? Será que eu vou conseguir? E se o cara ((ma rido dela )) chega e me pega, o que é que ele vai pensar? Mas também se eu não for, a mulher vai di zer o que? Que eu sou o que?'"

(142)

Dentre os quatro trechos de relato, expostos prece dentemente, há o que sugere, inclusive, que as revistas erōti cas tendem a ocupar, também elas, o espaço deixado pelo silên cio dos genitores. A afirmação do jovem de que "fator do seu sucesso foi encontrar pessoas preparadas em relação ao sexo", exige melhor reflexão sobre a educação sexual em geral: se pes soas preparadas ajudam aos que se iniciam, como será o futuro de uma sociedade que parece debater-se para que todos, todos permaneçam despreparados, entregues à "Pedagogia do Silêncio", aprendendo e descobrindo exclusivamente no estilo, 'ao deus-da-rã'? Quem educa os que devem se tornar 'orientadores'? Ou será que os pais e educadores almejam que o campo da sexualidade se transforme em terra onde todos, sem exceção, sejam "cegos"?

A seguir, transcrevem-se fatos denotativos da apren dizagem sobre como dissimular coisas do sexo, quando se está em pú blico:

"Talvez (( ocorre o surgimento de ereção em via gens )) porque eu sempre li muitos contos erōticos fazendo viagens de ônibus. Isso ainda continua; se mana passada ocorreu. Ainda tenho, sempre tenho me do da reação das pessoas."

(143)

"Quando eu encontrava com elas (( duas irmãs a quem ele escondido, 'brechando', observara, em ses sões distintas, se masturbando )), após a sessão de masturbação, eu tinha que providenciar logo alguma coisa para disfarçar pois me vinha de imediato uma forte ereção. 'C' foi mais tranqüila mas 'G'... fi cava numa euforia ao se masturbar!..."

(144)

"Aconteceu também muitos casos em ônibus: eu vinha no ônibus e uma garota se esfregava em mim; eu ficava com medo de ter ereção... e depois, como eu iria descer? (... ) Uma menina muito bem feita, na minha frente (ônibus lotado), se esfregando; eles viram, e depois ficaram perturbando comigo na praia (( pessoas amigas ))...

Quando eu estou assim meio excitado, parece que eu fico meio cego...são me vêm aquelas imagens erôticas... e o resto se apaga.(...)Principalmente nas viagens (( intermunicipais )), facilmente eu tenho ereção. Tanto que eu costumo não colocar minha bolsa no bagageiro, a fim de colocá-la no meu colo na ocasião da ereção ( pra disfarçar )."

(145)

Seguem-se trechos acerca dos contatos com parentes ou pessoas afins, não pertencentes à família nuclear do jovem; trata-se de pessoas que, de alguma forma, ajudaram-no a despertar para as coisas da sexualidade.

"Em 1974, mais ou menos, chegou uma prima minha e percebeu que eu não entendia nada... notava que eu não tinha nenhum interesse sexual... e realmente era ((isso)). A sôs, começou a me explicar e explificar... e eu 'voando'. Explicava que 'os meus primos mais velhos...' Aí eu comecei a ter curiosidade...Comecei a falar disso com uns colegas meus.

'- Isso só dá certo na prática'(...)

Aí marcamos e fomos eu e mais...quatro; ele, o me nos inexperiente, e nós, três iniciantes.Fomos pra 'zona' do meretrício de Recife.

Negócio 'meio pesado' (...)

(( Pensou )) '- Se eu morrer, não vou morrer só'(...)

A gente contratou umas quatro; tudo junto.

Elas: 'vocês são... primeira vez?'

'- É'... "

(146)

"Minha convivência fora de casa foi que foi 'me despertando mais'.

Minha irmã, sô vive dentro de casa... é fechada mesmo...principalmente agora que está fazendo ((um curso de Humanas)) está trancada mesmo, sô faz ou vir.

Conheci uma menina, do grupo do colégio, com quem me identifiquei muito...confiei e falei...e ela tam bém, para comigo. Mas sem ter relacionamento sexu al."

(147)

"Então fomos criados... com uma menina que ajudava lá em casa, sô, comigo e com minha irmã, e minha ((uma parente adulta))...

Então, o relacionamento dessa menina que nos 'criou' era mais aberto com a gente, de que propriamente (( o relacionamento deles )) com papai e mamãe, nê. Então, de vez em quando ela 'soltava' (( falava )) ; quando a gente 'tava assim com dez, onze anos, ela dizia, às vezes: 'olhe, é... isso, isso, isso... ' nê.

Eu ficava... com medo, nê; às vezes, ela ia tomar

banho, nê, eu, com curiosidade (a gente sente), eu ... pequeno, nê...você tem vontade de olhar, nê, 'vê' ((ver)) como é o negócio ((de sexo))...achar es tranho, nê: 'mas por que aquilo, por que aquilo ou tro'." (148)

"(...) A primeira experiência que eu tive. Foi a partir dos 12 anos, por aí, que eu ouvi as primeiras conversas sobre sexo; colegas mais velhos vão falando e evidenciando as coisas pra gente. Foi um primo mais velho que me iniciou na 'carreira'; ele falava muito...mas sô falava...até que um dia ele me disse: 'vamos', e eu respondi: 'vamos lá!'..." (149)

"((Foi a uma cidade do interior do Estado)) Aí eu tinha conhecido umas pessoas (rapazes) e estas começaram a chamar para irmos dar uma trepadinha... pessoas eram de muito pouca cultura. De início recusei, isto porque eu tinha medo de ((que)) alguma coisa de errado acontecesse e viesse a ferir minha hombridade, tal como: o pau não subisse, eu não gозasse, enfim, que desse alguma coisa errada e os reflexos disso na sociedade. Nessa história toda havia também a pressão de um ((parente bem mais velho))... para ((o jovem)) ir ((o parente era sóteiro, adulto; em sua casa o jovem estava hospedado))." (150)

Pelo último depoimento, percebe-se como o temor do fracasso, está presente, com freqüência, na iniciação do jovem. Esse temor, apresentado também em pelo menos mais quatro citações (localizadas em diferentes partes da totalidade desta análise), mostra como o jovem fica submetido a grande tensão emocional ao se ver obrigado a corresponder, satisfatoriamente, às expectativas das pessoas, dos amigos ou do grupo, em relação ao binômio representado por identidade/papel sexual; ele tem que provar que é macho, através do "êxito" incondicional na execução da relação sexual.

"(...) Eu fui pra lá, pra casa de uns primos; então eles me convidaram pra ir à 'zona'; fui dar uma volta lá ((era um lugar ao ar livre, em meio à natureza; meio fora da pequena cidade interiorana))." (151)

"Em ((capital, do Sul))... houve a visita a um ou outro cabaré. Mas a maioria dos casos deu-se com mulheres que ficam pela rua...a gente vem de carro, a colhe e leva pra um 'drive-in'. Tudo ocasionalmente. Geralmente, não havia recusas; desde a primeira solicitação... tudo bem.

Principalmente porque eu já tinha uma certa informação por parte do ((marido de uma parente minha)) lá ((dessa mesma cidade))." (152)

Para o jovem, a rica escola que é a 'rua', tem seu ponto alto e fecundo nas relações de amizade, quer se trate de amigos isolados - especialmente os do mesmo sexo - quer se trate de turmas ou grupos.

Comecemos por espreitar os contatos com cada amigo, individualmente:

"Os amigos fiéis... dois, três; a eles, a gente contava como era o lance, como foi o primeiro beijo; eles ajudavam a gente. Amigos de rua. Eles também tinham o irmão mais velho, maior de idade que eles, e que já tinham a sua experiência sexual. Na época ((1966/67)) os caras já iam ao prostíbulo... eram os verdadeiros garanhões... Comiam 'todas' as meninas da cidade (os irmãos mais velhos desses caras)." (153)

Pela citação ora finda, e levando-se em conta a totalidade dos depoimentos dos jovens, pode-se observar que é mais fácil a informação passar 'de irmão para irmão' que 'de pais para filhos', quando o assunto se relaciona à sexualidade.

Amigos: aconselham, falam, mantêm aquela conversa persistente e, servem de exemplo! São os trechos a seguir que narram isto:

"(( Bater 'punheta' )) (...) Passei a executar sistematicamente de três em três dias, por não ser aconselhável pelos meus colegas 'mais experientes', diariamente." (154)

"Aí pelos 14 anos, ouvia falar muito de 'punheta'. Até que um dia fui tomar banho e resolvi experimentar. Gostei. Gostei muito. Aí fiz outra, logo em seguida; meu pênis inchou muito... tive medo, aí parei por muito tempo." (155)

"(...) O outro sexo, eu acho que... acontece, como acontece com quase todo mundo, né, que é na prostituição (( que se inicia o relacionamento com o sexo oposto ))... a prostituição, né... você, com, eu

acho que com uns 14 anos mais ou menos, de idade, você começa... é só aquela conversa (...)  
(( Quando da iniciação sexual )) No meu caso, não foi questão de insistência, foi questão (...) Uma coisa pessoal mesmo, acho que você se vê assim... levado... por você querer e por seus amigos tod<sup>i</sup>nhos irem e você ter que optar... e achar que é bom.

Fui com um primo da minha idade (...) Nessas coi<sup>s</sup>as ele (...) bem atirado... (156)

Amigos, presentes desde a iniciação até o exercício sexual rotineiro: no baixo meretrício ou com as empregadas do místicas encontradas na rua, com as garotas de programa, com a colega de escola, etc.

"(...) A gente foi à Rua da Palma ((prostitibulo)); o lugar onde todo mundo ia pra ... são quartos, sabe, de aluguel; foi o lugar onde todos os meus colegas lá de 'R' ((bairro onde residia)), foram... E foi lá que eu transei a primeira vez, né." (157)

"(( Sobre o hábito de frequentar as prostitutas )) Acho que já faz uns três anos que eu não vou; e da última vez que eu fui eu me arretei, porque eu fui pra um lugar com dois colegas meus; disseram ((eles)) que tinha mulher boa... eu fui, chego lá tinha realmente as mulheres boas mas... não tinha água corrente no ambiente (...) Foi muito ruim..." (158)

"Paralelo a esse namoro sempre eu tinha relações com mulheres; era uma coisa que a gente tinha ((programas extra)) para uma satisfação pessoal, aliás, para uma afirmação social. Às vezes não era nem a gente que queria... por exemplo, um colega meu aqui da rua dizia: 'rapaz, tô com duas meninas aí pra sair... vamos(?)'.

- Eu: 'vou!'.

Saía, fazia o programa. Não conhecia a menina, era só um relacionamento sexual 'puro' ((assético, mecânico)), às vezes um negócio até chato porque se tratava de uma menina que não tinha nada a ver com a pessoa; menina que em termos de pessoa, não valeria a pena... não tinha conversa, nada, era puramente aquilo, né." (159)

"O mais perigoso: no colégio uma menina que me dava bo la... pensava que ((ela)) era uma menina 'direitinha'. Um colega 'deu em cima' de mim ((forçou-me a agir em relação a essa menina)). Aí eu marquei com ela e fomos (à tardinha) lá para o ((pátio deserto e arborizado))..." (160)

"Comecei a sair, ir pra barzinho tomar cerveja com os amigos que tinham carro, eu com 15 anos e eles com uns 18 anos. Dentre as 'safadezas' todas em que um cara dessa faixa 'tava por dentro, eu, teoricamente, também estava." (161)

"O amigo da minha rua, com um carro... saíamos pra barzinho (...)

Uma noitada foi pra 'zona' de Recife.

'- Como é, já foi... já tirou o 'queijo'?'

Então, claro, logicamente eu tinha que dizer que , também era experiente, 'que já', sabe, que eu era 'o terror das meninas'... porque a gente... não po<sup>deria</sup> dizer que não. Quer dizer, é até incrível, co<sup>mo</sup> até a nível assim, de pessoas em que você ta<sup>l</sup> vez confia, com que você tem relação de amizade, v<sup>o</sup> cê às vezes ((não pode)) não tem que ser sincero , certo, pra que você seja aceito... quer dizer, isso é uma coisa horrível (...)

Saímos com esse amigo meu, um cara bem mais velho, (( e com o irmão )) e o outro também, e fomos pra 'zona' do Recife... e também, outra... não sei se era o Black-Tie e tal... esse tipo de coisa." (162)

"((Depois de todo o 'ritual' com a prostituta)) Ela me leva (( de volta ã )) 'na' mesa em que eu esta<sup>va</sup> com as pessoas (( os colegas ))... eles pergun<sup>tavam</sup> pra mim: '- como é, foi a primeira vez?'... Eu tinha que dizer que não tinha sido a primeira vez ... e 'tava na cara, né, a angústia total... 'essa mulher 'tã vendo na minha cara, que não foi'; não era 'expert'; 'tava na cara. Foi uma das experiên<sup>cias</sup>... foi uma das provas de fogo, em que a gente tem de consumir o que a gente não gosta. Nessas con<sup>dições</sup>... se talvez fosse com uma namorada, uma pes<sup>soa</sup> com quem a gente tivesse um maior relacionamen<sup>to</sup> ou que a coisa fosse espontânea, ou que surgis<sup>se</sup>, 'pintasse'... tudo bem, né, vamos descobrir, v<sup>á</sup> mos 'fazer a coisa'; mas não foi." (163)

"(( Após ter 'tirado o queijo', graças aos insis<sup>tentes</sup> convites de um amigo dirigidos a uma 'pen<sup>i</sup> queira', que terminou aqui escendo e indo para a g<sup>a</sup> ragem da casa do nosso sujeito, onde foi submetida a uma transa a três)) Pouco tempo depois combinei com uns colegas de (( para )) ir até a 'zona' do Rio Branco (( Av. Rio Branco, Recife)). Ainda com muito receio. Logo que chegamos, pedimos a bebida ... tomei quase que num só gole (rum). Chamei uma mulher para dançar e ela concordou. Depois de dan<sup>çar</sup>..." (164)

"Fui levado por colegas, amigos meus da rua, que mo<sup>ram</sup> lá onde eu moro (( isto, para o primeiro conta<sup>to</sup> com o prostíbulo )))." (165)

"Estive em João Pessoa, com amigos, à festa de Na. Senhora das Neves... éramos três. Chegamos s<sup>ábado</sup> pela manhã (...) Praia (...) Convidamos duas meni<sup>nas</sup> e fomos com elas a um motel safadinho. Sô um ficou sem garota. Fotografamos as mulheres nuas; e todos nus fomos juntos tomar banho... sô que esque<sup>cemos</sup> o flash (( meio 'altos' devido às doses ))). Mas guardo o filme como recordação. Antes eu tinha vergonha de ficar nu na frente dos outros: criação que eu tive." (166)

"Já tive relação, sô uma vez, num baixo meretrício, a convite de um amigo (( frequenta outro tipo de mulheres, para encontros sexuais )))." (167)

"...Aí tinha um empregado lá em casa, né; era ... dessas pessoas assim, quando não têm a ((quem)) re correr, recorrem ao baixo meretrício, né; cada um tem a sua realidade, né; então, era o ponto dele; quer dizer, eu, moleque muito safadão, ele, com amizade comigo, eu gostava demais dele. Se nós estívéssemos juntos, assim, e ele falou ((falasse)): 'vamos nessa daí', eu dizia: 'vamos sim'. Aí seria realmente a minha primeira experiência ((sexual)), né; porque, aí sim, antes não; mas ali eu já tinha condições de 'me sentir homem', né; sentir a sensação... tudo, né. Aquela sensação 'dobrada', né, que antes não sentia, né; pelo fato de 'tar chegando a sentir o orgasmo, tudo certo...antes eu não tinha (...)

Tive medo, de que, na hora, eu fracassasse. 'Pronto, hoje, vou fracassar! Vou ficar sujo perante ele e perante dois colegas' que tinham ido comigo, da minha idade. Eles tinham 12 anos, enquanto que, o empregado, tinha cerca de 18 a 20 ...aí ele falou: 'você pode escolher aí'; aí o coração começou a bater mais forte; aí eu falei: 'bom...é melhor a gente andar mais um pouco, tem muita ((mulher)) porcaria aqui!... até que ele...'bom eu vou ficar com aquela lá', aí marcou um lugar para nós nos encontrarmos.

'- São que ninguém sai dessa rua; tem que ser nesse trequinho aqui, né'; isso ele ((falando)), né.

Aí ficamos, eu, junto com esses meus dois amigos, né... 'pô eu tenho que mostrar para esses dois aí, que eu sou melhor 'do'que eles, e vou fazer a minha 'paquera' ((conquista))' (...)

((Após tudo concluído)) Eu falei: 'Fulano, quando é que nós voltamos aí?'

Ele disse: 'rapaz, você tem que tomar cuidado... isso aí, é um vício danado; você se acostuma a vir aqui, vai querer vir com frequência, aí... não vai dar não. Vamos ver se daqui para o mês ((vindouro)) eu trago você outra vez'...

Eu falei: 'tã tudo bem'.

Eu sei que, depois daquela vez, eu fui mais umas... acho que três ou quatro vezes... lá, né... Sempre com ele, né; nunca cheguei a ir... ir sozinho, né; ((ele)) a 'velha raposa', né."

(168)

Nem sempre os colegas e amigos estão à altura das exigências de cada um; nem sempre há afinidades suficientes para cimentar a amizade e a confiança; nem sempre conduzem às experiências satisfatórias e distensionantes. Vejamos os cinco de poimentos que se seguem:

"Mas há ainda muito machismo... muito machismo mesmo. Eles acham que a mulher é apenas um objeto ... chega lá, faz o sexo... e acabou-se. Tudo isso torna a amizade entre mim e um colega... perde o convívio; tenho que procurar outras amizades... de cabe

ça aberta, que pensem igual à gente, ou tenham uma formação maior que a nossa pra gente poder conversar e trocar experiências..." (169)

"De vez em quando, o pessoal, os meninos chegam : 'mas rapaz, você é calmo... não sei o quê... solte-se um pouco, né', eu digo: 'não rapaz, deixe eu levar a minha vida da minha maneira, vocês vivam a sua, e pronto, né'; cada 'macaco' no seu galho, né; 'você tem esse comportamento, eu não ridicularizo, então você não tem o direito de ridicularizar o meu, né (...)

De vez em quando eu escuto isso, né, o pessoal ... me consideram sério, né, aquele que quer ser aquela pessoa 'certa', né; não é (( ser )) 'certo', nem eu querer ser 'certo', né; não tenho vontade de me expressar, me expandir, explodir, né, fazer isso ou aquilo, só pra satisfazer um grupo, né. Eu não vi vo 'o grupo' eu vivo 'eu', eu me vivo, né. Eu mesmo. De de vez em quando é que a gente sofre um pouco, né... Mas eu escolho muito as pessoas, muito, muito mesmo.

(...) De vez em quando uma (( pessoa amiga )) me diz: 'ah, seu mal é escolher muito as pessoas, né'; eu digo: 'não, eu não escolho as pessoas, eu procuro as pessoas que se identificam comigo... porque, pra que conhecer fulano e sicrano se não têm nada a ver comigo? Eu tenho poucos (( amigos )) mas os que eu tenho... 'satisfaz', né." (170)

"(( Após ter ganho um automóvel, dado pelo pai )) Agora com o carro, não, 'tá tudo mais fácil. Os colegas: 'ah, rapaz, a gente pega umas meninas e bota dentro do teu carro e sai'.

'- Ah, o meu carro não é zona ambulante não', aí eles começavam a anarquizar, numa boa mesmo." (171)

"Neste último (( mês )) ... foi uma das (( situações em )) que eu mais tive medo... até hoje eu me arrependo. Mas é porque tinha uma vizinha lá de (( perto de uma certa casa de alguém do grupo )), né, e ela... ela é desquitada do marido... e vive só. Ela é uma pessoa de uns 40 anos, mais ou menos. Tem um problema, que ela não pode beber; desmaia. Uma vez ela desmaiou, aí avisaram a gente... assim, uns moleques... que a mulher tinha desmaiado. Aí lá vai eu e um colega meu, 'K'. 'Chegou' lá, ela 'tava deitada... desmaiada.

'- A gente pega, 'come' ela ... e não adianta na da se você não quiser 'comer'; se me pegarem, eu digo que você fez também.' Aí eu...: 'Vou; não posso fazer nada.' Morrendo de medo.

Faz pouco tempo... acho que foi até dia (( tal )) deste mês. Foi agora, há pouco tempo mesmo. Ela começou a se despertar... aí a gente saiu. Foi um... eu acho que a coisa (( de )) que eu tenho mais medo... foi isso que eu fiz; pelo menos foi a coisa mais errada que eu fiz. Eu mesmo depois, fiquei assim uns quatro dias, assim... pensando: 'eu não devia ter feito isso...'; fui pra missa... eu não confessei na da ao padre porque... mas assim sempre procurando re

zar, me livrar... fiquei com aquela dor na consciência. Ela, não disse nada a ninguém, mas deve ter ficado desconfiada, que alguém se aproveitou... Eu olhava assim pra ela... (anteontem a vi)... ((ele próprio ficou)) com uma dor de consciência. Esse cara não; não 'tá nem aí. (...) Disse que ela é uma safada; a mãe dela tinha traído o marido, e ela 'tava ficando muito vulgar ultimamente. (...) Isso pra mim foi diferente, porque eu só gosto de transar a sós, eu e a parceira.

Ela é uma mulher casada... já tem um filho e tal... Pra mim é a maior culpa que eu tenho; tento esquecer isso que eu fiz. Embora... quase que eu fui coagido, dessa vez." (172)

"(...) Entrei 'na' ((para a)) faculdade. Fui chamado por um turma de universitários... da pesada... só depois que eu saí com eles é que vi que eram tarados dos perigosos mesmo; tarados perigosos mesmo. Uma sede danada ((de sexo)). Eles convidaram pra um 'negócio certo'.

'- Eu vou'.

Ia passando uma menina, até nova, de uns 16 anos; ia com ((um volumoso material de trabalho, humilde))... Quando eu vi, comecei a me revoltar: 'não rapaz'. Eles agarraram a menina, fizeram o que quiseram com a menina... Sempre fui um cara religioso. Tive ódio. Eles me ameaçaram. (...) Até hoje ainda tenho medo desses caras.

Depois dessa: 'eu não vou mais querer, negócio de... turma'. Aí eu sempre procurei, ir atrás de mulher... só ((sozinho))." (173)

É determinante a influência dos colegas e amigos na formação dos conceitos sobre doenças venéreas, na estruturação do temor que as mesmas causam - inicialmente -, e na ousada decisão de enfrentar o risco de as contrair mediante a prática da promiscuidade sexual. Vejamos a mensagem:

"Conversas com os colegas... falou-se de doenças venéreas... criei um medo danado." (174)

"E sempre tive relação com essas meninas ((domésticas encontradas na rua)); já tinha até uma 'certa'; essa é minha, essa é tua (eu com eles). Até que um dia um dos meus colegas... pegou uma doença. Foi aquela confusão... foi complicado... aí, a gente deixou mais.

Se eu já tinha medo, aí foi que... ((aumentou o medo de doenças venéreas)).

(...) Aí voltou a fase de sair com aquela turma e sentar...

'-Vamos para ... cabarês... Olinda-Recife...'

Acabou aquele negócio de medo de doença; o que pegou." (175)

"Então, um amigo meu, fulano, idade maior que a minha, tinha 'posição', trabalhava em (( estabelecimento conceituado )) e tudo. Me convidou a ir num baile aí...num clubezinho aqui do Recife. Estávamos 'na' mesa...eu já tinha tomado umas doses, tava bem valente mesmo...Convidei uma (('coroa')) e comecei a dançar com ela. Me veio aquela idéia de beijá-la no pescoço enquanto dançávamos. E ela começou a dizer: 'que jovem ótimo'...dizer coisas ao meu ouvido que me deixavam meio excitado. Chega ((o colega)) dizendo que eu deixasse a 'coroa' por que ele tinha conseguido duas jovens...comecei a dançar ((com a jovem))...mas já estava excitado desde a dança com a mais velha. Propus a ((ao amigo )) propormos às duas jovens, sairmos pra ir a algum lugar (...)

(( Após transar com tal garota, percebeu-se com doença venérea, procurou um especialista, tratou-se )) A partir daí eu fiquei com medo de sair com 'qualquer uma'. (( Esse amigo dele )) saiu com uma cliente do ((conceituado estabelecimento onde trabalha)), bastante conhecida...e pegou uma doença venérea. A partir daí eu consegui ultrapassar a barreira das doenças venéreas."

(176)

"Paralelamente, a gente ouvia num grupo de amigos, as possíveis doenças que as pessoas pegavam. Ou então, quando não eram os amigos que pegavam...eram pessoas que tinham tido contato com prostitutas...geralmente, empregados da casa deles, o lavador do carro..."

(177)

Quando se tem um amigo casado que condiz a mesma concepção acerca da sexualidade, pode-se obter facilidades adicionais:

"((A atual namorada do entrevistando teve permissão dos pais para viajar e passar alguns dias feriadinhos longe de casa))...Ela disse em casa: 'vou pra casa da irmã de fulano...que é casada'; pronto, então os dois são casados, né, 'moral'...Mas o cara é da minha idade, toma o maior 'pau' ((bebedeira)) comigo...brincalhão, me encontro com ele por aí, e lá na casa dele já tinha um quarto pra mim, com ar condicionado, só pra nós dois ((ele e a namorada)), quer dizer, se fosse questão de transar...na melhor, pra mim."

(178)

No subtítulo 1, do presente capítulo, sobre Pais e Educadores, vimos que as afirmações dos jovens foram categóricas: "a escola relativa ao sexo foi a rua; tudo que aprendi...foi por intermédio de colegas ou algumas publicações eróticas; do que eu aprendi, eu acho que 99,99% foi na rua mesmo". Ve

jamós agora o que essa 'rua' e esses colegas fizeram, a favor da Formação e Informação do jovem no campo da sexualidade.

a) O grupo dá apoio

O grupo de amigos, a turma, aliando a prática à teoria, oferece apoio ao jovem:

"Vivi experiências diferentes...minha cabeça melhorou...teatro...conversas com pessoas de experiências semelhantes...até que eu consegui me abrir e falar da minha dolorosa experiência (('forçado' a praticar um aborto com a namorada, a qual, posteriormente rompeu com ele, e isso o consternou)). Minha cabeça abriu; aquilo de que eu ((antes)) me culpava, não mais me culpava ((agora)) mas culpava o sistema...o sistema é que faz esse tipo de coisa... eu vivo num 'campo de concentração'...Minha cabeça veio mais aberta...vim ((voltei))." (179).

b) O grupo proporciona informações

O grupo dá informações e instruções ao jovem:

"((Após repetidas 'transas' com empregadas domésticas da rua onde residia )) (...) Daí passei a ter vergonha de mim mesmo. As idéias foram sendo formadas aos poucos. Depois de pesar o meu sentimento, o que eu achava, e o que tinha colhido de informações na nossa turma, fui me recriminando de alguns procedimentos e eliminando de uma vez este tipo de contato. É importante lembrar que até meus 16 ou 17 anos, qualquer informação sobre sexo tinha para mim um grande significado. Sendo ela de espírito 'sacana' ou não, era merecedora de atenção." (180)

"De início, ao me masturbar...não havia nem esperma, chegava à sensação do orgasmo, porém não foi um fato que me deixou preocupado, pois isso era comum ao grupo ao qual pertencia." (181)

"((Após as festinhas com dança, surgem conversas no grupo de rapazes)) (...) Comentávamos: 'Maria' sarra é muito, já 'Severina' não, é toda bitolada, e 'Josefa', dei uma agarrada nela que fiquei de pau duro, etc." (182)

"Realmente, quando, sei lá, uma mulher gosta de um cara...o cara...porque o cara, vem daquela...de todo aquele...aquela malandragem, né, aquele ambiente ((do grupo de amigos)) malandro, de sacanagem, né, um negócio mais frio..." (183)

"Quando começou a minha vida estudantil, meu relacionamento era exclusivamente com os amigos do colégio ( exceto alguns parentes ) e só em época de aula. (...) Comecei a conhecer a turma ((do bairro onde residia)) e notei que eles ((os rapazes)) eram sexualmente muito mais entendidos 'do' que eu, o que me deixava sempre muito encabulado e bastante preocupado. Quando saía com a turma ((desse bairro da residência)) era muito comum pegar uma 'peniqueira' da esquina, dar-lhe uma porção de 'dedadas' ((passar os dedos no seu traseiro)) e puxões nos peitos, depois sair correndo. Só que eu, muito tímido para tal proeza, geralmente só ficava olhando. Como na turma ((nessa turma)) você não podia vacilar, pois corria o risco de ser taxado de 'fresco' (e então você estaria fora de qualquer turma ((de lá)) ...), a minha única solução foi inventar, e inventava com o argumento de que eu fazia de tudo aquilo que eles faziam, porém, com a turma 'X' ((do colégio; este, localizado num bairro do centro)). Com essa preocupação constante ((no bairro da residência)), no colégio, eu era muito invejado pois o que eu contava chamava a atenção de todos os colegas. Isso provocou um outro detalhe: é que os colegas ((do colégio)) começaram a conhecer também as mulheres, e eu nunca ia com eles porque aquilo, para mim, era, 'teoricamente', muito banal. Quando começaram a 'tirar o queijo' eu ficava só de ouvir, para tentar, depois, fazer igual. Demorou algum tempo, acho que um ano mais ou menos, o que significava ((muito)) naquela época." (184)

No depoimento ora apresentado é notória a engenhosidade do jovem em mentir e burlar, ao se ver forçado pelas circunstâncias a inventar estórias ou a se incluir entre os agentes de façanhas sexuais; isso, para satisfazer às expectativas relativas a identidade/papel sexual, apresentadas por duas turmas das quais participava. A turma 'X' narrava os fatos relativos aos feitos da turma 'Z', incluindo-se entre os agentes dos mesmos; já a turma 'Z', contava estórias por ele inventadas e atribuídas à turma 'X'. Com isso, provavelmente provocou nesta última turma, composta de jovens ainda inexperientes, a eclosão do processo de iniciação no campo das relações sexuais; só após a iniciação desses seus suspostos 'orientandos', bem mais tarde, foi que ele próprio conseguiu 'tirar o queijo'.

c) O grupo propicia estímulo

Vejamos agora como o grupo se apresenta, para o jo  
vem, como fator de estímulo, núcleo de desafios e cobranças:

"A gente vai crescendo e começa a sair daquele gru  
po de bairro onde mora, e conhecer novas pessoas. Es  
ta fase podemos situar como sendo na vida escolar a  
entrada no 2º Grau (Científico). E estas pessoas co  
mentavam que 'tinha' dado umatrepada não sei 'aondê',  
que 'fodia' muito, etc. Embora houvesse muito exage  
ro. Então isso veio a incutir em nossa mente a ne  
cessidade, mais do que a curiosidade, embora esta  
também existisse, de fazer o mesmo. Tinha, eu, que  
'falar' também alguma coisa." (185)

"(...) Na época, a turma me considerava um menino  
muito precoce. E o pessoal mais velho (...) que eu,  
acho que com 15-16 anos, gostava de andar comigo  
porque eu 'pertubava' o ambiente: brigão...então o  
pessoal mais velho, gostava de sair comigo; quer di  
zer que, toda aquela minha influência era 'devido' a  
rapaziada que era mais velha (...) que eu, entendeu;  
aí fazia e eu ficava ouvindo, né. Inclusive sexo  
'tava presente...Aí era o que me incentivava a mais  
...a ser mais esperto do que os meninos de minha ida  
de, porque, na minha ((turma))...não dava ninguém de  
minha idade." (186)

"(( Na turma o )) (...) Respeitavam, por eu ter re  
lações sexuais, e contar..." (187)

"Então, saindo esses nove com 16 anos (um deles ti  
nha um carro...tinha ganho um carro do pai; ((carro))  
dele mesmo), e, tinha suas menininhas, umas menini  
nhas. (...) Também não eram namoradas, eram 'casos',  
entendeu; acho que domésticas, sabe; só que dessa vez  
eram domésticas bem mais legais, bem 'mais boas' que  
(...) Mas, pra me superiorizar, diante das circuns  
tâncias lá, eu falei, 'ah, vamos sim, não tem proble  
ma não; eu vou fazer a maior zona lá e tal'..." (188)

"((Ao passar um período num Estado do Sul)) Aí, é  
que fui perdendo aquele...fui ficando assim mais ma  
landreco assim, devido àquele pessoal mais...mais...mais  
malandro (...) que eu; eu aquele nordestino assim,  
pensando que era malandro, sem ser, enquanto que lá  
o pessoal era bem mais (...) que eu. Fui convivendo  
com aquele pessoal e tal, e tendo aquelas 'transinhas'  
((com mulheres)), e mais nada, assim, de emocional:  
são mais uma 'aventura'..." (189)

"((Por volta dos 13-14 anos)) E aos poucos, em con  
tato com amigos que encontra pela rua, a tendência  
é falar sobre essas coisas, certo. E papo vai papo  
vem, vamos descobrindo o que se chama de masturbação  
...e depois, ainda por, vamos dizer assim, influência  
dos amigos, nós vamos à chamada zona, que chamamos 'bai  
xo meretrício'.

É a tendência, a tendência; porque, às vezes, a turma, mesmo que a gente não queira, a turma: "'bora"; aí começa a insistir, aí a gente termina indo (( ã zo na))." (190)

"(...) É só aquela conversa, nê: 'como é, você é ho mem, ou...' nê; é questão de você. (...) Na roda de amigos: você é homem/você não é/você fez isso (( copu lou ))/você não fez; é você querer, parece, até mos trar, nê, que é; então você termina indo também por gostar..." (191)

"((Após a relação sexual com a prostituta)) Mas de pois disso parecia que eu tinha 'virado homem', já era que nem alguns colegas e talvez superior, pois, havia certa pressão para que 'exercêssemos' a mascu linidade. A experiência foi válida, porque depois disso eu pas sei a ter muito mais confiança em mim próprio e pas sei a recusar programas deste tipo sem ser menos do que os outros." (192)

"Era uma festa (S. João ou Natal), em que as fami lias estavam juntas. E a gente ficou conversando até dez/onze horas (da noite)... ((no)) tempo do ônibus elétrico. A gente pegou o ônibus e um cara convidou pra gente conhecer a 'zona' do Recife. Foi um pavor imenso, pelo menos pra mim. Tenho um irmão mais velho (...) que eu, dois anos. Na época, ele em bora mais tímido, queria se mostrar mais atirado. Andando por ali...o coração na mão...e sem poder cor rer 'da raia'. Música de Roberto Carlos, em todos os prostibulos... 'Amada Amante'...aquelas meninas de mini-saia...alguns pederastas...e nós três ou quatro guris...O cara resolveu subir, mostrar, o prostíbulo que ele já frequenta...escadas nojentas...o cora ção batendo a mil por hora (de medo realmente) ... mas, com um ponto de referência: marcaram esse en contro pra mim, pra que eu tivesse esse primeiro ato sexual (côpula) (...)  
Eu cheguei a pedir para voltar pra casa, mas...e fi ca 'naquela' da gente talvez querer chorar, e não concordar com aquele tipo de coisa... eu tava com a sexualidade tão aguçada e a turma fazer esse tipo de coisa...não era uma coisa espontânea. Realmente foi uma coisa negativa...fui com essa tur ma pra esse prostíbulo...foi a última vez...foi a primeira e última (( com essa turma )). Teve um dos caras que foi com a gente, que terminou indo pra cama com a menina...aí, depois assim, contava.(...) Me chocou também...as condições locais.(...) Os fre qlentadores eram figuras marcadas..." (193)

"(...) Porém a coisa mais importante não era nem ter ido lá (( ao prostíbulo)) e feito tudo, mas só pra dizer de ter ido, nê, porque na época o importan te era 'dizer que foi'. Pra mim eu achei válido na época...foi ótimo. Pra mim, socialmente, no meu gru po, eu consegui um certo destaque, porque tinha esse negócio, nê...era uma experiência que, quem não pas sasse ficava até mal visto no grupo (...) Era um negócio da época mesmo, nê." (194)

"((Os colegas)) (...) Geralmente saía, combinava pra sair e ia para um barzinho onde tinha um negócio 'mais avançado'... e aí a gente pegava as meninas ((empregadas domésticas)) ... e saía, geralmente pra beira da praia; tínhamos relações por aí (não com namoradas ainda). A gente marcava pra se encontrar com os colegas, quando saísse da casa da menina ((na morada)), de forma a ir procurar garotas pra ter relações; tinha que dar satisfação ao grupo, pra se afirmar mesmo, perante o grupo. Era um relacionamento diferente; era só pra dizer que a gente tinha saído e tal. Sempre foi isso: havia uma parte, a minha mesmo, em que eu ficava lá em casa, com ela ((a namorada)), e uma parte pra eu dar satisfação, parte essa que eu fazia só pra... e eu já estava tão acostumado que já gostava do negócio que era feito mais para dar satisfação ao grupo e a mim mesmo como afirmação." (195)

Ao chegarmos ao final deste capítulo é provável que tenhamos uma idéia mais bem definida sobre o papel desempenhado pelos pais e educadores na formação e informação do jovem que entrevistamos, em tudo aquilo que se relaciona com a vida afetivo-sexual.

Uma lamentação, expressa pela quase totalidade dos entrevistados, foi a inexistência de uma educação sexual no lar; também a escola se omitiu dessa tarefa. São os colegas, solidários no mesmo problema, vieram em auxílio ao jovem. A desinformação mostrou-se soberana no ambiente doméstico; dir-se-ia, pelas aparências, haver um complô social por parte de todos os adultos que avocam a si a tarefa educativa, complô esse contra a evolução da sexualidade do jovem, contra a sua mente, contra a capacidade intelectual e o poder de abstração que ele desenvolveu. De fato, a 'Pedagogia do Silêncio' é o comportamento mais amplamente recorrente, nos depoimentos do jovem, ao se referir ao relacionamento entre pais e filhos sobre educação sexual.

A 'rua', aqui entendida como constituída pelas relações sociais entre o jovem e a turma, entre o jovem e os amigos, colegas, apresenta-se como ambiente complementar ao lar, no

que tange a formação do jovem. A 'rua', também não se confunde com a instituição escolar (1), onde o jovem recebe a educação formal, prescrita pela sociedade. O relacionamento com os irmãos, com parentes próximos e com parceiras significativas, é arrolado como pertencente a essa categoria (2), típica de educação informal: a 'rua'. Obviamente, a curiosidade é fator de destaque para que o comportamento sexual do jovem evolua.

O despertar sexual está presente; surgem necessidades sexuais bem como necessidades de auto-afirmação perante si mesmo e perante o grupo; a identidade/papel sexual masculinos exigem uma postura clara do jovem em relação às práticas sexuais consideradas indispensáveis pelas expectativas do grupo; esse é o começo do desabrochar sexual do jovem, é a contagem regressiva em andamento, para a efetivação do debutar nas relações sexuais com pessoas do sexo oposto: prepara-se aí a sua iniciação sexual. Antes, durante, depois, e também muito depois, a presença dos amigos e demais componentes da 'rua' será marcante e decisiva na vida sexual do jovem que, lamentavelmente, só conseguiu obter de seus pais e educadores, no campo da sexualidade, uma única coisa, única, porém grande: o 'Silêncio'.

---

(1) Instituição escolar aqui referida, significa exatamente a escola vista no sentido estrito de instituição, e não, como ponto de encontro de jovens enquanto grupos.

(2) O relacionamento com irmãos e parentes próximos aqui abordado, refere-se apenas à troca de informações entre eles, e o jovem, informações essas exclusivamente acerca do tema sexo. A inclusão desse relacionamento na categoria 'rua' justifica-se pelo fato de que tais informações, passadas entre eles, tratam-se de informações sempre adquiridas graças exclusivamente à 'rua'; o ambiente doméstico nada lhes deu a respeito.

## CAPÍTULO IV - O NAMORO

### 1. O SIGNIFICADO DO NAMORO NA PERSPECTIVA DO RAPAZ

A visão de mundo que o jovem desenvolveu, graças à educação recebida formal e informalmente, e graças aos valores culturais vigentes, faz com que ele se posicione de forma bastante definida perante fatos, situações, conceitos e pessoas. Resenhamos a seguir alguns acontecimentos da vida do jovem, e a respectiva postura dele, valorizando-os, positivamente ou não. Percorreremos, pois, depoimentos acerca de namoros iniciais, namoros pré-forma, confrontos com a ousadia da jovem, dicotomias diversas concernentes a afeto ou sexo; narra-se também acerca de beleza e sexo, perspectiva do casamento, e, por fim, virgindade, 'machismo' e anti-'machismo'.

Começemos pelos namoros iniciais:

"(...) A primeira pessoa ((para)) 'que' eu...desper<sup>te</sup>í assim, que me interessei...assim, afeto...assim, no caso de afeto, nê, de carinho, eu despertei por uma menina, que geralmente é do lugar onde você mora, nê, aqui do bairro 'R'...aquelas coisas bem normais..." (196)

"Houve a primeira namorada...aquele negócio de namorada mesmo: um agarrosinho...e nem tanto; tinha me<sup>do</sup> do que ela 'estrilasse'. Ela era muito nova e eu pensava: 'se eu começar assim, ou ela não gosta e se 'afaste' de vez, ou pode ser que ela goste e ainda fica pior...vai ser pior pra ela.' Gostava um pouco dela. Depois acabei." (197)



xual que ele procura exprimir. Explicam-se, dessa forma, os porquês dos namoros desprovidos de significação mais profunda. Os jovens revelam o estilo de certos namoros: namorar por total bagunça, sem ter a mínima afinidade, sem sentir nada, só pra ter uma companhia com que sair com o pessoal; namorar com meninas de valor mas viver a uma experiência insípida, um relacionamento catastrôfico; ter um número sem-fim de namoros, do qual só um ou dois chegaram a ser válidos; ter 'boa pinta' ou fama de conquistador é ficar na obrigação de ir lá 'ganhar' a menina ou de começar a namorar, empurrado pelo grupo: ter que aturar namoradas cujas conversas divagam sobre besteiras, e isto ser o resultado de estabelecimento de namoro 'só pra dizer' que está namorando. Em tudo isso percebe-se claramente a presença de dois fatos distintos e complementares: 1º) a quase completa letargia em que fica mergulhada a afetividade do jovem em relação às moças; 2º) o forte predomínio da necessidade de corresponder (dar satisfação) às expectativas dos amigos e do grupo, que, por sua vez, supervalorizam o poder de conquista do jovem e o seu orgulho em poder dizer que está de namorada. Também aqui, a ação do jovem, desprovida de afeto, passa a transformar a mulher em objeto, criando-se nele, para com ela, uma atitude de superioridade infundada, e de conseqüência, uma relação de injustiça.

Defrontando-se com a ousadia da jovem, pode haver diferentes reações por parte do rapaz:

"(( A primeira experiência sexual)) (...) Uma garotinha que tinha mais ou menos 17 anos...ela era de Recife e tinha ido passar as férias lá no interior...moreninha, bem morena, quase mulata... começamos a paquerar...primeiro dia só conversa, no cinema...segundo dia uns beijinhos; depois, as intimidades foram aumentando. Depois de uma semana, nesse mesmo cinema, manuseio dos órgãos sexuais, reciprocamente. Não se pode dizer que eu gostei. O impacto da primeira vez me deixou um pouco de 'nojo' da menina. Por ela me haver deixado ((permitido)) fazer isso. Eu esparava algo mais ((difícil))..."

"S'ligou lá pra casa e disse o que sentia por mim ; disse tudo mesmo...eu fiquei assim, sem saber o que fazer nem falar...

'- Eu sou doida por você... eu lhe quero como homem; como namorado; como amigo... qualquer coisa, ...mas eu lhe quero de todo jeito.'

Faz um ano e meio quase... e a menina insistindo até agora. (...) Ela quer que eu conte tudo pra ela ...me abra totalmente; mas eu não me abro; nem se eu quisesse, eu ((não)) me abriria. Ela é uma pessoa muito presa; não sei como aconteceu. Mas valorizei muito a coragem e a atitude dela." (205)

Em ambos os relatos acima percebe-se a atitude ousada e pouco comum à maioria das moças, nos confrontos com os jovens. Aquela que se declara por telefone e insiste permanentemente em que se instaure uma relação de afeto entre ela e seu 'pretendido', chega a ser elogiada, pelo jovem, em seu relato ao entrevistador; nota-se porém que tal declaração não envolveu, de forma explícita, fatos da esfera sexual restrita.

Com relação à outra garota, que 'topou' experiênciar a sessão de manuseio sexual antes de 15 dias de namoro, num encontro com o seu parceiro, foi, posteriormente, alvo de recriminação, de nojo e de repúdio por parte do jovem. Afinal, o que será que o jovem quer, que pretende ele da moça? Que ela se recuse às experiências sexuais ou que se envolva nelas? Para o rapaz, é também válida a sentença injusta e opressora contra a jovem, sentença que decreta ter ele o direito, e ela não, às vivências sexuais?

É esse jovem que, em outras ocasiões, afirma ser a sua maior realização poder copular com a própria namorada, de quem gosta; como consegue, então, recriminar a garota disposta a corresponder-lhe e a viver o prazer a dois? Será só uma contradição ocasional do rapaz ou é a manifestação clara de um machismo cultural subliminar profundamente arraigado nele, que já o inicia à posição de insensível e de opressor da mulher?

Seguem-se, adiante, mais quatro relatos; em dois deles, os jovens revelam que, uma das concepções da vida a dois, para alguns deles, é baseada na dicotomia, na dissociação entre, erotismo e relação sexual, por um lado, e afetividade e relacionamento interpessoal, por outro. Segundo tal visão, cada um dos pólos (complementares) desse sistema, está isolado e totalmente desvinculado do outro; surge então a ação sexual puramente mecânica que esvazia e empobrece as vivências das pessoas e a experiência do jovem: erotismo e sô erotismo, sexo sô sexo, relação sexual por si própria, sem afeto, sem 'encontro', sem qualquer comunicação interpessoal profunda.

Também aparece, nos textos a seguir, a visão de mundo de alguns jovens, pela qual, namoro e namorada, em determinada fase de sua vida, chegam a ser percebidos como uma forma de prisão, algo que impossibilita ao jovem viver sua própria vida e sua liberdade de ser.

"(...) *Trabalhando... assistindo aula... ((outras atividades remuneradas))* (...) 'você' chega em casa, ou tá cansado ou então tem que estudar, ou então... ou vai pra casa da namorada para dar atenção à sua namorada porque 'você' gosta dela, certo. Então fica um tempo limitadíssimo pra o meu relacionamento sexual... Talvez quando eu me formar ((curso universitário))... aí eu fique com um tempo muito mais livre, porque só vou trabalhar; talvez até não... piora, né; fico com o tempo limitado..."

(206)

"Diferente do meu namoro como 'Y', em que, as intimidades foram surgindo gradativamente, mas forçadas por mim. Tentava alcançar aquele objetivo, mas sem nenhuma base de um relacionamento assim, de pessoa para pessoa, relacionamento de amizade. Nenhuma preparação assim mais profunda; o sexo era algo assim superficial, era independente do relacionamento humano; exatamente.

"Tô vendo que com essa menina ((atual)), tá um negócio muito bom, uma coisa que eu não esperava mesmo. Sabe como é, aquele negócio, uma menina que você pensava que não existia; é uma mistura do que era... do que foi o namoro com a menina ((excelente; descasada; sulista)), com o tipo de menina daqui..."

(207)

"(...) Nos últimos três anos, foi que eu vivi realmente um negócio, assim, bem mais legal ((em termos

de namoro)), nê; namorei com uma pessoa...gostei mu  
to mesmo...aliás, até agora foi a única; vivi ((o na  
moro)) com ela dois anos e tanto, quase três anos ;  
gostei dela; a gente acabou, agora acabou por...((mo  
tivo)) de eu querer fazer certas coisas na vida, sa  
be, que com ela junto não podia; não podia mesmo...  
eu comecei muito ligado, nê, muito sério...depois quis  
me distanciar um pouco, pra viver, nê, justamente, a mi  
nha idade." (208)

"Esse tempo todinho eu tava sem namorada; eu não gos  
tava não...pra mim é melhor eu tar livre, assim, sair  
à hora que quiser, arrumar a mulher que aparecer...  
Depois disso, eu arranjei uma namorada que eu gosta  
va mesmo dela, sabe. E deixei mais essa vida de tã...  
sei lã, em busca de mulher para transar ou... dessas  
coisas...até há bem pouco tempo." (209)

Os dois trechos adiante apresentam comentários  
sobre a conceituação do sexo e a valorização da beleza femini  
na:

"(...) É um povo muito preconceituoso (...) quer di  
zer, hoje ele já está se liberando mais. Mas em rela  
ção ao sexo ainda é muito preconceituoso, ainda é  
muito 'machista'.  
Sexo não está descoberto...temos que descobrir... e  
nunca se vai descobrir tudo...cada vez se poderá fa  
zer outra coisa, e outra e outra...É por isso mesmo  
que se torna bonito. Vai descobrindo, vai descobrin  
do, e nunca pára; nunca entra naquela rotina." (210)

"É...aconteceu há uns quatro meses, ou, seis meses  
atrás, com uma menina, que, eu queria muito namorar com  
ela; era colega...colega de minha irmã, e eram da mes  
ma faculdade, e ia lá em casa estudar com a minha ir  
mã. E eu fiquei assim, de início, impressionado com  
a beleza dela, porque ela era loira, olhos verdes e,  
tinha altura e...muito bem feita; então, quer dizer,  
ela meu atraiu assim, sabe. Eu digo: 'puxa, que meni  
na linda...como é que existem coisas tão bonitas nes  
se mundo', sabe...realmente é muito bela...Mas eu  
queria ver se descobria a casa dela...queria ver se  
achava a casa...até pra me aproximar mais dela." (211)

Para alguns jovens, a perspectiva do casamento já  
desponta, seja simplesmente em teoria, seja no desejo de concreti  
zação desse estado de vida:

"(...) Quando eu falo...em casamento é porque a gen  
te está acostumado, nê, mas é assim... 'viver juntos';

no dia ((em)) que eu me propor a viver junto com uma pessoa, eu e uma mulher, certo, eu não quero ((por força de uma gravidez indesejada))...eu quero que se ja um negócio bem planejado, muito bem pensado...com uma vivência assim entre nós dois, grande... Em vez de se (('casar'))...porque veio o menino ou porque veio algum problema, eu...eu quero que seja um negócio natural, que se decida...eu sem comprometer nenhum... 'eu quero agora...viver com você, e...futuramente ter filho' entende(?)..((Ao invés de ser)) Obrigado por circunstâncias que, tanto eu como você 'sabe', né, o que acontece; circunstâncias de soci<sup>o</sup>idade, de pai, de mãe e de filho, todo mundo... cir<sup>o</sup>cunstância até mesmo... ((por)) parte de você... sa<sup>o</sup>ber que tem um filho..." (212)

"((Explicando porque não namorou com uma jovem desquitada)) (...) Não me amarrei nela porque, na época eu tinha saído desse namoro ((excelente))... saí ((desse namoro)) pra viver completamente livre...e, segundo, eu botei logo um obstáculo: 'não, ela é desquitada, então, boto determinados obstáculos, né'. Assim...mas se fosse agora, 'porra', eu acho que eu começava a namorar com ela...podia namorar, gostar, me apaixonar e...viver com ela..." (213)

"Estamos esperando apenas, estabilidade financeira, econômica, de minha parte...ela trabalha...((num estabelecimento de serviços)) mas, a perspectiva de 'futuro' é muito pequena ou quase nenhuma. A atividade profissional dela satisfaz apenas ao presente ((momento)). Não se conta com familiares ((para ajudar aos dois)). A esperança é que essa estabilidade venha, quando eu terminar a minha fase de estudo... ainda vai demorar ((alguns)) anos...Acho uma fase longa, em se falando da necessidade de estar ao lado dela; de convivência. Mas em termos de estudo acho que não é nem tão longa assim..." (214)

"Atualmente, tô namorando com uma menina; foi um negócio que aconteceu...tem dois meses...Mas é um relacionamento...diferente dessas outras meninas, vamos dizer...também não é um negócio que seja (eu já me libertei um pouquinho desse negócio da menina ((sulista))...), então eu já não tou querendo procurar um negócio igual, entendeu, e também ((é)) um negócio diferente do que eu venho tendo por aqui... Eu tenho tentado, namorada com um relacionamento, assim, vamos dizer, pensando no futuro...mais prolongado ((casar)) e tal; pessoa que, realmente eu visse que, daria, ia ser bom pra gente, ficar junto...Então, assim, sem mais nem menos, sem eu esperar, apareceu essa menina...como...mais ou menos parecida, como apareceu a outra...Começamos já com um relacionamento assim, bem aberto assim de...não tem...apesar, de que no aspecto, assim, vamos dizer, em termos de sexo mesmo, a gente não tem tido ainda nada...relação sexual mesmo, nada...mas, vamos dizer assim, eu não tou pre<sup>o</sup>cupado com isso..." (215)

"((Uma garota de um outro Estado nordestino, meio-namorada)) Foi quando os pais dela a mandaram retornar ao ((Estado de origem)), dado que ela (...) Ela me mandava sempre cartas, convidativas para que eu

*fosse pra lá...mas eu não aceitei. Ela estava querendo me ligar a ela...até quando conseguisse um compromisso em termos de pensar em casamento. Eu gostava muito dela, mas acho que não era tempo ainda de me ligar, com o casamento, a uma pessoa. Casar, é coisa que eu pretendo, mas quando eu estiver, numa época, preparado mesmo."* (216)

O segundo dos cinco depoimentos ora apresentados, mostra como, em determinada fase de sua vida, um jovem, revelou-se preconceituoso em relação ao fato de uma garota, sua paquera, ser desquitada; tal estado civil foi obstáculo suficiente para que ele se recusasse a ter um compromisso mais sério com a mesma que, por sinal, tinha quase a mesma idade que ele.

Com relação à postura dos jovens, relativa ao casamento, em todos os cinco últimos depoimentos recém-apresentados observa-se que tal compromisso é tratado como uma idéia ainda longínqua, que ainda está pairando no ar, que é incipiente e não se estruturou em definições concretas e tangíveis; única exceção a isso talvez seja a postura mostrada no terceiro, dentre os depoimentos apresentados, onde surge a busca da estabilidade financeira como forma de se alcançar as condições essenciais ao casamento e à vida autônoma do novo casal. Neste caso, convém salientar, estamos diante de um dos jovens de faixa etária avançada e cuja emancipação acadêmica encontra-se bastante adiantada em relação a todos os demais do grupo de entrevistados.

Dessa forma, percebe-se que os jovens desta pesquisa não se ocupam em pensar em casamento, e se percebem sem condições financeiras para tal. Ao que parece, a sociedade que os cerca adia para mais além dos 25 anos a possibilidade deles virem a assumir uma ocupação produtiva e suficientemente compensadora para que possam assumir - se o desejaram - sua autonomia financeira e uma nova opção de estado civil - o casamento. Observa-se, pois, uma grande defasagem entre a inicia

ção sexual e a iniciação profissional produtiva; enquanto uma se consolida antes dos 20 anos, a outra sequer se estruturou ainda, no limiar dos 26; o jovem não tem autonomia econômico-financeira.

Por outro lado, parece que o 'machismo' cultural surge, mesmo lá onde o jovem o repudia, mesmo quando esse jovem luta por não ser 'machista'. Há raízes culturais profundas, que exigem a exclusividade unilateral da dedicação sexual da mulher mesmo que o parceiro seja declaradamente promíscuo em relação a sexo; afora isso, há idéias e pensamentos variados relativos à virgindade da jovem. Procuremos acompanhá-los:

"Eu, do jeito que eu gosto dela, eu ia ficar chocado... triste... ((caso a namorada sentisse necessidade de vir à ter relação com um outro homem)). Agora, pô, se ela quer ter um relacionamento com esse outro homem, se ela acha que deve ser aquilo; eu não iria aceitar - vou ser sincero - eu não iria aceitar; ela poderia ter... Que ela me contasse depois, tudinho... eu ia ficar triste... ia ser uma reação assim... eu não iria aceitar... mas se, depois de já ter acontecido, poderia ser que eu me conformasse.

Bem, se eu gostasse dela e visse que ela realmente gostasse, ela gosta de mim, tudinho, eu acho que não ia querer a infelicidade não, né, viver junto, longe dela não, né, eu ia procurar viver perto dela. Se eu achar que ela tava falando certo, que ela dizia que gostava realmente de mim, que teve essa experiência e viu que não é nada, que bom mesmo é estar perto de mim, e eu tivesse certeza disso... eu acho que passaria por cima disso tudo... eu acho que passaria (...)

Eu não narro só como 'passado' ((ã namorada)); toda relação ((sexual)) que eu tenho eu digo a ela, eu conto pra ela. Tanto que eu tive uma relação sexual com a secretária do namorado da prima dela (é uma coisa que eu não sabia foi coincidência - ser ((a)) secretária)... Então depois eu cheguei pra ela e contei... mas 'que' não foi um relacionamento bom não; eu achei que a mulher era muito assim... não teve um conhecimento entre nós dois... foi uma coisa muito 'feia' (( de improviso))... eu contei pra ela." (217)

"Tabu assim, por exemplo, como falam, de virgindade, talvez eu tenha, tá entendendo, eu acho que eu não tenho não, mas talvez eu tenha. Eu acho que eu seria capaz de viver com uma mulher que já tenha tido relações com outro, vai tudo bem, tranquilamente; desde que ela encarasse da mesma maneira que eu encaro. Porque, por exemplo, eu sou capaz de transar com vinte mulheres e não sentir ((afeto)) 'porra nenhuma'

por nenhuma das vinte, então se ela encarar (( o ho mem)) dessa maneira, como encarei, como encaro ((mú lheres)), então eu acho que sou capaz de viver com ela. Porque o que acontece com muitas... vamos dizer, a mulher é virgem a vida inteira, transa com deter minado cara, depois, vamos dizer, deixou de viver com aquele cara, aí você sente o 'tabu'... você nota que ela é fechada em relação a você, tá entendendo, quer dizer, ela ainda tá com o cara, dentro dela, né, ainda tá...aquele cara foi o único, tá entendendo? Aí, não é, eu acho que não é 'tabu'; não sei se é, porque eu não quero encarar dessa maneira e pode ser 'tabu'. Mas é porque eu acho que a mulher não tá pre parada pra isso ainda; mas se ela vier a se prepa rar como o homem é preparado, atualmente..." (218)

"Por outro lado, algumas garotas, como a que namoro, resiste ((m)) a convites deste tipo ((para o coi to)), coisa que me deixa constrangido. Sou plenamen te favorável à libertação da mulher, desde que esta libertação implique 'em' conservar (de acordo com ca da uma) ou se entregar sem se prostituir; passando de um conceito social para uma questão pessoal. Esse constrangimento ((de)) que falo...é criado não por achar que sou irresistível mas por saber da resis tência da vontade dela, de sua impossibilidade de fazer o que quer, uma vez que se encontra dentro de uma formação educativa voltada para a conservação da virgindade até o casamento." (219)

"Com relação a essas namoradas que podemos dizer 'caretas' ((por recusarem vivenciar experiências se xuais)), embora isso não tenha nada a ver, pois é o pensamento de cada um e acho que temos de respei tar, não houve muita coisa com relação a sexo; fala vamos de problemas de família, existenciais, sociais, etc. Não falávamos de assuntos sexuais, e sempre que eu tentava alguma coisa nesse campo era reprimido e eu não ficava insistindo (...)  
Se a mulher casa virgem, por que o homem não pode casar ((virgem, também))...Lógico que a gente quer uma virgem, né, 'novinha'...mas acho que quando a gente se gosta, coloca-se isso em segundo plano ... Acho que é muito 'machismo' e eu sou contra isso, to talmente contra." (220)

Nesta última série de depoimentos que acabamos de transcrever podemos ainda nos deter em algumas observações. No primeiro dos relatos, é pelo menos surpreendente nos defrontar mos com um jovem, que se esforça por não ser machista, e colher mos dele a revelação de que, com naturalidade, relata à sua na morada - íntima e muito amada - os acontecimentos relati vos ao seu envolvimento sexual atual com outras parceiras; no entanto, não consegue admitir, em hipótese alguma, que ela ve

nha a se envolver sexualmente com outro homem e lhe narre tal feito! Ele pode, ele não pode; a mulher fica proibida qualquer experiência sexual com terceiros. O desnível é grande entre o jovem e a jovem, e aumenta, a cada dia que passa. Após o solene 'sim' do casamento não é difícil imaginar o encontro entre 'o grande experiente' e a 'pobre debutante' destreinada e encabulada. Decerto, o êxito e o sucesso ficam longe do seu leito!

No segundo depoimento, o jovem conclui seu pensamento questionando acerca da preparação da jovem para enfrentar as experiências sexuais, enquanto solteira, sem se deixar escravizar por ligações afetivas exageradamente fortes; ao avaliarmos a argumentação por ele apresentada, temos a impressão de nos defrontarmos com uma concepção de sexo bastante mecanicista e despersonalizada onde as ligações afetivas pessoais não têm espaço algum. Além do mais ele não faz nenhuma alusão, e seria indispensável que o fizesse, à cultura e à sociedade, maiores responsáveis pela obrigatória inatividade sexual das jovens. É a partir da educação no lar, e da postura de seus genitores, que a moça começa a sofrer a opressão sexual; e é contra elas que há a injusta discriminação por parte de muitos pretendentes, que sempre darão preferência às detentoras do hímen, moças 'zero quilômetro'!

O terceiro depoimento aponta a 'formação educativa' da mulher como fonte de manutenção da virgindade até o casamento. Vale acrescentar que tal formação baseia-se em uma dupla moral, explícita e incoerente: o jovem, o homem, tem a obrigação de experienciar bastante; a mulher, deve manter-se inocente, destreinada e 'pura' (pra ser 'contaminada' pelo homem, 'pré-contaminado', a partir da noite de núpcias?!), virgem enfim, e ignorante sobre as práticas sexuais, até o casamento!

Finalmente, o quarto relato mostra como as profundas raízes do 'machismo', levam as afirmações anti-'machistas' superficiais a revelarem as incoerências do pensamento do jovem; falando a respeito da virgindade e da escolha de uma jovem com quem casar, ele afirma: "Lógico que a gente quer uma virgem, né, novinha... (...) Acho que é muito machismo, e eu sou contra isso, totalmente contra."

Um dos entrevistandos, e apenas um, definiu-se por uma posição claramente anti-'machista'; posição essa conquistada através de reflexão sobre as suas experiências de vida; posição assumida, de fato, para iniciar seu relacionamento afetivo com uma parceira não-virgem, que, segundo ele afirma, se deu ao "direito de viver, de procurar o seu mundo, a sua vida, se equilibrar, se descobrir... e viver a sua vida integralmente"! Acompanhem atentos o relato em que um jovem demonstrou a coragem - rara! - de começar a quebrar os grilhões culturais dos tabus 'machistas', opressores da mulher:

"(...) Aí 'pinta' uma pessoa que foi ótima... até hoje eu estou ((namorando)) com ela... Então eu começo a namorar com essa menina... A nível de sexualidade, aí, aconteceu algo semelhante àquela experiência que me marcou; essa pessoa também já tinha tido experiências, com namorados e tal. Uma coisa que influencia muito (e que eu consegui vencer...) seria a concepção 'machista', em que o nordestino vive (não só o nordestino)... essa minha concepção 'machista' acabou... se eu sou igual à outra pessoa, como eu posso desejar que a outra pessoa seja virgem?!... As pessoas têm o direito de viver, de procurar o seu mundo, a sua vida, se equilibrar, se descobrir... e viver sua vida integralmente..." (221)

## 2 - AFETO-INTIMIDADES:UM DUETO INSEPARÁVEL

O binômio afeto-intimidades parece ser uma cons  
tante nas relações de namoro estável dos jovens. Exceção a es  
se fato recorrente, são, em alguns casos, os primeiríssimos na  
moros e alguns da fase inicial da adolescência. A julgar pela  
freqüência com que o fato ocorre, afeto-e-intimidades são um to  
do único, contínuo, sempre redescoberto e atualizado pelos jo  
vens a cada novo namoro estável que chegam a estruturar.

Uma rápida resenha sobre fatos vividos com garo  
tas então ex-namoradas bem como com as namoradas, servirá para iden  
tificar a profunda ligação entre afeto e intimidades. O temor  
da gravidez, o enfrentamento da mesma, e uma série de depoimento  
s historiando os fatos significativos de alguns namoros, com  
plementarão a lista de relatos do presente subtítulo.

Apresentamos, inicialmente algumas experiências  
de namoro, através das quais se percebem os efeitos sobre o  
pensamento, a concepção e a ação do jovem, da 'dupla moral' se  
xual ditada pela sociedade. O jovem pode; a jovem não pode vi  
venciar experiências sexuais sem sofrer sanções familiares. O  
rapaz passa então a discriminar os diferentes tratamentos que de  
ve dispensar às mulheres, de acordo com a 'categoria' em que as  
mesmas estão socialmente inseridas. Ele começa, portanto, a en  
carar como manifestações mutuamente excludentes, isoladas uma  
da outra, o sentimento afetivo por um lado, e por outro, as in

contrar local com banheira. ((As garotas do mesmo 'nível')) Elas não topam; você não tem condições, pois, as que topam, levam essa relação muito a sério esperando o casamento." (68)

Hã aqueles que desejam conseguir, com as empregadas domésticas, uma relação sexual com penetração na vagina, mas têm dificuldade em obter a aquiescência da parceira, pelo temor que ela tem de engravidar e pela honra que uma moça deve manter ( hímen íntegro ). Eis o relato:

"(...) Elas ((as empregadas domésticas)) regra geral, não deixam; porque se trata de uma aventura passageira. Nem todas impedem, mas, geralmente não deixam. Ficam só nas fases preliminares ou então...o 'coito' anal. Mas o vaginal, propriamente...não. É isso ... ((temor de)) uma possível gravidez. E tem o fator tabu: a honra, que uma moça deve ter." (69)

Como vimos, hã aqueles que não apreciam e fazem o sexo anal; outros porêm, gostariam mas não conseguiram ainda o 'coito' anal com uma parceira. Eis as suas palavras:

"(...) É um negócio que eu 'curto', mas não, não fiz. Porque eu acho que...com medo, da experiência... com a 'não-aceitação'...da parte dela, nê. Uma...uma relação anal, mesmo..." (70)

O jovem do depoimento a seguir manifesta o desejo de 'curtir' com garotas lésbicas para chegar a algumas conclusões. De certa forma, recrimina o desprezo social existente contra tais pessoas.

"(Gosta, mas não faz)) Curtir com homossexuais femininas (lésbicas). Nunca 'curti' e quero conhecer para ver se gosto e ter a certeza que ela não se satisfaz comigo ((saber)) (o porquê). Porque diante da sociedade em que vivo e das pessoas que me cercam, a lésbica sente-se desprezada; talvez um dia eu me afaste um pouco desta sociedade para procurar descobrir algo de positivo com elas." (71)

## B - NÃO GOSTA MAS FAZ

O relato a seguir, mostra como o jovem recorre à masturbação, embora explicitando que não gosta disso. A impossibilidade de partilhar a satisfação sexual com uma garota-alvo, por de conduzi-lo à reprodução desse ato que ele julga pertencer ao seu passado.

"((Não gosta e faz)) A masturbação, que, quando jovem, acontecia numa escala um pouco considerável; está se acabando, talvez por não existir mais a necessidade, porém ficam as recordações. A masturbação ((a faz)) por não poder me satisfazer com a pessoa 'atraída' ((isto é, que o atraiu))." (72)

Há o jovem que desdenha a relação sexual estilo 'pai-e-mamãe'; no entanto submete-se a realizá-la a fim de não ferir a sensibilidade da parceira, desde que esta não esteja parada para superar os preconceitos contra novos estilos de encontro sexual. O relato é o que se segue:

"De uma relação sexual, comum, normal ((não gosta)); aquela tipicamente que tenha sido debaixo dos lençóis. Digamos, aquela típica, aquela 'papai-e-mamãe'...você não gosta porém faz, né, devido a ter que obedecer ((a)) certos tabus e preconceitos de algumas pessoas, né...em que a mente ainda não está aberta para aquilo que se diz amor...Então, não gosto, mas eu faço...débaxo dos lençóis...em função das meninas. Por que é que não gosto e faço (?)-Olha, justamente, devido a sô e tão-somente, ela, achar que é válido; então, eu com a minha experiência, tenho mais que aceitar e respeitar, porque, ela não aceita aquilo, ainda acha muito...acha muito avançado...ou não está... ou ainda não está preparada para aquilo ((que seja inovação)), entendeu. Então, eu me sinto na obrigação, de respeitar...aquela vontade dela, sabe, aquilo lá, o que ela acha certo, o que talvez esteja...errado, e ela certa. Agora, por que o certo e o errado?" (73)

A descrição a seguir revela a insatisfação deixada no jovem, pelas relações sexuais mecanicistas, realizadas no estilo

'fazer por fazer'. Por não ter conseguido dizer não a alguns co legas que o convidavam para sair com certas garotas, viu-se leva do a ter relações mesmo quando não queria.

"E, eu chego a tomar atitudes agora que, eu gostaria muito de ter tomado há tempos atrás, quer dizer quando... vamos dizer... me negar a um programa; com uma menina, assim, com uma mulher. Quer dizer, chega um colega lá em casa: '- Olha, tem duas mulheres aí...'. eu digo: '- Não eu não 'tou 'a fim' não; porque ... hoje não 'tou 'a fim'."

Isso eu sempre... às vezes eu queria dizer não mas não dizia não, porque... porque é o seguinte: porque de vez em quando você 'tã assim, você sente necessidade ((de transar)), né; às vezes por costume mesmo, por, vamos dizer, vício... da vida que eu levava, né. Então, às vezes a gente chega aí... ainda tem aquele negócio 'ah, você não 'tã fazendo nada, vamos sair'; eu saía... mas mesmo assim, eu saía e não voltava satisfeito, mas... quer dizer, pra fazer alguma coisa, né."

(74)

Não gosta mas faz: 'comer' prostituta (relação co mercial que envolve pagamento), 'comer piranha', levar 'chupada' por parte delas, e coisas similares; submete-se a isso, no en tanto, quando a 'secura', a vontade, está grande. É a revelação do jovem cuja narrativa é apresentada a seguir.

"(...) Combinamos o prego, o chato é isso, porque fi ca como se fosse uma coisa maquinal. Da primeira vez, eu não me lembro não; mas, não foi só essa vez que a gente foi; a gente chega, é, como já disse, paga uma dose, geralmente, pergunta 'como é que é o negô cio', ela ((a prostituta)) sabe o que é. Mas queria deixar bem claro que realmente eu não gosto, eu não me sinto bem, pode parecer às vezes até um...um con tra-senso, porque a maioria das vezes que eu fui, eu nunca... as vezes que eu 'comi' foi realmente como se fosse um 'negôcio' ((comercial)) (...)

Porque, geralmente, quando eu faço o que não gosto (que eu já disse que é: comer 'piranha' no carro, le var chupada, e essa coisa...), porque, como se diz, a 'secura' 'tã grande, entende. A vontade 'tã muito gran de..."

(75)

Fazer o que não se gosta é se esforçar por ter uma relação sexual com alguém de quem não se está 'a fim', pelo me nos no momento. São estas as palavras do relato que ora transcre vemos.

"Não gosto e fiz: me esforçar pra ter uma relação sexual com uma pessoa que, no momento, eu realmente não estava 'a fim' da pessoa. Mas fui, fiz...por...assim...por outro motivo, só pra ...talvez até pra me auto-afirmar."

(76)

Teve um relacionamento sexual, de que não gostou .  
A parceira 'ficou meio parada', 'parecia que ela era um boneco'.  
A postura do jovem foi então aquela de refletir e se questionar.  
Eis o seu pensamento descrito com suas palavras:

"Pegamos um táxi ((saindo da dança)) e fomos pra um motelzinho. Tivemos um relacionamento sexual...eu não gostei, nesse dia. A minha parceira, sei lá... parecia que ela era um boneco, mais ou menos, sabe. 'Puxa vida, porque é que ela veio, então?'. Aí eu comecei a me questionar, porque eu gosto sempre de me questionar pra ver mais ou menos onde é que eu 'tô me situando...em relação a tudo. Ela pegou, ficou assim meio parada, assim. É certo que eu tive iniciativa de tudo, quase tudo...mas ela não estava assim como as outras."

(77)

### C - NÃO GOSTA E NÃO FAZ

Duas experiências de jovens diferentes; o primeiro, iniciando uma nova fase de sua vida sexual, toma a decisão de não mais usar a mulher como mero objeto de seus desejos. Entende, a partir de então, que o encontro sexual deve ser a confluência das vontades de ambos os parceiros.

O segundo jovem define como sendo de baixa qualidade de certa mulher prostituta; por isso, decide-se por não beijá-la.

"Aí eu comecei a diferenciar, a atividade sexual por interesse ((ligação afetiva interpessoal, com mútua valorização)) e, aquela ((em)) que a pessoa só vai visando lucro e nada mais (...). A prostituta comum ela põe uma revista no rosto e começa a ler...à hora que você quiser ela 'tá lá (...). Aí comecei a sentir no jo, de, da, dessa prostituição aí de baixo meritório; isso aí.  
Aí falei: 'não, se é que tem que acontecer ((o coito com uma mulher)), tem de acontecer...ele tem que ser assim uma ação...assim, recíproca, sabe. 'Não po

de ser, unilateral, 'usada', assim, s̄o de minha par  
te, n̄e; tem que ser de ambos os lados, n̄e. Aĩ pareĩ  
(...) sabe. A prostituiç̄o (...) prostĩbulos aĩ." (78)

"(...) Vocẽ n̄o quer beijar 'aquela' mulher ((prosti  
tuta)), porque vocẽ n̄o queria mesmo n̄o, vocẽ s̄o  
quer mesmo ẽ o... pegar ela e pronto; n̄o tem prazer  
em beijar ((a)) ela. Se fosse de 'qualidade' ((a mu  
lher)) vocẽ gostaria ((de beijar)), mesmo que fos  
se prostituta." (79)

D - PREFERE, GOSTA E FAZ

Nos dez subitens a seguir ( de a a j ),apresentamos  
aquilo que o jovem faz e que coincide com o que prefere ou gosta.

a) Coito com a pessoa amada

Vimos, no item A, h̄a poucas p̄ginas atr̄s, que a re  
laç̄o sexual com garotas do mesmo n̄vel s̄ocio-econ̄mico era uma  
meta ainda n̄o alcançada, para alguns jovens. No entanto, para  
outros, como o do relato a seguir, essa relaç̄o j̄a ẽ um fato ,  
constituindo-se essa intimidade m̄xima com a pessoa amada, com a  
pr̄pria namorada, o que h̄a de melhor e mais importante na sua vi  
da sexual:

"((Gosta e faz)) A relaç̄o ((sexual)) com a pessoa  
amada, que ẽ a coisa melhor e mais importante no re  
lacionamento sexual." (80)

b) S̄exo oral

Segue-se uma citaç̄o em que o jovem explicita o  
que lhe ẽ agrad̄vel; valoriza as aç̄es de sexo oral e sublinha a  
import̄ncia do fato de as pessoas evitarem se transgredir, nas  
sess̄es de sexo.

"Curto estar bem comigo próprio e com a parceira. Preliminarmente...primeiro, carinho e tal...depois é que a coisa é completada ((relação sexual)) (...)  
Por exemplo, sexo lingual, boca e tal, colocar na vagina da pessoa...  
Mas, logicamente, ((o)) que eu acho básico...você não se transgredir."

(81)

### c) 'Tropicalismo' sexual

Mais um trecho de depoimento, agora, ressaltando a grande liberdade que deve haver nos assuntos relativos à relação sexual. Dando relevo às ações de sexo oral e ao 'tropicalismo' nos encontros sexuais, o jovem faz a seguinte descrição:

"Vi que o sexo hoje é uma coisa muito bonita... principalmente a relação entre homem e mulher... casal; deve haver uma liberdade total...liberdade grande, principalmente em questão de sexo oral...muita gente acha que isso é uma nojeira; eu não acho, eu acho uma coisa bonita. Tanto que eu já fiz sexo oral...não só com essa ((menina sulista)), mas com três mulheres ((com quem)) que, a partir dela pra cá eu tenho saído, eu tenho feito sexo oral com elas. Tenho feito até muito mais coisas com elas...Tenho feito coisas assim bem 'tropicalistas'... 'tropicalismo'... que Caetano Veloso falou; coisas assim: derramar (( p. ex.)) um copo de cinzano, um por cima do outro e ficar assim naquela transação...se curtindo, se lambendo...tendo aquela sensação gostosa...acho que é bonito. Porque a gente 'tã partindo pra uma coisa espontânea...se a gente 'tã achando aquilo bonito, 'tã achando aquilo gostoso, então por que não fazer (?). Hoje eu parto ((para))... hoje eu faço sexo oral ... faço ((sexo)) por via... no ânus também, que eu acho bonito e a mulher também gosta e se sente satisfeita, e o homem também se sente. Tudo assim que a gente possa fazer no sexo a gente faz...coisas bonitas ..."

(82)

### d) Sexo anal

Chega-se a desenvolver uma variada sensibilidade, na vida sexual;mas nem tudo que ocorre com o jovem ele pode dar a conhecer aos amigos, ao grupo ou ao público, pois, se o fizer

se, seria alvo de terríveis e impiedosas zombarias. Ele então guarda segredo; aprende a dar valor às suas experiências impúblicas. Mas é obrigado a silienciar sobre coisas que ele valoriza, pois, o 'machismo' vigente teria que destruir a reputação masculina do jovem, para não se ver desmoralizado, caso esse jovem resolvesse tornar públicas certas experiências vivenciadas e sentidas como agradáveis. Acompanhemos o relato a seguir, que descreve fatos de carícias anais:

"(...) Eu gosto, pô... 'tô falando com você abertamente mesmo ((quase sorrindo)), pô... num relacionamento com uma mulher, se a mulher passa a mão no meu rabo, eu acho a maior maravilha do mundo, certo; agora se você disser isso pra algum grupo, de ((amigos)) ... a turma 'cai encima'; ... inclusive eu não digo, nê; eu não vou dizer, pô, mas que eu gosto... porque você não vai cair no deboche, pô, todo mundo: 'ê, ê, ê...', mas eu gosto pô; vou dizer que não gosto (?!), gosto!..." (83)

Ainda sobre 'sexo anal' e sua relação direta com o prazer partilhado pelo casal, é o relato que se segue:

"(...) Como gosto de fazer a mesma coisa (( carícias anais)) nela (...)  
 Acariciar o rabo da mulher...ela sente prazer, e eu sinto prazer também dela fazer em mim, sinto mesmo... porque já senti isso muitas vezes...pronto, é uma coisa que...sinto...já tive experiência e eu gosto." (84)

e) Preferência por mulher experiente

Fazer o que lhe é agradável, escolher e preferir a parceira que julga lhe ser adequada. Essa é a experiência bem característica do jovem a seguir, que procura valorizar a maturidade e a tarimba da mulher de mais idade que ele; valoriza a 'coroa' e a sua capacidade de tomar iniciativas, de dominar a situação, na relação sexual.

"Gosto mesmo é de ter relação sexual, assim, com uma pessoa mais velha; quer dizer, com coroa, não é (?); como diz o pessoal. Porque eu sempre acho assim que elas sempre têm mais experiência, e tal; elas conseguem, eu não sei como... em vez de a gente dominar ((a)) elas na hora da relação sexual, eu acho que elas é que dominam a gente. E no caso assim da relação sexual, eu não sei porque mas eu gosto de ser 'dominado'; eu não gosto de dominar não; eu gosto de sentir uma pessoa, assim, sei lá...ela mesmo forçando o jogo. Quer dizer, eu sendo apenas... Eu noto ...eu não gosto de ser um cara que toma iniciativa. Aí, por isso, uma coisa que eu gosto e faço, realmente, eu acho que é, ter relação sexual, assim, com uma pessoa mais velha."

(85)

#### f) Repetição do que foi satisfatório

Gosta e faz. Ao gostar muito de uma garota, não para apenas no primeiro auge, numa relação sexual. O autor dessa ação a especifica dessa forma:

"Quando eu gosto muito de uma pessoa, nunca tenho apenas uma relação numa noite. Sempre duas...já tive três vezes. Três auges."

(86)

#### g) Coito ao estilo 'fazer por fazer'

Há inclusive o jovem que desenvolveu toda uma filosofia mecanicista, acerca da relação sexual. 'Fazer por fazer, fazer por gostar de fazer', independentemente do tipo e da pessoa da parceira. Tudo indica que se trata de um relacionamento a dois onde o erotismo predomina, e o afeto, desvinculado dele, fica quase que completamente marginalizado desse encontro interpessoal. Tentemos captar a mensagem, nos dois relatos a seguir:

"(...) Eu sou capaz de fazer por fazer ((a relação sexual)), fazer por gostar ((de fazer)) ou qualquer coisa assim, por uma condição material; chegar, pô, tem meninas que eu não tenho nenhuma vontade de viver com ela, de namorar nem de nada ((não assumir compromisso de estabilidade de relacionamento)), mas te

nho vontade de sair e transar com ela: beijar, 'namorar', transar, ir pra cama com ela, qualquer coisa assim, só pela parte material. E você nota que... agora não, agora 'tá surgindo já muito mais esse tipo de relacionamento (...) assim, com uma vida aceitável; eu não sei se é bom ou se é ruim, nê; é bom pra você, que você sai curtindo com ela...antigamente não havia; havia menos..." (87)

"(...) Eu gosto de transar; mesmo que não seja...não tenha amor, não tenha afinidade, mesmo que a mulher seja uma mulher bem chatinha, mulher bem 'hen-hen', mais...sem cabeça ou... mulher 'arretada' ((extraordinária, excelente)), eu gosto de transar... toques ((gosta)), todo tipo de carinho, porque passa a ser carinho e sexo, 'tá entendendo; desde o momento que começa; geralmente começa num carinho, termina com sexo..." (88)

#### h) Sexo sem compromissos

Gostar de 'transar' com meninas de programa é a opção para quem não deseja assumir responsabilidades decorrentes do exercício sexual. Subjacente a essa preferência encontra-se uma forma disfarçada de opressão contra a mulher, efetivamente 'objetizada'. Vejamos a exposição de idéias:

"(...) Posso ter ((relacionamento sexual total)) assim, com qualquer menina ((excluída a namorada)); vamos dizer, eu conheço uma determinada pessoa, aquela pessoa chega e sai comigo uma noite e diz: 'fulano... vamos pra um motel; vamos ver se a gente vai curtir alguma coisa aí, num barzinho, numa boate, e depois vamos pra um motel'; eu vou, 'transo', na maior tranquilidade, sem um pingão de preocupação, mesmo que venha a um dia correr o risco assim de, por exemplo, eu...chegar...e engravidar aquela menina, e ela dizer que sou eu ((o pai)), nê; mas você não se sente assim ((responsável))...porque, primeiro, você saiu uma vez com ela, nê, é um negócio perdido, nê, quer dizer, tanto pode ter sido você como pode ter sido outro, nê..." (89)

#### i) Sexo longe da casa dos pais

Se tiver que haver uma preferência, esta será por aquilo de que gostou; as experiências e os momentos agradáveis ficam

gravados na mente do jovem. Longe do seu contexto s̄ocio-cultural t̄ipico bem como distante dos pais, a sexualidade parece ter facilidade de expandir-se. Eis as palavras do protagonista dessa experiēncia:

"(...) Com ((menos que 19 ))anos fui passar ((v̄arios)) meses ((sozinho numa Regīao fora e longe do Nordeste)), e sexualmente foram os melhores momentos da minha vida." (90)

#### j) Interaç̄o entre erotismo e afeto

O relato a seguir revela as concepç̄oes e a pr̄atica de um entrevistando que se apresenta numa fase das mais amadurecidas no que tange ao relacionamento interpessoal. O binômio erotismo-afetividade permeia harmoniosamente todo o seu discurso. Valoriza o seu 'ponto ôtimo', o seu ponto de equil̄brio em termos sexuais; recusa-se a ir à caça de novos prazeres, a se deixar dominar pela publicidade pronogr̄afica, a ser um inveterado 'consumista' enaltecedor do 'machismo' opressor da mulher.

"Eu j̄a ouvi isso: 'rapaz, voc̄e, uma pessoa t̄ao bonita, namorar com uma menina assim...'

Isso me mata.

Sexualidade, n̄o é aquela que te venderam. Pra mim, n̄o me satisfaria pegar uma mulher como a Bo' Derek... eu n̄o conseguiria fazer sexo com uma Bo' Derek ou com uma 'deusa' dessas aí do sexo, como vendem aí - ou ent̄o Xuxa -, porque pra mim... n̄o é significativo como parte integrante do meu mundo, da minha sexualidade...sexo n̄o é isso s̄o.

(...) Estamos eu e ela...garanto que n̄o é uma relaç̄o sexual neur̄otica...n̄o estou à busca de novos prazeres; porque eu acho que como as pessoas aí se sentem vazias, talvez busquem novos prazeres;...n̄o 'tô naquela de pegar as pessoas bonitas, tirar da prateleira do 'supermercado', consumi-las, depois jogar o casco fora; n̄o 'tô...Realmente eu quero saber o que é que tem dentro, é isso aí...ent̄o isso é que é importante pra mim...J̄a conheci como é que é um órgão genital feminino...j̄a conheci...e tal...a intimidade de uma pessoa...Pessoa com quem voc̄e pudesse transar equilibradamente...Achei o meu 'ponto ôtimo' de equil̄brio...n̄o quer dizer que vou viver infinitamente

*com essa pessoa, ..mas posso dizer como Vinícius, nã,  
'enquanto durar vai ser eterno', sabe, e eu vou vi  
ver nas maiores das... maiores das verdades, das sin  
ceridades."*

(91)

Chegamos ao final deste capítulo que trata do desa  
brochar sexual do jovem. Tal desabrochar foi descrito através de  
duas idéias básicas: 1) a iniciação, e 2) a ação pedagógica da  
experiência.

### 1 - A iniciação sexual - síntese

Ao que parece, a natureza desta pesquisa conduziu  
cada entrevistando a realizar uma reflexão abrangente e por ve  
zes detalhada, acerca de suas vivências sexuais do passado e do  
presente. Procurou-se rememorar todos os eventos significativos  
e, em geral, seguiu-se um roteiro cronológico-valorativo no per  
fil histórico individual: daí se começar pelos primeiros esboços  
de comportamento sexual seguidos das tentativas e consecução da  
iniciação sexual, que se constituiu em marco histórico na vida  
sexual desses jovens. Tenhamos presente, portanto, que na pes  
quisa em foco, 'iniciação sexual' foi uma referência espontânea  
que ocorreu na totalidade das entrevistas e que consiste quase  
que exclusivamente em experiências pioneiras de relacionamento  
heterossexual satisfatório.

Ao longo dos depoimentos enfeixados sob o título "Ini  
cição", percebemos diversos anúncios, reclamos, lamentos e de  
núncias apresentados pelos jovens. Examinemos algumas dessas men  
sagens contidas nos textos das entrevistas.

A - O "caminho do silêncio", adotado pelos pais - e pe  
los demais educadores - para o preparo dos jovens, é a "denún  
cia" mais forte e mais generalizada, contida nas narrativas deste  
item.

O caminho do silêncio, consiste em que, via de regra, inexistem o diálogo, a explicação e as informações claras e diretas, acerca de sexualidade e suas implicações. Dentro desse caminho, boa parte dos pais, desde a infância dos filhos, optou por aplicar a surra - repressão violenta e sem explicações - contra o desabrochar precoce do garoto nos assuntos sexuais. Toda a experiência de jogos sexuais entre garoto e garota foi alvo de repressão violenta; esse tipo de "iniciação", foi, pois, deestimulado. A criança captou, então, a mensagem muda dos genitores: *"a gente sentiu isso (práticas sexuais) como uma coisa feia, horrível."* Outra mensagem, recebida pelo jovem, talvez por 'osmose', já após sua puberdade, é a de que não se deve engravidar moça alguma ('de família').

Como exceção ao mutismo familiar, foi narrado o esforço de um pai que falou 'alguma coisa' ao filho, demonstrando 'uma certa abertura, certa abertura relativa'; parece que o objetivo paterno foi o de prevenir e informar sobre os riscos de locais tais como prostíbulos, oferecendo seus préstimos para tirar o filho de eventuais enrascadas. Mas o diálogo, o aprofundamento em conversas acerca do binômio afetividade-erotismo, parece inexistir. O caminho escolhido para a educação sexual permanece bem definido: o silêncio. Ele é o responsável maior pelo nível de desinformação a que o jovem fica relegado.

Por causa dessa desinformação há jovens que sofrem frustrações e decepções quando de suas primeiras tentativas de 'tirar o queijo'. Tudo faz crer que a desinformação solapa aos jovens a possibilidade de alcançarem um conhecimento adequado e seguro sobre os melhores meios anticoncepcionais; tal fato provoca no rapaz, insegurança e medo de chegar a ser causa, nas suas investidas sexuais, da eventual gravidez de alguma moça, especialmente de sua namorada. O silêncio, é também o responsável

pela autodidaxia confusa, do jovem, acerca do assunto: chega até a confundir a lubrificação vaginal própria do estado de excitação com uma 'imprecisa e desconhecida' gonorréia; supondo tratar-se de um corrimento doentio, resulta daí um grande susto, pavor e fuga do ato sexual inaugural que estava para ser iniciado.

Fruto do silêncio é ainda o desconhecimento acerca do corpo da mulher, fato que, provavelmente, acirra a curiosidade, a qual, conjugada à grande atração visual sentida em relação aos seios, precipita o desejo de vivenciar experiências sexuais; e é através da própria experiência, que o jovem irá desenvolver seu aprendizado sobre a sexualidade, a começar pela sondagem exploratória do corpo feminino através das intimidades com a parceira, que, por vezes, é a própria namorada. Obviamente, se o caminho educativo é aquele do silêncio, torna-se melhor estar a sós, que ladeado por companhias mudas e inibidoras: é quando têm certeza da ausência dos pais, que os jovens aproveitam para experienciar o sexo, com parceira, dentro de casa. No entanto, é certamente a dissociação entre a afetividade e o erotismo, a pior resultante do mutismo familiar dentre todos os males que atingem o jovem. Tendo que adquirir os conhecimentos às apalpadelas, mediante o acúmulo de suas experiências eventuais, muito jovem atravessa um período (oxalá não estacione aí) onde a prática do sexo fica basicamente desvinculada do desenvolvimento da sua capacidade afetiva enquanto pessoa. É apenas uma parcela de si, que ele admite estar envolvida em tais experiências; inexistente o envolvimento de sua pessoa como um todo.

B - Pelos seus relatos, os jovens chegaram a sugerir que a sua iniciação pode ocorrer, quer através de uma única relação sexual, bem sucedida, quer mediante múltiplas experiências de relação, até que ocorra aquela considerada efetivamente satisfatória.

C - Papel fundamental, na iniciação sexual do jovem, compete aos amigos e ao grupo - a 'turma'. O encontro do jovem com eles faz surgirem expectativas em relação ao papel sexual que está reservado ao rapaz.

Estimulam, preparam, orientam, impelem e acompanham o jovem postulante à prática do coito.

D - Outra fonte de apoio, ao aprendizado pelo jovem, das vivências sexuais, é aquela que podemos classificar como as 'pedagogas' improvisadas: empregadas domésticas e prostitutas. Os serviços por elas prestados são fator determinante para o deslanchar de muitos jovens - 'vítimas' do profundo silêncio familiar - na vida sexual. Contudo, os jovens notificaram que, regra geral, o ambiente do prostíbulo não agrada; como também deagrada o aspecto comercial, 'bem mercado', de pagamento, à dita prostituta. Registra-se, também, o medo de estar ali, naquele ambiente, dentro do prostíbulo.

E - A busca de melhor definição, e desempenho satisfatório, no campo da identidade/papel sexual masculino, marcou a atuação do jovem, perante seus iguais - os jovens -, nas experiências de iniciação. "Virar homem", "mostrar pra mim que eu era homem", "servir-se de uma mulher como qualquer homem se serviria", e, "mais um degrau na escalada homem", são afirmações que refletem claramente a postura dos jovens. É através de semelhante auto-percepção que ele inicia, de certa forma, sua auto-afirmação. Aliás, essa percepção afirma a supremacia sócio-cultural do macho sobre a fêmea; a 'supremacia', por sinal, desse mesmo macho que, regra geral fica muito nervoso no prelúdio do ato sexual inicial, a sós com a 'profissional do sexo'; ele que, raramente reconhece seu 'nervosismo' (tensão, medo) de debutante perante a parceira, preferindo quase sempre negá-lo verbalmente, embora o afirme, somaticamente, através até mesmo da não-ereção peniana.

F - No vasto repertório de comportamentos encontrados neste título acerca da Iniciação, há também aqueles, de jovens que de notam maior sensibilidade e exigências pessoais mais refinadas ; há jovem que, em relação à vida sexual, chega a exigir de si e da parceira, íntima ligação entre erotismo e afetividade, como condição para uma convivência satisfatória. Vê-se, assim, que o poder destrutivo do "silêncio", do "não-diálogo" na família, não consegue aniquilar a todos; ainda há jovens que, graças às suas próprias experiências ocasionais, à sua autodidaxia bem como à decisiva atuação pedagógica de determinada parceira, conseguem alcançar um amadurecimento sexual sadio, integrativo de seu ser e de suas múltiplas vivências. Tudo indica que assim ocorre. Pena que o número desses jovens (dentre os arrolados na presente pesquisa), represente uma pequena minoria! Mas, dificilmente poderão passar de uma minoria de jovens, antes dos 26 anos de idade, enquanto prevalecer uma 'educação sexual', sobretudo nos lares, educação essa no típico estilo 'ao-deus-dará'.

Para completarmos esta síntese sobre o capítulo dedicado ao desabrochar sexual do jovem, resta-nos resumir os pontos de relevo do seu segundo item, que trata da ação pedagógica da experiência.

## 2 - A ação pedagógica da experiência - síntese.

Estivemos percorrendo inúmeros relatos que se propunham a revelar as variadas experiências do jovem em relação aos diversos tipos de mulheres sexualmente disponíveis, que ele encontrou no seu caminho. O contato com elas - agradável ou não, prolongado ou curto - determinou a manifestação de comportamentos bem definidos que expressam, com clareza, o perfil do jovem no tocante à sexualidade: preferências, atitudes, gostos, etc. Para efeito de análise foram organizadas, em três tópicos distintos, as experiências que serviram de caminho ao jovem no seu amadurecimento sexual quase inevitável.

## A - Casadas e descasadas, inovadoras

Esse primeiro t<sup>o</sup>pico abordou os contatos com as casadas e descasadas inovadoras. Vimos que se trata de mulheres, em sua maioria, residentes ou provenientes de outras regi<sup>o</sup>es que n<sup>o</sup> a Nordeste (geralmente Sudeste).

As impress<sup>o</sup>es que elas deixaram no jovem foram bastante positivas: pessoas bem preparadas, com maturidade social relativamente grande, que proporcionaram um relacionamento rico, e varia<sup>o</sup>es er<sup>o</sup>ticas igualmente ricas, inovaram o repert<sup>o</sup>rio de alguns com a pr<sup>a</sup>tica do sexo oral, e que conseguiram conversar abertamente sobre 'o que' fizeram, 'como' fizeram, tudo com isen<sup>o</sup> de preconceitos habituais sobre o assunto.

O jovem admitiu que tal experi<sup>e</sup>ncia foi satisfat<sup>o</sup>ria e proporcionou-lhe uma vis<sup>o</sup> da sexualidade efetivamente completa. Afirmou dever-se o seu sucesso sexual ao fato de ter encontrado pessoas bem preparadas, dentre as quais, incluem-se especialmente as casadas e descasadas, inovadoras.

Houve jovem que narrou que uma delas o teria 'usado'; al<sup>e</sup>m disso, ao analisarmos mais aprofundadamente a curta dura<sup>o</sup>o, o esp<sup>ir</sup>ito de improvisa<sup>o</sup>o e aventura, e os altos riscos sociais relativos a esses contatos intimos entre a quase totalidade de las e o jovem, percebe-se a rela<sup>o</sup>o bilateral de pessoas que 'objetizam', 'coisificam', o outro e, por ele se deixam transformar em objeto, a fim de alcan<sup>ar</sup>, de algum modo, o auge da satisfa<sup>o</sup> a que aspiram, e que talvez ainda n<sup>o</sup> alcan<sup>aram</sup>, ou de que sentem falta. Mesmo existindo um rico emaranhado de afeto e erotismo nessa rela<sup>o</sup>o, a parceira bastante vivida faz uso do 'beijo gal<sup>a</sup>' inexperiente e sequioso de prazer, talvez para preencher o vazio de maus relacionamentos anteriores; ele, por sua

vez, usa-a como objeto garantidamente experiente, saudável, eficiente, asseado, disponível e sigiloso, sem ter que arcar com compromisso, deveres, nem responsabilidade alguma, de nenhum gênero, pois, inexistente a o temor da gravidez; ela sabe como evitar, ela assume. Falta, pois, nessa relação interpessoal, o encontro entre as pessoas na sua totalidade, exatamente enquanto pessoas.

B - 'Profissionais', 'amadoristas' do sexo e as 'meninas de família'

Esse segundo tópico apresentou as diversificadas experiências do jovem, com outros tipos de mulheres disponíveis para relações sexuais: as raras garotas do mesmo nível sócio-econômico ou seja 'meninas de família' (no caso específico, 'paquera' fora da Região Nordeste), a criada, a empregada doméstica, as 'garotas de programa' e sobretudo as prostitutas.

Como 'profissionais', as prostitutas são bastante procuradas, e cada jovem leva outros amigos a ela. Um jovem apresentou interessante comparação onde valoriza mais a prostituta - por ser lutadora por seus direitos, independente, etc. - que, as menininhas de programa, sonsas, e até mesmo, que as namoradas, dominadas e inertes diante dos caprichos de seu par.

Dentre as classificadas como 'amadoristas' do sexo - 'garotas de programa', criadas e domésticas - são as domésticas que se mostram as mais ingênuas, chegando a prestar serviços sexuais até sob ameaça. Dispor de carro, pode ajudar a aumentar o repertório das experiências do jovem, em número e em variação, segundo suas narrativas neste tópico. Doenças venéreas e desinformação a respeito, bem como experiências negativas, tais como ejaculação precoce, decepções e constrangimento em prostíbulos, estão presentes.

Algumas garotas do interior do Estado aceitam fazer, mas se recusam a falar a respeito: sexo é tabu! Trata-se de 'alunas' reprodutoras, honestas, coerentes e eficientes da 'Pedagogia do Silêncio' em que foram educadas.

Diversas experiências típicas são comentadas, e mostra-se que os vários lugares da casa devem estimular a criatividade de quem conseguiu descobrir apenas a cama, para as intimidades. Finalmente, de acordo com a narrativa, percebe-se que a necessidade pessoal de realizar atividades sexuais com pessoas do sexo oposto, emerge com grande força por volta dos 14/15 anos; o despertar sexual surge, e para isso colaboram inclusive os apelos comerciais da sociedade atual: a TV e a moda feminina.

#### C - Preferências, atitudes...

O terceiro e último tópico trata especificamente das preferências, atitudes, gostos, etc., do jovem, no tocante à sexualidade. Os dados apresentados pelos jovens foram resumidos basicamente em quatro grupos:

- a) Deseja, gosta, mas não faz: a relação com pessoas do mesmo nível sócio-econômico ( a namorada ) e relação vaginal com a empregada doméstica, são coisas que alguns jovens não conseguem facilmente. Para alguns, inclusive, a pressão social veta-lhes a consecução do seu intento, de 'transar' por amor, com a namorada.
- b) Não gosta, mas faz: 'transar' por 'transar', pura e simplesmente, bem como manter relação sexual com pessoa de quem não está 'a fim' (fazendo-a na busca de mera autoafirmação perante os amigos), são coisas que não satis

fazem o rapaz.

c) Não gosta e não faz: manter relações com mulheres, em circunstâncias onde o desejo sexual seja unilateral, sã dele. Beijar prostitutas de baixa 'qualidade'.

d) Prefere, gosta e faz: houve jovem que apontou o se xo oral, ou o sexo anal, a relação com a namorada, re lação com 'coroa', entre outras coisas.

Outras revelações de interesse: a atração pela emprega da doméstica leva o rapaz a 'brechar' esse alvo de sua atenção erótica - é o despertar do sexo!; inapetência sexual por pa rente próxima, mesmo despida; a existência de preconceito con tra negras em um, inexistência em outro jovem; abstinência se xual por temor de gravidez ou falta de vontade, e, finalmente, o doloroso significado de um aborto para um jovem.

## CAPÍTULO III - O JOVEM: FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

### 1- Os Pais e Educadores

A atmosfera cultural é respirada por todo jovem, dentro e fora do ambiente doméstico. Dentro de casa, tal atmosfera é permanentemente dosada, pelos genitores, em especial. No presente subtítulo analisaremos a fala do jovem acerca da criação que teve, sua percepção do pai e da mãe, da política familiar predominante, bem como sobre a educação sexual - ou sua 'falta' - existente no lar.

#### A - A Política familiar

Começemos por apresentar os fatos relativos à criação e instrução dos filhos, bem como à mentalidade e valores domésticos; tentemos captar a política desenvolvida pela família, ou seja, concepções e valores, existentes no grupo familiar, especialmente definidos por aqueles que chefiam tal grupo:

*"A moralidade que me foi imposta pela família, é uma coisa de que eu nunca gostei."* (92)

*"(( Depois da primeira relação sexual)) Minha família era muito moralista.  
(...) Tabus da família: sexo... e eu sempre achei as coisas de sexo, maravilhosas."* (93)

"(...) Acho que fui disciplinado com o rigor de um colégio (( de religiosos )) altamente exigente(...) Muito tempo sô com o convívio de colega de classe..." (94)

"(( Todas as pessoas adultas que residem em casa dele )) (...) Meio carolas e tal." (95)

"Depois paramos um tempo (( os altos 'sarros' )) , não me lembro o porquê. Voltamos mais tarde a fazermos as mesmas coisas durante uma viagem que fizemos juntos e com as famílias. Então tivemos a interferência das famílias; mais a minha 'do' que a dela e paramos novamente. Voltamos mais tarde e apenas por uma noite." (96)

"(( Alisar, fazer carinho, nas empregadas domésticas )) (...) Tinha aquelas que reagiam: 'chegava', à noite, e 'contava' para os pais (( do João vem ))). Dois caminhos: ou elas não ficavam mais em casa ( porque tinha um diabo solto )... por outro lado, a gente levava um 'esporro', por desrespeito à doméstica." (97)

"(( Ao namorar, sentado no terraço, meio em penumbra, na casa da garota, com ousadas incursões de carícias sexuais )) Tinha também o terror... vários sentidos, num sô; as pessoas que passavam, os vizinhos, a mãe que de vez em quando vinha... vigilância total... sexo feito assim no sentido de terror mesmo... amedrontado com tudo." (98)

"(...) Nessa de ela procurar emprego... e eu também (( ela, grávida, e ambos, mantendo sigilo discrição, tentando meios de autonomia econômica que lhes permitissem casar )) (...) Ela arrumou emprego de secretária... A mãe: 'você já quer trabalhar (?); de secretária (?); não admito.' (...) Vamos agora talvez, viver o 'bonitinho' que nós somos, e ver com menos seriedade a vida ... e vamos ser menos responsáveis ( foi a maior responsabilidade que eu vivi na minha vida ) (( 'forçados' a praticar o aborto para salvar as aparências sociais exigidas )))." (99)

"(( Falando acerca do que é certo e do que é errado: posições para o ato sexual, a questão homossexual... )) Há certas perguntas que... são realmente difíceis de serem respondidas, entendeu; 'do certo e do errado'. Agora, na minha maneira de ver é ... (( questão de )) criação... a minha personalidade foi formada 'naquele ambiente', 'não aceito'. (...) Seria isso daí mesmo; as pessoas acharem que é certo o que é errado. Só que quando eu faço a pergunta 'por que é que é errado', aí não me sabem responder. '- Ah, porque é!' (...) É criação, né... (( É )) Aí quando eu falo 'é o tabu que a gente vive: a criação, a educação que aquela menina teve, aquele tipo de instrução que ela teve... dos pais, entendeu (?)'..." (100)

"O comportamento em criança é tudo mais fácil; quando chega ((ã)) uma certa idade... o que não fez em criança, pra fazer depois de grande, oh... é zero! (( é bem mais difícil ))).

O comportamento dos outros (( dos pais )) dificulta muito o nosso. (( É um ))... Peso. (( Isto falando acerca das barreiras que teve de enfrentar para conseguir sua primeira relação íntima com uma garota ))).

Depois desse primeiro contato (( sexual )), aí foi ficando tudo mais fácil pra mim; às vezes tinha dificuldades de encarar o pessoal em casa... falar... e mesmo, não tinha assunto, né... agora, sempre aquele dito tema, né... Passei quase seis meses com aquele negócio na cabeça (( vontade de repetir a relação sexual )), e sem procurar, sem nada; pensava ir 'numa' prostituta... mas desde pequeno que eu trago aquele negócio (( na cabeça )): 'comprar, nada... Se aparecer, apareceu, se não aparecer, tudo bem.' Mulher não casa virgem (?!), por que homem não pode casar?! Eu não acho nada de mais. Se fosse numa Suécia... acho que o pessoal marginalizaria mesmo (( a ele )))." (101)

Continuando seu discurso, esse jovem prossegue, denotando as contradições de seu pensamento, embora sem se dar conta disso; dessa forma, deixa transparecer tanto as exigências dos pais quanto as suas:

"Quanto a esses contatos (( sexuais )) acho que tá normal, sabe: quebrei muitas barreiras, eu era muito conservador... muito, muito mesmo... em relação a muitas coisas: festa... sair de casa... tinha aversão a pegar ônibus; agora com o carro, não, tá tudo mais fácil. (...) Acho que há coisas mais importantes 'do' que o sexo, na vida. É fundamental (( o sexo )), não deixa de ser; acho que a pessoa também não pode viver sem isso; é uma necessidade de cada um, física... tem de ser, de todo jeito, né; se você não faz, você não fica bem de maneira nenhuma..." (102)

Ir à cata de moças "zero quilômetro" não é apenas um preconceito do jovem quando pensa em casar... a família o antecede nisso nutrindo o preconceito contra a mulher desquitada:

"(( Ao longo de uma aproximação afetiva com uma jovem desquitada... precisava decidir sobre sua eventual ligação definitiva )) Mas, por questão de família,

também ( já que existe o fato de que, quer queira quer não (( a família )), está envolvida no negócio )... eu preferi que a gente deixasse correr (( o tempo, sem nada decidir )))." (103)

Dentre todos os entrevistados, eis abaixo o que apresentou algum relacionamento de uma "certa" abertura, "relativa", com os pais, atinente aos fatos da vida sexual; note-se: "certa abertura, relativa."

"Com meus pais eu sempre tive certa abertura...apesar de...uma certa abertura,relativa;porque, nada do que aconteceu (( problema sério em relação a uma namorada ))... (( eles não podem )) nem pensar em saber, né." (104)

Será que a concessão de certas liberdades preenchem a lacuna deixada pela ausência do diálogo? Eis as palavras de um 'garotão' muito livre:

"(( Liberdade de circulação ))... Um garotão assim muito livre; aos 12 anos saía, voltava tarde, esse negócio... o pessoal nunca foi de exigir hora...es se negócio: 'tal hora você tem que ter que chegar'. Eu tinha 12 anos, já dirigia, já pegava o carro, entendeu; mas à noite não, só durante o dia". (105)

Reputação da família e valores da formação moral são "freios" que evitam os 'finalmentes', mas não os 'entretantos' da sexualidade do jovem:

"Tenho um pouco de receio (( ao procurar se satisfazer com as empregadas domésticas da rua )) por causa da ( apesar de ser uma cidade grande)... pela vizinhança da rua onde a gente mora... o povo já conhece a gente... ainda tem um certo grau de respeito; então 'a gente' ((ele)) procura se afastar... o mais longe possível... ((para)) procurar as empregadas domésticas que tem por aí, pra se satisfãzer." (106)

"A relação sexual propriamente dita, (( embora goste )) não faço, pelo menos com a namorada... a minha formação moral não permite que eu prejudique uma pessoa...que eu ...sei que não vou ter condi

ções, socialmente, de assumir aquele ato praticado. Acho que isso seria prejudicar uma pessoa que não merece isso (...)

Acho que as conseqüências da gravidez é que são problema; não poder assumir financeiramente a nova situação. Defloramento (...) problema de minha parte, com falta de condição econômica de assumir (...) minha formação moral.

Desde que a moça seja oficialmente e deliberadamente escolhida, e aceita pela família... praticando o defloramento de uma moça, eu tenho a obrigação, independentemente de qualquer coação, de assumir." (107)

Após os relatos sobre a política familiar, vejamos agora as figuras dos genitores, de acordo com a percepção do jovem:

"Nós éramos como o corpo e a alma: uma pessoa só. Só vivíamos juntos; direto. Por isso 'que' minha mãe não gostava dela. Mamãe tem um certo apego a mim... sou o filho homem mais velho dela. Mamãe sentia falta de minha presença em casa (onde eu só ia comer e dormir). Minha mãe não gostava dessa menina (( no final, foi levado a acabar o namoro )) (...)

Tinha outro motivo também (( para ele ter medo de levar o caso sério... realizando o coito total )).. eu queria agradar minha mãe, e ela (( a mãe )) não queria esse namoro da gente. Era total e radicalmente contra. Ela (( a mãe )) gostava muito de mim e eu gostava, gosto muito dela." (108)

"As duas famílias (( a dele e a da nova namorada )) estão em perfeita concordância... graças a Deus... porque nós nos gostamos muito. Minha mãe gosta muito dela... parece que vai dar tudo certo." (109)

"Comecei a ler mais um pouco... nunca levando livros para casa... porque, eu tenho meu quarto, tudo... mas é mamãe quem ajeita... e de vez em quando ela encontra um 'negócio' lá, né... por mais que a gente esconda, sempre tem uma pessoa que descobre... a gente bota embaixo da cama, faço qualquer coisa, mas... vai lá, pega, olha: '- que significa isso?'; mas nunca aconteceu isso em casa, nunca me fizeram esse tipo de pergunta: '- como você me explica isso?...'; e se perguntasse não saía nada, né." (110)

"(...) Deu afirmativo o teste (( exame de sífilis)). Aí pronto... aí o pessoal em casa não acreditou (( na idoneidade dele, relativa a não manter relações sexuais com mulheres ))). Já eram assim (( desconfiados ))... aí, depois desse teste... mas eu já tava um pouco solto, não tava nem ligando pra o negócio (...)

Mamãe não tava acreditando (( na idoneidade dele ))...  
'- Como uma pessoa vem dizer que não sabe... como pode pegar uma doença dessas...'

Manter o padrão dentro de casa, tá entendendo; mas quando se saía... eu fazia das minhas. É sempre assim, né... é mais gostoso assim... você aproveita mais, os minutos que tem fora de casa..." (111)

"(( Após um episódio de carícias e orgasmo com uma empregada doméstica da sua residência, na ausência de todos os membros da casa )) (...) Tive receio que mamãe chegasse, né, e daí por diante... não tive mais nenhuma, mais oportunidade nenhuma; não que eu não quisesse, mas porque não houve ((oportunidade))." (112)

"(( Por volta dos 15 anos, ia à casa de parentes já maduras, acompanhando a sua mãe; lá conheceu uma doméstica )) Neste dia haviam saído todos e somente ficamos nós dois ((em casa)); então começamos (( ele e a empregada doméstica )) a conversar e a trocar idéias e falar sobre diversas coisas. (( Em seguida, aconteceram beijos e carícias; a ausência da mãe permitiu-lhe agir )))." (113)

"(...) Foi modificando a minha cabeça... fui vendo um monte de coisas; aprendizagem de muita coisa. Foi quando eu... saí praticamente dos laços da família, fui me libertando...daquele negócio assim... tava muito ligado...eu me envolvi muito com a família; não por parte do meu pai mas por parte da minha mãe. Porque a minha mãe é uma pessoa ... muito preconceituosa; principalmente no assunto sexo. É uma pessoa muito preconceituosa. Então eu me ligava muito a ela... isso dava uma influência ... muito grande em mim. Não tinha com quem desabaçar (...)  
Meu pai tem amantes... já fui contra isso...depois, eu vim a ver que a (( responsável )) questão principal era ela, minha mãe." (114)

Disponibilidade e tentativa de apoio por parte do pai: eis a revelação mais importante a favor da atuação dos genitores, apresentada pelo jovem. Convém observar, no entanto, duas coisas significativas: (a) no primeiro relato o pai admite a prostituição como provável centro responsável pela iniciação sexual de seu filho; (b) no segundo relato, apesar da interferência e instrução feitas pelos pais, a comunicação interpessoal entre o jovem e seus amigos apresenta-se como mais confiável e prestigiada que a comunicação com os genitores, merecendo, pois, a preferência do jovem. Acompanhem os relatos:

"(( Considerações acerca da primeira ida a um pros-  
tíbulo)) Meu pai sempre tinha conversas comigo,  
e falava sobre isso; não dizendo que eu não fosse  
ou que fosse...nada...mas...expondo; ele contava co-  
mo era, e aí arrumava a maneira de contar...

'- Se você for... tal, cuidado com "isso", porque,  
esse pessoal "assim"...'

- Prevenindo.

'- E se por acaso for...' - Porque ele, às vezes,  
desconfiava, nê; não sabia, não tinha certeza que  
eu ia, mas ele desconfiava que eu ia... então ele  
se punha à disposição de...

'- Se por acaso; olhe, esses lugares realmente têm  
muita briga... se por acaso... qualquer problema,  
dê... (( um telefonema )) pra casa... que eu...vou  
'tar aqui e tal e... diga onde 'tá, que a gente vai  
resolver'.

Então, eu ficava com medo, nê, de briga, assim..." (115)

"... Quando aconteceu o tal problema lá com a ex-(( na  
morada)) eu precisei de dinheiro... e... pedi em  
préstado a amigos...mas tinha que pagar. Eu trabalhava...mas não dava, era pouco o que eu ganhava.  
Então... sem dinheiro; então eu tive até que falar  
alguma coisa pro meu pai, pra dar... porque de cer-  
ta forma ele me controlava... não que ele controlas-  
se meu dinheiro, mas... ele me viu sem dinheiro, eu  
ganhando dinheiro e sem eu ter dinheiro (eu não vi-  
vo pedindo a ele sempre, assim, dinheiro); teve um  
ponto que eu tive que falar alguma coisa, nê, pra ele:  
'oh, aconteceu um negócio desse tipo...' sem falar  
'com quem', nem nada; ((ele)) tentou 'tirar' algu-  
ma coisa de mim, falou pra eu contar pra ele, mas...  
não conseguiu 'tirar'. Então... e me apoiou, sabe.  
Me apoiou, me deu apoio...

'- Olhe... se quiser, tal, aí me procure e tal.'

Me deu segurança. E sempre eles (( os pais )) pro-  
curaram fazer isso. (...) Quanto à educação sexu-  
al... pai... e eu, filho; eles sempre me instruí-  
ram. Sempre, na medida do possível, qualquer pro-  
blema que eu tinha, eles procuravam conversar comi-  
go e tal e... nunca me negaram, assim, nada; eu tí-  
ve uma boa... atenção, em termos de problemas des-  
se gênero... do meu pai. É... mas, é a tal histó-  
ria: o que pesa mais é o problema (( a opinião )) dos  
amigos, nê. O conselho, às vezes, dos amigos, é su-  
perior... Prevalece, nê, mais... o grupo." (116)

A 'surra exemplar' foi o recurso mais adequado que  
a mãe do jovem do relato a seguir pôde escolher no seu reper-  
tório de mulher adulta, inserida na cultura, bem como naquele  
pertinente ao seu 'status' de mãe e educadora:

"(( Aos 6 anos de idade, surpreendido pela mãe, enquanto  
praticava um ato sexual com a meninota da vizinha )) (...) Aí, nisso, veio minha mãe (ela (( a empregada doméstica ))  
foi chamar minha mãe); então eu lembro que mamãe (( meio  
sorriso)) me disse milhões de desaforos, sabe; na hora.

A menina ficou...nê... ficou louca, nê; e mamãe me deu uma bruta surra; enquanto que a mãe dela batia, de um lado, mamãe batia do outro, sabe (...)

Eu gritava de um lado, ela gritava do outro. Eu sei que foi uma surra bastante violenta, provavelmente; inclusive hoje, eu até comento assim: 'ê, eu acho que isso poderia ter causado um trauma em mim; aquela surra não deveria ser dada, daquela forma lá, sabe.'

(...) Eu pus na minha cabeça que aquilo era feio, aquilo era horroroso, aquilo não devia ser feito; conseqüências, nê!

(...) Inclusive até hoje eu, sinto, um pouco, vergonha, sabe, disso aí.

(( Agora, já com outras coleguinhas...)) Então, de outras vezes, também, a gente sempre com vontade de fazer, porém com muito medo, sabe." (117)

## B - Educação Sexual

Os relatos a seguir dizem respeito à EDUCAÇÃO SEXUAL; existem ou não, por parte dos genitores, a conduta e o propósito de conduzir o jovem rapaz a um conhecimento cada vez mais amplo e mais completo acerca dos 'mistérios' do envolvimento afetivo-sexual que atinge praticamente a totalidade dos seres humanos? Começemos com cinco afirmações, apresentadas por três jovens:

"Como a maioria dos jovens na sociedade em que vivo, a escola relativa ao sexo foi a rua." (118)

"Um dos pontos mais fracos do pessoal lá de casa (( genitores )), de instrução, foi... essa parte de educação sexual." (119)

"(...) Tudo que aprendi, principalmente até os 16 anos mais ou menos, posso dizer que foi por intermédio de colegas ou de algumas publicações eróticas." (120)

"Do que eu aprendi ((vida sexual)), eu acho que 99,99% foi na rua mesmo." (121)

"A falta de uma educação sexual, gerou periódica mente em mim, conflitos de natureza formativa que ainda hoje apresentam conseqüências." (122)

O jovem, sua reflexão e autodidatismo, através das experiências ocasionais procuradas:

"Aí eu despertei (( ao brechar duas garotas se masturbando diversas vezes )): todo mundo tem necessidade! Os homens têm maior facilidade de relacionamento, mas as meninas têm mais dificuldade: formação, a sociedade (...)  
Não vejo culpa nas pessoas que me criaram e educaram mas... por culpa da criação que elas tiveram." (123)

A leitura, a serviço do autodidata:

"Fui ler demais... não senti mais necessidade de ler... porque todos os livros, repetem sempre a mesma coisa... mudam as palavras, mas a idéia é a mesma... eu acho que se eu tivesse um filho agora... eu já começava a... eu acho que antes de ele nascer eu já 'tava na barriga da mãe: 'olha aí seu... não teinha dificuldade' ( preparando-o para esse mundo cão); porque tá difícil em todos os... lados, não são na vida sexual, mas... tudo, tudo mesmo, tudo tá difícil." (124)

Mas a mãe de um dos nossos jovens não concordava com a idéia de que ele tivesse acesso a livros específicos:

"E sempre... livros, lá em casa, desse tipo (( esclarecimento sobre a sexualidade)), eu acho que nunca teve...  
Na casa de um colega... aquelas estantes... eu mesmo ia lá, tirava... quando mamãe via que era um determinado assunto... ela tomava, né... Não, eu não sei... era a maneira dela, né... deles. Cada cabeça um mundo... No dia de hoje, eu recrimino, esse tipo de comportamento; hoje. Mas ((há)) cinco/seis anos atrás eu não... não recriminava não, porque era totalmente 'intrigado' com o negócio, né." (125)

Ainda sobre o autodidatismo: as revistas eróticas!

"Eu sempre tive coleções de revistas eróticas... Ela (( a garota loira )) tava vendo uma revista lá, comum. Eu puxei uma revista ( erótica ) lá e mostrei a ela...

'- Fulano, você tem dessas revistas!?'

Ela ficou vendo essa revista e eu fiquei olhando pra ela... e aquilo foi me excitando. Tentei encaminhá-la ao primeiro quarto de minha casa, cuja porta dá para a sala... ela tentou resistir... mas com aquele ar de quem diz 'se você me empurrar, eu vou'. Até que fomos pro quarto. Então, quando eu tirei a roupa dela, estava em cima dela, já pra... de re

timidades sexuais; trata-se de expressões e ações a serem vividas distintamente, com as diferentes 'categorias' de pessoas. Observa-se então, que a exigência sócio-cultural (relativa à abstinência sexual), imposta às garotas por parte de seus próprios pais, foi compreendida adequadamente pelo jovem, ao menos nessa etapa de sua vida próxima à sua iniciação sexual. É aí aqui ele passa a distinguir entre 'mulher objeto de prazer' e 'mulher só pra namorar'; note-se que a 'mulher objeto de prazer' seria aquela já iniciada sexualmente, a que perdeu a 'inocência', a que já tem 'experiência', aquela que 'transa'. Acompanhe mos os três relatos a seguir:

*"Um fato curioso é que enquanto não tirei ou pelo menos aliviei a idéia de buscar a 'trepada' pura e simplesmente com uma mulher, para mim não interessava ter como namorada qualquer garota. Veja como é impressionante. Pensava eu que o prazer sexual só poderia existir se existisse o coito. E como a 'namorada' não fazia isso, eu não queria namorar, pois a instituição da virgindade não permitia ((o coito))."* (222)

*"(...) Bom seria você, por exemplo, conhecer uma pessoa, certo, ser como ela é (( ter afinidade )), gostar da maneira dela se portar, da maneira dela ficar, e depois disso tudinho vocês...se você quiser, se ela quiser...da mesma maneira que você chega e dá um beijo, namora, vocês iam, transavam e iam pra cama."* (223)

*"((Após ter copulado, pela primeira vez, com uma prostituta)) Daí em diante não queria mais namorar com as meninas ao estilo só de mãozinha dada e beijinhos. De uma menina que eu havia gostado bastante, ela não passava disso, por ter muito medo do pai e dos irmãos (...)  
Eu conheci uma menina: eu com 18 e ela 13 anos, mais ou menos. Bonitinha, loirinha, bem branquinha. Morava atrás do Colégio onde eu estudava; contemplando a nossa prática de esportes ela se enamorou ((dele )) mas eu não queria, por achá-la muito nova. Passamos a namorar: o grande amor da minha vida foi essa menina. As intimidades foram aumentando; eu tive até uma certa dor de consciência, porque ela era muito nova e, eu gostava dela."* (224)

Ex-namoradas e as lembranças que deixaram; lembranças também dos fatos que, juntos, fizeram acontecer:

"Esta menina não foi dessas arranjadas apenas para satisfazer os meus apetites sexuais; foi uma coisa que veio naturalmente e foi uma das que mais ficou marcada em mim. Apesar de ter tido meninas de muito mais cultura e ((com quem))...houve muito mais diálogo, a lembrança minha com relação a elas é muito mais obscura. Parece que o que diz o ditado é certo: 'o amor que fica, é o amor de pica'." (225)

"Eu acho que foi por isso que acabou...o negócio estava ficando muito sério...e eu não estava tendo cá beça pra 'levar' um negócio tão sério. Muito sério assim pra minha idade, pra minha cabeça 'na' época. Então a gente dissolveu o namoro, mas apesar disso continuávamos saindo. De vez em quando a gente se encontrava, pra sair e manter relações. (...) Fui eu que acabei. 'Tava um negócio muito sério. Já estava uma situação difícil pra mim. E eu sem saber o que fazer. Eu via que o negócio não ia dar certo talvez, se continuasse; vi que não podia continuar; aí...eu acabei o namoro; inclusive, essa menina até casou, agora. Até pouco antes de ela casar, nós tivemos um encontro e tivemos relações. No período em que ficamos ((são como)) amigos, sempre ela vinha pra aqui, a gente se encontrava, saía, e tinha relações (...) com a tabela. (...) Bom, ela arrumou o namorado dela, eu aqui a minha, e...nos separamos. Depois, casualmente nos encontramos na escola; dei-lhe uma carona, fomos novamente a um motel ((de namoro já acabado entre si))...Realmente a situação realmente era muito forte; aí foi, acho, que, a última vez. Então foi o fim do relacionamento que eu considero foi a melhor fase em que eu, mesmo sexualmente, me dei...construí muita coisa em mim..." (226)

Além do temor, por parte da menina, da perda da virgindade (temor que socialmente lhe é exigido), soma-se um grande medo, por parte do rapaz, de que a namorada engravide. Trata-se de um temor especificamente restrito ao relacionamento com a namorada; tal temor consegue proibir o coito entre os namorados, os quais, no entanto, realizam todo tipo de 'curtição sexual' entre si. Parece que tal medo está bastante associado à desinformação sobre meios anticoncepcionais, que se estende a quase todos os jovens; às vezes, porém, há jovens que não se sentem seguros nem mesmo com o uso dos anticoncepcionais que conhecem, e por isso, preferem a segurança de evitar a cópula propriamente dita a fim de não serem surpreendidos por uma gravidez indesejada. Vamos aos relatos:

"(...) Sentir necessidade de ter um certo relaciona-  
mento ((sexual)) com uma pessoa que você gosta de  
la assim (...) mas, não pode fazer, por... pressões  
...sociais. E muitas vezes você realmente não faz,  
nê; curte mas não faz (...)  
Às vezes a gente tem a oportunidade de fazer (( a  
transa )), talvez aí entre até aquele problema que  
a gente falou, da gravidez, a gente tem oportunidade  
de fazer, mas não faz, o ato sexual; não faz porque...  
devido às conseqüências. A gente vê que socialmente  
vai ter uma repercussão ruime...às vezes chega as-  
sim na hora de fazer e...conversa assim com o outro:  
'não, vamos deixar pra lá, não vamos...', entendeu.  
((Recorre-se a)) Outras alternativas. Seria assim  
a pressão social que tá..."

(227)

"Uma coisa que eu acho muito falha hoje em dia é es-  
sa de...namorado com namorada não poder ter uma re-  
lação sexual, por causa disso, por causa daquilo; en-  
tão reprime muito a gente...por mim não, eu teria,  
mas eu sei que por ela não há condições porque ela  
foi criada num sistema fechado. Não que ela encare  
como uma coisa feia; pra ela é uma coisa bonita; mas  
é a responsabilidade da coisa, não tem cabeça, assim,  
pra enfrentar aquilo. Poderá ter, mais tarde... daqui  
a um ano, dois anos; vai amadurecendo. Porque, antiga-  
mente, eu também achava feio, nê, esse negócio de ter  
relacionamento; achava que namorar era só beijar, dar  
um abraçozinho e pronto. Mas com o tempo fui modifi-  
cando...foi modificando a minha cabeça...fui vendo  
um monte de coisas..."

(228)

"(...) Já no caso de uma namorada, não, você tem um  
relacionamento de intimidade que você vive com ela,  
e se você confia nela, pô, você sabe que ela... não  
transou com ninguém; então você...transou com ela e  
vem um menino, pô, é seu, e você sabe que é seu, e  
você não vai deixar ele no mundo ((abandonado)) ...  
agora, pra mim, nenhum problema...também, por causa  
disso, você não vai casar, nê...não vai casar; é por  
isso que eu não faço ((sexo total com a namorada)),  
porque eu não quero casar, em hipótese alguma...sei  
que tem um futuro aí, nê, 'na' minha frente, e pode  
acontecer, nê, por exemplo, daqui a algum tempo eu  
tar namorando com uma menina, transar com ela, engra-  
vidar ((a)) ela e ela casar ((com ele próprio)); mas  
eu não quero que aconteça(...)

Por amor mesmo...eu nunca transei...Já curti com na  
namorada, já curti mas curti coisas...'beleza', tá  
entendendo, achava a coisa extraordinária...((Em re-  
lação ao namoro encerrado)) Eu adoro...o que vivi,  
tá entendendo, com ela, ela também deve adorar e eu  
gosto dela...aí curti muito, na base do amor, mesmo,  
como (...) acho que ((a gente)) chegou a um ponto  
máximo, tá entendendo, de relacionamento entre a  
gente, e principalmente o meu sentimento por uma mu-  
lher..."

(229)

"((Caso se...)) (...) Disesse assim: tem uma chave  
zinha aqui que eu desligo e que eu não engravido nin-  
guém...eu transava com todas as minhas namoradas,  
tranqüilo, sem o mínimo...sem achar que ela tava se

comprometendo em nada comigo; embora você note, que as mulheres se comprometem, se ligam; elas se acham ((se sentem)) comprometidas, se acham ligadas, por que fazem aquilo...e você não...eu no meu caso, eu sou capaz de fazer por fazer..." (230)

"(( Com a atual namorada )) (...) A gente passa junto((s)), passa uma semana ((na cidade "F")); a gente vive, acorda, dorme juntos, tudo, tã entendendo ; ((naquela outra cidade "J"))... a gente dormia junto((s)), quer dizer...eu não tenho um relacionamento com ela, sexual total, não é porque nem eu queira ou ela não queira não, todos dois querem, pô, mas eu não confio. Porque também tem isso, eu não confio em tabela, não confio em pílula, porque, sei lá, pô, um dia...eu tô fazendo a tabela...a pílula... chega num dia assim ela diz pra mim' 'tô grávida', aí eu, 'pôrra'...eu acho que eu vou ficar 'arretado'... eu não vou gostar...pode ser que eu até vibre... vamos dizer que eu esteja 'a-finzão' da menina...mas eu acho que eu ia ficar com uma pulga, nê, atrás da orelha. Eu não confio nisso ((anticoncepcionais)), então eu não transo ((com namorada)); não transo ; 'transo' assim, pô, 'curto', a gente se 'curte' mesmo..." (231)

Dentre os cinco últimos depoimentos, o segundo narra acerca das intimidades sexuais com a namorada: "(...) Eu sei que por ela não há condições porque ela foi criada num sistema fechado." O jovem percebeu claramente, nesta fase de sua vida, que a liberdade, que a liberdade sexual a que ele tem direito, é uma liberdade solapada às moças; percebeu também que a obrigação dela à abstinência sexual é fruto da criação que ela teve, num 'sistema fechado'. Por meio desse sistema é que se instaura a 'dupla moral' separando os filhos das filhas.

No trecho final do relato em apreço, o jovem confirma a diversidade das etapas da sua vida sexual, onde a fase da abstinência total de intimidades com a namorada, é seguida de outra, onde o jovem vai se modificando...modificando.

Em relação ao terceiro depoimento, da série dos últimos cinco, conclui-se que o comportamento sexual do jovem pauta-se pela sanção social imposta àqueles que engravidam garotas de família. Para o jovem há dois tipos distintos de conduta: com

a namorada, e com a 'menina de rua' (p. ex., uma criada). Com a namorada, por quem tem amor (ligação afetiva), 'curte' de tudo, porém não transa (copula) porque, se ela vier a engravidar, com toda a certeza o filho é dele, e então deverá casar; com a empregada doméstica (criada), por quem não tem sentimentos de amor (não há laços significativos de afeto) ele 'transa', e 'transa' porque, se ela engravidar, provavelmente não se conseguirá determinar a quem cabe a paternidade sobre o filho, e por isso, ele não terá obrigação de casar.

Quanto ao quarto, dos cinco depoimentos apresenta dos anteriormente, ele traz um posicionamento claro do jovem acerca da relação sexual: fazer por fazer; além disso é mais uma colocação em que um jovem procura demonstrar - um tanto desapontado com isso - que as moças, as namoradas, as mulheres, se comprometem e se ligam àqueles com quem elas vivenciaram uma relação sexual. Observe-se que o ato é um único, o coito, uma côpula; no entanto, as atitudes do rapaz e as da moça são diferentes, quase opostas. Somos levados a não considerar amadurecida e sadia essa específica atitude do jovem, tendo em vista ser ela uma simples manifestação do mecanicismo sexual despersonalizante que de per si não consegue caracterizar nenhum ato especificamente humano. Parece-nos que 'fazer por fazer' é uma conduta que fica efetivamente abaixo do limiar das ações que envolvem pessoas.

Há também jovens que, mesmo sem recorrerem a nenhum meio anticoncepcional conhecido, optam por manter relações sexuais completas (coito) com a namorada, por entenderem, os dois, que a sua vida em comum, permeada de afeto, exige esse nível de comunicação e intimidade; é o que narra o relato que se segue. Caso a moça venha a engravidar, o casal pode tentar uma dentre as poucas (mas diferentes) opções de solução para o 'ca

so'; lamentavelmente, para os jovens nessa situação que foram por nós entrevistados, as circunstâncias os conduziram a escolher o aborto, invariavelmente, como decisão final. A experiência dolorosa do jovem, a seguir transcrita, mostra os seus sentimentos ao ter que executar um aborto à revelia da sua vontade e daquela de sua parceira; o moralismo sócio-cultural assim o exigia; era preciso salvar as aparências de sua namorada:

"(...) Uma 'parteirinha'...ela faz aborto. Mas rapas, a gente...nesse tipo de coisa, é ralar o coração, sa be...você pega o coração, num 'paralelepípedo' e... faz assim ((esfrega pra lá e pra cá)), tá.

(...) Então, isso adocece as pessoas...isso tira, o colorido da vida.

Em que sociedade, em que ambiente a gente vive!...Então a gente vai, tira o menino, não sei mais o quê, e tal. Felizmente a coisa vai ((corre)) bem, não teve problema com ela...A gente marcou que ia pra casa de amigos e tal...

Então isso aí te dá mais insegurança: ou te amadurece ou tira muito mais a beleza ou a espontaneidade do que é a sexualidade. (...) Começa a vivenciar... uma frustração...éramos adolescentes...não dá...a gente tem mais é que viver 'uma de Caetano' ((Veloso)): 'se a barra tá tão quente, se existe tanta repressão, vamos vivenciar agora, vamos experimentar, 'uma de Odara'.' Você veja que a gente nunca caiu...em tóxico não ... mas que era 'uma' que podia ter 'pintado'...mas vamos dar 'uma de Odara': vamos agora talvez, viver o 'bonitinho' que nós somos.

(...) Uma coisa que poderia ter dado certo...mas que não foi estruturado porque não teve como. Aí eu chorei, contei tudo a uma amiga dela...e essa amiga, por imaturidade, conta a um irmão ((da menina)) e o irmão vem querer pedir para ((o jovem)) prestar contas... 'o que é que eu tinha falado realmente...' Eu sumi...foi uma coisa assim meio amarga...se dissolve... 'Vou parar, não vou mais ter namorada...'

Durou dois anos e meio ou mais alguma coisa ((o namoro))...Atualmente sei que essa pessoa tá casada, tá com um filho ou filha...atualmente tá morando no Sul...de vez em quando alguém me dá notícia dela. Vi um vazio muito grande...mesmo acabando, com ela, numa boa...eu tava arrasado." (232)

Detenhamo-nos por mais algumas linhas no relato precedente. Não se podem ignorar os sentimentos desse jovem. Todos os que lerem esse texto precisam captar a mensagem aí contida: o aborto, como opção forçada sócio-culturalmente, é uma experiência por demais dolorosa, a tal ponto que, chega a "tirar o colo

rido da vida." Ademais, a possibilidade do tóxico 'pintar' como a alternativa, o caminho, é um fato muito real, diante da represão sofrida por um jovem que não mais é inexperiente. Outra opção ainda, seria passar a viver o 'bonitinho' que nós somos", ou seja, limitar-se a representar socialmente, vivendo os padrões de comportamento esperados pelos outros, de acordo com as expectativas sociais. Sem dúvida foi uma experiência muito negativa e dolorosa na vida do jovem, que mergulhou num "vazio muito grande" e que no final "tava arrasado". Esse é o requintado sabor - dentre os muitos, exóticos e terríveis - dos frutos da 'pedagogia do deixa acontecer'.

Iremos agora percorrer as narrativas da história de namoro de diversos dos nossos entrevistados.

O jovem, do primeiro depoimento, narra como logo no início de um valioso namoro com uma namorada séria, lançou uma ponte entre afeto e intimidades, e como isso evoluiu:

"((Linda garota cuja conquista fora difícil;então,nu ma das primeiras noites em que saíam juntos)) (...) Eu disse: 'Olha, esse ambiente aqui tá bom, tá legal; mas não era bem isso que eu queria; eu queria tá assim, sozinho contigo'. Aí ela falou que: 'Também queria ficar sozinha com você'.

'- Então vamos sair daqui, né' (...)

Mas é o tal negócio: eu pensava assim, digamos, em manter...uma relação sexual com ela, para 'curtir'... mas, e ela, estaria pensando o mesmo que eu? Porque ela era uma namorada séria. Então, fomos à orla marítima...chegamos lá,eu fiquei impaciente,né,ela disse:

'- É o seguinte: você está com um brilho nos olhos muito estranho, você quer me peair uma coisa e está sem coragem, está com medo'. Ela 'muito firme', sabe (...)

'- Então, procure um lugar pra gente ir...pra onde irmos, que você ache de acordo'.

Eu falei: 'tá tudo bem'.

Calei, entramos no carro, e nós saímos...Então passamos o 'Olinda Praia Hotel' ((motel)), eu tava meio assim e tal,passei; quando passei do motel,ela falou: 'Ôi, pra onde é que nós vamos?' Eu falei ((falou pra si próprio)) 'bom, nós passamos do motel e ela tá reclamando, logo na passagem do motel,ela deve tar preparada para "alguma" coisa'. Aí fiz a volta na ponte mesmo, e voltei...aí nós entramos...Aí ela se

baixou no banco(...)

((Durante o coito ela falou)) '- (( 'Tã )) Me machucando... 'tã doendo à vontade ((muito))'.

Tanto é que, bateu aquele medo: 'pera um pouco... e se essa menina fosse virgem... depois eu faço a sujeira aí, ela engravida... não presta não; bateu toda aquela agitação, aquele pânico, sabe como é; cheio de pavor, com aquele medo. É um negócio de responsabilidade. Aí, ela arrogante, orgulhosa: 'É... não tenha medo que eu não vou colocar você em apuros'.

Eu falei: 'tã tudo bem. Bom, vai ser o que Deus quiser... 'Até que fiz ((a cópula)). Pra mim foi a coisa mais maravilhosa do mundo, sabe; uma coisa assim... foi por amor... necessidade também, sabe... ela louca por mim, eu louco por ela.

(...) Ela um pouco envergonhada; no outro dia tava um pouco machucada ((fisicamente))... então não saímos... machucada, fisicamente, né, entendeu?! ... Ficou o sábado e o domingo, na casa dela. Na segunda-feira... ela disse o seguinte: 'oh, eu acho que nós nos adiantamos, nos precipitamos... vou dizer uma coisa a você... e porque, porque você botou o carro adiante dos bois; e quando tiver de acontecer acontece... e eu achei muito cedo, uma semana só e 'pã' ((ocorreu o desfecho))'.

Eu falei: 'tudo bem... só não fique chateada comigo, viu'.

'- Não, tudo bem'.

Só que, quando foi na outra sexta-feira, nós saímos outra vez... ((para manter relações sexuais)) e assim aconteceu, durante... quase um mês. E então... fui sentindo assim... um enjôo... porque... era minha namorada, saía com ela e tal, e, ela não era virgem, sabe... e eu não tinha sido o primeiro, né.

(...) Porque o negócio tava ficando sério, ela já tava gostando de mim; e eu, 'só de sacanagem'. (...) Isso aí eu acho que me ((completou)) envelheceu, em todos os sentidos, sabe.

Me deixou bem arrasado mesmo; porque era um negócio que eu queria demais, e tive."

(233)

Eis, a seguir, dois outros namoros onde se apresenta clara a ligação entre afeto e intimidades; tais intimidades têm um sentido e um significado totalmente oposto àqueles das incursões sexuais com as não-namoradas. Acompanhem as descrições dos dois jovens:

"((Num período que passou fora do Recife, numa capital nordestina)) (...) Eu arrumei uma namorada... costumávamos ir ao bosque... cheio de árvores, e eu tava de carro lá, e às vezes ((em)) que nós íamos, sempre que íamos, trocando carícias pesadas, quer dizer, trocando não, sempre, de minha parte, certo?! É, porque, ela não tomava iniciativa e eu, vamos dizer assim, sou um pouco, nesse ponto eu sou tímido, eu não gosto de

forçar ninguém a fazer nada, entende.  
 ((A namorada acima referida)) (...) Eu acho que eu  
 ...até que, se ela toparia ((topasse)) eu topava tam  
 bém ((transar)). Mas as ((namoradas)) daqui, eu acho  
 que não. Pelos riscos que às vezes existem...de en  
 gravidar. Pelo menos a minha concepção é essa." (234)

"Realmente, eu gostava um pouco dela, tudo...e...foi  
 assim, começo de namoro...dois meses, três meses, co  
 meça a haver as intimidades, nê; então, foi um negócio  
 ...foi...foi...até que...tivemos relações; e... bom,  
 foi um negócio completamente diferente aí, nê.  
 É...diferente porque...pra mim eu estava acostumado  
 mesmo a me meter com as mulheres aí ((prostitutas,  
 'programeiras', domésticas de rua))...quer dizer, mu  
 to mais sério, nê. Vi que tinha outro sentido esse ne  
 gócio...Então a gente já fazia ((o coito)), eu fazia,  
 não 'pra dizer aos meus colegas que tinha feito', nê;  
 pelo contrário, eu não podia dizer, de jeito nenhum...  
 Então era um negócio que fazia pra mim, realmente.  
 Foi aí que eu vi que tinha outro sentido. Vivemos jun  
 tos durante uns dois anos de namoro, que acabou..." (235)

Após os três últimos depoimentos sobre a história de namoros, façamos um breve retrospecto dos pontos de maior relevo aí existentes. Em primeiro lugar detenhamo-nos na expressão "Depois eu faço a sujeira aí, ela engravida...", contida no primeiro relato. O termo 'sujeira' aí contido revela a conotação negativa do fato do defloramento de uma donzela, perda de sua virgindade, como também daquele de engravidar uma 'menina de família'; em última análise, partindo de tal conotação, o raciocínio nos conduzirá a associar a própria relação sexual (causadora de ambos os fatos acima) àquela classificação, ou seja, 'relação sexual é sujeira'! Isto, logicamente, é uma inverdade; no entanto, veiculada pelos padrões de 'dupla moral' da sociedade, termina por ser uma mensagem bem gravada na mente do rapaz. Posteriormente a esse trecho, encontramos outras frases do jovem: "ela não era virgem, sabe...e eu não tinha sido o primeiro, nê.", "(...) fui sentindo assim...um enjôo...", "(...) ela já tava gostando de mim; e eu, 'sô de sacanagem'." Deduz-se que, ao transformar (na sua concepção e ações) a mulher em 'objeto sexual', o jovem passa a dar grande valor à portadora de hímen, de virgindade, como sendo ela um artigo perecível de prateleira de supermercado: gostou, le

vou, usou...depois joga-se fora; pior ainda: quando o primeiro a usar foi um outro e não ele...o artigo passa a ter menos significado. Mais uma vez aĩ, os tentáculos do 'machismo' penetram nas vísceras do jovem, transformando-o, talvez até à revelia de sua opção refletida e pensada, em mais um adepto da injusta opressão contra a mulher, na sociedade. Outra frase, à conclusão do relato em apreço: *"Era um negócio que eu queria demais, e tive."*; e tal como com os brinquedos na infância, logo que o teve, perdeu por ele todo o interesse. Até que ponto é honesto se permitir brincar com as pessoas e seus sentimentos, sem se dar conta das marcas e sofrimentos que isto lhes causa? Também aqui a mulher, sufocada pela dupla moral da sociedade, sucumbe, vítima impotente da 'opressão masculina'.

No segundo relato pode-se perceber um jovem, dentre os mais novos desta pesquisa, que se confessa tímido e por isso não ousa 'forçar a fazer' nada, a garota com quem namora e a quem ele dispensa as carícias que pode.

Já o terceiro relato apresenta-nos um jovem chegando a uma fase um pouco mais adiantada de maturidade no relacionamento interpessoal. Praticava, então, o coito, e o *"fazia , não 'pra dizer aos meus colegas que tinha feito', né; pelo contrário eu não podia dizer, de jeito nenhum. Então era um negócio que fazia pra mim, realmente. Foi aĩ que eu vi que tinha outro sentido."* Já não havia necessidade de auto-afirmar-se perante os colegas e, além disso, precisava manter sigilo a respeito, por tratar-se de uma relação íntima duradoura com a namorada; caso delatasse, a 'dupla moral' certamente conseguiria esmagar a ambos, tirando-lhes o 'colorido da vida'!

O depoimento do entrevistando a seguir, revela que pra se viver dois anos e tanto namorando com uma pessoa, *"tem que existir sexo"*. O medo de engravidar a moça com quem namora ,

estã presente; presente também a forma de evitar a gravidez e contornar o coito com adequadas alternativas de prazer sexual.

"Isso em termos de sentimento bem puro, nê, aquela coisa bem natural que você 'gosta ou não gosta', nada de assim...sexo sô sexo, tã entendendo (?!). Mesmo quando existia sexo, lógico, num caso assim, pra você vi ver dois anos e tanto ((namorando)) com uma pessoa tem que existir 'sexo', nê, e muito, nê; cada vez mais (...). Não sexo total ((com penetração)), nê, porque, o sexo total, eu, no meu caso, eu tenho muito mê do de ter um menino ((engravidar a namorada))... Eu tenho medo, não sei se já é o meu pensamento ou, se é o da minha idade...acho que tem muita gente aí que ...não se importa com isso...enravida a menina...a menina vai e aborta...mas eu não quero um negôcio desse; então esse é o motivo de que eu não tenha um relacionamento sexual total ((coito)) com a namorada, nê.(...)Amar mesmo eu sô amei ((a)) ela e eu não tran sei com ela, ((transar)) mesmo. Tive tudo ((o)) que ...assim, em relacionamento, prazer mesmo, certo, de chegar em casa e saber que tava prazer em tã com ela, tudo, de ficar com ela, mas não transei com ela. E ela teve prazer." (238)

O entrevistando dos dois depoimentos a seguir nos fala de dois namoros. Mostra como sempre procurou evitar o coito com a namorada a fim de preservar-lhe o hímen tão valorizado. Narra acerca de seu relacionamento dentro do cinema, e além disso aponta peculiaridades agressivas no comportamento sexual de sua primeira namorada; aliás, com ela, houve experiências sexuais de dupla, bem características, e que são apresentadas no texto. O segundo namoro narrado, é o atual, que já teve também a evolução de suas intimidades adequadas e que se apresenta com perspectivas de casamento.

Descreve, no trecho intermediário de sua primeira narrativa, uma sessão de sexo oral; fala de sua sensação de nojo e diz que "é que o negôcio em si (...) não é comum se fazer." Mas, se apesar do moralismo social que relega os jovens ao permanente "silêncio" dos pais e educadores, este rapaz ouviu falar a respeito e teve motivação suficiente para conseguir realizar as experiências de sexo oral, então isto não deve ser tão incomum

como ele quis sugerir; Nessa mesma sessão de sexo oral o jovem acrescenta "(...) *Pedi que ela tentasse o sexo oral em mim... e ela me obedeceu, prontamente obedeceu (...)*". O uso da expressão obedeceu quando ao invés a garota atendeu a um pedido dele, pode sugerir um relacionamento onde o homem predomina sobre a mulher; ao homem cabe ser ativo, mandar, e a mulher restaria apenas ser passiva, obedecer. Isso lembra a opressão de que é vítima a mulher, em nossa sociedade e talvez seja até parte dessa opressão.

Ao final dessa primeira narrativa, o jovem arremata "*Acabou; saí 'limpo', não prejudiquei a menina nem a juventude dela.*" De acordo com a 'dupla moral' vigente, manter a integridade do hímen e manter também a jovem como nulípara (mulher que nunca engravidou) que é, ao acabar o namoro, é motivo de van glória e satisfação; sair limpo e não prejudicar a moça significa que a sociedade não dispõe de provas materiais da ocorrência de intimidades sexuais do jovem com ela, para condenar moralmente a moça (só ela é passível de condenação, ele não, embora possa ser até coagido a 'salvar a honra' da garota, casando). Conclusão: o jovem entende que, relação sexual que vem a público é sujeira e pode prejudicar a moça, moça esta condenável e oprimida pelo moralismo que convém ao sexo 'forte'.

No segundo dos depoimentos que se transcrevem em seguida, o jovem revela que, com a namorada (menina de família) é diferente o ritual das intimidades; com ela se começa 'quase por acaso', ou seja, a intencionalidade e a premeditação parecem não ser explícitas. Com as 'outras' mulheres no entanto, como vimos, as ações são imediatas e objetivas, a intenção e a premeditação são translúcidas.

As 'meninas de família' são 'trabalhadas' gradativamente; mas cabe sempre ao rapaz a iniciativa, e isto, talvez por duas razões: primeiramente, a desinformação e inexperiência

da mulher e, em segundo lugar, a percepção dela da expectativa que os outros têm em relação a ela própria, ou seja, que uma 'moça de família' (moça 'direita') comporte-se e não seja afoita quanto a sexo.

Iniciemos a leitura de tais depoimentos:

"Eu tinha medo de levar o caso a sério...coito total: eu é que me dominava; ela ((a namorada)) queria. (...) A minha formação moral (meus pais) não me permitia prejudicar uma pessoa...pois a sociedade exigiria casamento e eu não tinha condição financeira para isso. Ela hoje deve estar me exaltando...ontem soube que ela vai casar...eu me sinto com o espírito bem leve porque...eu me controlava ((evitando o coito total; evitando a penetração)) (...)

Numa certa vez, dentro do cinema, passamos ao manuseio dos órgãos sexuais dela. E continuou; cada dia mais, aumentava, aumentava. Ela era provocadora: me deixava meio excitado; eu não podia encostar nela, parecia que era um fogo...bem excitante. Certa vez, dentro da casa dela, passamos a praticar o 'coito intercoxal'. Dentro da casa, na área; chegamos de uma festa, era um pouco tarde já e, na expectativa de estar a sós, praticamos. Daí em diante isso aconteceu várias vezes. Todas as vezes que estávamos a sós eram propícias a praticar o 'coito intercoxal'(...) várias vezes a gente fez isso(...) Uma coisa não me agradava: sempre ficava alguém insatisfeito, ou eu ou ela. Quando eu chegava ao orgasmo primeiro, parava por aí e ela ficava insatisfeita; quando era ela que gozava primeiro...me empurrava com violência...ela me empurrava com uma certa violência: começava a me esmurrar, a querer gritar. Então eu tinha que segurar-lhe as mãos e tapar a boca dela ao mesmo tempo. Isso era que me desgostava...foi esse motivo que me fez acabar o namoro (...)

Na época, já ouvimos muito falar em 'contato bucal com os órgãos sexuais'...e sentimo-nos tentados a experimentar...passamos à ação.

Na casa dela numa varanda...também a certas horas da noite já, todo mundo dormindo, então, eu tentei primeiro, né...e pratiquei o sexo oral na vagina dela e eu acho que ela gostou, né...Deve ter gostado muito por que 'só faltou subir nas paredes'...enquanto que eu não gostei muito...a primeira vez...estímulo às glândulas salivares...deu-me uma cuspidreira...eu não gostei. 'Nojo'; não por ser sujo...tudo higiênico. É que o negócio em si (...) não é comum se fazer. O sabor... quase insípido; o odor é característico...em geral é mais forte. Deve ter sido o odor que me deu essa ((cuspidreira)). Feito isso eu insisti ou pedi que ela tentasse o sexo oral em mim...e ela me obedeceu, prontamente obedeceu, porque estávamos ali pra 'experimentar'. Eu sei que ela tentou, encostou e colocou o meu pênis na boca dela...mas ela não gostou também porque, tirou rapidamente...sensações de vômito. O contrário aconteceu comigo: eu gostei imensamente. Houve também a tentativa do coito anal...justamente pela tentação que ela

me impôs de fazer o coito vaginal, que eu não queria...Então, eu, para satisfazê-la, eu tentei o coito anal...mas ela não gostou...porque deve ter doído...então não chegou a penetrar, só fez roçar...mas não chegou a penetrar. Eu também não gostei (...)  
 ((Viagem, temporada em outro Estado)) Embora nada tivesse acabado (...) a correspondência terminou 'pifando'. Acabou; saí 'limpo', não prejudiquei a menina nem a juventude dela ((por não a ter deflorado))." (237)

"((Namorada atual)) Começo de namoro: formalidades, beijinhos, carícias superficiais. Depois de um ano ou um ano e pouco, mais ou menos, foram ficando mais profundas as intimidades. Então nós passamos ao manuseio, primeiro dos seios...Isso porque, também, essas pessoas mais...de mais confiança ou de mais respeitabilidade ((menina de família, direita)), a gente tem mais receio de se aprofundar, né...Só quando...só quando às vezes, por acaso, a gente começa, né...a gente por acaso é que começa, né, porque a gente, pra tomar iniciativa mesmo, com essas pessoas mais...de maior respeito, que a gente pode considerar assim...começa quase por acaso. E que foi realmente, aconteceu quase por acaso, também, né: a manipulação dos seios. Daí, foram aumentando, passou também à manipulação dos órgãos sexuais 'propriamente ditos' (os dela; os meus, até então, não). E daí não passou, até um certo tempo. Depois de um certo tempo é que ela começou a manipular os meus ((genitais)) também. Eu gosto.

Nós fazemos, nós praticamos isso. Ela é a minha atual namorada (...). Acho que, por isso, eu jamais diria isso a uma pessoa, se não fosse pra o bem do estudo, pra ajudar a ciência...por isso e também por minha formação moral, que não permite (...)

Daí, um belo dia, nós passamos a fazer o 'coito intercoxal', também...Com essa, é a falta de oportunidade ((problema de local, de ambiente)) que a gente tem, pra fazer isso. Então isso ocorre com menos frequência.

Mesmo que haja vontade, tem que esperar que uma oportunidade apareça...e geralmente a oportunidade ocorre, no portão da 'casa' dela ((condomínio)). Muito arriscado, sabe. A gente só pratica quando tem total certeza...que não tem ninguém que seja...capaz de surpreender a gente, assim, inesperadamente. Pratica assim o 'coito' entre as coxas. ((Ela tem medo de uma eventual gravidez, resultante do 'coito intercoxal')). Na hora da ejaculação eu procuro retirar o pênis do local...para tranquilizá-la...A gente faz, isso, com frequência. Numa oportunidade um 'pouquinho' maior, ocorre a manipulação dos seios...com a mão...e só (...)

Aquelas ((garotas)) com quem a gente tem um maior afeto, mais íntimas ((namoradas)), eu pelo menos... eu que não quero, praticar o ato sexual completo ((penetração)) (...). Eu pretendo levar mais adiante o nosso caso...relação conjugal futura...estável, com ela. Porque ela me satisfaz plenamente...e eu a ela, também (...). eu sei que será uma vida sexual a dois, perfeita. Ambos...se preocupam mais em satisfazer ao outro que a si próprio."

No depoimento anterior, convém salientar a explicação do jovem: a sua "formação moral" não permitiria dizer a alguém os acontecimentos de sua vivência sexual; para ele, a 'moral' convencional, faculta fazer, mas ela exige que se evite falar a respeito. Silêncio, silêncio, silêncio!

O depoimento do jovem adiante, sublinha a importância de se ter acesso a intimidades sexuais, inclusive à côpula, com alguém de quem se gosta, por quem se tem afeto. Em seguida faz uma reflexão sobre o anacronismo da virgindade institucionalizada.

Ao narrar a intimidade que desenvolveu com sua namorada, o jovem torna claro que tinha grande significado para ele a estrita ligação e o forte vínculo entre a relação sexual e admiração e respeito nos confrontos com a jovem. Observa-se aí, que afeto e intimidades sexuais já estão harmonizados nessa fase da vida desse rapaz. Ele próprio afirma, ser "(...) fato constrangedor (...) sermos donos das nossas vidas e impedidos de 'fazermos' o que queremos."; isso denuncia o quanto nos deixamos controlar pelos condicionamentos sociais, pelos papéis que devemos desempenhar - de acordo com as expectativas dos outros - e talvez por outros fatores externos e alheios à nossa pessoa.

"Até que com uma namorada foi possível tornar mais claro qual o sentido da relação sexual. Foi algo assim de extraordinário; pelo menos por algum período (quatro meses) tive certeza que estava me relacionando com alguém que conhecia e por quem sentia admiração e respeito. ((Isto))...na casa dela, ou na casa de terceiros, na praia.  
(...) Fato constrangedor de sermos donos das nossas vidas e impedidos de 'fazermos' o que queremos. Como falei anteriormente, a instituição da virgindade ainda possui crédito, seu significado, ainda que conservador, preocupa muita gente...acredito no gosto que tenho por ela ((a namorada atual)) e na possibilidade de torná-la mutável, capaz de achar que a virgindade até o casamento, não implica no sucesso da vida matrimonial."

Os dois depoimentos a seguir referem-se a namoradas, presentes na vida do jovem. O primeiro deles mostra como ela, por ser inibida, provavelmente tirava maior proveito das sessões de carícias, devido ao fato que recebia muitíssimo, em relação ao pouco que fazia; tendo que namorar no terraço da casa dela, tiveram êxito em seu intento de se aprofundarem em intimidades, apesar da grande fiscalização dos pais da moça.

No segundo depoimento, o jovem classifica como muito significativo o namoro que narra; trata-se de uma jovem de grande beleza e que era muito disputada no seu círculo de conhecidos; o relacionamento no namoro é excelente, e, com frequência, harmonia e serenidade, experienciam a relação sexual; há muita intimidade e muito afeto. Uma gravidez inesperada, mas não indesejada, gera o impasse que em pouco tempo teria que ser superado... tentam... tentam... e por fim, vêm-se obrigados a se valer dos serviços de uma parteira. Quase no fim do relato, surge mais uma vez, o aborto como solução forçosa diante das pressões sociais e econômicas. Trata-se de um verdadeiro 'desequilíbrio ecológico' a chegada da maturidade sexual sem a paralela adultização profissional e financeira do jovem; a falta de autonomia financeira implica em que ele permaneça na dependência econômica dos pais e fique sem opção - exceto a do aborto - diante de uma inesperada gravidez da namorada.

*"Namorávamos no terraço da casa dela, sob a concessão do pai; a rua era escura, não era asfaltada... Começava aí, a nível de sexualidade... a gente tinha beijos e os abraços e tal... depois, além do sarro que a gente tirava... eu consegui, a gente conseguiu junto... isto, né, talvez eu ver ela despida, ver os seios da menina, pegar na vagina dela, aquela coisa toda... aquela verdadeira masturbação. Eu acho que, inclusive, a coisa era mais puritana, no sentido, por exemplo, de ela não... ela tinha mais preconceito de pegar no meu pênis do que eu pegar na vagina dela. Então... quem saía mais satisfeita era ela e não eu... Foi uma descoberta! Tinha também uma preocupação... da virgindade... o moralismo. Eu consegui alisar as pernas da*

menina, alisar a vagina dela...mas nunca por dentro da calça...pra não perder a virgindade. Tinha também o terror(( a fiscalização da mãe dela))." (240)

"Ela tinha olhos ((lindos)), era morena...Então a gente começa a se relacionar ((namorar))...Isso re-percutiu no ((ambiente dos colegas)) porque, eu, fū-lano, como é que consegui uma menina tão bonita e tal...sendo que a menina, carente...comum como qual-quer outra...as pessoas que levantam a cabeça... e que andam muito de cabeça ((erguida))...elas são tão frágeis. Não são intocáveis. (...) A gente começava a sair mais sō, porque a menina 'tem' uma maior liber-dade...os pais eram separados...ela vivia com a mãe; os irmãos independentes...coisas que eu acho... até muito bom, as pesssoas começarem a ser independentes; agora, também saber...as consequências do que ela po-de vivenciar.

Ela se abriu contando os problemas pra mim. Com sen-sibilidade, incorporei essa figura à minha pessoa. En-tão essa menina aí foi assim uma marca na minha vida, assim...profunda. A gente começou a sair...puxar pra mais sexualidade, mas também tendo influênci na ati-vidade e em outras coisas que a gente fazia. A gente começa a ter uma amizade profunda; descobrindo que um estava faltando na vida do outro. Era uma menina que tinha experiênci...de ((cidades do sul do país))(... já tinha tido namorados... universitários, que já trabalhavam...ela conhecia muita 'mutreta' (( 'mace-tes' )) (no bom sentido). Já tinha alguma experiên-cia ((sexual)) que eu não tinha (...)

Então eu tive possibilidade de vivenciar, de ver, de de perto, como é que era uma vagina, como é que era o órgão genital de uma mulher, como é que funcionava ...e tal; inclusive, tatear mesmo...com a mão... des-cobrir toda a anatomia e toda a coisa, nê...forte! E foi de uma significação, maior de minha vida; em ter-mos de sexo, nê. A gente tã completo, não tem grilo, não tem nada...a gente vai querer casar também ... Atrás de emprego...Então, eu ia diariamente levar a menina em casa...Não que a menina ((exigisse))...não, porque eu gostava...eu tava bem...isso aí era sexu-alidade. Era prazer...eu me sentia bem. Diariamente eu chegava em casa à meia noite, às vezes de uma ho-ra...pegava o último ((ônibus)), o bacurau...Até que um dia, as coisas...começaram a 'andar pra trás' ... não no sentido de capacidade ((de amar)) que nós tí-nhamos demais...então, a menina engravida. Então esse é o ((pon-to crítico)) da vida da gente. ((Foco)) de alegria e tristeza... tinha um dualismo assim, de tantas coisas...Engravida...e a gen-te resolve então casar. Casar por estar grávida(?); não, isso era um pretexto...a gente, nós nunca tomamos pílulas anticoncepçio-nais((ou coisa similar ))...era uma coisa mais espontânea... é diferente, por exemplo...que hoje eu atuo...gelatinas, etc. A gente vive isso aí ((a gravidez inesperada )) ...dois meses...medo...mas idealizando, 'aquela' de pai... 'nessa' de ela procurar emprego...e eu também (...)

Aí a gente começa a procurar um meio de 'ajustar' is-so aí ((a gravidez))...eu 'estouro' ((comunico)) is-so aí pra meu irmão...susto muito grande...Mas demō-ra...a solução não vem...a gente fica naquela... 'na casa de meus pais, eu... não tã querendo ficar por-que (...) crise de adolescência, 'neurose', como é

que poderia eu botar lá ((dentro)), uma pessoa de quem eu gosto...' Outra coisa... ((o filho)) também, num ambiente...conflitivo; então, o jeito aí era você não admitir essa hipótese...Queremos trabalho ... como é que a gente vai fazer (?). Até um ponto em que 'pinta' assim: 'não dá mesmo não, sabe'; então a gente começa assim a...roubar 'trocados' ((dinheirinho))...porque ((a alternativa era a de provocar o aborto)).

Vivenciamos a sexualidade...foi difícil depois do aborto...mas, o amor, o sentimento que nós tínhamos um pelo outro era tão grande que...difícil vivenciar a vida íntima; depois disso aí...farmácia, pedimos anticoncepcional."

(241)

O jovem da narrativa a seguir apresenta em detalhes seu relacionamento de namoro com uma única parceira, sua atual namorada. Paralelamente ao namoro, tem experiências sexuais com outras pessoas, experiências que ele próprio narra para a sua namorada; com ela, sente-se bloqueado para praticar o coito: nas suas intimidades fazem uso de algumas alternativas de práticas sexuais. Narra ainda o terror causado pelo atraso da menstruação de sua namorada; ele reconheceu ter tido uma atitude de 'covardia' diante desse acontecimento, pois, ao se descontrolar, de pavor, fez com que ela lhe mentisse e assumisse sozinho a administração do problema em andamento. Tem proposta de casar com essa moça porém espera chegar a manter relação sexual com ela antes do casamento. Sua narrativa é esclarecedora:

"Com a minha namorada só não chegamos ainda a 'transar totalmente' (relação completa); mas, já chegamos a fazer muitas coisas (...) espontâneas, tanto minhas quanto dela. Depois do meu relacionamento com (...) ((essa tal garota sulista)) eu comecei a ter um outro relacionamento com essa minha namorada. Falar sobre sexo entre mim e a minha namorada (...) a influência de artistas, de escritores; derrubada dos nossos preconceitos.

Gostaria de fazer isso ((o coito, e todas as variações possíveis numa relação sexual)) com a minha namorada; fazer isso com uma pessoa que eu realmente amasse; mas não posso fazer! Não posso fazer porque ela, a minha namorada, infelizmente...foi criada ... num sistema que...esse sistema, pra acabar, ela vai ter que passar...assim pelas mesmas coisas que eu passei; ou coisas diferentes (...)

Hoje a gente já teve relacionamentos assim... quase

no ((total))...praticamente (...) Um medo danado ... a menstruação dela chegou atrasada...vivi uma crise de nervos...horrível...Fiquei assim bastante encucado: pô, se eu não tenho condições de sustentar a ninguém, nem a mim próprio, o que é que eu vou poder fazer...fiquei baratinado...então ela mentiu pra mim, dizendo que ((a menstruação)) já tinha chegado. E não tinha chegado. Ela agüentou tudo isso...sozinha! (...)A partir desse dia, nosso relacionamento tem sido bem diferente. Devo me prevenir...pra não complicar nem a mim nem a ela (...)

Nossos planos...casar...ter porém, antes, um relacionamento sexual. Eu o quero ter,mas só posso ter com a permissão dela também; não posso ter uma coisa assim, forçada. Tem que partir de mim e dela... No problema que houve ((atraso da menstruação)), eu acho que eu fui 'covarde'...pensei mais em mim que nela; mais na situação do que ia ser a minha vida dali por diante, do que na dela mesmo...pensei nela, mas pensei pouco; tanto que eu reconheci e disse a ela depois...pedi desculpa...mas ela disse que não havia necessidade.

Do nosso relacionamento de hoje...a única coisa que me frustra é não ter um relacionamento sexual assim bem...fixo mesmo...bem profundo mesmo((o coito)). O pouco relacionamento sexual que eu tenho com ela me deixa profundamente satisfeito; mais que com as outras meninas; porque eu a conheço e ela me conhece. Sabe-se do que o outro gosta. A gente não tá podendo, por enquanto ((ter o coito)). Dar tempo ao tempo. O destino é que decidirá (...)

Depois dos contatos sexuais e do caso com a minha namorada, eu não mais procuro outras meninas de transa; isto, porque eu me sinto realizado nos contatos (carinhos e carícias) com a minha namorada. Se passar ao meu lado uma menina 'boa', eu olho... também, 'ninguém é de ferro'. Meninas de transa podem me satisfazer no sexo mas não me satisfazer em outras coisas; e essa minha namorada ela me satisfaz em vários pontos, além do sexo: na convivência, no diálogo, na conversa, na liberdade que ela me dá de eu poder fazer o que eu quero, pensar o que eu quero, e que eu dou a ela também, de ela fazer o que achar que deve fazer...sem frescura de querer impedir ela 'disso', impedir ela 'daquilo'. Problemas no relacionamento da gente é mais questão de amadurecimento; mas quanto a sexo estamos bem.

((Contando pra namorada as aventuras que teve fora)) (...) Conteí o relacionamento sexual que eu tive com essa ((sulista)); conteí...((o relacionamento sexual)) com essas meninas 'prostitutas' como a gente chama; conteí...com essas outras mulheres; ela, às vezes, procura saber de mim,também. Ela: 'o que é que eu sentia, como é que eram essas mulheres.' (...)Disse a ela que 'essas mulheres são muito mais mulheres que as mulheres do meio em que a gente convive, são muito mais mulheres que as nossas mães, são muito mais mulheres que as nossas irmãs...e que talvez sejam até muito mais mulheres que (...)'

O depoimento final retrata a experiência de sexo anal de certo jovem com a sua namorada, já que esta é uma maneira de ter relações sem comprometimento posterior, da garota.

*"(...) Ela morava com os dois irmãos dela aqui. Terminamos com um relacionamento quase sexual. Ela se chamava "Z". Ela me convidou ao apartamento dela. À tarde, a sós, carícias. Ela falou que por não ter tido relacionamento sexual completo com ninguém, até então, não me permitiria ter esse relacionamento com ela; mas me permitiria ter relações sexuais com ela, pelo ânus, se eu quisesse (...) Saí da relação anal com ela, satisfeito; mas refletindo, admiti que o melhor era o relacionamento 'normal', pênis-vagina. Com essa ((garota)) eu tive esse tipo de relacionamento, uma segunda vez." (243)*

Após percorremos um a um, todos os depoimentos dos jovens acerca de seu namoro, podemos concluir que, apesar do inegável silêncio de seus pais, educadores e escolas acerca dos fatos da vida sexual madura, eles, os jovens, conseguem de molir barreiras, vencer etapas, ultrapassar os limites de seus 'desconhecimentos' sobre o assunto; e, graças à própria ousadia e curiosidade, bem como ao apoio permanente do grupo ou dos amigos - também estes com as próprias limitações -, chegam a acumular uma variada bagagem de experiências; e esta de tal porte, que seus pais jamais poderiam supor que eles viessem a alcançá-la, com tão perfeita dissimulação e aparente submissão ao mutíssimo doméstico. A 'Pedagogia do Silêncio', pedagogia estílo 'ao deus-dará', desafia o jovem a encontrar por si próprio em seu caminho, as experiências ocasionais válidas para a sua vida sexual; o jovem enfrenta o desafio e passa a provocar a eclosão de novas e contínuas experiências 'ocasionais' que lhe darão, em breve, a condição de especialista em intimidades e na comunicação sexual humana.

No entanto, dificilmente o comportamento afetivo sexual satisfatório será atingido sem se incorrer em erros, en

ganos ou sofrimentos supêrfluos.

Os eventuais descaminhos que muito provavelmente marcarão a trajetória de cada jovem entregue a essa pedagogia estilo 'ao deus-dará', decerto se constituirão, na sua vida, em cicatrizes e fardos tão incômodos quanto teriam sido facilmente evitáveis.

Pode-se também dizer que, à diferença de outros campos da atividade humana mais significativa, a sexualidade dificilmente se beneficia com a transmissão cumulativa, de uma geração para outra, das experiências vividas por cada pessoa; a 'Pedagogia do Silêncio' está alerta para impedir que isso ocorra. É um fato lamentável.

Chegamos ao fim deste último capítulo acerca dos relatos apresentados pelos jovens; nele, vieram em relevo duas grandes perspectivas do jovem em relação ao namoro: (a) o significado do namoro na perspectiva do rapaz, e, (b) as implicações existentes entre afeto e intimidades. Ponto comum a esses dois subitens foi a mentalidade 'machista', presente no discurso do jovem, em ambas as perspectivas.

O machismo cultural faz-se presente de várias maneiras, no discurso do jovem. Há, por exemplo, a expectativa de que a 'moça de família' seja bem comportada, evitando ser afoita no tocante às ações do sexo: 'moça direita' não toma iniciativa nisso! As necessidades sexuais de um jovem depoente mostram-se incompatíveis com a formação moral recebida; a solução é simples: satisfazer-se plenamente, através das ações, mas evitar comentários ou delações; mais uma vez o 'caminho do silêncio' se impõe como sendo a solução. O protesto de um jovem é claro: os condicionamentos sociais e as expectativas 'dos outros', impedem que se faça o que se quer, e isto vale sobretudo para a jovem, no

que diz respeito às decisões sobre o seu próprio corpo.

A ousadia da jovem solteira em tomar iniciativas de caráter afetivo é aceita, mas tal ousadia, no tocante ao erotismo, é condenada; a sociedade e a cultura negam à jovem o direito ao exercício sexual; a virgindade continua sendo um preconceito de destaque, pois, até os próprios rapazes 'experientes' confessam valorizar mais, para casar, a garota 'novinha', 'zero quilômetro', sem justificar para isso nenhum prazer especial de natureza biológica - trata-se simplesmente de um prazer de natureza cultural. A opção do coito anal, por vezes, visa a preservação da virgindade. A proposta alternativa feita por um jovem, para a derrubada do preconceito da virgindade (afora aquela da relação sexual sigilosa por própria conta e risco), é a da dicotomização entre erotismo e afeto: sexo mecanicista, que resultaria numa 'objetização' mais profunda e indiscriminada da mulher, para proveito sensual do homem, que, nesse caso, também, seria ele reduzido a objeto, a simples objeto de prazer.

A pressão social faz-se presente, exigindo o cumprimento da 'dupla moral' imposta à juventude: o rapaz deve experienciar a relação sexual, a moça está proibida de fazê-lo. Resumindando a narrativa de um outro jovem: ele protesta contra a dicotomia entre sexo e afeto, no namoro, e supõe que a responsável pela proibição da relação sexual entre os parceiros seja a mentalidade da moça, expressão dos valores culturais onde ela foi criada; consegue perceber e condenar a incoerência dessa mentalidade preservadora da predominância dos machos. Mas o que ele não consegue perceber é o quanto está imbuída de machismo e de injustiça, contra a jovem, a sua própria mentalidade e postura de rapaz, quando narra para a namorada as várias aventuras sexuais que ele continua experienciando com outras garotas, sem no entanto admitir minimamente que ela possa vir a praticar e narrar, se quer por uma única vez, experiências similares, sem sentimentos de culpa.

Para concluir, resta-nos apresentar um breve resumo acerca dos dois subtítulos deste capítulo.

#### A - O significado do namoro na perspectiva do rapaz

Acerca desse item, os depoimentos nos ofereceram diversas experiências que, a grosso modo, podem ser apresentadas em dois grupos distintos:

1 - O significado do namoro e das namoradas: as parceiras de namoro são pessoas significativas, algumas; outras, não. Muito se namora, apenas para satisfazer às expectativas do grupo no tocante ao desempenho do papel masculino. Para alguns, a namorada chega a ser vista como uma forma de limitação e aprisionamento.

2 - Defasagem entre maturidade sexual e a estabilidade econômico-financeira e profissional - A maturidade sexual do jovem, e a sua autonomia financeira pessoal, são dois aspectos fundamentais da vida do jovem, e eles parecem andar desencontrados. O plano de casamento é um objetivo que sempre se coloca para após a resolução satisfatória do problema da dependência econômico-financeira e profissional do jovem; teme-se e luta-se bastante para evitar que o casamento venha a ocorrer de forma imposta, devido ao aparecimento de gravidez inesperada. A maturidade biossocial para o exercício sexual, precedeu, em anos, a fase de autonomia financeira da maioria dos jovens entrevistados, ao que tudo indica.

#### B - As implicações existentes entre afeto e intimidades

Essa segunda perspectiva do jovem em relação ao namoro - que diz respeito às implicações existentes entre afeto, por um lado, e intimidades sexuais, por outro, formando um

todo único -, apresentou revelações que podem ser agrupadas em três núcleos distintos de idéias: (1) as fases do namoro e a escalada gradativa das intimidades, (2) as expressões das intimidades propriamente ditas, e, (3) os pais, sua atitude e conduta de 'silêncio'.

### 1 - As fases do namoro e a escalada gradativa das intimidades -

Observa-se que a gradação das intimidades vai crescendo, à medida que a experiência do jovem vai aumentando; se inicialmente o namoro é percebido como necessariamente ingênuo, e qualquer intimidade, como sendo um 'desrespeito', num segundo momento o jovem já começa a entender melhor como é a regra do jogo, e dá início, 'por acaso', a algumas incursões de intimidades com a 'garota de família'; numa fase posterior, o jovem chega a realizar com a sua namorada um vasto repertório de 'curtição' de intimidades, evitando tão-somente o coito, devido ao alto risco de gravidez; finalmente, há jovens que realizam inclusive a cópula, dentro das intimidades do namoro, vendo tal relação sexual com um sentido totalmente diverso das precedentes, que eram realizadas, basicamente, sem se ter ligação afetiva com a parceira, ou então para corresponder às expectativas do grupo.

### 2 - As expressões das intimidades propriamente ditas - Há diver

sas formas características, através das quais as intimidades se manifestam no namoro. Deflorar uma jovem, permitindo que esse fato caia no domínio do público, é considerado um ato de 'sujeira'. A mesma classificação é indicada para a ação do jovem que engravida a namorada deixando-a em apuros. No entanto, se o rapaz conseguir 'curtir' sexualmente, e tudo praticar com a sua namorada, garantindo-lhe a preservação do hímen, nesse caso terá a convicção de que 'saiu limpo' do namoro, a certeza de que não 'prejudicou' a juventude da moça! Evitar a ocorrência da gravidez, ou pelo menos que ela venha a ser descoberta pelo público é uma condu

ta consagrada, para os rapazes que namoram.

Hora e local adequados são fatores importantes para o desenvolvimento das intimidades; por sua vez, a criatividade chega ao extremo, de encontrar modos adequados a burlar a fiscalização dos genitores, e permitir as incursões de intimidades em qualquer ambiente social da casa da namorada.

Aborto indesejado, mas exigido pelas circunstâncias sociais chega a tirar 'o colorido da vida'. Há aquele que enjoa da namorada e acaba, após diversas sessões de relacionamento sexual completo, só porque 'ela não era mais virgem e ele não tinha sido o primeiro', então, caiu a cotação dela no 'mercado do sexo'.

3 - Os pais, sua atitude e conduta de 'silêncio' - Associando a desinformação a que é relegado o jovem - acerca da sexualidade - ao defasamento entre a sua maturidade sexual básica por um lado, e por outro, a sua condição de dependente financeiro e de socupado profissional, chega-se a uma vasta gama de problemas, cujo ponto culminante é a prática do aborto, como única saída possível, diante das grandes dificuldades sociais criadas por uma gravidez inesperada.

Conclui-se aqui a exposição desse intrigante binômio, que muitos julgam ausente ou desejariam que inexistisse, mas, que está presente na quase totalidade dos namoros dos jovens entrevistados: afeto-intimidades sexuais.

## CAPÍTULO V - PERSPECTIVAS DE UMA TEORIA

A pesquisa científica sobre sexo, iniciada há um século, tendo como marco pioneiro a publicação de Krafft-Ebing, quase sempre se prestou como um campo fértil às intermináveis discussões entre as correntes antagônicas de estudiosos; por um lado os nativistas e por outro os ambientalistas, cada qual reivindicando para si a palavra final sobre os determinantes da sexualidade humana. Uns, sublinhando o valor absoluto da herança sobre o destino sexual dos indivíduos, os outros apontando evidências de que a cultura e o ambiente eram os determinantes supremos da sexualidade das pessoas.

Para confrontação com os resultados da pesquisa em apreciação no presente trabalho, esboçaremos algumas perspectivas da teoria da sexualidade humana defendida por John Money e sua equipe, teoria essa que afunda suas raízes na pesquisa e prática científicas, dentro de um trabalho interdisciplinar, médico-sociológico e psicopedagógico. Tal prática se desenvolve no Hospital Johns Hopkins, da Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins em Baltimore, Maryland, USA.

John Money é psicólogo clínico da citada universidade, pesquisador em sexualidade humana e especialista em endocrinologia e genética comportamentais. Através de sua abordagem, as diferenças sexuais responsáveis pela caracterização dos indivíduos como masculino, feminino ou ambivalente, são examinadas a

luz de novas descobertas.

A tradução do sexo genético em sexo fenotípico (visível, observável, aparente) é um processo bastante complexo; e há muitas encruzilhadas por atravessar nesse processo, em cada uma das quais a opção do caminho a seguir pode variar e mudar o rumo anteriormente palmilhado. Quando do seu nascimento, as pessoas têm sua sexualidade absolutamente indiferenciada, do ponto de vista psicológico. A diferenciação como pessoa masculina, feminina ou ambivalente, ocorrerá ao longo da vida, nas diversas experiências no curso do crescimento individual. Cai por terra a sugestão proposta por Krafft-Ebing de que existiriam centros especiais no cérebro, definidores da masculinidade e feminilidade. Pode-se concluir, portanto, que uma suposta base de masculinidade ou feminilidade instintiva, nos seres humanos, fica efetivamente negada, de modo explícito. O que se admite existir, são os efeitos hormonais nos circuitos cerebrais, que estimulam o desenvolvimento de determinados comportamentos e desestimulam outros. Procuraremos resumir, em seguida, alguns pontos significativos da teoria desse autor.

Segundo Money, as principais variáveis responsáveis pela diferenciação sexual das pessoas podem ser resumidas nos sete fatores a seguir:

- sexo cromossômico,
- sexo gonadal,
- sexo hormonal,
- órgãos sexuais acessórios internos,
- morfologia da genitália externa,
- sexo social (sexo de criação, sexo de designação),
- identidade/papel sexual (orientação/papel de gênero).

As cinco primeiras variáveis são de natureza estritamente biológica; poupar-nos-emos de entrar em detalhes aqui, sobre as mesmas, dada a especificidade da pesquisa que nos propomos analisar; para o leitor que desejar melhores explicações, recomendamos a consulta direta dos três capítulos iniciais do livro "Os Papéis Sexuais" de autoria de Tucker & Money. Queremos salientar três pontos básicos, relacionados com essas cinco primeiras variáveis, que dizem respeito diretamente aos dados apresentados em nossa pesquisa:

- 1 - as funções biológicas insubstituíveis, impermutáveis entre os sexos: os imperativos biológicos específicos de cada sexo;
- 2 - a atuação do cérebro e dos hormônios no comportamento sexual;
- 3 - a diversificação da sensibilidade sexual em dois grupos distintos, cada qual atendendo, prioritariamente, a estímulos diferentes, relativos ao apelosexual.

Os imperativos biológicos: funções exclusivas de cada sexo

Quanto ao primeiro item, das funções biológicas impermutáveis entre os sexos, eis o que relatam Tucker e Money:

*"Quando chegamos aos imperativos biológicos reservados a todos os homens e mulheres, verificamos que existem apenas quatro: somente o homem pode fecundar; só a mulher pode menstruar, gestar e amamentar. Todas as outras diferenças sexuais, inclusive as intimamente ligadas às quatro básicas, tais como barba ou seios, são por assim dizer, negociáveis, dependendo de onde principia a negociação no ciclo de vida da pessoa." (p. 36-37).*

## Cérebro, hormônios e sua atuação no comportamento sexual

Em relação ao segundo item, referente à atuação do cérebro e dos hormônios no comportamento sexual, a afirmação de Tucker & Money é que os hormônios sexuais pré-natais exercem influência sobre os circuitos do cérebro. No entanto:

"A mistura de hormônios sexuais na fase pré-natal aparentemente não cria novos circuitos no cérebro, nem elimina qualquer um que possa lá estar. As ligações para qualquer comportamento afetado acham-se presentes em ambos os sexos. O que a mistura pré-natal faz é baixar o limiar de modo que o impulso necessário para tomar alguma direção comportamental fique sendo menor e elevar o limiar de modo que o impulso para as outras direções seja obrigatoriamente maior.

(...) As diferenças determinadas no estágio pré-natal, no que se refere a sensibilidade a estímulos, ajudam a explicar porque o comportamento de dominação e atividades envolvendo grandes gastos de energia física são mais características dos meninos, e porque o comportamento parental é mais típico das meninas." (p.71).

Todos esses comportamentos são comuns a ambos os sexos, havendo apenas, originalmente, uma ligeira diferença entre seus limiares, diferença essa posteriormente muito ampliada devido ao pesado reforço cultural.

"A mistura hormonal pré-natal ainda influencia preferências." (p.72).

"Depois de você nascer, as influências ambientais aumentaram ou diminuíram a sua sensibilidade aos estímulos que eliciam os vários tipos de comportamento; assim, as diferenças sexuais criadas pela mistura hormonal foram ampliadas, equalizadas ou reduzidas, dependendo do ambiente. (...) O que a mistura hormonal pré-natal não fez foi ordenar previamente as diferenças sexuais em você numa fórmula imutável que o deixaria equipado para (ou impediria de) executar atividade física, ter comportamento de dominação ou comportamento parental." (p.73).

Para os autores:

"Quando se trata do funcionamento erótico do mais potente dos órgãos sexuais humanos, o cérebro, a nossa sociedade de hoje (...)"(p.122).

E acrescentam:

"A forma como as pessoas escolhem seus parceiros sexuais entre os disponíveis é uma infalível fonte de surpresa para todo mundo. Geralmente mencionados como assuntos do coração, namorar e juntar-se são de fato assuntos do cérebro e dos hormônios, mais bem entendidos à luz do seu processo evolutivo."(p.146).

### Diversificação da sensibilidade sexual, de acordo com o gênero

Quanto ao terceiro item, acerca da diversificação da sensibilidade sexual em dois grupos que atendem a diferentes estímulos de apelos sexuais, os autores em apreço relatam:

"Qualquer que seja o fator determinante, há ampla evidência de que uma resposta sexual geralmente é iniciada com mais rapidez quando provocada por estímulos visuais nos homens e estímulos táteis nas mulheres. Esta diferença tem sido aforisticamente descrita como a diferença entre "Eu quero ter" e "Eu quero ser". Ao assistir um filme erótico, por exemplo, os homens tendem a complementar-se com o sexo oposto, ao passo que as mulheres tendem a se identificar com seu próprio sexo.

Tanto homens como mulheres encontram estimulação erótica em filmes sexuais, mas o homem provavelmente verá a mulher no filme como um objeto sexual, tirando-a da tela em sua imaginação e fantasiando uma relação sexual ali mesmo.

A mulher provavelmente tenderá a identificar-se com a atriz feminina e construir seu excitamento erótico sobre a fantasia de estar ela mesma ali na tela, objeto da atenção masculina, utilizando a experiência na sua imaginação para aumentar seu repertório de habilidades sexuais, de modo que ela própria seja mais irresistível ao seu parceiro, ou ao próximo homem que atender aos seus caprichos românticos."(p.141-142).

"(...) O símbolo - visão, fotografia, sonho ou recordação - é suficiente para levar o sangue a irrigar o pênis." (p.141).

Sexo social e a identidade/papel sexual

Tendo concluído aqui a nossa exposição sobre os pontos de interesse, relativos às cinco primeiras variáveis responsáveis pela diferenciação sexual das pessoas, retomemos em análise as duas últimas variáveis da série de sete inicialmente apresentada : sexo social (sexo de criação, sexo de designação) e a identidade/papel sexual (orientação/papel de gênero). Percebe-se claramente o caráter psicossocial destas duas variáveis. A sétima e última variável, identidade/papel sexual, abrangente de muitos aspectos da vida do sujeito, tem íntima correlação com duas outras variáveis específicas que a precederam: a morfologia da genitália externa, e o sexo social; essas três variáveis são, por assim dizer, interdependentes; tal correlação não existe porém, entre a identidade/papel sexual e qualquer outra das demais quatro variáveis determinantes do sexo.

A identidade/papel sexual envolve processos que abarcam o indivíduo na sua totalidade; está presente em todas as suas relações interpessoais e experiências psicossociais.

*"Embora a sua identidade/papel sexual esteja mais ou menos de acordo com o estereótipo cultural do seu sexo, ela reflete também os acontecimentos biográficos da sua própria vida, seu corpo, e sua personalidade (...)." ( Tucker & Money, p.13).*

Já o sexo social, sexo de designação, de criação, tem origem no anúncio que se faz do sexo do recém-nascido, que se confirma em seu registro civil; é designado a partir da observação da morfologia da genitália externa do bebê; afirma-se e consolida-se através da educação sexual diferenciada que os pais e a sociedade dispensam ao menino ou à menina.

Para Money,

"Identidade sexual (...) é o seu senso de si mesmo como homem ou mulher. O papel sexual é tudo que expressa este senso de si mesmo como homem ou mulher. O papel sexual inclui tudo que você pensa e sente, tudo que você diz e faz, que indique - a você próprio e aos outros - que é homem ou mulher. A identidade sexual e papel sexual não são duas coisas distintas; são aspectos diferentes da mesma coisa, assim como os proverbiais dois lados da mesma moeda. A sua identidade sexual é experiência interna do seu papel sexual; o seu papel sexual é a expressão da sua identidade sexual. O termo "identidade/papel sexual" enfatiza esta unidade." (p.12).

Na prática é impossível que uma pessoa venha a desenvolver qualquer senso de identidade, sem se identificar, como homem ou mulher. Em virtude de a identidade sexual se diferenciar antes que a criança inicie a falar, presume-se, erroneamente, que a mesma seja inata. Você está, ao nascer, 'ligado' (o receptor-transmissor está funcionando!), mas não está 'programado' para uma pré-determinada identidade sexual; exatamente como na aprendizagem da língua materna específica, você não estava destinado 'a priori' a aprender aquela língua que de fato aprendeu. Sua identidade sexual só poderá se definir, como masculina ou feminina, através da estimulação social.

Examinemos agora, algumas implicações psicossociais da identidade/papel sexual. Vejamos alguns itens:

- a) Os estereótipos;
- b) Identificação-complementação, esquemas e papéis;
- c) Precocidade da instauração do padrão de comportamento sexual.

### a) Estereótipos

Pode-se dizer que a sociedade é a grande responsável pelos estereótipos sexuais que são fornecidos às crianças (através dos pais, professores, meios de comunicação sociais, etc.), para que elas desempenhem seus distintos papéis sexuais de menino ou menina. "Os estereótipos culturais formam a matriz na qual (...) esquemas sexuais se moldaram na infância." (p.128).

"Os estereótipos culturais, inclusive os sexuais (as definições da sociedade acerca do que significa ser homem ou mulher), constituem a cola que mantém junta a sociedade. São esses estereótipos que personificam os acordos gerais que possibilitam a cooperação entre um grupo de pessoas. Sem um estereótipo de linguagem, por exemplo, um acordo geral referente ao significado atribuído a um vasto número de combinações de sons, não poderia haver linguagem comum. Os estereótipos sexuais personificam o acordo geral referente aos papéis atribuídos a homens e mulheres meninos e meninas. São eles a matriz dentro da qual os seus próprios conceitos do que significa ser homem ou mulher - os seus esquemas sexuais - foram moldados. Em todo lugar que o seu esquema combine com o estereótipo, você ganha apoio da sociedade para o seu senso de identidade, e da mesma forma uma mudança no estereótipo abala o seu senso de si próprio. A intensidade do abalo depende da rigidez dos seus esquemas. (...) O melhor equilíbrio entre rigidez e flexibilidade depende do que você quer fazer, de quanto apoio você necessita, e de que tipos de abalos você precisa absorver." (p.11-12).

Ainda as palavras do mesmos autores, sobre os estereótipos:

"A tendência dos estereótipos culturais de resistir à mudança é essencial para manter a saúde, tanto da sociedade quanto dos seus membros. O desafio da sociedade é conseguir estereótipos que sejam fortes o bastante para proporcionar cooperação, mas flexíveis o suficiente para permitir o desenvolvimento individual." (p.13).

"(...) Tomemos os estereótipos do nosso passado, que não está tão distante assim. Não há uma descrição definitiva completamente aceita dos mesmos, mas de forma geral, o grosso da sociedade americana aceitou, durante a maior parte de sua história, que

Se você é homem:

- Você pode brigar, mas não chorar.
- Você precisa lutar para superar os seus colegas, sem jamais admitir derrota.
- Você pode seduzir garotas para provar a sua masculinidade, mas tem direito a uma noiva virgem.
- Você pode fazer qualquer tipo de trabalho, por mais servil que seja, fora de casa, sem prejuízo nenhum para o seu orgulho, mas não assume cozinhar, fazer limpeza, lavar roupas, na sua casa, nem tomar conta das crianças. (Numa emergência doméstica você agilita, mas executa até mesmo as tarefas mais simples de forma displicente, para anunciar que se trata de algo estranho para você).
- Você assume a responsabilidade financeira de sustentar a mulher e os filhos da sua família; a sua esposa pode sair para trabalhar, se quiser, mas o verdadeiro serviço dela é em casa.
- Você pode demonstrar afeto pela sua mulher e filhos pequenos, mas por mais ninguém e, especialmente, por nenhum homem; se você quer mostrar a um homem que gosta dele, você o ataca de brincadeira: dá tapinha, soquinhos ou pequenos empurrões.
- Todas as suas relações com mulheres são intensamente coloridas de sexo, e as significativas são as que se limitam a sexo.
- Você se gaba do prazer e das proezas sexuais em qualquer grupo de homens, e usa um vocabulário pudico e especial com mulheres, até mesmo sua esposa, e qualquer outra parceira sexual.

Se você é mulher:

- Você é um fracasso se não conseguir se casar e ter filhos.
- Até você se casar a sua obrigação é competir (não abertamente demais) com outras mulheres pela atenção dos homens; e apegar-se ao seu hímen; porém não fica bem demonstrar interesse aberto por um homem enquanto ele não tiver revelado interesse por você.
- Depois de casar, a sua obrigação é ser boa esposa e mãe, e não prestar atenção a outros homens ("bom" não define o seu próprio desempenho, e sim o bem-estar do seu marido e filhos, ou a consideração que eles têm por você).
- Astúcia e artifícios são as suas armas, a manipulação é a sua tática; não se espera de você que tenha uma estratégia ou seja consistente, mas se a sua inconsistência - ou seus filhos - lhe causarem problemas, a culpa é sua.
- Você lê e escreve, mas não muito bem, e sabe menos ainda de matemática.
- Se você ganha um pouco de dinheiro, ótimo, enquanto isto não interfere com os afazeres domésticos; mas superar o seu marido ou seus colegas em qualquer tipo de ganho fora da esfera doméstica coloca todo mundo em grave risco psicológico.
- Os seus sentimentos sexuais não são muito importantes; não é bonito pensar ou falar sobre eles.

Embora estejam combaleantes há anos, estes estereótipos de modo nenhum perderam a sua força. Para alguns americanos ainda são um evangelho; para outros, estão obsoletos. Mas a sua influência ainda penetra fundo na vida de todos nós." (p. 13-14-15).

"No folclore corrente da ciência do comportamento as mulheres são intuitivas, os homens empíricos; as mulheres são catalogadoras, os homens conceitualizadores; as mulheres são emocionais, os homens lógicos; as mulheres são perceptivas, os homens criativos, e assim por diante." (p.76).

## b) Identificação-complementação, esquemas e papéis

Com relação a identificação-complementação, esquema e papéis, pode-se dizer que se trata de mecanismos psicossociais em constante interação entre si. Começamos pelos dois mecanismos acoplados e intercomplementares: identificação-complementação; a interação contínua entre ambos é fator responsável pela elaboração dos esquemas sexuais que definem a identidade/papel sexual da criança. Todo menino, muito provavelmente, será conduzido pelas circunstâncias a buscar no pai (ou figura equivalente), o seu modelo de identificação, enquanto que, encontrará na mãe (ou figura equivalente), seu modelo de complementação; para a menina, vice-versa, isto é, complementação no pai, identificação na mãe. Isto porque os genitores são, geralmente, os primeiros modelos de masculinidade-feminilidade de uma criança. Caso esses genitores apresentem à criança, sinais sexuais constantemente contraditórios, seus filhos poderão ficar prejudicados no tocante à diferenciação dos conceitos do que signifique ser homem ou ser mulher. Sobre o assunto, Tucker & Money especificam:

"A ênfase sobre a identificação e a negligência da complementação na maior parte das teorias do desenvolvimento infantil e estudos nelas baseados têm obscurecido a importância do esquema sexo-oposto. Este, porém, não se atrofiou (...) O esquema sexo-oposto serve como guia para o comportamento que não é apropriado a você, mas é apropriado para o outro sexo. Ele não lhe dá só negativas - como não pensar, não sentir e não se comportar - mas também lhe diz o que esperar do outro sexo e desta forma enqua

dra a sua percepção e influencia a sua reação aos membros do outro sexo. Poder-se-ia dizer que a codificação positiva do esquema mesmo-sexo abre o sinal para algumas vias de comportamento, ao passo que a codificação negativa do seu esquema sexo-oposto fecha o sinal em outras vias, tanto para advertir você, quanto para lhe dizer em que sentido o tráfego está correndo." (p.124).

"(...) Os esquemas que definem a identidade/papel sexual são criados pela interação contínua entre a identificação e a complementação." (p. 110).

Os esquemas sexuais são os próprios conceitos acerca do que significa ser homem ou mulher; foram moldados dentro da 'forma', do 'molde', representado pelos estereótipos sexuais. Assim se referem aos esquemas, Tucker & Money:

"As crianças necessitam testar os seus esquemas de mesmo-sexo e o seu desempenho enquanto meninos ou meninas antes de assumirem a reciprocidade com o outro sexo na adolescência. Um garoto tem um perfil do seu esquema feminino a partir de sua mãe e outras mulheres da família. Uma garota tem o perfil de um esquema masculino a partir do pai e outros homens da família. Preencher os detalhes do esquema do outro sexo está em segundo lugar durante este período em que consolidam o seu próprio esquema." (p.109).

"Em suma, se você é homem você utiliza o seu esquema feminino para antecipar o comportamento de meninas e mulheres, e como guia para reagir a elas enquanto homem. Se você é mulher, utilizará o seu esquema masculino para antecipar o comportamento de meninos e homens, e como guia para responder a eles reciprocamente enquanto mulher." (p.125).

Em síntese, ao captar os estereótipos culturais sobre o sexo, a criança passa a elaborar mentalmente os seus esquemas sexuais, que são modelos internos que dizem respeito aos conceitos sobre o que significa ser homem ou mulher. Serão a partir desses esquemas que ela passará a desempenhar seu papel sexual. As bases mais firmes de que se dispõe para que os esquemas sexuais sejam elaborados pela criança, são duas: as diferenças entre os órgãos genitais masculinos e femininos, e o comportamento reprodutivo; nossa cultura, no entanto, estabelece uma proibição severa, vetando às crianças o acesso explícito a essas diferen

ças e a esse comportamento. Isso é grave!

Toda criança elabora dois padrões de esquemas sexuais: o esquema mesmo-sexo e o esquema sexo-oposto. Além deles, a criança dispõe de um terceiro, o esquema humano, onde ela situa todas as coisas, seres, objetos, ações, etc., que não pertencem a nenhum dos dois esquemas precedentes; trata-se de um padrão assexuado.

Já os papéis sexuais são desempenhados em íntima correlação com a identidade sexual do indivíduo; Money & Ehrhardt, Ihes deram a seguinte definição:

*"Papel sexual: tudo que uma pessoa diz e faz, para indicar aos outros ou a si mesma o grau em que é homem, mulher ou ambivalente; inclui, mas não se limita à excitação e resposta sexual; o papel sexual é a expressão pública da identidade sexual, e a identidade sexual é a experiência particular do papel sexual." (in Tucker & Money, p. 12).*

*"Identidade sexual: a persistência, unidade e continuidade da individualidade da pessoa como homem, mulher ou ambivalente, em maior ou menor grau, especialmente como é vivenciada em termos de autoconsciência e comportamento; a identidade sexual é a experiência particular do papel sexual, e o papel sexual é a expressão pública da identidade sexual." (in Tucker & Money, p. 12).*

### c) Precocidade da instauração do padrão de comportamento sexual

Passemos agora, ao último dos três itens que estão sendo alvo de análise: precocidade da instauração do padrão de comportamento sexual.

Referindo-se ao padrão de comportamento sexual, Tucker & Money assim se expressam:

*"Uma vez que as preferências eróticas geralmente revelam-se na puberdade, freqüentemente se pressupõe que tenham sido instiladas pela primeira experiência sexual, ocorrida nesta época, ou tiradas do conta*

to com figuras, livros ou filmes eróticos; Esta premissa é responsável por grande parte do pânico judicial hoje existente em relação à pornografia. Ao contrário, a preferência de cada pessoa tem limites bastante fixos, estabelecidos antes da puberdade. Sejam estes limites ortodoxos ou não, convencionais ou não, foram estabelecidos na infância como parte da diferenciação da identidade sexual, pela codificação dos esquemas e por quaisquer peculiaridades e singularidades que tenham sido incorporadas a esses esquemas. Os limites podem se revelar pela primeira vez na puberdade, mas não são estabelecidos nessa época; além disso, não mudam muito, seja na puberdade, seja mais tarde. Sua relativa imutabilidade ajuda a explicar fenômenos tais como o fato de um segundo cônjuge muitas vezes parecer-se com o primeiro. Sua persistência também explica por que homossexuais adultos assumidos podem estar próximos e comportar-se afetivamente com um membro do outro sexo, mas jamais apaixonar-se por eles. Contos de degenerados sexuais que pulam de uma forma de depravação para outra, fazendo de tudo, são apenas ficção; mesmo os assim chamados tarados sexuais apegam-se às suas preferências particulares." (p.141-142).

E os autores prosseguem, esclarecendo os pormenores e desfazendo dúvidas:

"A reconfortante verdade é que é impossível influenciar ou treinar qualquer adolescente escolhido ao acaso para transformá-lo num sádico, num fetichista, num 'voyeur' ou qualquer outra coisa. E tão pouco podem alguns contatos com a homossexualidade na primeira adolescência criar um apetite por mais e mais, de modo a transformar o jovem num homossexual permanente ( Money, 1973 b). O pior que uma experiência homossexual pode fazer para tornar o adolescente um homossexual é despertar um apetite adormecido que já havia sido criado na infância. Como prova estão aí as sociedades que prescrevem um período de homossexualidade para rapazes adolescentes como parte do processo de crescimento. Exemplos são o povo Batak, que habita o Lago Toba ao norte da Sumatra e até recentemente os Marind Amin, do sul da Nova Guiné. ( Money & Ehrhardt, 1972). Nestas culturas, que duraram séculos, o período homossexual é seguido de um casamento heterossexual. Seus casamentos são muito mais estáveis do que os da nossa sociedade e, mais ainda, os pesquisadores não conseguiram encontrar adultos homossexuais compulsivos em nenhuma das culturas citadas." ( in Tucker & Money, p.142).

Continuam os autores, descrevendo agora a especí  
fica precocidade da formação do padrão do comportamento sexual:

"Se o tipo de estímulo que desperta os seus sentimen-  
tos eróticos e o tipo de comportamento sexual que  
inspiram foram surpresa para você na puberdade, esta  
surpresa já estava preparada no programa psicosssexual,  
elaborado durante os seus primeiros anos. Para aque-  
les que na puberdade sentiram-se chocados ou culpa-  
dos quando descobriram o que os excita e como res-  
podem, é tarde demais para fazer qualquer coisa. A  
única possibilidade de mudar padrões de estímulo-res-  
posta eróticos na puberdade, ou depois, reside numa  
reeducação terapêutica a longo prazo e mesmo assim a  
esperança não é muito grande.

Pistas das preferências sexuais em desenvolvimento na  
criança podem ser encontradas nas imagens de fanta-  
sias masturbatórias e nas estórias que as crianças  
inventam acerca do sexo. A nossa sociedade força es-  
tupidamente as crianças a esconder tais pistas de  
seus pais e dissimulá-las para si próprias, de modo  
que é difícil reconhecê-las, até mesmo para um tera-  
peuta treinado que desafia a sociedade para procurá-  
-las." (p. 142-143).

#### Questionamento aos educadores

Após termos percorrido a exposição sobre as sete  
variáveis responsáveis pela diferenciação sexual das pessoas ,  
bem como terminado a apreciação sobre alguns itens acerca das  
implicações psicosssexuais relacionadas com a variável identida-  
de/papel sexual, resta-nos agora concluir esta apresentação de  
perspectivas teóricas, expondo, ao menos superficialmente, alguns  
questionamentos apontados por Tucker & Money; tais questionamen-  
tos, que julgamos fundamentais, referem-se à educação sexual e  
atitudes dos educadores para com os educandos, bem como à situa-  
ção da sexualidade do jovem no atual contexto sócio-cultural. Co-  
mecemos pela educação sexual e atitudes dos educadores em rela-  
ção aos educandos.

## 1 - A educação sexual

"Aí, quando a puberdade traz as preferências eróticas para a plena consciência do jovem, este não recebe nenhum auxílio para avaliá-las. Após carregá-las em quanto criança, como um fardo de vergonha e culpa, o jovem se depara agora com a atitude oficial que é manter o adolescente na ignorância, restringindo a educação sexual, quando esta existe, à mecânica da reprodução. Como pode o jovem saber se um impulso homossexual ocasional significa que ele ou ela é mais "esquisito" do que os outros? Ou se a crueldade em sonhos eróticos representa um tipo normal de briga amorosa ou sadismo? Se um objeto estimula os sentimentos eróticos de uma moça ou de um rapaz é este objeto um fetiche ou um símbolo? Livros, filmes e cursos sobre anatomia e reprodução atualmente estão à disposição dos jovens, mas não há informação deste tipo sobre jogos amorosos e relações sexuais. Os adolescentes necessitam que a sociedade lhes dê uma educação sexual que inclua os aspectos eróticos, físicos e amorosos do sexo, bem como os reprodutivos. A sua única esperança de conseguir tal informação, fora as tentativas e erros muitas vezes dolorosos, é a sorte de ter um conselheiro que seja sábio e honesto ou um dos poucos livros realmente úteis sobre o assunto. Pais e professores raramente suspeitam que o comportamento "difícil" que esperam como fato concreto das cargas adolescentes pode originar-se da perplexidade com o choque entre as imagens convencionais e as imagens eróticas que emergem na adolescência - perplexidade esta que uma palavra reconfortante, vinda de um adulto que sinta o problema poderia muitas vezes dissipar." (p. 143).

São os mesmos autores que retomam:

"Ensinados a não fazer perguntas sobre sexo, a maioria dos jovens sente os pais e professores como as últimas pessoas a quem poderiam se voltar em busca de ajuda. O mundo adulto erigiu barreiras em torno da sexualidade que "não podem ser ultrapassadas sem uma certidão de casamento." Quando os hormônios da puberdade acionam os motores sexuais e impulsionam o jovem rumo às barreiras, o mundo adulto se dispõe a assistir e entreter-se tolerantemente com suas tentativas de sajeitadas de evitar a colisão e a punir aqueles que colidem, mas sem oferecer muita ajuda. O aconselhamento psicológico, quando acessível, ainda tem um longo caminho a percorrer, primeiro para captar e depois para manter a confiança dos adolescentes. Raramente estes podem confiar em gente da sua idade, pois poucos podem se dar ao luxo de serem rotulados de "diferentes". Assim, as agonias devem ser sofridas em silêncio." (p. 143-144).

As respostas imediatas e resolutas dos adultos , ensinam rapidamente à criança que seus pais não têm nenhuma orientação realmente útil e satisfatória a dar, sobre sexo:

*"Quando a criança tem idade suficiente para fazer perguntas acerca do comportamento sexual, o que ela quer saber é como, quando, onde e com quem o sexo deve ser explorado, e como se comportar em caso de curiosidade num grupo de amigos. O que a criança geralmente obtém pode ser uma surra, um cenho franzido, um olhar vago, uma resposta evasiva, uma palestra biológica ou, na melhor das hipóteses, uma mensagem que se resume em: "É tão maravilhoso que você não deveria ter nada a ver com isso." Tais respostas ensinam rapidamente a criança a não esperar qualquer orientação útil. Ainda que a sexualidade infantil há muito tenha sido estabelecida, nem o fato em si, nem a sua significação como base da sexualidade adulta tiveram muito impacto sobre as convenções sociais." (p. 121).*

Em outro trecho, prosseguem:

*"Mas na nossa sociedade experimentos com as funções sexuais são firmemente desencorajados e qualquer modo de como as partes poderão eventualmente se combinar em padrões de comportamento copulatórios é mantido em total segredo. Imagine a dificuldade de tentar aprender a andar ou falar sob tais condições." (p. 119).*

As possibilidades de solução para o problema existem, mas é preciso sair da inércia e tentar ir à cata delas:

*"Em vez de angustiar-se com a incidência de desvios e crimes sexuais, nossa sociedade melhor faria se apoiasse a pesquisa sobre como a sexualidade se desenvolve. Se soubéssemos mais acerca de como a sexualidade evolui normalmente e se nossas crianças fossem encorajadas a serem abertas e inquiridoras, em vez de reservadas, a respeito de seus sentimentos sexuais, as discrepâncias poderiam ser identificadas e muitas vezes corrigidas antes de causar algum mal permanente. O que temos hoje é um exame rotineiro da altura, peso, postura, coordenação física, visão e outros aspectos da criança, mas não temos como examinar o seu desenvolvimento erótico. E se o examinássemos, não saberíamos o que procurar; e temos apenas um pobre conhecimento limitado das medidas corretivas a serem aplicadas quando suspeitamos que as coisas estão saindo dos eixos." (p. 125).*

Eis um perfil de pais efetivamente educadores, se  
gundo os autores em apreço:

"Pais que se sentem à vontade com a sua própria sexua  
lidade e realmente têm prazer em suas vidas sexuais  
são capazes de reconhecer a curiosidade sexual  
de seus filhos e prover a informação necessária de  
forma adequada. Esses pais não esperam as perguntas  
dos filhos para respondê-las honestamente, pois sa  
bem que esperar já faz com que seja tarde demais. As  
crianças aprendem muito cedo o tabu da sexualidade na  
nossa cultura e isso congela suas perguntas naturais.  
Cabe aos pais a responsabilidade de quebrar o gelo."  
(p. 115).

E no mesmo tom do trecho anterior, os autores pros  
seguem esclarecendo pormenorizadamente o valor da educação sexu  
al:

"Pais que se sentem à vontade com sua própria sexua  
lidade fazem do conhecimento sexual algo tão aberto  
dentro da família que não precisam preparar uma pales  
tra biológica para uma conversa de mãe-para-filha  
ou pai-para-filho com o advento da puberdade. O mo  
mento dessa conversa já é tardio e seu objetivo mui  
to limitado, mesmo que o pai seja capaz de tê-la li  
vre de embaraços e distorções. Além disso, tais con  
versas, da mesma maneira que a maioria dos cur  
sos for  
mais de educação sexual (em escolas onde há), quase  
invariavelmente se limitam à mecânica da reprodução.  
Por mais útil que seja a informação sobre os processos  
reprodutivos, ela não constitui em si uma base ade  
quada para um desenvolvimento sexual pleno. Tratar de  
reprodução deixando de fora a sensualidade, o erotis  
mo, e o amor, de pouco serve para a criança pré-ado  
lescente que esteja tentando descobrir o que é sexo.  
A sexualidade humana envolve todos os sentidos  
- tato, paladar, visão, olfato e audição - e os cum  
es  
mais extáticos de emoção e sensação. Fornecer os da  
dos da reprodução, mas deixar de fora estes outros  
elementos é falsificar uma informação que de outra  
forma seria acurada. Essa falsificação ajuda a sus  
tentar uma dicotomia idiota, porém desastrosa, entre  
amor e prazer, entre romance, apaixonar-se, ternura  
e devoção, de um lado, e qualquer coisa relacionada  
com os órgãos sexuais de outro. 'Não toque os seus  
órgãos genitais, eles são sujos, então guarde-os pa  
ra a pessoa que você vai amar', mas 'o amor é tão  
puro, a pessoa que você ama tão sagrada, que mesmo  
pensar em usar os seus órgãos sexuais com ela já es  
traga a relação'." (p.115-116).

## 2 - A sexualidade do jovem no atual contexto sócio-cultural

Resta-nos apenas examinar os questionamentos dos autores em destaque, referentes à situação da sexualidade do jovem, no atual contexto sócio-cultural. Acompanhemos sua afirmação:

*"As bases mais firmes possíveis para os esquemas sexuais são as diferenças entre os órgãos genitais masculinos e femininos, bem como o comportamento reprodutivo; nossa cultura, porém, luta insistentemente para impedir que as crianças tenham acesso a essas diferenças." (p. 112).*

Os autores denunciam como perniciosa a omissão educacional que impede o treinamento, desde a infância, sobre os assuntos relacionados com o comportamento sexual e com o mapeamento das diferenças entre os órgãos masculinos e femininos. O corpo e suas manifestações eróticas permanecem sendo o alvo predileto de tabus e preconceitos sociais severos, mesmo dentro da intimidade de cada lar. Daí, a prática insidiosa de deixar os filhos 'alheios ao assunto', durante o maior tempo possível.

Vejamos agora sua posição, em relação à defasagem entre maturidade sexual e autonomia econômico-financeira do jovem da sociedade dos tempos atuais:

*"Talvez de maior significação seja o lapso que se alargou entre a idade em que se espera que o jovem assuma responsabilidades econômicas adultas (o que ocorre cada vez mais tarde) e a idade em que ele chega à maturidade sexual (o que ocorre cada vez mais cedo, pelo menos no último século). A maturidade econômica, que inicialmente precedia a maturidade sexual, passou a coincidir com ela e agora vem alguns anos depois." (p.145).*

*"'Fato': Por mais de um século a média de idade da puberdade tem caído na proporção de um ano para cada geração. O crescente lapso entre uma maturidade sexual*

mais precoce e uma situação social adulta cada vez mais tardia transformou a adolescência de breve período de transição em etapa significativa da vida, com seus próprios tipos de exigências sexuais." (p. 10).

A estruturação econômica estabelecida sob a aprovação sócio-cultural, cria problemas adicionais à vida dos jovens, inferiorizando, de forma estável, a figura feminina:

"Um sistema que torna o homem financeiramente responsável pela mulher com quem namora e casa, e que liga 'status' social e financeiro da mulher ao fato de encontrar um marido, faz com que a competição, manipulação e exploração sejam parte inevitável do namoro e do casamento." (p. 178).

Referindo-se ao avanço das pesquisas sobre contraceptivos, os autores afirmam:

"'Fato': Pela primeira vez os meios anticoncepcionais - os meios de separar o ato sexual da reprodução, o sexo por prazer do sexo para procriação - são acessíveis a todo mundo, homens e mulheres, jovens e velhos, solteiros e casados, pobres e ricos." (p. 10).

Concluindo o seu raciocínio, os autores mostram a necessidade da coerência por parte dos adultos, para que estes reflitam sobre a tradicional proibição da prática sexual aos jovens (à jovem, em particular), e mediante tal reflexão reavaliam os fatos e assumam posturas, igualmente honestas sim, mas que sejam atuais e condizentes com os tempos. Eis o trecho de Tucker & Money, com o qual concluímos também a exposição das suas perspectivas teóricas:

"Enquanto o sexo produzia rotineiramente mais crianças para serem criadas e alimentadas, a sociedade tinha boas razões para insistir em que a independência sexual esperasse a independência econômica e social, qualquer que fosse o custo para o indivíduo. Agora, porém, que os métodos de evitar a concepção acham-se ao alcance de todos, o senso comum econômico e social reside em exigir apenas que as pessoas

não preparadas para assumir a responsabilidade adulta enquanto pais utilizam tais métodos, e não abdicam da atividade sexual.

Olhando para trás, pode-se ver por que essa mudança pegou a sociedade de surpresa. Por mais difícil que seja entender, até há bem pouco tempo atrás não existia "idade adolescente" reconhecida: nenhum grupo de jovens tinha seus próprios costumes e seus próprios problemas reconhecidos, quer sexuais quer de qualquer outro tipo." (p.145).

Finalizando, queremos notificar que a nossa fundamentação teórica baseou-se estritamente na obra de Tucker & Money "Os papéis sexuais" dedicada especialmente à vulgarização científica das idéias desse pesquisador; deixamos de optar pelas obras básicas de Money (indicadas na bibliografia de Tucker e Money) pelo fato de as mesmas ainda não serem facilmente acessíveis no nosso País.

## CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Veremos neste capítulo o núcleo das mensagens dos jovens entrevistados, através de algumas perspectivas específicas; tais perspectivas emergiram da Análise de Conteúdo (mostrada no Anexo 3), a que foi submetido todo o material do discurso do jovem, material esse apresentado em três dos capítulos precedentes.

Em um segundo momento procuraremos avaliar cada uma das revelações significativas desse jovem, partindo dos critérios e orientações sugeridas pelos tópicos apresentados no capítulo acerca das perspectivas da teoria de Money, que versa sobre a aquisição e o significado da identidade/papel sexuais e suas implicações pessoais e sócio-culturais.

### 1. Os Resultados

De acordo com a análise categorial efetuada, cujo processo é apresentado em pormenores no Anexo 3, pudemos observar alguns aspectos significativos da visão de mundo do jovem; em particular nos aproximamos do viés das idéias que constelam o seu pensar, no que concerne às diversificadas relações entre ele e as pessoas do sexo oposto. Foram também observadas as influências de terceiros sobre as atitudes e comportamentos do jovem nessa área.

Os três grandes temas organizadores do material constituído pela 'fala' do jovem, como vimos, foram: o desabrochar sexual, a formação-informação, e, o namoro.

As categorias destinadas a sondar a postura do rapaz, bem como a avaliar o significado de sua mensagem e de sua ação, foram também em número de três; mediante essas categorias procurou-se rastrear, captar, através do conteúdo dos discursos do jovem, tudo aquilo que revelasse as suas condutas referentes a: (1) 'machismo' versus anti-'machismo', (2) 'coisificação' versus personalização, e, (3) valoração positiva versus valoração negativa, valoração essa feita pelo jovem, da comunicação recebida de terceiros, pertinente ao seu encaminhamento sexual. Definições específicas bem como trechos visando exemplificar e permitir a compreensão adequada de cada uma destas categorias, podem ser encontrados no Anexo 3, após a seção Bibliografia, ao final deste trabalho.

Todo o longo processamento da análise categorial propriamente dita, está registrado, pormenorizadamente, no Anexo 3 já mencionado.

Os resultados obtidos mostraram a existência de condutas em geral coerentes e consistentes por parte do jovem. Coerentes por revelarem que, por exemplo, ele, ao assumir uma postura 'machista', quase sempre optou também por uma atitude 'coisificadora'; consistentes, por explicitarem uma permanência, uma continuidade, de condutas do mesmo estilo, em inúmeras e variadas situações.

Observemos o quadro nº 1 a seguir, síntese final do acurado processo de Análise de Conteúdo, cujas etapas e pormenores são objeto de explicação do Anexo 3, apresentado nas últimas páginas do presente trabalho. Tal quadro apresenta um resumo numérico dos resultados obtidos pela análise categorial procedida em cada um dos três temas, cujo conteúdo foi analisado pormenorizadamente, trecho a trecho.

QUADRO 1

VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DO JOVEM E SUA RELAÇÃO COM AS CONDUITAS DE 'COISIFICAÇÃO', 'MACHISMO' E COMUNICAÇÃO VALORADA

ESCALA DE AFERIÇÃO	TEMA: O DESABROCHAR SEXUAL		TOTAL DE OCORRÊNCIAS		TEMA: FORMAÇÃO / INFORMAÇÃO		TOTAL DE OCORRÊNCIAS		TEMA: O SIGNIFICADO DO NAMORO		TOTAL DE OCORRÊNCIAS		PERCENTAGEM ABSOLUTA							
	A INICIAÇÃO SEXUAL	AÇÃO PE DAGÓGICA	PAIS EDUCADORES	E RUA, RICA ESCOLA	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	RELATIVA %	NAMORO	SIGNIFICADO	NAMORO	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	RELATIVA %									
												AFETIVO-INTIMIDADES		COMUNICAÇÃO / ENCAMINHAMENTO						
CONDUITA 'COISIFICADORA'																				
SIM	23	+	39	=	62	68,1%	10	+	26	=	36	34,6%	11	+	07	=	18	37,5%	116	47,7%
NÃO	01	+	04	=	05	5,5%	01	+	02	=	03	2,9%	02	+	01	=	03	6,2%	11	4,5%
AMBIGUO / INDEFINIDO	02	+	03	=	05	5,5%	05	+	10	=	15	14,4%	04	+	02	=	06	15,5%	26	10,7%
INEXISTE	03	+	16	=	19	20,9%	28	+	22	=	50	48,1%	05	+	16	=	21	43,8%	90	37,1%
TOTAIS	29	+	62	=	91	100,0%	44	+	60	=	104	100,0%	22	+	26	=	48	100,0%	243	100,0%
CONDUITA 'MACHISTA'																				
SIM	19	+	34	=	53	58,2%	11	+	28	=	39	37,5%	09	+	09	=	18	37,5%	110	45,3%
NÃO	01	+	03	=	04	4,4%	01	+	02	=	03	2,9%	02	+	01	=	03	6,2%	10	4,1%
AMBIGUO / INDEFINIDO	05	+	04	=	09	9,9%	06	+	11	=	17	16,3%	02	+	05	=	07	14,6%	33	13,6%
INEXISTE	04	+	21	=	25	27,5%	26	+	19	=	45	43,3%	13	+	07	=	20	41,7%	90	37,0%
TOTAIS	29	+	62	=	91	100,0%	44	+	60	=	104	100,0%	26	+	22	=	48	100,0%	243	100,0%
CONDUITA VALORATIVA DA COMUNICAÇÃO / ENCAMINHAMENTO																				
SIM (VALORAÇÃO POSITIVA)	11	+	12	=	23	25,2%	03	+	25	=	28	26,9%	01	+	01	=	02	4,2%	53	21,8%
NÃO	06	+	11	=	17	18,7%	18	+	09	=	27	26,0%	02	+	00	=	02	4,2%	46	18,9%
AMBIGUO / INDEFINIDO	01	+	03	=	04	4,4%	07	+	10	=	17	16,3%	00	+	01	=	01	2,0%	22	9,1%
INEXISTE	11	+	36	=	47	51,7%	16	+	16	=	32	30,8%	23	+	20	=	43	89,6%	122	50,2%
TOTAIS	29	+	62	=	91	100,0%	44	+	60	=	104	100,0%	26	+	22	=	48	100,0%	243	100,0%

Verifica-se, pelo quadro em apreciação, que ocorrem algumas fortes concentrações de condutas do jovem, em pólos bem específicos de uma ou outra categoria. O total dos trechos avaliados é de 243 diferentes narrativas do jovem.

Façamos uma apreciação dos resultados, de acordo com cada um dos três temas. O tema desabrochar sexual teve 91 trechos; o de formação e informação, 104 trechos, e o tema namoro, 48; cada um desses subtotais teve seus trechos analisados, sucessivamente, por cada uma das três categorias: condutas 'coisificadora', 'machista', e, de valorização da comunicação-encaminhamento sexual.

A - A categoria conduta 'coisificadora'

A 'coisificação' mostrou-se presente em 62 trechos do tema desabrochar sexual, em 36 trechos do tema formação e informação, e, em 18 trechos do tema namoro. Opondo-se à 'coisificação', a personalização apareceu em apenas 05 trechos no desabrochar sexual, em 03, no tema formação e informação e também em 03, no tema namoro. Classificados como ambíguos ou indefinidos, oscilantes entre coisificação e personalização, houve 05 trechos no tema desabrochar, 15 naquele da formação e informação e 06 no tema namoro.

- Os totais de ocorrência dessa categoria no universo dos 243 trechos foram:
- (a) conduta de 'coisificação', 116 trechos (47,7% do total);
  - (b) conduta de personalização, 11 trechos (4,5%);
  - (c) conduta ambígua/indefinida, 26 trechos;
  - (d) inexistência de condutas 'coisificadora' e/ou personalizante, 90 trechos.

## B - Categoria conduta 'machista'

A conduta 'machista' revelou-se presente em 53 trechos do tema desabrochar, em 39 do tema formação e informação, e, em 18 daquele do namoro. A conduta anti-'machista' fez-se presente em 04, 03 e 03 trechos dos temas desabrochar, formação e informação, e, namoro, respectivamente. A conduta ambígua/indefinida relativa ao 'machismo'/anti-'machismo' apareceu em 09 trechos do tema desabrochar, em 17 daquele formação e informação, e, em 07 trechos do tema namoro.

Os totais de ocorrência dessa categoria no universo dos 243 trechos foram:

- (a) conduta 'machista', 110 vezes ( 45,3% do total);
- (b) conduta anti-'machista', 10 vezes ( 4,1% do total);
- (c) conduta ambígua/indefinida, 33 vezes;
- (d) inexistência de condutas 'machistas' e/ou anti-'machista', 90 vezes.

## C - Categoria conduta valorativa da comunicação-encaminhamento sexual.

A conduta que apresentou uma avaliação positiva da comunicação-encaminhamento, mostrou-se presente em 23 trechos do tema desabrochar, em 28 do tema formação e informação, e, em 02 daquele do namoro. A avaliação negativa da comunicação-encaminhamento apresentou-se em 17, 27 e 02 trechos, dos três temas acima citados, respectivamente. A conduta ambígua/indefinida relativa às avaliações positiva e negativa da comunicação-encaminhamento, apareceu em 04 trechos do tema desabrochar, em 17 do tema formação e informação e em 01 trecho do tema namoro.

Os totais de ocorrência dessa categoria no universo dos 243 trechos foram:

- (a) conduta de avaliação positiva da comunicação-encaminhamento, 53 vezes ( 21,8 % do total );
- (b) conduta de avaliação negativa da comunicação-encaminhamento, 46 vezes (18,9%);
- (c) conduta de avaliação ambígua/indefinida, da comunicação-encaminhamento, 22 vezes;
- (d) inexistência de condutas valorativas da comunicação-encaminhamento, 122 vezes.

Vale salientar que, decompondo o tema formação e informação nos dois subtemas que o constituem, encontramos uma revelação significativa em relação a esta última categoria: o subtema concernente às relações com pais e educadores obteve as seguintes avaliações, da comunicação-encaminhamento sexual: positiva, apenas 03; negativa: 18. Em contrapartida, o subtema concernente às relações com as demais pessoas, referente à 'rua', rica escola, contou com as avaliações positiva em número de 25 e negativa em número de 09. Note-se que, nos outros dois temas, basicamente não se abordam relações com os pais, e aí, tudo somado, houve 25 avaliações positivas e 19 negativas.

## 2- Comentando os resultados

Tudo indica que os relatos feitos em entrevistas conduzidas pelos próprios jovens, apresentaram uma extraordinária riqueza de relações acerca da sua concepção sobre o significado do homem e da mulher e da relação entre ambos, no mundo.

150

As três categorias elaboradas para avaliar a fala do jovem em toda a sua extensão, através da Análise de Conteúdo, obedeceram, a um único critério básico - a conduta do jovem -, embora contasse com dois pontos de partida distintos: a avaliação feita sobre o jovem, e, a avaliação feita pelo próprio jovem. O primeiro questiona se ele é ou não, 'coisificador' ou 'machista'; o segundo interroga se ele classifica como positiva ou negativa a mensagem emitida por terceiros e se a mesma mostra-se útil a seu encaminhamento afetivo-sexual.

Os inúmeros trechos dos relatos dos jovens foram distribuídos de acordo com o conteúdo específico sobre o qual versavam, nos três distintos temas: o desabrochar sexual, a formação e informação, e, o namoro.

Pela apreciação dos resultados brutos referentes à análise categorial, observa-se que o jovem de nossa pesquisa, entre 18 e 25 anos, residente na casa de seus familiares, revela-se nitidamente 'coisificador' e 'machista' no seu relacionamento com o sexo oposto; apresentou 116 trechos (47,7%) de seu discurso mostrando-se 'coisificador', contra apenas 11 trechos (4,5%) onde se mostra não-'coisificador', personalizante. Em 110 vezes (45,3% dos trechos) marcou uma posição 'machista', contra apenas 10 (4,1% dos trechos), anti-'machista'.

Por outro lado, quanto à valoração feita pelo jovem, da comunicação-encaminhamento sexual originada de terceiros, tivemos um resultado bruto que mostra um aparente equilíbrio: 53 trechos (21,8%) classificados como positivos e 46 (18,9%) como negativos. Dentro desse equilíbrio aparente, uma revelação significativa: tomemos como referencial os quadros 7, 8 e 9 apresentados no Anexo 3, bem como o final do quadro 1, inserido no presente capítulo.

As comunicações-encaminhamento oriundas dos pais e educadores, valoradas como positivas, totalizaram apenas 03 trechos no tema formação-informação, e nenhum trecho nos outros dois temas; ressaltamos que dentre os 03 trechos aqui nomeados, um deles (nº 134), na realidade, reflete a ação específica e, exclusiva, de um agente alheio a pais e educadores. No entanto, as comunicações oriundas de pais e educadores, classificadas como negativas, totalizaram 18 trechos dos quais apenas um (nº 106) não se refere diretamente a tais agentes, isso no tema formação-informação. Nos outros dois temas, do total das 28 comunicações classificadas como negativas, três delas (as de nº 15, 17 e 62) são devidas exclusivamente à ação dos pais e educadores; nesses mesmos dois temas, o total de comunicações positivas eleva-se a 50. Levando-se em conta a análise e as considerações ora expostas, podemos chegar à seguinte síntese: o total de comunicações-encaminhamento dos pais, alcança, efetivamente, 22 trechos dos depoimentos dos jovens, subdividindo-se aí em 02 comunicações positivas e 20 negativas; o total de comunicações-encaminhamento dos agentes da "rua" eleva-se, de fato, a 77 trechos, dos quais 51 classificados como comunicação positiva e 26 como negativa. Conclusão: acerca do assunto sexo, os agentes da "rua" têm muito mais que o triplo de intervenções que os pais e educadores (77 contra 22), além disso, enquanto que a "rua" teve praticamente 2/3 de suas intervenções classificadas como positivas para o encaminhamento sexual do jovem, os pais e educadores contam com 10/11 do total de suas comunicações, pertinentes ao encaminhamento sexual dos filhos, classificadas como negativas!

Para concluirmos a discussão dos resultados proposta pelo presente capítulo, só nos resta uma confrontação final entre os dados da fala do jovem, as perspectivas teóricas de Tucker & Money, e as sugestões provenientes dos resultados da Análise de Conteúdo. Fazemos isto por etapas: pais e educação, 'coisificação', e, amigos e 'machismo'.

## A) Pais e educação

Fator fundamental na estruturação do comportamento sexual do jovem, o binômio pais-educação merece uma análise especial.

Os relatos do jovem sobre o assunto, apresentam algumas denúncias, informações e idéias significativas:

- 10) Sobre os pais: - existe um processo de desinformação nos confrontos com os filhos: pode-se classificá-lo como um caminho, uma conduta e uma 'Pedagogia do Silêncio';
- inexistente qualquer realização explícita concernente à educação sexual, quer no lar quer nas instituições educacionais;
  - parece haver um desconhecimento e uma despreocupação em relação ao desencontro, na vida do jovem, entre a maturidade sexual e a sua autonomia econômico-financeira e profissional.
- 20) Sobre a educação: - 'pedagogas' improvisadas ou mulheres casadas e descasadas, inovadoras, provenientes de outra região, bem como amigos em geral, foram as pessoas que se revelaram mais sensíveis às necessidades de formação, informação e realização sexuais do jovem.

As colocações de Tucker & Money sobre o assunto não permitem dúvidas; eles afirmam:

- 19) A instauração dos padrões de comportamento sexual é um acontecimento muito precoce na vida do ser humano; estabelecem-se, provavelmente, bem antes dos 4/5 anos de idade, o que significa que os pais deveriam ser determinadamente super-atuantes; desde muito cedo, como educadores, no campo da sexualidade.
- 29) A educação sexual, presentemente, ou inexistente ou é apenas uma 'contra-educação', que edifica barreiras tão-somente, através da atuação da grande maioria dos pais e educadores. Além disso, nos poucos casos em que é levada a sério, começa tarde, pois, em geral tem início na puberdade dos filhos. As atitudes dos adultos, sobre o assunto, desestimulam qualquer jovem e dissipam qualquer possibilidade de confiança do jovem no adulto, no que concerne à educação sexual honesta e exaustiva.  
Em outras palavras, sexo-erotismo permanece tabu no seio da família. E o filho capta isso muito bem.
- 39) O contexto sócio-cultural do Ocidente sofreu algumas modificações radicais, pelo menos nas duas últimas décadas, no que concerne às opções de comportamento sexual para a juventude. Os avanços no campo do controle da natalidade e o retardamento na aquisição da autonomia econômico-financeira e profissional do jovem, estão a exigir reformulações das barreiras sociais dirigidas contra o exercício sexual dos jovens. Os pais e educadores devem refletir, repensar e reavaliar o assunto pois a justiça social para com os filhos exige modificações nesse campo.
- 49) Na educação sexual será preciso livrar os educandos, das prescrições culturais inconseqüentes; como por exemplo, a proibição

ção que impede as crianças de ter acesso às diferenças entre os órgãos genitais masculinos e femininos, bem como ao comportamento reprodutivo; os dois constituem-se na base mais firme possível para a elaboração dos esquemas sexuais orientadores do comportamento.

A Análise de Conteúdo levada a efeito através do sistema categorial, revelou que, das 21 comunicações-encaminhamento mais significativas feitas pelos pais aos filhos, apenas 03 delas foram valoradas pelo jovem como sendo positivas para o seu comportamento sexual; as outras 18 foram percebidas como negativas. Ao que parece é uma prova eloqüente de que as perspectivas teóricas de Money além de serem acertadas, são cabíveis à situação educacional da sexualidade dos jovens desta pesquisa.

#### B) 'Coisificação'

A 'coisificação' pode ser vista como um processo de atribuição do valor de um mero objeto, a uma pessoa humana, a alguém.

Na presente pesquisa, ao que tudo indica, a postura rotineira da quase totalidade dos jovens na primeira etapa de sua vida sexual com as parceiras ocasionais, revelou a existência quase que exclusiva de uma relação interpessoal desse tipo. Alguns comportamentos reveladores dessa 'coisificação' foram: o surgimento de necessidades pessoais inadiáveis de realização erótico-sexual; a satisfação da curiosidade por um assunto tabu: sexo; a escalada gradual das intimidades sexuais no namoro, de forma a 'curtir' sem provocar 'prejuízos'; a 'objetização', o uso de si ou de terceiros tais como prostitutas, 'programeiras', empregadas domésticas, mulheres casadas e descasadas inovadoras, etc.

155

Tucker & Money nas perspectivas teóricas já apresentadas, nos revelam que namorar e "juntar-se" são assuntos da alçada do cérebro e dos hormônios, muito embora sejam considerados como sendo assuntos de coração. Além disso, o cérebro constitui-se no mais potente dos órgãos sexuais humanos...por conseguinte, dá início ao funcionamento erótico humano.

Revelam ainda os autores em apreço, que a interação entre o equipamento biológico e os estímulos ambientais pode ampliar, equalizar ou reduzir as diferenças sexuais; em outras palavras, uma adequada educação sexual, ao invés de 'perverter' o jovem provavelmente amenizaria o comportamento de maciça 'coisificação' em que ele tem mergulhado de forma inconseqüente, a fim de realizar seus impulsos, e de aprender aquilo que, como autodidata, ele acha válido no comportamento sexual interpessoal. A omissão educacional pode estar sendo decisiva para a existência e manutenção de um comportamento sexual 'coisificador'.

A Análise de Conteúdo efetuada, mostra-nos, com clareza, que o jovem de nossa pesquisa é eminentemente 'coisificador'; em 116 trechos mostrou condutas de 'coisificação' e, em apenas 11 trechos revelou condutas opostas, isto é, de personalização, nos confrontos com pessoas do sexo oposto, em situações de envolvimento afetivo-sexual. Isto, tratando-se de jovens na faixa dos 20 aos 25 anos. Obviamente, o processo de 'coisificação' que aparentemente é fruto de impulsos irrefreados, tende a promover uma degeneração das relações interpessoais. Isso reforça a visão teórica de Money, de que é necessário e saudável uma adequada educação sexual dos filhos; isso tenderia inclusive a promover o estabelecimento de relações interpessoais melhor elaboradas e mais refletidas.

### C) Amigos e 'machismo'

Como última etapa para o fechamento desta discussão dos resultados, nos deteremos a analisar estes dois aspectos centrais da vida sócio-cultural do jovem: amigos e 'machismo'.

Os amigos constituem uma presença marcante na evolução dos comportamentos sexuais do jovem e desempenham um papel decisivo na sua iniciação sexual. Além disso, por vivenciarem a experiência comum de não contarem com a orientação dos pais para tais assuntos, formam um grupo solidário, entre si e com o jovem de nossa pesquisa. Prestam informações sobre erotismo e sexo e conferem ao jovem a formação, a modelação, de suas primeiras e decisivas experiências sexuais concretas de caráter interpessoal. A necessidade de auto-afirmação pessoal perante si e perante o grupo, bem como a busca de melhor definição de sua identidade/papel sexual masculino, o jovem as satisfaz tomando como ponto de referência os seus amigos.

Quanto ao 'machismo', refere-se ao amplo processo cultural que se exprime através da estruturação de uma concepção de mundo, de atitudes e comportamentos, os quais favorecem a predominância do sexo masculino em detrimento do feminino, no que diz respeito às atividades humanas de maior importância social; há privilégios conferidos ao macho da espécie e isto é socialmente aceito como sendo 'natural'. Na fala do jovem entrevistado foram bem representadas algumas expressões típicas dessa concepção de mundo, tais como: 'virar homem', 'mostrar que era homem', 'mais um degrau na escalada homem', 'servir-se de uma mulher como qual quer homem se serviria', etc. No mercado das desposáveis, estava 'em alta' a cotação da garota virgem, 'zero quilômetro', fato esse que é parte integrante da série de privilégios do 'macho'. A existência de uma 'dupla moral' na educação doméstica, endereçada

seletivamente a rapazes e moças, confirma, estimula e sedimenta o 'machismo' vigente na nossa cultura.

Nos depoimentos, são pouquíssimas as exceções ao 'machismo' bem como à 'coisificação'; mas existem; há entrevistas que revelam um ou outro jovem seriamente comprometidos com o senso de justiça e com a equivalência dos direitos entre as pessoas dos dois sexos; nelas desponta o jovem sensível que se mostra capaz de estruturar uma relação de pessoa para pessoa, dentro do campo sexual; nelas revela-se o jovem sensível, que amadureceu a exigência de fundir sexo-erotismo com sexo-afetividade dentro de um relacionamento estável.

Sobre o assunto, Patricia Tucker & John Money nos apontam o seguinte:

- 19) A identidade/papel sexual, se por um lado obedece mais ou menos aos critérios do estereótipo cultural do sexo específico do indivíduo por outro, reflete também os acontecimentos biográficos de sua própria vida, de seu corpo e sua personalidade. Isto significa que a interação social do jovem com os amigos, bem como as experiências sexuais concretas que estes lhe proporcionam, são fatos de grande significação para essa identidade/papel sexual.
- 20) Identidade e papel sexual não são duas coisas distintas; a identidade sexual é a experiência interna do seu papel sexual; o seu papel sexual é a expressão da sua identidade sexual; constituem uma unidade indissolúvel.
- 30) Os estereótipos culturais, constituem o elemento aditivo que mantém junta a sociedade; eles personificam os acordos gerais que possibilitam a cooperação dentro de qualquer grupo de pessoas. E os estereótipos sexuais, que são as definições da sociedade acerca do que significa ser homem ou mulher, per

sonificam o acordo geral referente aos papéis atribuídos a homens e mulheres. Os estereótipos sexuais formam a matriz em que os esquemas sexuais individuais foram moldados; em todo lugar onde os esquemas combinem com o estereótipo, o indivíduo ganha apoio da sociedade para o seu senso de identidade...em contrapartida, uma mudança no estereótipo tenderia a abalar o seu senso de si próprio.

Acerca de amigos e de 'machismo', a Análise de Conteúdo efetuada mostrou-nos que:

10) Relativos a amigos e demais agentes da 'rua', há um total de 77 trechos da categoria comunicação-encaminhamento sexual classificados como positivos ou negativos, nos três temas, de acordo com as conclusões da seção Comentando os Resultados, inserida no presente Capítulo. Desse total, 51 foram as avaliações positivas e 26 as negativas. Tais cifras denotam que os amigos têm significação para a vida do jovem; além disso elas oferecem pistas sobre o processamento da formação e informação sexual do mesmo. Por outro lado as mensagens dos amigos denotam gozar, sempre, de um valor destacado, que não está presente na apreciação das mensagens provenientes dos pais e educadores.

29) O 'machismo', de acordo com os dados obtidos através da análise categorial procedida na totalidade dos relatos do jovem, aparece como um ingrediente demasiadamente freqüente nas condutas e na visão de mundo da quase totalidade dos pesquisados. Enquanto as condutas anti-'machistas' de todos os relatos permearam 10 trechos dos depoimentos, os comportamentos caracterizados pelo 'machismo' elevaram-se à cifra de 110 trechos.

Portanto, o jovem de nossa pesquisa, ao que tudo indica, reflete, com este seu comportamento, a visão de mundo e a

lo que foi revelado, de forma bem clara, pela análise categorial aplicada aos dados do jovem, e que foi objeto dos comentários deste capítulo, poderá ser considerado um resultado pertinente para uma grande parcela dos jovens recifenses que esteja dentro do mesmo nível sócio-econômico dos entrevistados.

## CAPÍTULO VII - CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

Estamos nas últimas páginas do presente trabalho; ao longo dele, a análise da mensagem do jovem fez emergir novas e mais profundas revelações; destas, sequer o próprio jovem estava consciente ou delas suspeitava. Esse fato parece ter compensado fartamente todo o esforço da longa caminhada empreendida durante os vários meses de intenso trabalho dedicado aos resultados da pesquisa e suas implicações.

Sabemos que qualquer busca de solução a problemas humanos, para ser justa e legítima, deve procurar obedecer, incondicionalmente, a dois critérios: atender ao homem todo e a todos os homens; isso nos fez lutar incansavelmente por assumir uma postura crítica imparcial, que fosse honesta e respeitosa em relação a cada fato e pessoa analisados.

Queremos apresentar agora nossas conclusões sobre este trabalho; gostaríamos que elas se constituíssem em subsídio útil à análise crítica, reflexão e discussão das pessoas que nos lêem, especialmente pais, professores e educadores em geral, e em particular, dos jovens e das jovens.

Chegamos, pois, ao final deste trabalho; partimos de uma Pesquisa Qualitativa junto a um pequeno número de jovens - rapazes -, e a eles, a cada um pessoalmente, deveremos fazer chegar a presente versão desta obra, a fim de colhermos as suas possíveis críticas, apontadoras de erros e acertos; são eles a fonte legítima do material-núcleo deste trabalho, e por isso, em certo sentido, co-autores da obra; além do mais, sen

timo-nos no dever leal e amigo, de devolver-lhes, com a maior brevidade possível, um fruto que fundamentalmente nasceu deles.

Procuramos mostrar, através da Discussão dos Resultados apresentada nas páginas precedentes, uma síntese do emaranhado de problemas que envolvem uma significativa parcela de jovens pertencentes aos Setores Intermediários da sociedade recifense; os elementos geradores dessa teia de problemas relativos ao exercício sexual da juventude, parecem estar ligados, fundamentalmente, a fatores sócio-culturais. Tanto é assim que, diante dos resultados de nossa pesquisa, pode-se dizer que, os principais determinantes da concepção de mundo do jovem, em relação ao assunto sexo, são:

- 1 - os elementos culturais;
- 2 - a inércia social bloqueadora de mudanças;
- 3 - a inexistência de transmissores confiáveis, competentes e autorizados, que sejam difusores de informações significativas;
- 4 - a inexistência de comunicação interpessoal satisfatória entre pais e filhos;
- 5 - a existência de preconceitos sociais injustificáveis ( paralelos ao bloqueio ) contra o exercício sexual da juventude;
- 6 - a postura conservadorista das instituições ligadas à educação na sociedade;
- 7 - a rigidez da hierarquia da estrutura familiar, associada à cristalização dos papéis sociais dentro das relações intersubjetivas na família.

Façamos uma breve análise desses sete determinantes.

O primeiro item refere-se a alguns aspectos centrais da cultura local, relativos aos papéis sociais ( especialmente os papéis sexuais ) de homem e de mulher. Tais aspectos centrais da cultura local, apresentam-se, hoje, como sendo de coerência pelo menos duvidosa. Referem-se todos, aos estereótipos sexuais, aos modelos de homem e de mulher que os jovens mostram ter em sua própria cabeça, em sua concepção, em sua visão de mundo.

A sociedade geral, criou e sustenta padrões de comportamento bem definidos, que limitam o leque de opções das ações dos jovens.

Além do mais, pai e mãe são, respectivamente, os modelos de identificação e complementação para o filho; de complementação e identificação, respectivamente, para a filha. Da constante interação entre esses mecanismos de identificação e complementação, geram-se os esquemas sexuais ( esquema mesmo-sexo, esquema sexo-oposto) que irão definir a identidade/papel sexual dos filhos, no futuro. Conclui-se então que, o conjunto de condutas, atitudes, valores e visão de mundo, seja do pai que da mãe, terão influência direta sobre a estruturação desse mesmo conjunto, nos filhos. Pai e mãe têm, pois, grandes responsabilidades, na continuidade, ou não, da concepção machista de mundo, através de seus filhos e filhas.

O item (2) refere-se à inércia inoperante dos adultos; mostra a negligente e acomodada postura dos pais e educadores em relação a algumas das mais profundas e legítimas necessidades não-materiais dos jovens, no que concerne à educação sexual

destes últimos. Isso não nega, necessariamente, o desvelo, a atenção, a dedicação dos pais em relação aos filhos, nem seu firme desejo de educá-los satisfatoriamente para a sociedade que aí está; mostra, no entanto a grave lacuna educacional existente, de fato.

O item (3) refere-se à completa ausência de fontes efetivamente fidedignas, responsáveis pela veiculação de informes claros, concisos, precisos e confiáveis, sobre a temática da sexualidade; não basta o que aí existe de aproximativo: gravuras e fotos eróticas ou pornográficas de revistas proscritas, exploração da propaganda erotizada - para fins comerciais - nos meios de comunicação de massa, publicações altamente especializadas destinadas a um público-elite. Tudo indica que filhos (e também pais e educadores) como esses por nós entrevistados, precisam ter à sua disposição, material que os ajude a conhecer - e a refletir sobre - a interdependência e correlação entre vida afetiva e erotismo; entre sexo-prazer, sexo-jogo, sexo-diversão e lazer, por um lado, e sexo procriativo, jogos amorosos, expressões de carinho, romantismo, relações intersexuais sadias, convivência a dois honesta e prazerosa, por outro. Nesse sentido, torna-se indispensável, para libertar a mente do jovem dos erros, decepções, pavores e opressão que o afligem:

- a) desvincular a obrigatoriedade de procriação, do prazer do ato em si, relativos à relação sexual;
- b) difundir as informações e propiciar a possibilidade de acesso ao uso dos meios anticoncepcionais disponíveis, para o maior número possível de pessoas - homens e mulheres - interessadas;
- c) difundir informações sobre o significado das relações sexuais humanas. Mostrar as implicações possíveis entre a comunicação sexual - talvez a

mais profunda das comunicações humanas - e o enriquecimento mútuo das pessoas aí envolvidas bem como o de sua relação interpessoal. Nesse sentido, mostrar como a vinculação estreita entre afeto e intimidades sexuais, é a condição indispensável, para que não se reifique nem desumanize aquilo que é tipicamente humano, nem se proceda de modo a transformar o (a) parceiro (a) em simples objeto de uso.

O item (4) expressa a inexistência de diálogo entre pais e filhos, ao longo de toda a extensão da vida familiar, no que tange às questões intimistas. Convém salientar que diálogo quer dizer diálogo, diferente pois de conversas, papos, conselhos, indicações, prescrições, comandos, cobranças, etc.

O quinto item aborda a persistência de preconceitos sociais injustificáveis, contra o reconhecimento e a validação do exercício sexual da juventude (pessoas solteiras); sonega-se, dessa forma, ao jovem, esse direito humano inalienável. Alguns desses preconceitos aparecem em expressões tais como:

- sexo é sacanagem;
- sexo é safadeza;
- sexo é coisa feia;
- sexo é coisa suja;
- sexo causa nojo;
- deflorar uma jovem solteira, 'de família', é fazer sujeira (é lama, desgraça);
- engravidar moça solteira, 'de família', é sujeira; etc.

O item (6) notifica a postura decididamente conservadora, assumida pelos órgãos e instituições, oficiais ou não, responsáveis pela educação dos jovens. Trata-se de uma postura

que valoriza, estimula e favorece a perpetuação da 'Pedagogia do Silêncio' adotada pelos pais e educadores. A omissão da instituição escolar no tocante à educação sexual da juventude, mostra-se como fato fora de dúvidas, em todos os depoimentos dos jovens.

O sétimo e último item, refere-se à relativa rigidez da hierarquia da estrutura familiar, associada à cristalização dos papéis sociais, no campo das relações interpessoais familiares; há na família, os que mandam, e são mandam, e há os que são comandados; estes, devem aprender a satisfazer-se com o que lhes é oferecido e explicado - ou sonogado - por quem lhe está acima, na hierarquia; devem evitar perguntas e questionamentos profundos e exigentes sobre o assunto, pois isso, provavelmente, deixaria seus genitores pouco à vontade, chocados ou embaraçados. Tais fatos tendem a eliminar qualquer chance de aprofundamento sobre assuntos de intimidade sexual, entre pais e filhos.

São esses, os sete determinantes principais, a nosso ver, de toda a complexa trama de problemas relativos à sexualidade dos jovens entrevistados.

O que nos conduziu aos determinantes em apreço foi por um lado, a observação direta da mensagem dos temas, e por outro, o processamento dos dados através da Análise de Conteúdo que, teve no seu sistema categorial o núcleo avaliativo das condutas e atitudes manifestadas pelo jovem através de seu discurso. As categorias tiveram por objetivo definir, no núcleo dos depoimentos apresentados, se o jovem, nos confrontos com o sexo oposto, comportava-se como:

- a) anti-'machista' ou 'machista',
- b) personalizador ou 'coisificador', e,
- c) conferidor de significado positivo, ou

negativo, às comunicações de terceiros.

Foi através desse conjunto de categorias, que se conseguiu chegar a compreender implicações muito significativas relativas à vida sexual do jovem.

Mediante tais categorias pôde-se compreender a trajetória da formação afetivo-sexual do rapaz. A ausência de uma educação sexual, pelo menos no lar, que fosse manifesta, explícita e digna desse nome, o deixou entregue à própria sorte - ao deus dará -, no desabrochar dos vigores sexuais da puberdade, adolescência e juventude inicial. Encontrando, no entanto, o apoio, instrução, incentivo, assistência e o desafio, dos amigos, do grupo ou de pessoas extra-lar, o jovem realizou a sua iniciação sexual, por vezes 'com sucesso', por vezes aos trancos e barrancos; e depois dela, em geral, multiplicou suas experiências de relações íntimas com mulheres. A partir daí, a grande maioria dos jovens parece ter dissociado o erotismo, da afetividade, passando a estruturar cada um destes polos como instância independente e isolada em relação ao outro. Além disso, por ser suscetível à influência da concepção social vigente - em que o exercício sexual é visto apenas como erotismo e conceituado como safadeza, pouca-vergonha, coisa feia, etc. - o jovem passa a perceber a mulher como simples objeto para uso sexual, e a proceder de acordo com essa sua percepção.

Dessa forma, à revelia de qualquer decisão consciente ou refletida, o jovem passa a dar a sua parcela pessoal para perpetuar a discriminação-opressão sexual contra a mulher; esta, indevidamente inferiorizada em relação ao homem, ao jovem, passa a ter socialmente menos direitos sexuais, ficando constantemente vulnerável à difamação e à condenação social, bem como obrigada a uma postura passiva.

É bem verdade, que seria fato admissível a caracterização do jovem como indivíduo 'coisificador', quando da fase de completamento da definição biológica, que confere estrutura e funcionamento sexual adultos a seu corpo, em plena adolescência. O funcionamento biológico, especificamente o hormonal, cria fortes exigências (confrontar Tucker & Money) que o conduzem a um comportamento instrumental, onde se inclui até mesmo o uso e a 'coisificação' do próprio corpo, bem como o uso daqueles de quem o jovem encontrar disponíveis para tal fim. Trata-se de um irromper biológico, impulsivo e irrefletido. No entanto, a persistência de tal comportamento por anos e anos na vida do jovem (e decerto de incontáveis adultos!), revela uma formidável deficiência de amadurecimento a nível pessoal e social, devida, certamente, a graves omissões educacionais. É o 'adolescentismo sexual' perpetuado na vida de indivíduos, de pessoas, que, de certa forma, neste aspecto, permaneceram 'subpersonificadas'; daí não conseguirem libertar-se do relacionamento intersubjetivo 'coisificador', 'objetizador'. Eis aí, talvez, parte das 'sólidas' bases do 'machismo' cultural que alimenta o comportamento 'coisificador' e que é por ele retroalimentado. À sua raiz, o 'machismo', revela a existência dessa concepção a ele associada, que reduz à categoria de coisa, as pessoas. Tudo isso pode ser claramente observado nos resultados da presente pesquisa.

Mais ainda: os pais bem como os educadores de todos os níveis, revelaram-se omissos em sua tarefa de esclarecer e situar adequadamente o jovem, acerca da sexualidade e de todas as suas principais implicações. De acordo com a pesquisa, as comunicações e as mensagens valoradas como positivas, de pais/educadores, foram mínimas e bem pouco significativas na vida do jovem; e isto salta aos olhos quando se comparam ao número e à incisividade das mensagens positivas provenientes de elementos pertencentes à 'rua': grupos, colegas, parceiras. De fato, as comuni

cações e mensagens de maior relevo, de mais profundidade e significado para a vida e o relacionamento sexuals do jovem foram as provenientes do seu universo tido como extra-educacional. Ora, que tipo de relacionamento nessa área é passível de aprendizagem, através do grupo de iguais ou das 'profissionais' do sexo, etc., a não ser exatamente aquele 'coisificador'? Como então livrar-se de uma concepção 'machista' das relações entre os dois sexos, e da mentalidade 'coisificadora', se não se tem a opção de poder parar nem se conta com a disponibilidade efetiva de alguém qualificado com quem, ao parar, poder dialogar, refletir, debater, avaliar, definir e redefinir os valores da vida, da existência do ser, da pessoa, do indivíduo, do sujeito, da sociedade, da cultura, da coerência, da lealdade, da beleza, do prazer, do respeito, da responsabilidade e do sexo? Será que é válida a filosofia do 'deixa acontecer', do deixar aprender a realizar-se sexualmente 'ao deus-dará', da 'Pedagogia do Silêncio', no que se refere a sexo? Será mesmo esse, como muitos pais advogam, o caminho natural das pessoas? Ou se constituirá num caminho natural tão-somente da espécie animal, exigindo-se algo mais, de significado cultural, na estruturação do comportamento sexual de pessoas, de gente? Por que motivo então, a grande maioria dos pais se omite?

A resposta a tudo isso é uma só: é preciso mudar. A educação tem que redefinir suas perspectivas, suas estratégias, seus objetivos e sobretudo assumir de fato, as graves responsabilidades que lhe competem nesse campo. Segundo Tucker & Money, é efetivamente saudável e necessário que os jovens desenvolvam seu conhecimento e seu exercício sexuals; no entanto vemos que isto não pode ser realizado seriamente se os pais e educadores, como representantes da sociedade, não se engajarem no processo, de forma a conferir-lhe significado e valor; dessa forma seria possibilitada ao jovem a oportunidade de estruturar um comportamento sexual personificador e anti-'machista', rico ao mesmo tempo, de erotismo e afetividade, de prazer e amizade. Em outras palavras:

o lado biológico tem suas justas exigências a partir do despertar sexual, mas ao ser humano, enquanto pessoa, cabe uma responsabilidade também num outro nível, aquele cultural, mediante o qual deverá encaminhar, adequadamente, a realização sexual dos jovens, exatamente enquanto pessoas.

Eis aí, em síntese, o núcleo dos resultados obtidos neste trabalho.

Nestas linhas de encerramento, gostaríamos de expressar uma daquelas idéias a nós mais caras; idéia que se explicita em algumas considerações, diretamente afetas à maior parte dos leitores potenciais desta obra: aos pais e educadores, exceção feita a nenhum deles.

É mister que se inicie o despertar de pais e educadores para uma crítica e autocrítica acerca de seu papel social. Faz-se necessário sondar e pesquisar a fundo as razões dos comportamentos divergentes e rebeldes de muitos jovens de hoje; precisa-se evitar o simplismo de tentar justificar tais comportamentos, fundamentalmente, mediante razões de ordem biológica, emocional ou circunstancial. De fato, com justificativas do gênero, mostra-se uma postura ingênua, que não consegue captar as implicações sócio-culturais do contexto, acomodando-se assim a uma posição não questionadora em relação aos modelos culturais e às relações sociais vigentes. Toda revolta, rebeldia, protesto e indisciplina, traz em sua raiz um inconformismo com alguma relação interpessoal ou social insatisfatória, injusta, discriminativa ou opressora. Nesse sentido, é muito provável que o distanciamento e as divergências, hoje tão frequentes entre os jovens e seus pais, devam-se, em grande parte, ao protesto e revolta - nem sempre conscientes - dos filhos. Ao se sentirem solapados nos seus direitos mais elementares - direito ao conhecimento honesto dos fatos sexuais, ao diálogo com aqueles que lhe deram a

vida, a um m̃nimo de educaçãõ sexual responsãvel - os jovens nãõ poderiam deixar de reagir, mesmo que disto, repetimos, nãõ estejam conscientes. E reagem, lançãdo mãõ da energia de que dispõem e das tẽcnicas de que sãõ capazes. Fica, pois, aqui, o nosso alerta, a respeito.

Cumpre-nos esclarecer que este trabalho, embora tendo se limitado a um pequeno nũmero de sujeitos, goza do privilẽgio de ter seus resultados generalizados a uma grande parcela dos jovens recifenses do mesmo nũvel sũcio-econõmico dos entrevistados; estes, mostraram-se representantes significativos dos Setores Intermediãrios da populaçãõ, apresentando entre si, em seus depoimentos, uma ampla faixa de comportamentos e atitudes efetivamente coincidentes.

Ao chegarmos ao final deste trabalho, cabe frisar que nãõ estamos lançãdo nenhum veredito de condenaçãõ aos educadores em geral, especialmente aos pais. O ato de condenar requeria a existẽncia de culpa, e esta implicaria em clara consciẽncia e deliberaçãõ em executar graves ações ou omissões que ferissem os direitos de outrem; e nũs preferimos insistir em crer na boa fẽ de muitos pais e educadores, vendo-os, portanto, apenas como responsãveis dos males educacionais dos filhos.

O que desta obra ecoa, isto sim, ẽ um grande alerta para que tais adultos saiam do marasmo educacional que os impede de mudar para melhores rumos, a vida sexual de seus filhos e educandos, e, de certa forma, de toda a sociedade.

È bem provãvel que sejam os pais, os maiores responsãveis pelo estado calamitoso da educaçãõ sexual dos jovens do nosso tempo, embora, de certa forma, a responsabilidade pelo mar de falhas ocorrido atẽ hoje, deva ser atribuĩda a todos - com rarĩssimas exceções - os membros da sociedade; obviamente, cabendo a

cada um, parcelas específicas e desiguais dessa responsabilidade. Talvez as crianças e os jovens sejam os únicos isentos das responsabilidades educacionais de sua própria formação; na pior das hipóteses caber-lhes-ia uma das menores parcelas desse fardo!

Esperamos que a presente reflexão tenha contribuído para iluminar o problema em apreço; se assim o foi, devemos salientar que, aos pais e educadores que nos lerem, caberá fazerem uma opção bem definida, consciente e deliberada entre duas alternativas: ou continuar a praticar a 'Pedagogia do Silêncio', ou partir em busca de novos caminhos educacionais. E a opção por qualquer destas alternativas, implicará, doravante, não apenas em simples responsabilidade pessoal, mas em culpa assumida, no primeiro caso, ou em compromisso de aperfeiçoamento, no outro; se param-se, a partir daí, os pais deliberada e conscientemente omisso e conservadores, por um lado, e por outro, os pais engajados na instauração de uma maior justiça em prol dos jovens.

Chegou o momento de perguntar: onde fica então a responsabilidade do jovem?

Situa-se ela, não nas falhas do passado, mas na construção do futuro, futuro esse que já começou. Acreditamos ser ela, mais grave que a responsabilidade inicial de seus pais, trazendo consigo sérios questionamentos ao jovem; é com tais questionamentos que desejamos encerrar estas conclusões:

- 1 - O que vão construir eles, para as gerações de jovens - eles e elas - do futuro próximo?
- 2 - Serão capazes de quebrar o círculo vicioso da omisso educação sexual no lar - educação essa à base da 'Pedagogia do Silêncio', e que passa de pai para filho, desde tempos imemoráveis - quando eles próprios chegarem a ser pais?

- 3 - Ousarão tomar consciência dos aspectos 'coisifi-  
cadores' e 'machistas' de sua conduta, de sua  
concepção de mundo e da visão do relacionamento  
intersexual? Serão capazes de uma autocrítica  
transformadora?
- 4 - Ousarão começar desde já a luta metódica pela  
derrubada dos preconceitos e discriminações so-  
ciais que oprimem a mulher, que geram a 'dupla  
moral', e, que segregam a sexualidade? Terão a  
coragem de renunciar aos privilégios 'machistas'?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

- BARDIN, Laurence. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF, 1977.
- BARROS, Frederico & MODENESI, Rui. *Pequenas e médias indústrias*. Rio: IPEA/INPES, 1973.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas sociológicas; uma visão humanística*. 4. ed. Trad. Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1978. 204 p.
- FALCONNET, Georges & LEAFAUCHEUR, Nadin. *A fabricação dos machos*. Trad. Clara Ramos. Rio: Zahar, 1977. 214 p.
- FERRUA, Leila H. *Educação sexual: análise crítica de uma experiência*. (Dissertação de Mestrado). Campinas: Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980.
- GALLATIN, Judith. *Adolescência e individualidade*. Trad. Antonio Carlos Amador Pereira e Rosane Amador Pereira. São Paulo: Harbra, 1978. 397 p.
- GIKOVATE, Flavio. *O instinto do amor*. 3. ed. São Paulo: MG Editores Associados, 1980. 144 p.
- \_\_\_\_\_ *Você é feliz?; uma nova introdução ao narcisismo*. São Paulo: MG Editores Associados, 1978. 129 p.
- GOLDBERG, Maria Amélia A. & FRANCO, Maria Laura P. *Análise de conteúdo: notas metodológicas*. São Paulo: 1980. 39 p. Mimeografado.

- GUERIN, Daniel. *Um ensaio sobre a revolução sexual*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Brasiliense, 1980. 192 p.
- LIMA, Delcio Monteiro de. *Comportamento sexual do brasileiro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.
- MCCARTHY, Barry. *O que você ainda não sabe sobre a sexualidade masculina*. Trad. Luiz Roberto S.S. Malta. São Paulo: Summus Editorial, 1977. 234 p.
- MONEY, John & TUCKER, Patricia. *Os papéis sexuais*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Brasiliense, 1981. 205 p.
- PFROMM NETTO, Samuel. *Psicologia da adolescência*. 7.ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1979. 420 p.
- RIBEIRO, Darcy. *O dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 273 p.
- RUBIN, Isadore & KIRKENDALL, Lester A. *Sexo e adolescência*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1968. 261 p.
- STAKE, Robert E. Uma subjetividade necessária em pesquisa educacional. In: Goldberg, Maria Amélia Azevedo & Prado de Souza, Clarilza (Org.) *Avaliação de programas educacionais*. São Paulo: EPU, 1982.
- ULHOA, Maria José Carneiro. *Características do comportamento do adolescente brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1974. 135 p.

Artigos e periódicos

- BERGE, André. *La iniciación sexual e su historia*. In: Janus. Paris : 2:51-56, jul-set 1965.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Uma incursão pelo lado "não-respeitável" da pesquisa de campo*. Trabalho apresentado na reunião do grupo de trabalho cultura popular e ideologia política, IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: 1980. 26 p. Mimeografado.
- CARELLI, Wagner. A prática adolescente. *Isto é*, São Paulo : 38-42, 16 abr. 1980.
- COMO eles transam. *Isto é*, São Paulo: 28-34, 17 mar. 1982.
- FERREIRA, Tonico. Joga pedra no Gabeira. *Movimento*, São Paulo: 332:17, 09 a 15 nov. 1981.
- GIKOVATE, Flavio. Os rapazes, o sexo e o medo de amar. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 27, 11 ago. 1981.
- GRACIANO, Marília e outros. Percepção social em crianças: estereótipos sexuais na percepção da família. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: 21: 16-39, jun. 1977.
- KENISTON, Kenneth. Youth: a "new" stage of life. In: *Annual editions readings in human development*, 1973-1974. Guilford : Dushking Publishing Group, 1973.

KITWOOD, Tom M. On values and value-systems: evidence from interviews with adolescents. In: *Educational Research*. USA:18 (3): 223-231, s/d (após 1976).

PINTO, Carlos C.C. & FREITAS, Luiz A.P. de. Relatório oficial : adolescência normal e patológica. *Abertura*, Rio de Janeiro : 1:14-20, abr-mai 1977.

SAMPAIO, Dario e outros. Psicologia da intersexualidade humana . In: *Ciência e cultura*, São Paulo: 33(7): 911-919. 1981.

WEREBE, Maria José Garcia. Estudos sobre a sexualidade do adolescente: análise e crítica. *Ciência e cultura*, São Paulo: 31 (4): 373-381, abr. 1979.

---

*Population et sexualité*. Santiago , UNESCO (sous presse), s/d.

---

*Principaux courants d'étude de la sexualité humaine*. *Bulletin de psychologie*, Paris: 348 (34) : 137-151, nov. 1980.

A N E X O S

1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

2 - FORMULÁRIO PARA O JOVEM

3 - O PROCESSAMENTO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

F A S E I

SENSIBILIZAÇÃO

Sujeitos: jovens recifenses do sexo masculino

O B J E T I V O S	I T E N S
<p>A - Informar o entrevistando:</p> <p>1º) sobre as reais intenções da entrevista;</p> <p>2º) sobre o sigilo que cercará o depoimento do entrevistando;</p> <p>3º) sobre a liberdade de o entrevistando aderir ou não à proposta de entrevista;</p> <p>4º) sobre a base de confiança recíproca, sem o que será impossível a co-participação na tarefa, e esta acabará por tornar-se mero exercício de "bisbilhotice científica";</p>	<p>1º) O entrevistando será informado de que haverá um mínimo de três sessões, todas elas gravadas (ou escritas); ele escolherá o local para realizá-las, bem como definirá se prefere gravar na presença do entrevistador; gravar a sós ou simplesmente escrever os textos e os entregar ao entrevistador.</p> <p>2º) O entrevistando receberá garantia total de que seu nome jamais será ligado à fita gravada (ou ao texto escrito) e que esta(e) já mais será exibida (o) a pessoas que possam identificá-lo.</p> <p>3º) O entrevistando será informado de que ele é livre de não se obrigar a "rasgar o coração" da sua intimidade e ter que dizer, com exatidão, fatos acerca da sua sexualidade. Pode recusar participar destas entrevistas bem como desistir delas a qualquer momento do processo. No entanto, no caso de aceitar participar, estará se comprometendo a falar sobre as verdades de sua vida mais íntima e pessoal, narrando com precisão os fatos de sua vida sexual.</p>
<p>PRESSUPOSTOS</p> <p>"A ciência do homem deve atribuir-lhe a plena posse dos poderes pessoais. Em relação a valores deve trabalhar com uma concepção do respondente, segundo a qual ele é ativo, perceptivo e autônomo em situações de pesquisa." (Kitwood)</p>	

R O T E I R O D E E N T R E V I S T A

F A S E I (continuação)

SENSIBILIZAÇÃO

Sujeitos: jovens recifenses do sexo masculino

O B J E T I V O S	PRESSUPOSTOS	I T E N S
<p>59) sobre a indispensabilidade de que entrevistado e entrevistador se "orientem" mutuamente, pois, estão construindo uma obra comum.</p>		<p>49) O entrevistando será solicitado a preparar-se para as fases II e III da entrevista, recebendo suas questões com dois dias, no mínimo, de antecedência;</p>
<p>B - Esclarecer ao entrevistando o tipo de relação prevista para todo o decorrer da entrevista:</p>		<p>59) O entrevistando terá informações claras sobre a diferença entre ser <u>ENTREVISTADO</u> e ser <u>ENTREVISTANDO</u>. Neste último caso ele será também responsável pela condução e sucesso da entrevista.</p>
<p>19) a Ciência, em nome da qual se fazem inúmeras pesquisas, inclusive esta, não é a única depositária da verdade; não é a Deusa Verdade;</p>		
<p>29) na pesquisa, o entrevistador é alguém a busca da verdade particular de cada entrevistado. É alguém que precisa da colaboração dos outros;</p>		
<p>39) é conveniente, pois, que se estabeleça uma relação de solidariedade entre o entrevistador e o entrevistando; não pode haver nem superior nem subalterno. Trata-se de uma relação entre iguais;</p>		



O B J E T I V O S	PRESSUPOSTOS	I T E N S
<p>A - Identificar sabores e dissabores na vida sexual do jovem entrevistando.</p> <p>B - Relacionar esses sabores e dissabores com a concepção que o jovem tem de seu papel frente ao sexo oposto.</p>	<p>Na "paquera" já se revela o <u>estilo</u> típico de relacionamento interpessoal de cada jovem:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- o oportunista,</li> <li>- o "Boa Pinta",</li> <li>- o "João Bobo" (o romântico), e</li> </ul>	<p>( A ser aplicado após a conclusão da narrativa do depoimento do jovem)</p> <p>19) Você agora vai fazer um jogo interessante. Chama-se "CURTEGRAMA". Consiste em descobrir na sua vida sexual tudo aquilo que você, a nível de ações:</p> <p>A - "CURTE", MAS NÃO FAZ;            B - "CURTE" E FAZ;            C - "GRAMA" E NÃO FAZ;            D - "GRAMA", PORÉM FAZ.</p> <p>20) Agora, vamos pensar especificamente naquelas experiências que:</p> <p>A - você "curte" mas não faz. Por que não?            B - você "grama" porém faz. Por que faz?</p>
<p>OBS.: O termo "CURTEGRAMA" pretendia expressar os pólos opostos gostar desgostar. A expressão "curtir" logo foi compreendida pelos entrevistados; no entanto, a expressão "grammar" mostrou-se inadequada, pouco compreensível e obscura, para eles. Por essa razão, ao se falar de "curtegrama" e de "grama", durante as abordagens aos entrevistados, procurou-se sempre recorrer a sinônimos, a fim de se evitar equívocos.</p>		

F O R M U L Á R I O P A R A O J O V E M

ÁREAS (I, II...)	VARIÁVEIS (A,B,...)	Q U E S T Õ E S
<p><b>I - DADOS PESSOAIS</b></p>		
<p>A - <u>Características individuais</u></p>		<p>1) Idade: _____ anos</p>
<p>B - <u>Influências culturais</u></p>		<p>2) Tem religião? Sim ( ) Não ( ) Qual? _____</p> <p>3) Caso você abrace uma religião, você se classifica entre os:</p> <p style="margin-left: 40px;">a) mais praticantes ( )</p> <p style="margin-left: 40px;">b) medianamente praticantes ( )</p> <p style="margin-left: 40px;">c) pouco praticante ( )</p> <p style="margin-left: 40px;">d) não-praticante ( )</p> <p>4) Local de residência (bairro e cidade): _____</p> <p>Obs.: Ver questão nº 38.</p>
<p><b>II - VIDA PROFISSIONAL</b></p>		
<p>A - <u>Trabalho</u></p>		<p>5) Trabalha, profissionalmente? Sim ( ) Não ( )</p> <p>6) Onde, em que? _____ _____</p> <p>7) Quantas horas por semana? _____ horas.</p> <p>8) Cargo ou função: _____</p> <p>9) Quantas pessoas trabalham na sua mesma sala? _____</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	QUESTÕES
<p>B - <u>Outras fontes de apoio financeiro</u></p>	<p>10) Quantos homens, dentre elas?</p> <p>11) E quantas são as jovens, no seu ambiente de trabalho? _____</p> <p>12) De que outras fontes de receita financeira você dispõe? _____ _____</p> <p>13) Poderia dizer, a quanto equivale, em salários mínimos, a sua receita global por mês? _____ _____</p> <p>14) A que atividades profissionais se dedicam seus pais: PAI: principal= _____       secundária= _____ MÃE: principal= _____       secundária= _____</p>
<p>III - VIDA ESCOLAR</p> <p>A - <u>Trajetória escolar</u></p>	<p>15) Principais instituições onde você estudou:</p> <p>a) 1º grau: _____ _____ _____</p> <p>b) 2º grau: _____ _____ _____</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS

Q U E S T Õ E S

c) 3º grau: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

16) Nome da instituição em que você estuda atualmente: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

a) Série/Período/Ano: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

17) Cidade e bairro onde ela se localiza: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

18) Sua escola/faculdade é paga?

Sim ( ); Não ( )

a) Quanto é a mensalidade? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

19) Por quem ela é paga? \_\_\_\_\_

20) Quem paga as outras despesas de seus estudos (livros, cadernos, etc.)? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

21) Você faz algum outro curso além desse acima descrito? Sim( ); Não( )

22) Qual(quais)? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

23) Qual o custo mensal desse(s) ou tro(s) curso(s)? \_\_\_\_\_

ÁREAS/VARIÁVEIS	Q U E S T Ő E S
	<p>24) Quem paga esse(s) curso(s)? _____            _____</p> <p>25) Tem você algum título acadêmico?            Sim ( ); Não ( )            a) Qual? _____</p>
<p>B - <u>Repetência</u></p>	<p>26) Já repetiu alguma série escolar?            Sim ( ); Não ( )            a) Qual (quais)? _____            b) Por que? _____            _____            _____</p>
<p>C - <u>Evasão</u></p>	<p>27) Alguma vez, você já interrompeu            seus estudos regulares?            Sim ( ); Não ( )            a) Durante quanto tempo? _____            _____            b) Por que? _____            _____            _____</p>
<p>D - <u>Rendimento</u></p>	<p>28) De um modo geral, durante este            ano, qual tem sido a sua posição            em relação aos seus colegas de            classe, no que diz respeito ao            seu rendimento escolar?</p> <p>a) Entre os mais adiantados ( )            b) Entre os medianamente adiantados ( )            c) Entre os medianamente atrasados ( )            d) Entre os mais atrasados ( )</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	Q U E S T Õ E S
<p>E - <u>Escolha profissional</u></p>	<p>29) Considera-se você como um jovem que já tem uma profissão definida? Sim ( ); Não ( )</p> <p>30) Qual profissão? _____ _____</p> <p>31) Considerando as principais profissões que você conhece, qual dentre elas você gostaria de exercer? _____ _____</p> <p>32) Por vezes uma pessoa não pode seguir exatamente a carreira que deseja. Você, considerando fatores como tempo, dinheiro, oportunidade, etc., que carreira vai seguir em sua vida, se quiser ser bem realista? _____ _____</p>
<p>IV - VIDA SOCIAL E AFETIVA</p> <p>A - <u>Relações interpessoais</u></p>	<p>33) Com relação à sua vida social, de que ambiente você gosta? Frequentou você esses ambientes? Quantas vezes?</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS

QUESTÕES

A-GOSTA

B-FREQUÊNCIA NOS  
ÚLTIMOS 12 MESES

C-NÚMERO DE  
VEZES

- a) Festas em Clubes S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_
- b) Festas em resi  
dências S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_
- c) Outras festas S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_
- d) Curtir um barzi  
nho S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_
- e) Curtir cantores  
e conjuntos ao  
vivo (auditórios,  
restaurantes, etc.) S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_
- f) Curtir música,  
cantando numa ro  
da de amigos S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_
- g) Frequentar qua  
dras e estádios  
para apreciar es  
portes S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_
- h) Outros: \_\_\_\_\_ S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ S ( ) N ( ) \_\_\_\_\_

B - Amizades

- 34) Considera-se você, participante de algum grupo de amigos? Sim ( ) Não ( )
- 35) De onde provêm os seus maiores amigos?
  - a) da vizinhança ( )
  - b) da escola ( )
  - c) do clube ( )
  - d) de outros lugares ( ) -Quais: \_\_\_\_\_

36) Indique seus melhores amigos(as) pelo nome, obedecendo a ordem decrescente de amizade, e notificando sua respectiva idade:

- a) \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_
- b) \_\_\_\_\_ " \_\_\_\_\_
- c) \_\_\_\_\_ " \_\_\_\_\_
- d) \_\_\_\_\_ " \_\_\_\_\_
- e) \_\_\_\_\_ " \_\_\_\_\_

37) Indique a "classe social" em que, segundo a sua visão, eles(as) se situam:

- a) Alta ( )
- b) Média ( )
- c) Baixa ( )

"SUBCLASSES"

- a) Mais alta ( )
- b) Mediana ( )
- c) Mais baixa ( )

Notificar tudo isso na última coluna do quadro precedente, pertencente ao item nº 36.

38) Em que "classe social" você admite que está incluído: \_\_\_\_\_

"subclasse": \_\_\_\_\_

39) A partir de quando começou a amizade com o(a) seu(sua) melhor amigo(a)?

\_\_\_\_\_



ÁREAS/VARIÁVEIS	QUESTÕES
	<p>46) Como diferencia, para você próprio, uma "paquera" de uma namorada?</p> <hr/> <hr/> <p>47) Considera-se você,</p> <p>a) muito paquerador ( )</p> <p>b) bastante " ( )</p> <p>c) pouco " ( )</p> <p>d) não-paquerador ( )</p> <p>48) Você já fez alguma experiência de noivado? Sim ( ) Não ( )</p> <p>49) Quanto tempo de noivado; de quem foi a iniciativa; qual o principal motivo?</p> <hr/> <hr/> <hr/>
D - <u>Interferências</u>	<p>50) Há alguma interferência nas decisões da sua vida afetiva, por parte de outras pessoas; quem?</p> <p>a) seu pai ( )</p> <p>b) sua mãe ( )</p> <p>c) irmão ( )</p> <p>d) irmã ( )</p> <p>e) amigo ( )</p> <p>f) amiga ( )</p> <p>g) outro(a) ( ); quem? _____</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	Q U E S T Õ E S
	<p>51) Há pessoas que influenciam fortemen<u>te</u> sua liberdade de decidir sobre os fatos de sua vida sexual? S ( ) N ( )</p> <p>52) Quais as pessoas que exercem maior influência sobre as suas decisões quan<u>to</u> à sua vida sexual? _____ _____</p> <p>53) Você poderia apontar alguma atitude capaz de abalar a dignidade sexual e afetiva de um jovem? _____ Sim ( ) Não ( )</p> <p>54) Qual é? _____ _____</p>
<p>V - VIDA CULTURAL, LAZER e ATIVIDADES FORA DO CAMPO DE ESTUDO-TRABALHO.</p>	<p>55) Quantas vezes você foi ao cinema neste último mês? _____</p> <p>56) Qual o último filme ao qual você assistiu? _____</p>
<p>A - <u>Cinema</u></p>	<p>57) Com quem você vai mais frequentemente ao cinema? _____</p>
<p>B - <u>Teatro</u></p>	<p>58) Quando você foi ao teatro pela última vez? _____</p> <p>59) A que peça assistiu? _____</p> <p>60) Com quem você foi ao teatro? _____</p>
<p>C - <u>Dança</u></p>	<p>61) Você costuma ter oportunidade de dançar? Sim ( ) Não ( ) a) freqüentemente:....vezes por mês; b) saltuariamente:....vezes por ano;</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	QUESTÕES
	<p>62) Quando você participou de uma dança , pela última vez? _____</p> <p>63) Essa dança foi?</p> <p>a) em uma festa de aniversário ( )</p> <p>b) em uma festa de casamento ( )</p> <p>c) festa improvisada entre amigos ( )</p> <p>d) ..... ( )</p> <p>e) ..... ( )</p> <p>64) Qual a sua parceira mais freqüente , nas danças? _____</p>
<p>D - <u>Música</u></p>	<p>65) Você toca algum instrumento musical?</p> <p>Sim ( ) Não ( )</p> <p>66) Qual (ais)? _____</p> <p>67) Quanto tempo você dedica a essa sua atividade musical?</p> <p>.....horas a) por dia ( )</p> <p>b) por semana ( )</p> <p>c) por mês ( )</p> <p>68) Ao se dedicar à atividade musical, vo cê o faz sozinho ou acompanhado? _____</p> <p>_____</p> <p>Se o faz acompanhado, por quem? _____</p> <p>_____</p> <p>69) Dedicar-se a ouvir música? S ( ) N ( )</p> <p>70) Onde? _____</p>
<p>E - <u>Esportes</u></p>	<p>71) Que esporte(s) você pratica? _____</p> <p>_____</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	QUESTÕES
	<p>72) Com que frequência e com quem?</p> <p>a)....horas por semana/com _____</p> <p>b)....horas por mês/com _____</p> <p>c)....horas...../com _____</p> <p>d)são durante as férias/com _____</p>
F - <u>Leitura</u>	<p>73) Quanto à leitura, você lê,</p> <p>a) livros em geral ( )</p> <p>b) livros acadêmicos ( )</p> <p>c) revistas ( )</p> <p>d) jornais ( )</p> <p>e).....( )</p> <p>74) Quanto tempo você dedica à leitura extra-acadêmica? _____</p> <p>75) Qual o livro que você leu no último mês (ou que está lendo ou prestes a ler)? _____</p>
G - <u>Televisão</u>	<p>76) Nos dias úteis da semana, qual a frequência com que você assiste televisão? (horas) _____</p> <p>77) Nos fins-de-semana, quanto tempo você dedica a assistir televisão? (horas) _____</p> <p>78) Cite os três principais programas (gênero) que você prefere na televisão : _____</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	Q U E S T Õ E S
H - <u>Passeios</u>	<p>79) No decorrer da última semana, quantas vezes você efetuou um passeio ou uma saidinha à noite? _____</p> <p>80) Com quem saiu? _____</p> <p>81) Saiu com que finalidade? _____</p>
I - <u>Assistência à casa</u>	<p>82) Você colabora nos serviços de casa:</p> <p>a) freqüentemente ( )</p> <p>b) saltuariamente ( )</p> <p>c) nunca ( )</p> <p>83) Você presta ajuda, principalmente nos seguintes serviços: _____</p> <p>_____</p>
J - <u>Tarefas escolares em casa</u>	<p>84) Quantas horas dedica, em média, aos seus estudos em casa?</p> <p>a) por dia:.....</p> <p>b) nos fins de semana:.....</p>
L - <u>Atualização política-informativa</u>	<p>85) Ouve e acompanha informações através de rádio e TV? S ( ) N ( )</p> <p>- Com que freqüência:</p> <p>a) rádio: diariamente ( ), saltuariamente ( ) raramente ( )</p> <p>b) televisão: diariamente ( ) saltuariamente ( ) raramente ( )</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	QUESTÕES
	<p>86) Que emissoras de rádio você escuta, e que canais de TV você assiste: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>87) Lê jornais? SIM ( ) NÃO ( )</p> <p>a) diariamente ( )</p> <p>b) saltuariamente ( )</p> <p>c) raramente ( )</p>
	<p>88) Que jornais você lê, habitualmente?</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
	<p>89) Você toma parte em algum grupo de jovens? S ( ) N ( )</p> <p>Grupo de natureza: a) religiosa ( )</p> <p>b) política ( )</p> <p>c)..... ( )</p>
	<p>90) Você conversa sobre política?</p> <p>Sim ( ) Não ( )</p>
	<p>91) Com quem conversa? _____</p>
	<p>92) Participa de manifestações políticas?</p> <p>a) freqüentemente ( )</p> <p>b) saltuariamente ( )</p> <p>c) raramente ( )</p> <p>d) nunca ( )</p>
M - <u>Férias</u>	<p>93) Qual a sua principal "atividade" no último período de férias que gozou?</p> <p>_____</p>

ÁREAS/VARIÁVEIS	Q U E S T Õ E S
VI - LIVRE EXPRESSÃO DE OPINIÕES	94) No caso de ter viajado, com quem viajou? _____  95) Deseja acrescentar mais informa ções a seu respeito?  _____ _____

OBS.: O termo saltuariamente, era desconhecido pela maior parte dos entrevistados, razão pela qual procurou-se recorrer a sinônimos de uso mais freqüente ( de vez em quando; às vezes).

A N E X O 3O PROCESSAMENTO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A Análise de Conteúdo, mediante a qual foram avaliadas cada uma das parcelas significativas dos depoimentos dos jovens - parcelas essas constituintes dos temas e subtemas -, foi realizada graças à técnica da análise categorial. Esta, baseou-se num sistema categorial constituído por três categorias, as quais foram criadas especificamente para esse conteúdo particular, ao mesmo tempo em que também dele emergiram, tendo como pontos de partida, contemporaneamente, sejam as perspectivas teóricas de Tucker & Money, sejam os objetivos da própria pesquisa.

Para a criação dessas três categorias, o requisito fundamental foi a definição de um critério básico - a conduta do jovem - comum a todas, e único, que fosse adequado a extrair dos depoimentos, respostas satisfatórias aos interrogativos contidos, nas próprias categorias.

A distribuição do material dos depoimentos já havia sido previamente realizada, da seguinte forma: (1) como Unidade de Registro, optou-se pelo Tema, constituído por uma asserção sobre determinado assunto, asserção esta composta de vasta série de sentenças; do material sob análise emergiram três temas distintos: (a) Desabrochar sexual, (b) Formação-informação, e (c) Namoro; (2) como Unidade de Contexto, definiu-se a própria Entrevista individual de cada jovem.

Para se chegar a analisar, um a um, todos os trechos que compunham esses três temas, ponderando-os mediante cada uma das três distintas categorias criadas, fez-se necessário especificar o significado exato de cada uma destas, através

da elaboração de sua definição bem como da escala de aferição a ela pertinente, na qual fossem especificados os requisitos que as caracterizavam. É essa definição e escala de aferição de cada categoria que queremos apresentar a seguir.

#### CATEGORIA 1: CONDUTA 'COISIFICADORA'

1. DEFINIÇÃO: Trata-se de conduta do jovem expressamente manifesta no texto; deve ela referir-se ao relacionamento interpessoal entre homem e mulher, bem como relacionar-se com a vida afetivo-sexual do jovem. O texto deve deixar clara a existência de uma concepção e/ou conduta do jovem que implique(m), alternativamente, instrumentalização, 'objetização', 'coisificação' de pessoas, por um lado, ou o seu oposto, a personalização, por outro.

#### 2. EXEMPLOS:

a) Existência da 'coisificação' - "(...) *Procurar as empregadas domésticas que tem por aí, para se satisfazer.*" (106)

b) Existência de personalização - "*E foi, em termos de relacionamento, foi a melhor coisa, o melhor relacionamento que eu tive; em termos de entendimentos gerais; relação sexual...foi incrível! Sei que foi o negócio mais completo, diferente, muito diferente (...)* A relação sexual veio como consequência de um relacionamento mais profundo mesmo, de amizade, assim. Muito diferente de a gente ir para um programa, especialmente pra ter relação."(30)

c) Existência de ambigüidade ou indefinição entre 'coisificação' e personalização - "*Houve a primeira namorada (...)* Um agarrosinho ...e nem tanto; tinha medo que ela 'estrilasse'. Ela era muito nova e eu pensava: 'se eu começar assim, ou ela não gosta e se 'afaste' de vez, ou pode ser que ela goste e ainda fica pior ...

vai ser pior pra ela.' Gostava um pouco dela. Depois acabei."(197)

d) Inexistência quer de 'coisificação' quer de personalização -  
"((Na turma o))...Respeitavam, por eu ter relações sexuais e con-  
tar..." (187)

"...Dentre as 'safadezas' todas em que um cara dessa faixa 'tava  
por dentro, eu, teoricamente, também estava." (161)

3. ESCALA DE AFERIÇÃO - REQUISITOS:

1º) Tem que estar presente no texto, um comportamento manifesto  
ou expressão verbal do jovem, que aborde o relacionamento inter-  
pessoal entre homem e mulher.

2º) Tal abordagem deve relacionar-se com a vida afetivo-sexual do  
jovem.

3º) Deve manifestar uma concepção e/ou conduta do jovem que im-  
plique(m), alternativamente, em três classificações (as três pri-  
meiras abaixo relacionadas):

CONDUTA COISIFICADORA:  
CONDIÇÕES

<p>A - Em uso, 'objetização', 'coisifica- ção', utilização, ou instrumenta- lização, quer unilateral quer de parte a parte, entre homem e mulher, cujo ápice seria a prática sexual ba- sicamente genital, descomprometida com os aspectos pessoais da parcei- ra; trata-se de uma conduta 'coi- sificadora';</p>	<p>SIM</p>
---	------------

<p>B - ou em convivência afetivo-sexual en- tre pessoas, encontro pessoal, re- lação personalizada de parte a parte, entre homem e mulher; condu-</p>	<p>NÃO</p>
---	------------

<p>ta não-'coisificadora'; sexualidade que abrange, simultaneamente, a <u>geni</u>talidade e o desenvolvimento <u>afeti</u>vo-pessoal;</p>	
<p>C- ou na indefinição ou ambigüidade <u>en</u>tre as duas alternativas anteriores (conduta ambígua/indefinida).</p>	<p>AMBÍGUA/INDEFI NIDA</p>
<p>D- Mais uma classificação nesta <u>esca</u>la, é a que abrange os textos que não contenham algum dos três <u>requi</u>sitos acima citados. Caracteriza-se por ser um texto onde <u>inexistem</u> 'coisificação', <u>personalização</u> ou <u>ambigüidade/indefinição</u> entre tais <u>pó</u>los.</p>	<p>INEXISTENTE</p>

## CATEGORIA 2: CONDUTA 'MACHISTA'

1. DEFINIÇÃO: Caracteriza-se como 'machista' toda aquela conduta do jovem, indicadora de uma concepção de mundo que favorece a predominância do sexo masculino sobre o feminino, no que diz respeito às atividades humanas de maior significado social. Consolida-se, através de tal predomínio, uma série de privilégios conferidos ao macho, privilégios esses que são enganosamente percebidos como direitos 'naturais' do homem nos confrontos da mulher.

A valoração positiva ou ambígua desses privilégios, bem como o eventual desfrutamento dos mesmos por parte do rapaz, indicam que ele assume uma conduta integral ou parcialmente 'ma

chista'. Embora ele possa negar ou rejeitar, verbalmente, a mentalidade 'machista', o que de fato conta é a sua postura concreta, de aceitação do descarado favorecimento social aos homens, às custas de grandes restrições dos direitos inerentes à conduta afetivo-sexual feminina.

Fazem parte das condutas desta categoria quaisquer posturas 'machistas' do jovem, que estejam expressamente manifestas no texto; tais posturas devem abordar o relacionamento interpessoal homem-mulher e ser relacionar à vida afetivo-sexual do rapaz.

## 2. EXEMPLOS:

a) Existência de 'machismo' - "(...) Agora, pô, se ela quer ter um relacionamento com esse outro homem (...) eu não iria aceitar - vou ser sincero - eu não iria aceitar; ela poderia ter... Que ela me contasse depois (...) eu ia ficar triste (...) eu não iria aceitar (...)

Toda relação que eu tenho eu digo pra ela, eu conto pra ela. Tanto que eu tive uma relação sexual com a secretária (...) cheguei pra ela e contei. (217)

b) Existência do anti-'machismo' - "(...) A nível de sexualidade (...) essa pessoa também já tinha tido experiências com namorados e tal. Uma coisa que influencia muito (e que eu consegui vencer...) seria a concepção machista (...) Essa minha concepção machista acabou... se eu sou igual à outra pessoa, como eu posso desejar que a outra pessoa seja virgem?!... As pessoas têm o direito de viver, de procurar o seu mundo, a sua vida, se equilibrar, se descobrir... e viver sua vida integralmente..." (221)

c) Existência de ambigüidade ou indefinição entre 'machismo' e anti-'machismo' - "( Após a relação sexual com a prostituta) *Mas depois disso parecia que eu tinha 'virado homem', já era que nem alguns colegas e talvez superior, pois, havia certa pressão para que 'exercêssemos' a masculinidade.*

*A experiência foi válida, porque depois disso eu passei a ter muito mais confiança em mim próprio e passei a recusar programas deste tipo sem ser menos 'do' que os outros." (192)*

*"(...) Então, as ditas prostitutas e que para mim não ((0)) são (naquela época, para mim, eram prostitutas), começam a sentar na mesa e querer fazer carinho (...) 'tirar o queijo' (...) se eu pudesse fazia de tudo para fugir naquela hora (...) chegou a minha vez...foi realmente uma marca negativa, na minha vida...o que atualmente é uma coisa boa."(44)*

d) Inexistência de 'machismo' ou de anti-'machismo', no texto - *"Quando eu gosto de uma pessoa, nunca tenho apenas uma relação numa noite. Sempre duas...já tive três vezes. Três auges." ( 86)*

### 3. ESCALA DE AFERIÇÃO - REQUISITOS:

19) Tem que estar presente no texto: um comportamento manifesto ou expressão verbal do jovem, que abordem o relacionamento interpessoal entre homem e mulher.

29) Tal abordagem deve relacionar-se com a vida afetivo-sexual do jovem.

39) Deve estar presente no texto a valoração (positiva, negativa ou ambígua) e, o eventual e conseqüente desfrutamento, ou o seu oposto - o não desfrutamento -, por parte do jovem, dos privilégios e regalias conferidos pela codificação social às condutas afetivo-sexuais masculinas. Tal codificação implica a aceitação de um notório favorecimento aos homens e uma grande res

trição dos direitos referentes à conduta afetivo-sexual feminina. Teremos, então três alternativas:

CONDUTA 'MACHISTA'  
CONDIÇÕES

A - a conduta 'machista', no caso da <u>val</u> o ração positiva;	SIM
B - a conduta anti-'machista', no caso da valoração negativa (coerência com a equivalência de direitos);	NÃO
C - a conduta ambígua/indefinida, no caso de haver ambigüidade de valoração.	AMBÍGUA/ INDEFINIDA
D - uma quarta alternativa surge para abar car os textos que não contenham algum dos 3 requisitos acima especificados.	INEXISTENTE

CATEGORIA 3: CONDUTA VALORATIVA DA COMUNICAÇÃO PERTINENTE AO  
ENCAMINHAMENTO SEXUAL DO JOVEM

1. DEFINIÇÃO: Trata-se de conduta do jovem, conferidora de valor à comunicação de terceiros, cuja mensagem foi por ele recebida. A comunicação em apreço restringe-se exclusivamente a assuntos pertinentes ao comportamento afetivo-sexual do jovem.

Em seus contatos com as pessoas ao seu redor (pais, colegas, garotas, etc.), o jovem é alvo, muitas vezes, de conselhos, explicações, advertências, reprimendas, exclusões, desafios e estímulos, em relação ao seu próprio comportamento afetivo-sesexual; será o julgamento explícito - através de ação ou de verbalização - feito pelo jovem, que irá conferir um valor (posi

tivo, negativo ou...) às comunicações por ele recebidas. A comunicação é valorada como positiva quando o jovem se manifesta reconhecendo nela um fator facilitador para a evolução do seu comportamento afetivo-sexual; negativa, sempre que ele se mostrando-a como empecilho a tal evolução. A valoração ambígua/indefinida refere-se ao duplo e contraditório julgamento do jovem, que percebe num mesmo contexto, mensagens que ele julga, simultaneamente, positiva e negativa, ou então percebe a mensagem como indefinida, não a classificando nem como positiva nem como negativa.

Para os três tipos de valoração acima descritos, exige-se a presença de três condições conjuntas indispensáveis: 1) que haja uma comunicação recebida pelo jovem, no texto; 2) que tal comunicação refira-se à vida afetivo-sexual do jovem; 3) que o jovem demonstre ter captado tal comunicação.

Um quarto tipo de classificação acontece, caso inexistente a comunicação, ou caso ela exista mas não se relacione com a vida afetivo-sexual do rapaz, ou quando não tenha sido percebida pelo jovem; então se convencionou dizer que inexistente a conduta valorativa pertinente, específica desta categoria 3.

## 2. EXEMPLOS :

a) Valoração positiva - "*(...) Um garotão assim muito livre (...) o pessoal nunca foi de exigir hora...*" (105).

b) Valoração negativa - "*Um dos pontos mais fracos do pessoal lá de casa ((genitores)), de instrução, foi...essa parte de educação sexual.*" (119)

c) Valoração ambígua/indefinida - "*Do que eu aprendi ((vida sexual)), eu acho que 99,99% foi na rua mesmo.*" (121)

"(...) Meu irmão pequeno, pegou e foi dizer a minha mãe (eu saía todo sábado). Minha mãe me interpelou (...): 'Cuidado... não faça ...doença.'

Eu fiquei com medo porque ela foi chamar papai. Ele veio e disse que em tais locais eu não devia ir; se quisesse ele levaria a um lugar melhor... mais garantido. Aí eu 'ah, então tá bom!'..." (130)

d) Inexistência de valoração pertinente - "Como a maioria dos jovens na sociedade em que vivo, a escola relativa ao sexo foi a rua." (118)

### 3. ESCALA DE AFERIÇÃO - REQUISITOS:

1º) Tem que estar presente no texto: uma comunicação feita por terceiros, apresentada de forma verbal ou não-verbal.

2º) Tal comunicação para ser pertinente ao conteúdo desta categoria, deve relacionar-se com a vida afetivo-sexual do jovem.

3º) O jovem deve manifestar ter captado essa comunicação.

4º) O jovem deve manifestar, através de ação ou verbalização, que conferiu a essa comunicação pertinente, um determinado valor, dentre os três primeiros abaixo discriminados:

#### COMUNICAÇÃO-ENCAMINHAMENTO: CONDIÇÕES

A - Positivo.	SIM
B - Negativo.	NÃO
C - Ambíguo/Indefinido.	AMBÍGUA/INDEFINIDA
D - Uma quarta classificação surge, para acolher todos os trechos que não apresentem algum, dentre os três primeiros desses quatro re	INEXISTENTE

quisitos acima. Isso implicará, necessarriamente, a inexistência de uma valorração, por parte do jovem, da comunicação pertinente a esta categoria.

---

Os nove quadros demonstrativos, referentes à análise processada por cada uma das categorias a todos os trechos dos temas e subtemas, são o objeto da nossa abordagem a seguir; os quadros 1, 2 e 3 referem-se à categoria 'coisificação', os de número 4, 5 e 6 analisam a categoria 'machismo', e finalmente os quadros 7, 8 e 9 refletem os dados da categoria valoração da comunicação/encaminhamento sexual.

## Q U A D R O 1

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO À 'COISIFICAÇÃO' DA MULHER OU DE SI PRÓPRIO NA FASE DO DESABROCHAR SEXUAL.

TEMA: O <u>DESA</u> SABROCHAR SEXUAL	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:	01, 02, 03, 04, 05, 09, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29. TOTAL: 23 TRECHOS	SIM
A INICIAÇÃO	08. TOTAL: 01 TRECHO	NÃO
SEXUAL.	06, 11. TOTAL: 02 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
TOTAL: 29 TRECHOS	07, 15, 28. TOTAL: 03 TRECHOS	INEXISTE
SUBTEMA:	33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 87, 88, 89. TOTAL: 39 TRECHOS	SIM
A AÇÃO PEDAGÓGICA DA EXPERIÊN CIA.	30, 78, 80, 91. TOTAL: 04 TRECHOS	NÃO
TOTAL: 62 TRECHOS	58, 73, 85. TOTAL: 03 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	31, 32, 38, 46, 47, 59, 61, 62, 63, 70, 71, 81, 83, 84, 86, 90. TOTAL: 16 TRECHOS	INEXISTE

## Q U A D R O 2

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO À 'COISIFICAÇÃO' DA MULHER OU DE SI PRÓPRIO NA VIDA SEXUAL DO DIA-A-DIA.

TEMA: FORMAÇÃO/ INFORMAÇÃO	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:	97, 106, 107, 112, 126, 127, 128, 129, 130, 134. TOTAL: 10 TRECHOS	SIM
PAIS E EDUCADORES.	135. TOTAL: 01 TRECHO	NÃO
TOTAL: 44 TRECHOS	96, 98, 101, 103, 113. TOTAL: 05 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	92, 93, 94, 95, 99, 100, 102, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 131, 132, 133. TOTAL: 28 TRECHOS	INEXISTE
SUBTEMA:	136, 137, 144, 146, 152, 156, 157, 158, 159, 163, 164, 166, 167, 168, 172, 173, 175, 176, 182, 183, 184, 188, 189, 190, 194, 195. TOTAL: 26 TRECHOS	SIM
RUA, RICA	169, 180. TOTAL: 02 TRECHOS	NÃO
ESCOLA .	142, 151, 160, 162, 165, 171, 178, 185, 186, 192. TOTAL: 10 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
TOTAL: 60 TRECHOS	138, 139, 140, 141, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 155, 161, 170, 174, 177, 179, 181, 187, 191, 193. TOTAL: 22 TRECHOS	INEXISTE

## Q U A D R O 3

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO À 'COISIFICAÇÃO' DA MULHER OU DE SI PRÓPRIO NO NAMORO.

TEMA: O NA MORO	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:	198, 202, 203, 204, 209, 217, 218. TOTAL: 07 TRECHOS	SIM
O SIGNIFI	221. TOTAL: 01 TRECHO	NÃO
DO DO	197, 219. TOTAL: 02 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
NAMORO.	196, 199, 200, 201, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 220. TOTAL: 16 TRECHOS	INEXISTE
TOTAL: 26 TRECHOS		
SUBTEMA:	222, 225, 226, 229, 230, 231, 233, 234, 237, 240, 243. TOTAL: 11 TRECHOS	SIM
AFETO-IN-	223, 241. TOTAL: 02 TRECHOS	NÃO
TIMIDADES .	224, 235, 238, 242. TOTAL: 04 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
TOTAL: 22 TRECHOS	227, 228, 232, 236, 239. TOTAL: 05 TRECHOS	INEXISTE

## Q U A D R O 4

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO AO 'MACHISMO' NA FASE DO DESABROCHAR SEXUAL.

TEMA: O <u>DESA</u> BROCHAR SEXUAL	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:  A INICIAÇÃO SEXUAL .  TOTAL: 29  TRECHOS	01, 02, 03, 04, 05, 09, 12 , 13, 14, 16, 18, 19, 21, 23 , 24, 25, 26, 27, 29. TOTAL: 19 TRECHOS	SIM
	08. TOTAL: 01 TRECHO	NÃO
	06, 10, 11, 17, 20. TOTAL: 05 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	07, 15, 22, 28 . TOTAL: 04 TRECHOS	INEXISTE
SUBTEMA:  A AÇÃO PEDAGÓGICA DA EXPERI- ÊNCIA .  TOTAL: 62  TRECHOS	33, 37, 39, 40, 41, 42, 43 , 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54 , 55, 56, 57, 60, 62, 64, 65 , 66, 67, 68, 69, 74, 75, 76 , 77, 79, 82, 87, 88, 89. TOTAL: 34 TRECHOS	SIM
	73, 78, 91. TOTAL: 03 TRECHOS	NÃO
	44, 47, 58, 85. TOTAL: 04 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	30, 31, 32, 34, 35, 36, 38 , 46, 48, 59, 61, 63, 70, 71 , 72, 80, 81, 83, 84, 86, 90. TOTAL: 21 TRECHOS	INEXISTE

Q U A D R O 5

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO AO 'MACHISMO' NA VIDA SEXUAL DO DIA-A-DIA.

TEMA: FORMAÇÃO / INFORMAÇÃO	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:	97, 101, 106, 112, 115, 126 , 127, 128, 129, 130, 134. TOTAL: 11 TRECHOS	SIM
PAIS E EDU CADORES .	99. TOTAL: 01 TRECHO	NÃO
TOTAL: 44 TRECHOS	96, 98, 103, 107, 114, 131. TOTAL: 06 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	92, 93, 94, 95, 100, 102, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 133, 135. TOTAL: 26 TRECHOS	INEXISTE
SUBTEMA:	136, 137, 142, 146, 150, 151, 152, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 191, 194, 195. TOTAL: 28 TRECHOS	SIM
RUA, RICA ESCOLA.	169, 180. TOTAL: 02 TRECHOS	NÃO
TOTAL: 60 TRECHOS	149, 163, 165, 171, 172, 173 176, 178, 185, 190, 192. TOTAL: 11 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	138, 139, 140, 141, 143, 144 145, 147, 148, 153, 154, 155 170, 174, 175, 177, 179, 181 193 TOTAL: 19 TRECHOS	INEXISTE

## Q U A D R O 6

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO AO 'MACHISMO' NO NAMORO.

TEMA: O <u>N</u> A MORO	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:	197, 198, 202, 203, 204, 209, 213, 217, 218. TOTAL: 09 TRECHOS	SIM
O SIGNIFI CADO DO NAMORO.	219, 221. TOTAL: 02 TRECHOS	NÃO
TOTAL: 26	208, 220. TOTAL: 02 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
TRECHOS	196, 199, 200, 201, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 214, 215, 216. TOTAL: 13 TRECHOS	INEXISTE
SUBTEMA:	222, 225, 226, 229, 230, 231, 233, 234, 243. TOTAL: 09 TRECHOS	SIM
AFETO- INTIMI DADES.	241. TOTAL: 01 TRECHO	NÃO
TOTAL: 22	224, 235, 237, 238, 242. TOTAL: 05 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
TRECHOS	223, 227, 228, 232, 236, 239, 240. TOTAL: 07 TRECHOS	INEXISTE

## Q U A D R O 7

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO À VALORAÇÃO DA COMUNICAÇÃO-ENCAMINHAMENTO RECEBIDA NA FASE DO DESABROCHAR SEXUAL.

TEMA: O <u>DESA</u> BROCHAR SEXUAL	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA: <u>A INICIA</u> ÇÃO SEXUAL .  TOTAL: 29  TRECHOS	08, 09, 11, 12, 16, 19, 20, 21, 23, 24, 29. TOTAL: 11 TRECHOS	SIM
	01, 07, 10, 13, 15, 17. TOTAL: 06 TRECHOS	NÃO
	25. TOTAL: 01 TRECHO	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	02, 03, 04, 05, 06, 14, 18, 22, 26, 27, 28. TOTAL: 11 TRECHOS	INEXISTE
SUBTEMA: <u>A AÇÃO</u> PEDAGÓGICA DA EXPERIÊNCIA.  TOTAL: 62  TRECHOS	33, 34, 35, 36, 38, 48, 49, 53, 56, 58, 82, 89. TOTAL: 12 TRECHOS	SIM
	32, 37, 41, 43, 44, 45, 60, 62, 68, 69, 91. TOTAL: 11 TRECHOS	NÃO
	59, 73, 74. TOTAL: 03 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	30, 31, 39, 40, 42, 46, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90. TOTAL: 36 TRECHOS	INEXISTE

## Q U A D R O 8

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO A VALORAÇÃO DA COMUNICAÇÃO-ENCAMINHAMENTO RECEBIDA NA VIDA SEXUAL DO DIA-A-DIA.

TEMA: FORMAÇÃO / INFORMAÇÃO	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:	105, 109, 134. TOTAL: 03 TRECHOS	SIM
PAIS E EDUCADORES .	92, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 106, 108, 111, 114, 117, 119, 125, 126, 127, 133. TOTAL: 18 TRECHOS	NÃO
TOTAL: 44 TRECHOS	115, 116, 120, 121, 124, 130, 132. TOTAL: 07 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	94, 95, 100, 102, 104, 107 , 110, 112, 113, 118, 122, 123, 128, 129, 131, 135. TOTAL: 16 TRECHOS	INEXISTE
SUBTEMA:	142, 146, 147, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 159, 160, 168, 174, 176, 177, 179, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 190, 191, 194. TOTAL: 25 TRECHOS	SIM
RUA, RICA	141, 145, 158, 162, 163, 170, 172, 173, 193. TOTAL: 09 TRECHOS	NÃO
ESCOLA . TOTAL: 60 TRECHOS	137, 139, 143, 150, 151, 156, 165, 167, 171, 192. TOTAL: 10 TRECHOS	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	136, 138, 140, 144, 157, 161, 164, 166, 169, 175, 178, 182, 183, 188 189, 195. TOTAL: 16 TRECHOS	INEXISTE

## Q U A D R O 9

LEVANTAMENTO DE CONDUTAS DO JOVEM EM RELAÇÃO À VALORAÇÃO DA COMUNICAÇÃO-ENCAMINHAMENTO RECEBIDA NO NAMORO.

TEMA: O NAMORO	TRECHOS DE DEPOIMENTOS/TOTAIS	ESCALA DE AFERIÇÃO
SUBTEMA:  O SIGNIFICADO DO NAMORO.	205. TOTAL: 01 TRECHO	SIM
	210, 216. TOTAL: 02 TRECHOS	NÃO
	—————X—————	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221. TOTAL: 23 TRECHOS	INEXISTE
TOTAL: 26  TRECHOS		
SUBTEMA:  AFETO-  INTIMIDADES.	243. TOTAL: 01 TRECHO	SIM
	—————X—————	NÃO
	233. TOTAL: 01 TRECHO	AMBÍGUO/ INDEFINIDO
	222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242. TOTAL: 20 TRECHOS	INEXISTE
TOTAL: 22  TRECHOS		

Como resumo dos totais apontados pela série de quadros anteriormente apresentada, passaremos agora aos três quadros-síntese da análise categorial processada; o quadro nº 10 refere-se à categoria 'coisificação', o quadro nº 11 à categoria 'machismo', e o nº 12 à categoria valorativa da comunicação encaminhamento sexual do jovem.

QUADRO 10

VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DO JOVEM E SUA RELAÇÃO COM AS CONDUTAS DE 'COISIFICAÇÃO'

ESCALA DE AFERIÇÃO	TEMA: O DESABROCHAR SEXUAL		TEMA: FORMAÇÃO / INFORMAÇÃO	TEMA: O SIGNIFICADO DO NAMORO	TEMA: O NAMORO AFETIVO-INTIMIDADES	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TOTAL GERAL	PERCENTAGEM ABSOLUTA
	A INICIAÇÃO SEXUAL	AÇÃO PEDAGÓGICA PE											
SIM	23	+ 39	= 62	68,1%	10	+ 26	= 36	34,6%	11	+ 07	= 18	116	47,7%
NÃO	01	+ 04	= 05	5,5%	01	+ 02	= 03	2,9%	02	+ 01	= 03	11	4,5%
AMBÍGUO / INDEFINIDO	02	+ 03	= 05	5,5%	05	+ 10	= 15	14,4%	04	+ 02	= 06	26	10,7%
INEXISTE	03	+ 16	= 19	20,9%	28	+ 22	= 50	48,1%	05	+ 16	= 21	90	37,1%
TOTALS	29	+ 62	= 91	100,0%	44	+ 60	= 104	100,0%	22	+ 26	= 48	243	100,0%

Q U A D R O 11

VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DO JOVEM E SUA RELAÇÃO COM AS CONDUTAS DE 'MACHISMO'

ESCALA DE AFERIÇÃO	TEMA: O DESABROCHAR SEXUAL		TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TEMA: FORMAÇÃO / INFORMAÇÃO		TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TEMA: O SIGNIFICADO DO NAMORO		TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TOTAL GERAL	PERCENTAGEM ABSOLUTA
	A INICIAÇÃO SEXUAL	ÇÃO PE DAGÓGICA			PAIS E EDUCADORES	RUA, RICA ESCOLA			O SIGNIFICADO DO NAMORO	AFETO-INTIMIDADES				
SIM	19	+ 34	= 53	58,2%	11	+ 28	= 39	37,5%	09	+ 09	= 18	37,5%	110	45,3%
NÃO	01	+ 03	= 04	4,4%	01	+ 02	= 03	2,9%	02	+ 01	= 03	6,2%	10	4,1%
AMBÍGUO / INDEFINIDO	05	+ 04	= 09	9,9%	06	+ 11	= 17	16,3%	02	+ 05	= 07	14,6%	33	13,6%
INEXISTE	04	+ 21	= 25	27,5%	26	+ 19	= 45	43,3%	13	+ 07	= 20	41,7%	90	37,0%
TOTAIS	29	+ 62	= 91	100,0%	44	+ 60	= 104	100,0%	26	+ 22	= 48	100,0%	243	100,0%

QUADRO 12

VIVÊNCIAS AFETIVO-SEXUAIS DO JOVEM E SUA RELAÇÃO COM AS CONDUTAS VALORATIVAS DA COMUNICAÇÃO PERTINENTE AO ENCAMINHAMENTO SEXUAL

ESCALA DE AFERIÇÃO	TEMA: O DESABROCHAR SEXUAL		TEMA: FORMAÇÃO / INFORMAÇÃO		TEMA: O NAMORO		PERCENTAGEM	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PERCENTAGEM	TOTAL GERAL	PERCENTAGEM ABSOLUTA
	A INICIAÇÃO SEXUAL	AÇÃO PEDAGÓGICA	PAIS E EDUCADORES	RUA, RICA ESCOLA	O SIGNIFICADO DO NAMORO	AFETO-INTIMIDADES							
SIM (VALORAÇÃO POSITIVA)	11 +	12 =	03 +	25 =	01 +	01 =	26,9%	28	26,9%	02	4,2%	53	21,8%
NÃO	06 +	11 =	18 +	09 =	02 +	00 =	25,0%	27	25,0%	02	4,2%	46	18,9%
AMBIGUO / INDEFINIDO	01 +	03 =	07 +	10 =	00 +	01 =	16,3%	17	16,3%	01	2,0%	22	9,1%
INEXISTE	11 +	36 =	16 +	16 =	23 +	20 =	30,8%	32	30,8%	43	89,6%	122	50,2%
TOTAIS	29 +	62 =	44 +	60 =	26 +	22 =	100,0%	104	100,0%	48	100,0%	243	100,0%